



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS  
CAMPUS DE ARARAQUARA, SP

RITA DE CÁSSIA PETRENAS

**O ESTADO DA ARTE SOBRE AS TEMÁTICAS  
SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL E  
GÊNERO NOS ENCONTROS NACIONAIS DE  
DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - ENDIPE  
(1996-2012)**

Araraquara - SP  
2015

RITA DE CÁSSIA PETRENAS

**O ESTADO DA ARTE SOBRE AS TEMÁTICAS  
SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL E  
GÊNERO NOS ENCONTROS NACIONAIS DE  
DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - ENDIPE  
(1996-2012)**

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar. Exemplar apresentado para exame de qualificação.

**Linha de Pesquisa:** Sexualidade, cultura e educação sexual.

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

ARARAQUARA - SP  
2015

PETRENAS, Rita de Cássia.

O ESTADO DA ARTE SOBRE AS TEMÁTICAS  
SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL E GÊNERO NOS  
ENCONTROS NACIONAIS DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE  
ENSINO - ENDIPE (1996-2012) / Rita de Cássia Petrenas– 2015

315 f. ; 00 cm

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade  
Estadual

Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Sexualidade. 2. Educação Sexual. 3. Estado da Arte. 4.  
Acadêmico - Científico.

RITA DE CÁSSIA PETRENAS

**O ESTADO DA ARTE SOBRE AS TEMÁTICAS  
SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL E  
GÊNERO NOS ENCONTROS NACIONAIS DE  
DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - ENDIPE  
(1996-2012)**

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar. Exemplar apresentado para exame de qualificação.

**Linha de pesquisa:** Sexualidade, cultura e educação sexual.

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal.

Data da defesa: 08/07/2015

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

**Presidente e Orientador:** Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro – Universidade Estadual Paulista –UNESP, Araraquara.

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Maria Teresa Machado Vilaça – Universidade do Minho – Portugal

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Sonia Maria Martins de Melo – Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão - Universidade Estadual Paulista –UNESP, Araraquara.

---

**Membro Titular:** Profa. Dra Márcia Cristina Argenti Perez - Universidade Estadual Paulista –UNESP, Araraquara.

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

A Vida, pela sua complexidade e mistérios diários!

## AGRADECIMENTOS

Esses agradecimentos expressam meus sentimentos, são absolutamente verdadeiros e não significam falta de consideração com os ausentes nessa escrita. Aqueles que estão aqui mencionados possibilitaram a existência do trabalho e, sobretudo, a minha própria existência, minimizando minha solidão e vicissitudes pelas quais passei. E isso faz muita diferença, é imprescindível não esquecer.

A Deus, que me escuta, acolhe e conforta!

À minha mãe Nair, por me auxiliar das mais diversas formas para que eu não desistisse dos meus sonhos e conquistas. Ao meu pai, Vitalde, que mesmo no seu “dês-existir” em virtude da doença, vem me ensinando o mistério da paciência. Ao meu irmão, Vidal, que mesmo sem entender a razão de tanto estudo, tenta me apoiar da forma que ele melhor consegue.

A meu orientador, Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, pela confiança, apoio, estímulo e pelo aprendizado que me proporcionou.

Agradeço a acolhida e os ensinamentos da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sueli Aparecida Itman Monteiro, pois fez muita diferença nesse caminhar, meu profundo apreço e admiração.

A querida amiga Fátima Gonini, companheira incansável de minhas escutas e sempre me levando os maiores incentivos. “Maninha, você é um exemplo”!

A tão meiga, doce e amiga Maria Salete, que várias vezes me escutou, orientou, viu minhas lágrimas pelas dificuldades da vida e me auxiliou incansavelmente com as formatações, gráficos e tabelas e também propondo sugestões valiosas. Você não sabe o quanto te admiro!

A amiga Valéria Mokwa pela parceria, identidade e companheirismo, que espero que seja por longa data.

A Prof<sup>a</sup> Dra Andreza Marques Leão por de início ter me acolhido no grupo e ter despendido tantos ensinamentos e palavras de carinho. Você se tornou uma amiga que muito admiro. Obrigada por aceitar contribuir com meu trabalho participando da avaliação me concedendo importantes contribuições.

A Prof<sup>a</sup> Dra Maria Filomena Teixeira pelas preciosas contribuições na banca de qualificação e generosas sugestões de aprimoramento.

As Professoras : Maria Tereza Machado Vilaça, Sonia Maria Martins Melo e Márcia Cristina Argentini Perez por aceitarem fazer parte da comissão julgadora (banca), apresentando contribuições valiosas ao trabalho e essenciais ao meu aprendizado.

Aos colegas do Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX, não só pelos embates e desafios teóricos acadêmicos, mas pelas alegrias, ansiedades, descobertas, incertezas, enfim, pelo caminhar e pela conquista. E agora, precisamos ter a certeza que novos embates e descobertas surgirão, pois a pesquisa, o investigar já nos “contaminou” de modo produtivo.

*“É quase humilhante que, após trabalharmos por tanto tempo, ainda estejamos tendo dificuldade para compreender os fatos mais fundamentais. Mas decidimos nada simplificar e nada ocultar. Se não conseguirmos ver as coisas claramente, pelo menos veremos claramente quais são as obscuridades.”*  
*Freud (1926, p. 147).*

## RESUMO

Esse estudo compreende a sexualidade como concepção histórica, social e cultural, a qual está presente nas diversas fases da história da humanidade. Consequentemente, a formação no contexto escolar também está envolta pelos determinantes que compreendem a sexualidade enquanto elemento constitutivo do ser humano. Contudo, a temática da sexualidade e seus respectivos estudos, dentre eles gênero, diversidade sexual, sexo, educação sexual vêm se destacando com maior cientificidade e também maior intensidade no contexto educacional a partir do início do novo século. Compreender os entraves e o caráter de repressão da sexualidade foi alguns de nossos apontamentos, pois na atualidade alguns estudos e propostas governamentais sinalizam a viabilização da abordagem da sexualidade na escola. Este trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo elaborar o que se denomina Estado da Arte ou do Estado do Conhecimento em relação à temática sexualidade, educação sexual e gênero nas pesquisas apresentadas no Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) no período de 1996 a 2012, apresentando os indícios do congresso em 2014. Consideramos o evento significativo na área educacional, além de oferecer a possibilidade de sistematizar trabalhos sobre o tema abordado, e assim, elegemos três temas articuladores em nossa pesquisa, sexualidade, educação e formação docente, compreendendo a sexualidade enquanto constitutiva de suas temáticas, quais sejam gênero, homossexualidade, homofobia, violência, dentre outros. A partir dos critérios de seleção encontramos cento e cinquenta e dois trabalhos para leitura que posteriormente foram analisados através da Análise de Conteúdo Temática. Deparamos no decorrer dos anos com o fato de que a sexualidade e seus diversos estudos perpassam concepções diversas, quais sejam, histórico-filosóficas, fundamentadas em teóricos como Freud e Foucault, seguindo para vertentes fundamentadas basicamente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ou mesmo que contrariam o exposto pelo documento e, mais, recentemente em torno da diversidade sexual, apresentando considerações que se sobrepõem e se confirmam no perpassar dos anos do congresso, não ocorrendo mudanças de grande significação nas categorias apresentadas e analisadas. A categoria gênero se apresenta como um dos fatores determinantes dos trabalhos, mostrando que não se pode compreender a sexualidade sem compreender as questões de gênero como concepção cultural e social. A carência de formação docente na área é apontada como o obstáculo motivador para que a educação sexual ocorra na escola de maneira satisfatória. Contudo o/a docente não é considerado/a, na maioria das vezes, como protagonista de propostas e programas, seja nas escolas, e/ ou nas ações governamentais, pois as propostas e programas chegam nas unidades escolares prestes a serem aplicadas, sem discussões e estudos anteriores. Entretanto, é mister que se corrobore com a proposta da importância da educação sexual desde a educação infantil, havendo antecipadamente a formação docente desde as licenciaturas, tendo continuidade com cursos de capacitação. Outro fator relevante se refere às próprias temáticas que envolvem a sexualidade e seus desdobramentos, pois se torna imperioso adentrar congressos, simpósios e eventos que vão muito além da sexualidade em específico, para apreender as diversas formações da área educacional, seja do currículo, das tecnologias, cotidiano escolar, didática, bem como as áreas da sociologia, psicologia e saúde, apresentando sua profícua importância para a formação do ser humano.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Educação Sexual. Gênero. Estado da Arte. Produções Acadêmico-Científicas. ENDIPE.

## ABSTRACT

This study consists the sexuality as historical, social and cultural conception which is constant in several stages of human history. Consequently, the building up in the educational context also is shrouded by determinants, which comprehend the sexuality as a constituent principle of the human being. However, the theme of sexuality and their particulars studies, including gender, sexual distinction, sex, sexual education are accentuating with more scientific theories and also more intensity in the educational context from the beginning of the new century. Understanding the barriers and repression's character of the sexuality was some of our notes, because at the present time some studies and governmental offers signal the feasibility of the sexuality approach in a school. This bibliographical study have like a purpose to make out what is called State of the Art and State of Knowledge in relation to the sexuality thematic and sexual education and gender in the researches presented at "Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino" (ENDIPE) in the period from 1996 to 2012, showing the vestiges in the Congress in 2014. We considered the significant event in the educational field, beyond offering the possibility of systemize surveys about the broached topic, and so will elect three articulators themes in our research, sexuality, education and teacher training, comprehending the sexuality whereas constitutive of its thematics, like gender, homosexuality, homophobia, violence, among others. From the criterions of the selection found one hundred and two researches to reading that after were analyzed through the Thematic Content Analysis. We came across in the course of years the sexuality and its various studies underlying different conceptions, namely, historical and philosophical were based upon in theoretician as Freud and Foucault, following to slopes based fundamentally on the National Curriculum Parameters, or even contrary theshown by the document , and more recently around the sexual diversity, presenting considerations that overlap and confirm pervade the years in Congress, and there were no large changes meanings in the presented and analyzed categories. The gender category is presented as one of the determining factors from the studies, showing that one cannot understand sexuality without understanding gender issues as cultural and social conception. The failure teacher training is seen as the motivator obstacle for sex education in school takes place satisfactorily, however the teacher is not named as the protagonist of proposals and programs, whether in schools or in government actions, because it arrived in school unit to be use its. However, it is a must to realize the importance of sex education from early childhood education, having early teacher training from the college with continuity until the graduate training. Another relevant element refers to peculiar thematics that involve the sexuality and its unrollings, cause to become imperious to enter congress, symposiums, events go more than the sexuality in specific, so must apprehend to formations diversities in educational area, as of the curriculum, the technologies, daily school, didactic, just as well of the sociology, psychology, health, showing its importance to the human being formation.

Keywords: Sexuality. Sex Education. Gender State of the Art. Academic and scientific productions. ENDIPE.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de trabalhos apresentados por ENDIPE .....	100
Gráfico 2 – Porcentagem do nível de pesquisa apresentado nos ENDIPE sobre Sexualidade e Gênero .....	101
Gráfico 3 – Trabalhos vinculados a mais de uma instituição que abordam as temáticas Sexualidade e Gênero.....	102
Gráfico 4– Instituição vinculada do/a autor/ra do trabalho das temáticas Sexualidade e Gênero .....	105
Gráfico 5 –Autoria dos trabalhos sobre Sexualidade e Gênero.....	106
Gráfico 6 –Procedência dos trabalhos sobre Sexualidade e Gênero .....	107
Gráfico 7 – Vínculo da Instituição do Pesquisador/a por Estado sobre Sexualidade e Gênero .....	108
Gráfico 8–Vínculo da instituição do pesquisador/ra por região abordando Sexualidade e Gênero .....	109
Gráfico 9 – Metodologia da pesquisa ( tipo de pesquisa utilizada) sobre Sexualidade e Gênero .....	110
Gráfico 10 – Instituição/órgão que a pesquisa foi realizada sobre Sexualidade e Gênero .....	111
Gráfico 11 – Principal abordagem do trabalho associado à sexualidade/gênero .....	112
Gráfico 12 – Abordagem teórico - metodológica.....	113

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Temática e local do ENDIPE por ano de realização .....	80
Tabela 2 – Formato organizativo dos ENDIPE .....	85
Tabela 3 – Número de trabalhos nos ENDIPE sobre a temática sexualidade (1996 – 2014) .....	96
Tabela 4 – Dados do VII ENDIPE – 1996 .....	115
Tabela 5 – Trabalhos apresentados no VIII ENDIPE sobre as temáticas abordadas .....	116
Tabela 6 – Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do VIII ENDIPE .....	121
Tabela 7 – Dados do IX ENDIPE – 1998 .....	126
Tabela 8 – Trabalhos apresentados no IX ENDIPE sobre as temáticas abordadas .....	127
Tabela 9 – Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do IX ENDIPE .....	130
Tabela 10 - Dados do X ENDIPE .....	133
Tabela 11 – Trabalhos apresentados no X ENDIPE sobre as temáticas abordadas .....	134
Tabela 12 – Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do X ENDIPE .....	139
Tabela 13 –Dados referentes ao XI ENDIPE .....	146
Tabela 14 – Trabalhos apresentados no XI ENDIPE sobre as temáticas abordadas .....	147
Tabela 15 – Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XI ENDIPE .....	150
Tabela 16 - Dados referentes ao XII ENDIPE .....	155
Tabela 17 – Trabalhos apresentados no XII ENDIPE sobre as temáticas abordadas .....	156
Tabela 18 – Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XII ENDIPE .....	162
Tabela 19 – Dados referentes ao XIII ENDIPE .....	167
Tabela 20 – Trabalhos apresentados no XIII ENDIPE sobre as temáticas abordadas .....	168
Tabela 21– Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XIII ENDIPE .....	176
Tabela 22 – Dados referente ao XIV ENDIPE .....	180
Tabela 23 – Trabalhos apresentados no XIV ENDIPE sobre as temáticas abordadas .....	181

Tabela 24– Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XIV ENDIPE .....	199
Tabela 25– Dados referente ao XV ENDIPE .....	205
Tabela 26 – Trabalhos apresentados no XV ENDIPE sobre as temáticas abordadas .....	206
Tabela 27– Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XV ENDIPE.....	245
Tabela 28 – Dados referente ao XVI ENDIPE.....	249
Tabela 29–Trabalhos apresentados no XVI ENDIPE sobre as temáticas abordadas .....	251
Tabela 30 – Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XVI ENDIPE .....	263
Tabela 31 – Dados referentes ao XVII ENDIPE.....	267
Tabela 32 – Indícios dos trabalhos apresentados no XVII ENDIPE sobre as temáticas abordadas.....	268
Tabela 33 – Análise temática a partir das considerações dos VIII ENDIPE ao XVI ENDIPE .....	272

## LISTA DE ABREVIATURAS

AIDS - Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida  
ANPED - Associação Nacional de Pós - Graduação e Pesquisa em Educação  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CBE- Conferência Brasileira de Educação  
CBES - Círculo Brasileiro de Educação Sexual  
CED - Centro de Ciências da Educação/Centro de Educação  
CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade  
CEFET-MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais  
CEFET-PR - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais  
CEFET-PR - Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná  
CENP - Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas  
CNE/ CP - Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno  
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia  
Coord.-Coordenador (a)  
Destes - Doenças Sexualmente Transmissíveis  
ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino  
ENPE - Encontro Nacional de Prática de Ensino  
FACEPE - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco  
FACHO - Faculdade de Ciências Humanas de Olinda  
FACIP - Faculdade de Ciências Integradas do Pontal  
FAED - Centro de Ciências da Educação  
FAFIRE - Faculdade Frassinetti do Recife  
FAITVISA - Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão  
FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais  
FAPERGS - Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul  
FAPERJ - Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro  
FAPERJ - Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro  
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo  
FASNE - Faculdade Salesiana  
FBV - Faculdade Boa Viagem  
FESB - Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista

FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos  
FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos  
FUNCAP \_ Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
FUNCITEC - Fundo de Fomento à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina  
FURG - Universidade Federal do Rio Grande  
GDE - Gênero e Diversidade na Escola  
GEERGE-Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero  
UFU - Universidade Federal de Uberlândia  
GLTB- Gays, Lésbicas, Transexuais e Bissexuais  
GTPOS - Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual  
GTPOS - Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual  
HIV – Human Immuno deficiency Vírus  
IBICT- Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia  
IMIP - Instituto de Medicina Integral  
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
INIG - Universidade Iguçu  
LDB - Lei de Diretrizes e Bases  
MEC - Ministério da Educação  
MST- Movimento do Sem Terra  
MTE - Ministério do Trabalho e do Emprego  
NUSEX - Núcleo de Estudos da Sexualidade  
ONG - Organização Não Governamental  
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais  
PPG - Programa de Pós Graduação  
PPGEDU- Programa de Pós - Graduação em Educação  
PUC - SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC- Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
PUCCAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
RCNEI - Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil  
SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência  
SE - Secretaria da Educação

SEB - Secretaria de Educação Básica  
SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão  
SEDUC- PE - Secretaria da Educação de Pernambuco  
SESC - SC - Serviço Social do Comércio de Santa Catarina  
SESU- Secretaria de Educação Superior  
UCG - Universidade Católica de Goiás  
UCP - Universidade Católica de Pelotas  
UCS - Universidade de Caxias do Sul  
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina  
UEC – Universidade Estadual do Ceará  
UEG - Universidade Estadual de Goiás  
UEL - Universidade Estadual de Londrina  
UEM - Universidade Estadual de Maringá  
UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais  
UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa  
UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
UESC - Universidade estadual de Santa Catarina  
UFAL - Universidade Federal de Alagoas  
UFAM - Universidade Federal do Amazonas  
UFC - Universidade Federal do Ceará  
UFF - Universidade Federal Fluminense  
UFG - Universidade Federal de Goiás  
UFG/CAJ - Universidade Federal de Goiás/ Campus Jataí  
UFGRS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora  
UFLA - Universidade Federal de Lavras  
UFMA - Universidade Federal do Maranhão  
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul  
UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto  
UFPB - Universidade Federal da Paraíba  
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFPel - Universidade Federal de Pelotas  
UFPR - Universidade Federal do Paraná  
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
UFRS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina  
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos  
UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei  
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria  
UFU - Universidade Federal de Uberlândia  
UFV - Universidade Federal de Viçosa  
ULBRA - Universidade Luterana do Brasil  
UNEB - Universidade do Estado da Bahia  
UNESP - Universidade Estadual Paulista  
UNI – BH - Centro Universitário de Belo Horizonte  
UNICAMP - Universidade de Campinas  
UNICAP- PE- Universidade Católica de Pernambuco  
UnicenP - Centro Universitário Positivo  
UNICENTRO- Universidade Estadual do Centro Oeste  
UNICRUZ - Universidade de Cruz Alta  
UNICSUL /SP - Universidade Cruzeiro do Sul – São Paulo  
UNIG - Universidade Iguçu  
UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba  
UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros  
UNINCOR - Universidade Vale do Rio Verde  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
UNIPLI - Universitário Plínio Leite  
UNIRIO - Universidade do Rio de Janeiro  
UNISALLES - Faculdade Católica Salesianas  
UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul  
UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
UNIVALE - Universidade do Vale do Itajaí  
UPF - Universidade de Passo Fundo  
URCA - Universidade Regional do Cariri

URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

USP - Universidade do Estado de São Paulo

USP - Universidade São Paulo

UTP - Universidade Tuiuti do Paraná

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	21
<b>1 ASPECTOS RELEVANTES EM TORNO DA SEXUALIDADE .....</b>	<b>29</b>
1.1 A constituição da sexualidade: do século XVIII à contemporaneidade .....	29
1.2 Abordagem educacional e principais iniciativas da sexualidade no Brasil.....	37
1.3 A Sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais e no Referencial Curricular da Educação Infantil .....	46
1.4 Terminologias e Concepções em Torno da Sexualidade .....	52
<b>2 EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO DOCENTE .....</b>	<b>57</b>
2.1 Formação docente e a abordagem da educação sexual .....	57
2.2 O Currículo e o contexto da formação docente na educação sexual.....	64
2.3 A Temática de gênero e o contexto escolar .....	72
<b>3 OS ENCONTROS NACIONAIS DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE) – ENQUANTO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DE IDENTIDADE E PESQUISA .....</b>	<b>78</b>
3.1 O percurso de constituição do congresso ENDIPE: concretização do evento .....	78
3.2 A constituição dos indicadores dos ENDIPE VIII ao XVII.....	82
<b>4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA .....</b>	<b>86</b>
4.1 Justificativa, problemática e objetivos da pesquisa.....	87
4.2A pesquisa Estado da Arte enquanto opção metodológica .....	89
4.2.1 Percurso metodológico .....	91
<b>5 AS TEMÁTICA SEXUALIDADE E GÊNERO E A PRODUÇÃO ACADÊMICA NOS ENCONTROS NACIONAIS DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO.....</b>	<b>96</b>
5.1A constituição do VIII ENDIPE (1996) ao tratar da sexualidade e gênero.....	114
5.1.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas .....	117
5.1.2 Conhecimentos e práticas referentes à temática sexualidade e gênero .....	121
5.2 A constituição do IX ENDIPE (1998) ao tratar da sexualidade e gênero.....	126
5.2.1As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas .....	127
5.2.2 Conhecimentos e práticas referentes à temática sexualidade e gênero .....	129
5.3 A constituição do X ENDIPE (2000) ao tratar da sexualidade e gênero .....	132
5.3.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas .....	135
5.3.2 Conhecimentos e práticas referentes a temática sexualidade e gênero .....	138
5.4 A constituição do XI ENDIPE (2002) ao tratar da sexualidade e gênero.....	145
5.4.1As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivo das pesquisas .....	148
5.4.2 Conhecimentos e práticas referentes à temática sexualidade e gênero .....	149
5.5A constituição do XII ENDIPE (2004) ao tratar da sexualidade e gênero .....	154
5.5.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas .....	157
5.5.2 Conhecimentos e práticas referentes à temática sexualidade e gênero .....	162
5.6 A constituição do XIII ENDIPE (2006) ao tratar da sexualidade e gênero .....	167
5.6.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas .....	170

5.6.2 Conhecimentos e práticas referentes temática sexualidade e gênero .....	175
5.7A constituição do XIV ENDIPE (2008) ao tratar da sexualidade e gênero.....	180
5.7.1As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas .....	187
5.7.2 Conhecimentos e práticas referentes às temáticas sexualidade e gênero .....	198
5.8 A constituição do XV ENDIPE (2010) ao tratar da sexualidade e gênero .....	204
5.8.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas .....	220
5.8.2 Conhecimentos e práticas referentes às temáticas sexualidade e gênero .....	244
5.9 A Constituição do XVI ENDIPE (2012) ao tratar da sexualidade e gênero.....	249
5.9.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas .....	255
5.9.2 Conhecimentos e práticas referentes às temáticas sexualidade e gênero .....	263
5.10 Indícios do XVII ENDIPE (2014) ao tratar da sexualidade e gênero .....	266
<b>6 TRAJETÓRIAS DOS ENDIPE SOBRE AS TEMÁTICAS SEXUALIDADE E GÊNERO: PERCALÇOS E CAMINHOS .....</b>	<b>272</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>282</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>288</b>
<b>APÊNDICE A: FICHA DESCRITOR .....</b>	<b>316</b>
<b>APÊNDICE B: PARTICIPANTE DOS ENDIPES -1996-2012.....</b>	<b>317</b>
<b>APÊNDICE C: TEMÁTICAS APRESENTADAS NOS ENDIPES .....</b>	<b>322</b>

## APRESENTAÇÃO

*“Nunca se pode saber de antemão de que são capazes as pessoas, é preciso esperar, dar tempo ao tempo, o tempo é que manda, o tempo é o parceiro que está a jogar do outro lado da mesa, e tem na mão todas as cartas do baralho, a nós compete-nos inventar os encartes com a vida.”*

José Saramago (1996, p.302-303)

A presente pesquisa trata de uma análise descritiva e crítica no campo da Sexualidade e da Educação Sexual, fazendo parte de uma área recente no campo da investigação das Ciências Humanas e mais especificamente atrelada à Educação. Abordar a sexualidade e seus desdobramentos diante dessa pesquisa nos faz acreditar no desejo de mudança, de ir além de posturas tidas como compensatórias, submissas e contraditórias para crermos em novos caminhos rumo à emancipação humana.

Apresentar a constituição deste trabalho exige voltar no tempo e reviver as inúmeras relações e significados na trajetória pessoal e profissional que proporcionaram o encontro com a temática da sexualidade, inserções que muitas vezes não foram escolhas, mas atos e ações em que fui escolhida pelo perpassar da vida. Pois, escolhi o caminho de desafio e busca de conhecimento, ficando distante da acomodação e inércia, para que pudesse compreender, o que hoje, se denomina sexualidade na perspectiva emancipatória.

O que posso dizer de início é que me tornei professora! Anseios inspiradores devidos talvez desde a infância brincar de escolinha em pequena lousa, ou mesmo com rabiscos nas paredes, mas também com a paixão imbuída inconscientemente de que a educação pode muito, pode mudar, pode transformar. A docência nos primeiros anos do ensino fundamental me ensinou muito. Alguns anos também permaneci como coordenadora de uma escola de período integral, fato que me fez compreender e me encontrar em muitos aspectos pessoais e profissionais. Dentre os ensinamentos profissionais, posso dizer que alguns guardo vivos na memória, dentre eles, que ouvir os desabafos dos alunos é ponto positivo para a conquista e que persistência e paciência são grandes virtudes, além de que somente indignação não basta, é preciso ação.

Nesses desabafos que eram reais e de todas as sortes e reverses que a vida é capaz de proporcionar, muitos, até por parte dos alunos de pouca idade, acabavam contando sobre “namoradas e namorados” reais ou imaginários, cenas de beijo nos pátios e recintos da escola, namoricos e brigas pelos mesmos fatos, relatos de violência doméstica envolvidos pela questão de gênero, dentre outros assuntos tão comuns ao cotidiano, mas tão evitados dentro

da escola. Fato que me intrigava, mas, ao mesmo tempo que sentia a necessidade dos/as discentes de serem escutados/as, não sabia muito ao certo o que fazer e nem a quem recorrer. O magistério, na maioria das vezes, é também solidão.

Dentre as atribuições de coordenadora decidi fazer com os/as adolescentes (faixa etária entre 11 e 16 anos) um grupo de convivência e diálogo. A conquista não foi fácil, mas depois de um tempo foi produtiva e amistosa. Percebi então que me identificava com essa faixa etária. As dúvidas e conflitos eram muitos, realizávamos várias dinâmicas e tínhamos a famosa “caixinha” de dúvidas. Dentre as dúvidas, a temática da sexualidade era a mais frequente, perguntas das mais variadas, algumas escritas com certo receio e pudor, outras explícitas e ditas em linguajar um tanto vulgar, mostrando que os/as jovens muito sabiam sobre sexo, mas, na maioria das vezes, de maneira equivocada.

Algumas questões eu mesma respondia no momento do grupo, mas alguns/mas alunos/as optavam, principalmente as adolescentes, por conversar em particular comigo. Outras vezes, convidava palestrantes, assistentes sociais, médicos e enfermeiras. Depois de várias dessas palestras, percebi que o/a profissional acabava a palestra, retirava-se, porém, as dúvidas e os conflitos permaneciam. Assim, realizando leituras buscadas por mim mesma, tentava dar suporte às dúvidas e conflitos, mas hoje percebo que a falta de embasamento teórico me fez falta, embora acreditando que a educação era capaz de proporcionar mudanças e quebrar estereótipos.

Sempre fui imbuída do propósito de que estudar é preciso e necessário. Assim, entrei no mestrado tendo enveredado por caminhos das políticas públicas, pois a dissertação apresentou como título “Ciclos de Aprendizagem: representações sociais de professores do ensino fundamental”. O objeto de pesquisa do mestrado pode não ter relação com a sexualidade, mas me fez compreender a relevância do protagonismo docente, pois através dessa pesquisa compreendi que mudanças somente se concretizam no interior da escola se os/as professores/as fizerem parte dessa prática e se sentirem imbuídos pela mudança.

Paralelamente a esses acontecimentos, assumi a coordenação e a docência de um Curso de Pedagogia de uma instituição particular, sempre debatendo com alunos/as e também compreendendo as agruras que a sala de aula proporciona acerca da sexualidade quando não temos conhecimento suficiente para lidar com a temática. Culminando com esse fato, assumi a disciplina de Temas Transversais no curso de Pedagogia e constatei que, ao abordar a orientação sexual (BRASIL, 1998b), os/as discentes do curso tinham muitas dúvidas e também receio até mesmo de se expressarem, demonstrando uma mistura de sentimentos e valores. Assim, era preciso compreender, mas, também, subsidiar os/as futuros/as

professores/as para que tivessem maior segurança ao abordarem a sexualidade no contexto escolar, independente de qual faixa etária estariam atuando. Desse modo, compreendi que estava envolta com a formação docente e a temática da sexualidade, a qual instigava. Aliás, sabia que seria um caminho sinuoso para que pudesse trabalhar com os/as futuros/as pedagogos/as, pois além de vencer desafios rodeados por valores pessoais, religiosos, seria preciso que pessoas acreditassem na importância da abordagem da sexualidade no contexto escolar.

Então, entrei em contato com os trabalhos do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX), conheci o Prof. Paulo Rennes e passei a frequentar o grupo de estudos, espaço de debates e conhecimentos, no qual fui bem acolhida e os embates teóricos me motivaram a aprofundar meus estudos. Desse modo, passei a atuar em vários eventos que abordavam a temática da Sexualidade, passei a frequentar as aulas da Pós-Graduação e pesquisar a formação docente relacionada à sexualidade.

Posteriormente, ingressei no doutorado com a premissa de pesquisar sobre o Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), um evento de grande porte na área da educação que trata especificamente da formação docente e seus desdobramentos, tendo a especificidade de inventariar os estudos e pesquisas desse evento sobre a sexualidade, educação sexual e gênero e seus respectivos desdobramentos. Compreendemos que o material do ENDIPE como objeto de pesquisa também é relevante na área da sexualidade e gênero, pois tais temáticas e seus diversos desdobramentos se constituem em fator relevante da prática escolar, do cotidiano docente e também da formação de professores/as enquanto cidadãos/as e atuantes profissionais. Através desse material inventariado, do Estado da Arte, é pertinente destacar a importância de contribuir para pesquisadores em estudo futuros, apresentando dados relevantes de um período distinto do congresso.

Dentre os estudos sobre a sexualidade fica evidente a importância de se conhecer a própria história do conhecimento sexual no Brasil, além de perceber a constituição da temática enquanto objeto de estudo das ciências humanas através da Psicologia, Sociologia, Antropologia e, também, da Educação (RIBEIRO, 2004).

Os historiadores compreendem as concepções em torno do sexo e sexualidade em diferentes tempos e espaços, bem como as ideias e valores do presente, que são influenciados pelo passado. A sexualidade é produto de condições históricas, culturais, políticas e sociais, sendo elemento primordial da condição do ser para compreensão do comportamento humano e da vida cotidiana. É pertinente a relevância e a diferenciação entre sexo, atrelada ao prazer, desejo, e também poder e sexualidade enquanto particularidade de identidade sexual. É

preciso refletir sobre as questões históricas do sexo e sexualidade enquanto concepções mutáveis que são permeadas pela cultura e práticas sociais, destacando que há um aumento significativo dos estudos da sexualidade, especificamente no final do último século, enriquecendo as ciências humanas.

Garton (2009) nos descreve a história da sexualidade de uma maneira acessível a compreensão, destacando que a moralidade estava atrelada ao sexo, fato constatado inclusive nos dias de hoje. O autor aborda a repressão vitoriana excessiva que alimentou ainda mais a questão da pornografia, pois nessa época o sexo é visto como algo terrível; concebe que somente com a revolução sexual e o despertar de novos movimentos, tendo como exemplo *gays*, feministas, a epidemia homofóbica, dentre outros, que se destacam estudos sobre a sexualidade e a própria história do tema.

Assim sendo, o autor enfatiza veementemente que devemos conceber que as práticas sexuais são históricas e influenciadas por questões sociais, econômicas e culturais, sendo que precisamos compreender o desafio da atualidade, fazer com que mulheres e homossexuais, os segmentos compreendidos como minorias, tornem-se parte da história e vençam os preconceitos (GARTON, 2009).

Tendo como foco de estudo em nosso trabalho a sexualidade e a educação integradas, não podemos deixar de nos referenciar a Margareth Mead (1935), detentora do bem merecido título de antropóloga da educação, que, ao fazer estudos comparativos de três tribos de Samoa, mostrou que a maneira como as crianças eram tratadas e endoculturadas determinava o *ethos* de todo o povo. Outros estudos da mesma autora sobre a sexualidade dos povos primitivos tiveram forte impacto na mentalidade conservadora das sociedades ocidentais, em especial das consideradas desenvolvidas, e certamente impulsionaram os programas de educação sexual nas escolas, além de que os estudos antropológicos de Margareth Mead certamente ajudaram a desencadear a revolução cultural dos anos sessenta (MEAD, 1935).

Atualmente, os estudos da sexualidade e seus desdobramentos precisam adentrar o contexto escolar, não somente porque fazem parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais enquanto Temas Transversais (BRASIL, 1998b, 2001) ou mesmo do Referencial Curricular da Educação Infantil (BRASIL, 1998a), mas porque a sexualidade é inerente ao ser humano e está presente em toda a vida do indivíduo e em todos os espaços e instituições. Conseqüentemente, tem uma relação intrínseca na formação do/a cidadão/ã, buscando conscientização e emancipação, pois é preciso compreender a relação da sexualidade enquanto algo prazeroso, consentâneo e também libertador.

Apreendemos que a sexualidade é fator relevante na constituição do indivíduo, pois está envolta em valores, concepções, *tabus*, medos e, conseqüentemente, caracteriza a sociedade, pois distingue o contexto histórico, cultural e social (MAIA, 2010). Mesmo diante de toda a abrangência da sexualidade, no contexto escolar, a temática é vista, apenas, pela tendência da abordagem biológica, transmitindo, muitas vezes, somente conhecimentos técnicos e higienistas. Em contrapartida, a mídia, especificamente os meios de comunicação, propagam uma sexualidade que pode ser vendida e comprada, com valores efêmeros e manipulados, preconizando o consumismo.

Assim, a educação sexual no contexto escolar apresenta lacunas que precisam ser verificadas e vencidas. Entretanto, antes de oferecer aos/as docentes formação regular ou continuada com disciplinas que sistematizem o “como fazer”, é preciso que se sintam parte das propostas, compreendam a sua própria sexualidade para poder atuar além de incertezas e ressalvas, fazendo em equipe a construção do conhecimento científico e tendo consciência que também são capazes de transformar mentes e ações para uma cidadania participativa e íntegra.

É fundamental destacar que este estudo é vinculado ao NUSEX e faz parte do projeto integrado de pesquisa “Uma Contribuição à Historiografia da Educação Sexual no Brasil: Localização, Descrição e Análise de Documentos desde a Colônia até as primeiras décadas do Século XX”, tendo como responsável o Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, que tem como objetivo somar os conteúdos de outras pesquisas na busca de uma historiografia do conhecimento sexual no Brasil.

Analisar e sistematizar a produção acadêmica sobre a temática abordada é bastante significativo para que demais pesquisadores possam intensificar estudos e investigações nessa área, subsidiando ainda de maneira mais significativa o conhecimento científico e educacional sobre sexualidade e assuntos correlatos. Ademais, pesquisar o investigado e produzido se torna um avanço qualitativo para investimentos acadêmicos.

Desse modo, tendo o estudo analítico-descritivo como fundamento dessa pesquisa, elegeu-se o Estado da Arte ou Estado do Conhecimento como opção metodológica, pois tem como pressuposto o resgate do conhecimento produzido na área da sexualidade, educação sexual e gênero, abrindo assim novas possibilidades de indagações, reflexões e propostas acerca do tema.

Esse estudo se fundamenta em teóricos que discutem a sexualidade e seus desdobramentos e se concentram basicamente na educação sexual emancipatória, dentre eles destacamos os estudos de Ribeiro (1990, 2002, 2004, 2008); Melo (2004, 2006, 2008), Nunes

(1987); Nunes e Silva (1997, 2000) e Guimarães (1995). As leituras mais aprofundadas sobre a docência também subsidiaram o trabalho; assim, buscamos entrelaçar aos objetivos da pesquisa, nos fundamentando quanto à formação docente em Nóvoa (1992, 1995), Schön (2000), Tardif (2002) e Tardif e Lessard (2007).

Considerando que o presente estudo objetiva contribuir com uma historiografia da sexualidade, gênero e seus desdobramentos, através dos trabalhos apresentados no ENDIPE no período de 1996 a 2014, nos pautamos nas seguintes questões:

Como os temas da sexualidade e gênero tem sido apresentados nos ENDIPE no período estudado?

Quais são os temas específicos relacionados à sexualidade que mais são investigados nas pesquisas apresentadas no Congresso?

Os professores sabem lidar com questões práticas da sexualidade e gênero no cotidiano escolar?

Até que ponto essas pesquisas apresentam subsídios para os professores trabalharem com a sexualidade e gênero no cotidiano escolar?

Para que pudéssemos esclarecer nossas questões de pesquisa, elegemos como objetivo descrever, organizar e sistematizar a elaboração do Estado da Arte na área da sexualidade e gênero e analisar o papel na institucionalização do conhecimento sexual e da consolidação da educação sexual enquanto tema de pesquisa, ensino e extensão a partir da análise dos trabalhos apresentados no ENDIPE no período de 1996 a 2012.

Sabendo que no decorrer do trabalho outros pontos e inquietações estariam sendo suscitados, vinculamos ao objetivo destacado três objetivos específicos que se integram:

Averiguar a atribuição do ENDIPE na história da institucionalização dos saberes sexuais contemporâneos;

Apresentar as principais características das abordagens da educação/orientação sexual que vêm sendo apresentadas nos ENDIPE no decorrer da realização de tal Congresso;

Verificar como os/as pesquisadores/ras dos ENDIPE percebem a intervenção em educação sexual e a inserção do campo da sexualidade na área da Educação, bem como na formação de professores/as.

É oportuno esclarecer que para realizar os objetivos apresentados foi realizada uma intensiva busca de material de pesquisa sobre o ENDIPE por um vasto período. Assim, buscamos através de acervos em bibliotecas de universidades/ faculdades contatos com pesquisadores para procurar em seus acervos particulares materiais sobre o ENDIPE. Do mesmo modo, foi feita uma busca nos *sites* de busca e livrarias diversas.

A pesquisa do material nos fez compreender que os ENDIPE, ao longo do tempo, vêm se constituindo em um movimento de profissionais e pesquisadores que atuam nas diversas áreas de conhecimento educacional nos diversos níveis de ensino, buscando responder e despertar questionamentos nas demandas epistemológicas, sociológicas, culturais e políticas, contudo devido à dimensão agregadora de saberes e experiências, fomos motivados pela escolha do congresso enquanto campo empírico investigativo dessa tese.

Com o propósito de facilitar a leitura e apresentação deste estudo, optamos por organizar nosso trabalho em seis seções, a fim de entrelaçar a sistematização do conhecimento sexual e a formação do professor produzido nos ENDIPE no período estudado.

Na seção intitulada “Aspectos Relevantes em Torno da Sexualidade” buscamos fazer uma revisão da literatura no tocante a contextos históricos, não tão remotos, principalmente relacionados à sexualidade e educação, por serem objetos privilegiados desse estudo, pois partimos da concepção que questões e atitudes sociais e culturais influenciam a contemporaneidade impreterivelmente na temática estudada.

A segunda seção, “Educação Sexual e Formação Docente”, busca apreender a formação docente no tocante à educação sexual, destacando os documentos oficiais que respaldam a prática docente, dentre eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 1998a). Apresentamos como argumentação a educação sexual nos diversos níveis de escolarização, mas para tanto proclamando a formação docente, e suas pressuposições, tanto nos cursos de licenciaturas como em capacitações. Decidimos também abordar a temática de gênero, pois percebemos que as análises dos trabalhos tinham grande relevância e incidências voltadas especificamente para gênero, seja na formação docente, seja nos diversos níveis de ensino. Desse modo, referenciar alguns autores sobre a temática contribuiria muito para a pesquisa como um todo.

Seguindo, a seção intitulada “Os Encontros Nacionais de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) - Enquanto Elementos Constitutivos de Identidade e Pesquisa” traz a materialidade do congresso, ou seja, a sua historicidade e seu processo de organização e composição, fator muito importante para esse estudo, pois o material do evento se apresenta como *locus* privilegiado da pesquisa, apresentando a importância de estudar o evento na área da sexualidade, pois é tema do contexto escolar, da formação docente e que perpassa o congresso como um todo, mesmo que não seja de maneira explícita.

Na quarta seção, “Trajetória Metodológica”, apresentamos a justificativa, a problemática e objetivos da pesquisa, bem como o processo metodológico desenvolvido para

a obtenção dos dados. Temos como opção metodológica o Estado da Arte e para a análise dos dados obtidos, a partir da leitura dos trabalhos apresentados, foi utilizada a Análise de Conteúdo, modalidade temática (BARDIN,1977). Foram definidos temas, inferidas categorias e contabilizada a frequência, ou seja, identificamos os temas considerados mais relevantes sobre sexualidade, gênero, educação sexual e seus desdobramentos nos trabalhos apresentados no ENDIPE no período analisado.

Na quinta seção, “As Temáticas Sexualidade e Gênero e a Produção Acadêmica nos Encontros Nacionais de Didática e Prática de Ensino”, apresentamos a produção acadêmica de acordo com os anos do Congresso analisados, com o propósito de evidenciar a descrição e a produção acadêmica sobre sexualidade e gênero e seus desdobramentos, analisando as principais temáticas evidenciadas em cada ano do Congresso relacionado ao referencial teórico em discussão.

Na última seção, “Trajetórias dos ENDIPE sobre as temáticas Sexualidade e Gênero: percalços e caminhos”, os dados elegidos nas análises de cada ano são sistematizados e organizados nas principais categorias apresentadas na análise temática, sendo elas: Gênero; Formação Docente; Educação Sexual/Orientação Sexual/ Educação Escolar e Sexualidade /Sexo, sendo assim analisados e discutidos à luz da teoria que fundamenta o trabalho, destacando as possibilidades de estudos e intervenções nos diversos âmbitos educativos.

Enfim, as Considerações Finais apontam a constituição das temáticas Sexualidade e Gênero apresentadas no decorrer dos ENDIPE no período de 1996 a 2012, confirmando que o Congresso possui relevância significativa nos estudos abordados e que até o momento foram pouco sistematizadas, dificultando a pesquisa. O estudo também contribuiu de maneira significativa para destacar o entrelaçamento entre sexualidade, educação sexual, gênero e formação docente, apontando a possibilidade de novos estudos.

Precisamos compreender que a produção do conhecimento é ação política e nessa vertente há necessidade eminente de ampliar espaços de trocas de experiências, pesquisas e materiais produzidos além da academia e não somente com os/as pesquisadores/as da área da sexualidade e seus desdobramentos temáticos, mas com os demais campos do conhecimento, pois caso contrário ficamos em diálogos e discussões entre os mesmos pesquisadores e interessados no assunto, tornando-o um risco improdutivo para o saber.

## 1 ASPECTOS RELEVANTES EM TORNO DA SEXUALIDADE

*“Quem ousará dizer que ele é alma?  
Quem não sente no corpo a alma expandir-se...?”  
Carlos Drummond de Andrade (1996, p.5)*

Nesta seção, buscamos apresentar determinados contextos históricos sobre a sexualidade, principalmente atrelados à área da educação, enquanto objeto de estudo privilegiado desse trabalho. Pretendemos mapear os aspectos que influenciaram, em um passado não tão remoto, e vêm influenciando a sociedade do século XXI, pois os fatores históricos e culturais contribuem para a compreensão do entendimento sobre a inserção do tema da sexualidade no contexto escolar na atualidade.

A necessidade do resgate referente à sexualidade faz parte de uma construção baseada em comportamentos, valores e representações que perpassam o existir da humanidade, pois não é algo isolado e disperso, mas tem suas raízes edificadas no processo de constituição da humanidade, e conseqüentemente influenciam os dias atuais.

### 1.1 A constituição da sexualidade: do século XVIII à contemporaneidade

Pretendemos nesse tópico apresentar a relevância histórica sobre a sexualidade tecendo alguns apontamentos a respeito da repressão sexual a partir da Idade Moderna, entre os séculos XVIII e XX, pois possuem influências marcantes em como o ocidente concebe as questões em torno da sexualidade e conseqüentemente no processo educacional, seja ele formal ou informal.

Antes de iniciarmos nosso percurso histórico na era da Idade Moderna, devemos marcar o início do século XVII como uma época de sexualidade reprimida, verdadeira repressão do sexo, ficando essa repressão historicamente evidente, tendo o puritanismo como um marco. Anteriormente a esse século não havia uma moral sexual reprimida (FOUCAULT, 1988).

A burguesia busca uma nova ordem social, as atividades sexuais ficam reservadas ao casamento monogâmico, até mesmo a autossatisfação é combatida e o termo masturbação surge somente no século XVIII

[...] A corte noturna, as relações sexuais pré-conjugais, a frequência aos bordéis e a sexualidade extraconjugal, em suma tudo que para a burguesia parecesse contrário à boa ordem era energicamente combatido. A luta contra a auto-satisfação pode ser considerada como uma tentativa de reestabelecer a ordem no indivíduo. Em parte alguma é tão clara a vontade da burguesia de combater as experiências que levam ao prazer. (USSEL, 1980, p.160).

No século XVIII tanto os médicos como parte da igreja eram contra a prática da masturbação. O clero se dividia em dois grupos, os que viam a prática como indiferente e os que concebiam como pecado, pois a sexualidade devia servir a interesses sociais e econômicos, ou seja, para a procriação, sendo assim, o casamento era visto como melhor garantia para se estabelecer a tão esperada ordem social. O combate à masturbação apresenta um caráter sádico, autopunitivo, provocando no indivíduo o sentimento de culpa, podendo até mesmo levar ao suicídio.

Surge a concepção que o corpo desagradava o homem, o tabu do toque, o sexo se limita às questões biológicas e econômicas e constitui, desse modo, boa parte dos meios de repressão em relação à sexualidade.

Ussel (1980) aponta diversas formas de repressão à própria masturbação e, conseqüentemente, à sexualidade, principalmente nos adolescentes: o pecado atrelado à religião; ao regime alimentar, pois havia as questões em torno dos alimentos afrodisíacos, dentre eles o álcool; ao vestuário, a polêmica em torno do uso das calças, pois há a ideia que aquece e comprime as partes íntimas; surge a cama individual e muitas vezes se dorme com as mãos presas e usando luvas que, em casos extremos, têm pontas metálicas.

Durante as aulas os alunos deveriam estar constantemente com as mãos ocupadas fazendo várias anotações; havia vigilância constante no banho, não se podia tocar nos órgãos sexuais nem mesmo na hora das necessidades fisiológicas. Nas escolas, até o modo de sentar dos alunos era disciplinado, os pés se apoiavam em uma barra para não se cruzar as pernas, dificultando comprimir os órgãos sexuais; eram feitos severos exercícios físicos para fadigar o corpo e dispersar a atenção sexual; surgem também diversos meios artificiais como bandagens para dificultar a ereção, intervenções cirúrgicas, dentre elas a infibulação causando a ereção dolorosa, hidroterapia através de banhos frios; enfim um arsenal para combater a masturbação.

Todo esse controle provocava uma situação inversa, pois a curiosidade aumentava em torno da sexualidade

Sabemos dos diferentes meios utilizados no século XVIII e que às vezes, provocavam consequências mais graves do que o “mal” que se queria combater. O tratamento com água fria, por exemplo, provocava uma congestão na zona abdominal. A infibulação impedia a higiene dos órgãos genitais [...]. Os numerosos aparelhos que se ligavam ao corpo atraíam continuamente a atenção do adolescente para a auto-satisfação. Pode-se dizer o mesmo dos numerosos conselhos, controles, alusões abertas ou escondidas, relativas à posição na cama, ao sono, às refeições ou ao vestuário. Em suma graças aos pedagogos, a auto-satisfação era onipresente. (USSEL, 1980, p.192, grifo do autor).

Podemos perceber que essas formas de controle são extremamente abusivas, como o próprio autor discorre. Constatamos que, desde essa época, a escola tem papel preponderante na sociedade na colaboração, ou mesmo sendo a representante fiel do controle e, conseqüentemente, do condicionamento do comportamento do indivíduo, inclusive em torno da sexualidade. Devemos entender que muitas das formas de controle em relação à sexualidade estão presentes até hoje, não de modo tão explícito e intenso, mas de maneira velada; temos como exemplo, as palestras nas escolas, no qual os/as alunos/as são separados/as pelo sexo para assistirem às apresentações que possuem o objetivo de instrução, muitas brincadeiras em aulas diversas são tidas somente para um dos sexos. Assim, é fundamental que o/a docente tenha conhecimento dos fatores históricos em torno da sexualidade para que possa desenvolver uma consciência crítica rumo a novas atitudes.

Os séculos XVIII e XX se tornam uma época caracterizada por grandes transformações nas interações entre o ser humano com a cultura, a política e a natureza, pois os fenômenos são explicados pela racionalidade, o que se mostra é um novo homem, “ser humano”, que novamente vai conduzir a padrões antissexuais. A Revolução Francesa de 1789 se apresenta como um marco político, seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade se consolidam em favor da humanidade, tendo uma Constituição proclamada pela vontade do povo, do poder e da soberania.

O poder econômico está envolto no capitalismo, a divisão entre patrões e proletários, e assim a sexualidade fica regulada ao procriativo, ou seja, é preciso garantir um grande número de mão-de-obra para o trabalho (NUNES, 1987).

Nesse período, a sexualidade é vista como politicamente conservadora e economicamente útil (novamente sexo atrelado à procriação e ao casamento). O poder da igreja é bem amplo, tendo como um de seus marcos a necessidade da confissão

Os pedagogos, médicos e padres, pastores e confessores do mundo moderno propõem uma cruzada contra o sexo [...]. O sexo é reduzido ao privado e

com fim procriativo. À concepção de racionalidade e eficiência burguesa soma-se a produtividade. O sexo subjetivo, humano, prazeroso desaparece. O corpo é negado no trabalho e a repressão sexual [...]. Sobre o sexo nasce a cultura da vergonha e do pecado em níveis tão profundos que nem mesmo a Idade Média tinha conseguido. (NUNES, 1987, p.93).

Ussel (1980) apresenta as formas de esclarecimento sexual do século XVIII, que segundo o autor estão relacionadas à situação social. Os adolescentes, sexo masculino, procuravam esclarecimentos nas revistas pornográficas e também nos livros de medicina e biologia, a criadagem também passava informações a seu modo, pois possuía uma liberação nas conversas. Os educadores mais censuravam que instruíam e o esclarecimento era um problema para o adulto; quanto mais o puritanismo aumentava, mais complexo era exprimir o comportamento antisssexual, o tabu do incesto dificultava ainda mais os pais conversarem sobre o comportamento sexual.

Adentramos para o século XIX com o ideal de ser humano que se transformou em contido, regrado e controlado, tornando possível o advento de uma nova etapa, ou seja, a Era Vitoriana, em que a sexualidade é reprimida da forma mais intensa em toda a história, mas que deixou marcas que sustentamos até os dias de hoje.

O capitalismo transformou a vida e a sociedade, a exploração do homem e a venda da força de trabalho ganham destaque, enfim o acúmulo de bens, o ter em detrimento ao ser. Para a burguesia tudo se compra e se vende, o homem se aliena aos meios de produção, tornando-se escravo do capitalismo. O sexo se torna controlado, submetido às normas vigentes, necessária uma sustentação científica para justificar estas concepções. Em contrapartida, enquanto no Ocidente se fala de sexo, a ciência sexual, no Oriente se faz sexo, a arte erótica (FOUCAULT, 1988)

Existem, historicamente, dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo. Por um lado às sociedades [...] que se dotaram de uma *ars erótica*. Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhimento como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em considerações [...]. Nossa civilização, pelo menos à primeira vista, não possui *ars erótica*. Em compensação é a única, sem dúvida a praticar uma *scientia sexualis*. Ou melhor, só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão. (FOUCAULT, 1988, p. 57-58).

O século XIX se tornou o cenário ideal para a repressão sexual; religiosos dos diversos credos, pedagogos, médicos, psicanalistas se aliaram com o objetivo de normatizar os comportamentos e atitudes sexuais com base em uma pseudocientificidade. Na Era Vitoriana, que recebe esse nome em homenagem a Rainha Vitória da Inglaterra, 1819 a 1901, foi um período de grande ascensão da burguesia.

Em relação à sexualidade na primeira fase da Idade Moderna, se há uma contingência, as expressões da sexualidade são totalmente combatidas, sendo realizadas somente dentro do casamento, desde que houvesse a procriação, que a era função única da relação sexual. A mulher é vista a partir da sua condição de geradora de mão de obra para o capitalismo, de sua função reprodutiva.

Podemos perceber que tanto os movimentos do Puritanismo, na Idade Média, como o Vitorianismo, na Idade Contemporânea, deixaram marcas para a história da sexualidade que perduram até hoje, como, por exemplo, os medos e tabus diante da masturbação, a valorização da virgindade, a significação do casamento, dentre outros.

Cunha (1981) explicita a diferença entre as duas épocas de maneira bastante clara

A diferença entre vitorianos e puritanos, é que estes valorizavam o sexo e o amor apenas dentro do casamento; os vitorianos, numa volta para trás, achavam que, mesmo dentro do casamento, o sexo deveria ser restrito. Os vitorianos aceitavam o sexo exclusivamente para fins de procriação. [...]. Os puritanos não podiam falar abertamente de sexo, mas os vitorianos evitavam até mesmo mencionar a palavra “perna” na frente de uma pessoa de outro sexo, para evitar más “interpretações”. Os puritanos combinavam paixão com amor, sexo e romance dentro do casamento, mas os vitorianos tentaram abolir inteiramente a paixão sexual. (CUNHA, 1981, p.23) grifo do autor.

Enquanto na Idade Média o sexo é visto como pecado, na Idade Moderna há uma nova visão do sexo visto somente para procriação. O controle sexual possui respaldo de médicos e cientistas. Podemos afirmar que o discurso médico-cientista esteve em hegemonia até o final do século XIX e inclusive é caracterizado pela eugenia, ou seja, a possível purificação da raça, sendo que os discursos médicos e da ala educacional visava à medicalização da raça mas,

Foi neste contexto repressor que, em contrapartida, o campo da sexologia e educação sexual teve seus mais expressivos estudiosos e defensores. Na época vitoriana obtivemos estudos mais freqüentes e sistematizados da sexualidade humana, que contribuíram para o declínio da repressão (não para sua erradicação), mesmo que ainda em nossos dias a visão vitoriana da vida sexual exerça influência nos padrões e comportamentos sexuais e contribua

para a etiologia de muitos problemas e conflitos de ordem psicológica. (RIBEIRO, 1990, p.9).

Discutiremos mais adiante pontos da educação sexual no Brasil, mas convém destacar que, na fase colonial do nosso país, a influência da repressão da sexualidade era exercida pelos valores da igreja católica, que defendia a família patriarcal, pois a mulher, esposa, era vista somente como a procriadora. O desejo e o prazer, ou seja, a satisfação sexual não existiam para a mulher, domínio marcante até nossos dias. Para o indivíduo masculino desse período, as relações sexuais fora do casamento eram uma constante, primeiro com as índias, e, posteriormente, com as negras. Na era colonial os padrões da sexualidade estavam representados por dois modelos: amor casto e respeitoso reservado às esposas e a paixão que era destinada aos homens realizada fora dos casamentos inclusive com concubinatos (CARMO, 2011).

No século XX, no período pós-guerra, os ideais éticos e políticos passam por transformações, chegamos ao que se denominou chamar de pós-modernidade, as condições socioculturais e estéticas ganham prevalência, estamos na era do consumismo, o corpo produtor de trabalho e reprodutor se modifica de condição e passa também a ser consumidor, adentrando para a identidade de mercadoria, época de valores, sentimentos e relações efêmeras.

Nunes e Silva (2000) denominam essa fase como consumista-quantitativo, pois,

[...] Trata-se do modelo dominante na sociedade de massas e que reduziu a revolução sexual, de fundamentos filosóficos e políticos, a uma descompressão dessublimada de práticas sexuais compensatórias, reificadas, quantitativas e desumanizadas. A sexualidade como objeto de consumo, como prática compulsiva de catarse pessoal e coletiva. É o modelo predominante na mídia [...]. (NUNES; SILVA, 2000, p.16).

O sexo aparece como *status* de mercadoria, pode ser comprado e vendido, um produto como outro qualquer; essa forma de conceber a sexualidade faz um questionamento sobre a ética e estética e conseqüentemente da expressão da liberdade humana, valores essencialmente filosóficos. A humanidade na sociedade pós-moderna está submetida a experiências fugazes, descontínuas, consumistas sem sentimentos e emoções, e assim se constitui a compreensão da sexualidade.

Estamos diante da sexualidade incansável e insaciável, genital, longe da humanização, que tenta representar um sentido de libertação. A sexualidade fica diante da

busca do inalcançável, é o consumismo em foco que mascara os ideais de economia e política da sociedade dual do mundo globalizado.

Sabemos que a sexualidade passa a ser maior objeto de investigações e estudo na contemporaneidade, abrangendo as diversas áreas como a filosofia, a sociologia, a psicologia, pedagogia e economia, tendo destaque os trabalhos de Freud, 1856-1939 -, Reich, 1897-1957 e Foucault, 1926-1984

Freud [...] chocou o mundo com suas teorias sobre a sexualidade e as implicações desta para o comportamento humano: o desenvolvimento da personalidade e a origem de conflitos e distúrbios psicológicos [...]. Wilhelm Reich [...] quem fez as mais ousadas propostas concretas relacionadas à educação sexual e ao bem - estar sexual da população. (RIBEIRO, 1990, p.9).

Michel Foucault (1988) aborda a sexualidade de maneira histórica, filosófica e política, sendo que a partir dos seus estudos é possível fazer várias reflexões sobre o tema, tendo como ponto de destaque que o sexo não pode ser visto como atividade puramente biológica, separado do homem integral, propondo a reflexão diante da temática, pois é parte integrante do ser na totalidade, contrariando os valores da sociedade consumista. Para Foucault (1988) a relação do homem para com seu corpo jamais será pura e simplesmente casual, mas é permeada por valores, pois é a expressão viva de cada ser com suas idiossincrasias, que sofre as influências da sociedade à qual pertence. Concebe-se assim, a busca da emancipação do ser humano, a esperada sexualidade emancipatória que compreende a formação integral do ser, reconhecendo-o na totalidade, ou seja, de maneira biopsicossocial e também seus valores culturais.

Assim, ter a sexualidade como objeto de pesquisa requer um olhar aguçado nas diversas áreas do conhecimento humano, compreendê-la como algo inerente ao ser, algo dissociado da concepção de mundo onde o sujeito existente é marcado por fragmentação de sentimentos.

Na contemporaneidade, não se pode deixar de considerar as contribuições das diversas ciências, sejam elas, sociais, filosóficas, políticas dentre outras, marcadas por espaços e tempos de transformações e culturas. É preciso que a sexualidade seja algo vivenciado, vista como integral ao indivíduo, pois é constituição do ser. Estudos sobre sexualidade deveriam ir muito além do biológico, pois,

[...] e suas características sempre estiveram presentes no corolário das discussões científicas e políticas deste século, em muitas das áreas e campos das Ciências Humanas, Ciências Sociais e das Ciências Biológicas. Questões como a natureza especial da Sexualidade Humana, suas marcas históricas e condicionamentos idiossincráticos, a possibilidade de realização ontológica de cada existência, a relação entre poder e sexualidade, a dicotomia entre realidade e prazer, instinto e civilização, natureza e cultura, libertação, emancipação e repressão sexual, todos estes temas aparecem como contrastes entre os diversos campos de produção científica contemporânea. (SILVA, 2001, p.26).

Enquanto as ciências naturais, representadas pela biologia e boa parte da medicina, na maioria das vezes, tratam as questões em torno da sexualidade centradas na concepção reprodutiva e das partes do corpo, na qual a infância e a velhice, muitas vezes, não são concebidas como objeto de estudo, pois sexo e sexualidade são vistos como algo semelhantes, essas fases da vida se tornam, para muitos/as, destituídas de sexualidade.

Portanto, tendo como foco uma abordagem de sexualidade numa perspectiva emancipatória, temos a definição de Nunes (1996a) de que sexo como marca biológica, que marca os indivíduos como masculino e feminino e a sexualidade como uma condição humana que ultrapassa o biológico e concebe o indivíduo como sujeito situado no mundo com sua história e cultura, rumo à conscientização para atitudes críticas e positivas diante de sua sexualidade, pois é diante dessa concepção que compreendemos o estudo da sexualidade.

Na sociedade, de modo geral, e mesmo no processo de escolarização, compreender a sexualidade de modo separado dos órgãos genitais, na maioria das vezes, é um desafio, pois a ideia que se apresenta em torno do tema é voltado para o biológico, o prescritivo,

É importante observarmos que a ciência médica, ao estabelecer a correlação entre sexualidade e reprodução, contribuiu fortemente para o distanciamento entre a sexualidade e a subjetividade. E é por isso que, ainda hoje, em pleno século XXI, no senso comum, é corrente pensar a sexualidade associada aos órgãos genitais, ao coito e às informações biológicas do nosso corpo, desvinculadas do desejo, do amor e do prazer. (CAGLIOTTO, 2009,p.36).

As pesquisas e os estudos da ciência nas diversas ordens têm muito a contribuir para que a sexualidade seja vista além da questão dos órgãos sexuais e da reprodução, sendo essa um dos desafios da contemporaneidade.

## 1.2 Abordagem educacional e principais iniciativas da sexualidade no Brasil

Analisar a Educação Sexual no Brasil nos seus diversos aspectos, sejam eles, cultural, econômico, político é necessário, pois tem uma relação direta com a formação do povo brasileiro, bem como com valores e hábitos em torno da sexualidade arraigados em nossa constituição. Portanto, para buscarmos a constituição de uma abordagem de sexualidade emancipatória é preciso discutir nossas influências, pois medos, tabus e mitos estão presentes nas representações contemporâneas da sociedade ocidental e, conseqüentemente, da brasileira.

Como Foucault (1988) nos advertiu, através das relações sociais, o ocidente criou a *scientia sexualis*, ou seja, muito se fala sobre sexo, tudo se confessa sobre sexo, para melhor controlá-lo, o sexo tem sido matéria privilegiada da confissão, o sujeito vê a verdade no outro, pois,

Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda. A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes: confessam-se os crimes, os pecados. [...]. Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões. O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente.(FOUCAULT, 1988, p. 59).

Baseado em Ribeiro (2004) iremos discutir as principais fases da educação sexual no Brasil, que segundo o autor, são organizadas em seis etapas, desde a época da colonização até a contemporaneidade, pois são períodos que apresentam feitos importantes em relação à educação sexual, organizados de maneira didática para melhor compreensão.

Conhecer a história da educação, especificamente da sexualidade, é importante para os estudos da sociedade no tocante às questões educacionais, culturais, sociais, econômicas, dentre outras; compreendendo assim o modo de vida de uma determinada época ou cultura, podemos analisar como homens, mulheres, jovens e crianças atuavam e organizavam seus modos de agir e viver em tempos e espaços distintos, pois é imperioso reforçar que ambos são elementos determinantes no processo de estudo da história. Compreendemos que não poderia ser diferente nas questões em torno da sexualidade, pois não são dimensões neutras de ensino e aprendizagem, mas possuem materialidade enquanto dimensões inseparáveis do existir humano, e são impregnadas de representações culturais e ideológicas.

Podemos conceber que o primeiro documento brasileiro é a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal que apresenta trechos de cunho sexual, pois logo relatou a nudez das índias

Quando os portugueses aqui aportaram em 1500 e se depararam com o nativo habitante da terra recém descoberta, chamou-lhes atenção a nudez das índias, que raspavam os pelos púbicos, deixando amostra os detalhes vaginais, detalhes estes que foram parar na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel e que constituíram a primeira impressão sexual que um europeu teve de nossos liberais costumes (RIBEIRO; BEDIN, p.156, 2013).

Os portugueses ao aqui chegarem tinham uma ideia de inocência paradisíaca, inclusive da nudez, visão bíblica de Adão e Eva no paraíso e dos anjos sem vestes, denominados o Putto. Com a chegada dos padres jesuítas no Brasil, o modo de vida dos indígenas passou a ser visto como uma “cultura inferior”, ou seja, a nudez, as relações sexuais, os rituais diversos vistos como absurdos, extravagantes, pois viam os nativos como desprovidos de pudores e, com o decorrer do tempo, os índios foram sofrendo um processo de aculturação, mesmo tentando muitas vezes resistir aos desígnios dos portugueses.

Logo, o comportamento masculino no Brasil no século XVI era bastante libertino em relação aos dias de hoje, não sendo vistas muitas atitudes como preconceituosas. A mulher era submissa e não podia manifestar vontades sexuais; primeiro devia total obediência ao pai, depois ao marido, sendo que a idade do homem geralmente era muito maior que da esposa.

Assim, o indivíduo do sexo masculino tinha total liberdade sexual, mesmo contra as vontades da igreja e a mulher branca era vista como imaculada, a provedora dos filhos, “Temos, aí, *o primeiro momento de educação sexual* no Brasil: sexo pluriétnico libidinoso para o homem; submissão e repressão do comportamento sexual da mulher; e normas, regras e condenações por parte da Igreja.” (RIBEIRO, 2004, p. 16, grifo do autor).

No processo de catequização dos índios, os jesuítas, ordem religiosa mais bem representada nesse período no Brasil, foram mudando a concepção de sexualidade do indígena, desde cobrir-lhes os corpos, tentando inculcar a ideia do mesmo ser pecaminoso. Além de que se instalou no Brasil o Santo Ofício (1590), que exercia forte papel de controle na confissão das práticas sexuais, fundamentado sempre na doutrina da Igreja. Os documentos da Inquisição eram uma forma de controlar e normatizar as práticas sexuais dos habitantes da Colônia

[...] afixava o Edital de Fé à porta das igrejas para ser lido aos domingos, incitando os fiéis a confessar e delatar suas culpas sob pena de excomunhão. Ninguém deveria ser poupado: todos estavam obrigados a confessar ou

acusar as heresias e blasfêmias, atendendo aos pedidos da Inquisição. (CARMO, 2011, p.50).

O Santo Ofício pode ser considerado a primeira forma de educação sexual institucionalizada, pois o caráter sexual do brasileiro foi forjado desde a colônia. Nossa cultura sexual começa em Portugal e se estende para a colônia, esse fato gera uma educação sexual de opressão, discriminação, o que se opõem com as misturas de sentimentos, regras e medos (RIBEIRO,2004).

Segundo Ribeiro e Bedin (2013), os casos julgados pelo Santo Ofício, “nos dão a ideia de quão erótica era a sociedade brasileira na Colônia, aliás, erótica, autoritariamente hierarquizada, escravocrata e machista”. (p.162).

O comportamento que seria tido nos moldes de hoje como de libertinagem da sexualidade masculina permanece inalterado pelos séculos XVII e XVIII, tendo a participação da mulher negra atendendo aos deleites do branco. O Santo Ofício condenava a sodomia ( no Brasil colônia era considerada a penetração anal de um homem ou de uma mulher), nos revelando que a discriminação pela Igreja à homossexuais<sup>1</sup> vem de longa data, não sendo aceita até hoje pelo lado conservador dessa instituição.

Na época do Império e da República, o século XIX é marcado pelo positivismo, estabelecendo uma visão considerada científica diante dos fatos, inclusive para a compreensão da sexualidade humana. Um tipo de discurso médico tomou impulso, a sexualidade passa a ser vista como propagadora de doenças corporais e mentais. O comportamento sexual libertino não é mais considerado pecado, mas negligenciado pelo perigo de se contrair doenças. As mulheres tidas como de família ainda estavam destinadas à reclusão e à religiosidade.

O aumento da prostituição e das doenças venéreas, tendo destaque a sífilis, fez com que grande parte da medicina tentasse exercer um controle sobre o sexo e determinar normas para seu funcionamento. Era comum a ideia de que um homem com sífilis, em estágio avançado, se tivesse relações com uma menina negra virgem seria curado (FREYRE, 1982). As crenças populares só aumentam a vida indigna dos negros que constantemente estavam expostos aos abusos sexuais do patrão, fato que persiste mesmo quando termina a escravidão oficialmente.

---

<sup>1</sup>O termo homossexualismo surgiu na Alemanha no século XIX com a finalidade de abordar a sexualidade tida como desviante. No final do século XX o prefixo “*ismo*” foi descartado pois, remete a categoria de patologia, a palavra original deu lugar a homossexualidade, por ser menos discriminatória (CARMO,2011) .

Na cultura ocidental, Europa e Estados Unidos, estudos sobre a sexualidade foram concebidos enquanto saber científico somente a partir do século XIX. Ribeiro (2009) destaca que somente quando os médicos se apropriaram de saberes e conhecimentos científicos que sustentassem o discurso normatizador da medicina e quando diversas áreas das Ciências Humanas e passaram a considerar os comportamentos e atitudes sexuais pertinentes de estudo e teorização é que houve realmente uma institucionalização do conhecimento sexual.

Ainda no século XIX a medicina está presente nos discursos, nas teses, nas publicações de livros e jornais, há a preocupação com a criança, com a educação dada nas escolas e com a orientação familiar, sempre com cunho médico; “Vamos encontrar, aí, o segundo momento de educação sexual no Brasil: o controle da sexualidade e das práticas sexuais licenciosas (originadas na Colônia) sob a normatização da moral médica”(RIBEIRO, 2004, p.17).

Portanto, se fizermos um levantamento da história da sexualidade no Brasil entre os séculos XIX e início do século XX, veremos que padres, médicos e educadores apresentam interesses e opiniões sobre a temática da sexualidade de cunho similar, ou seja, prescritivo e moralista. As primeiras décadas do século XX são marcadas por publicações de ordem acadêmica sobre a sexualidade, surgindo a sexologia enquanto campo do saber médico (RIBEIRO, 2004).

Segundo Barroso e Bruschini (1982), a tese de Francisco Vasconcelos em 1915, intitulada “Educação Sexual da Mulher”, publicada posteriormente no Rio de Janeiro, é uma obra com conotação moralista e médica, pois dentre seus assuntos fazia recomendações intensas sobre a saúde da mulher partindo para a visão do sexo feminino como submisso e relacionado ao lar, como mãe e esposa.

Mas, temos também como grande exemplo de avanços dessa época José de Albuquerque, que pode ser considerado um inovador, pois publicou boletins, revistas, folhetos, cartões postais com tema sexual em suas mensagens; em 1928 publicou Introdução ao “Estudo da Pathologia Sexual”, sendo esta obra dedicada aos alunos da faculdade de medicina e médicos, tendo outras publicações, entre elas “Da impotência sexual do homem”, 1928 e “Hygiene sexual”, 1929 (REIS; RIBEIRO, 2004). Em 1933, José de Albuquerque proferiu a conferência “Divagações Sexológicas”, no Programa de rádio a Voz do Brasil; há de se destacar que o rádio nessa fase era um dos principais meios de comunicação, inclusive de cunho popular.

[...] A dedicação e interesse de José de Albuquerque pelas questões da sexologia e da educação sexual levaram-no a inspirar e ser o principal responsável pela fundação do Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES)[...].O CBES foi responsável pela publicação do *Boletim de educação sexual*, pela I Semana de Educação Sexual, realizada no Rio de Janeiro, no seu primeiro aniversário, e pela Semana Paulista de Educação Sexual, realizada em São Paulo no seu segundo aniversário. O CBES não mantinha nenhum vínculo com qualquer religião ou partido político, inspirava-se apenas na ciência. (REIS; RIBEIRO, 2004, p. 32-33, grifo dos autores).

Encontramos também registros de outros autores da época que possuíram uma vasta obra sobre a sexologia ou mesmo a educação sexual, a maioria tendo uma relação com a medicina e outros com a religião. Dentre eles podemos citar Oswaldo Brandão da Silva - 1938, Afrânio Peixoto - 1936, Alfredo Ramalho - 1939, Eugenio Mesonero Romanos - 1941, Álvaro Negromonte -1939, Gil de Almeida Bonfim de 1940 a 1950, Sebastião M. Barroso - 1935, Ignez Mariz – 1939, Hernani de Irajá - 1930, 1938, dentre outros, tendo também na maioria o sexo masculino como público alvo para leitura e instrução ( REIS; RIBEIRO, 2004).

Podemos dizer que no início do século XX a temática da sexualidade estava relacionada à biologia, fisiologia atrelada a doenças que poderiam vir a ocorrer se ultrapassasse, o que vinha a ser, para a época, a norma padrão, ou seja, era preciso ter uma disciplina sexual tendo como base a moral cristã e o que se denominava bons costumes, baseados na repressão sexual. Mesmo tendo a repressão como modelo, a sociedade procurava uma certa orientação, mesmo que preconceituosa e mais uma vez normatizadora

[...] e com a publicação, principalmente a partir de 1920/40, de dezenas de livros de educação e orientação sexual, que consideramos ser o terceiro momento de educação sexual: a veiculação da importância e necessidade da educação sexual através de livros publicados por médicos, professores e sacerdotes, cientificamente fundamentados, que visavam orientar a prática sexual dos indivíduos.

Este terceiro momento de educação sexual vai até o final da década de 50, pois, a partir de 1960, mudanças culturais, políticas e sociais significativas na sociedade brasileira irão refletir nos padrões de comportamento sexual com desdobramentos até nossos dias. (RIBEIRO, 2004, p.18-19).

Na sociedade brasileira, a partir de 1930, desencadearam-se mudanças substanciais, tendo como características marcantes os processos de urbanização e industrialização. Desencadeia-se, assim, o desequilíbrio entre educação e desenvolvimento econômico, os setores médios e proletários começam a despontar como categoria política, inicia-se um processo que compreende a luta por uma parte cada vez maior da população nacional no

debate e nas decisões políticas e econômicas. A população começa a clamar por escolas e o sistema educacional se expande também por pressões da demanda social.

A escola, no processo de escolarização, é chamada a desempenhar um papel na economia através de mão de obra qualificada, havendo a dualidade do sistema social, que pode ser definido de modo direto como uns poucos intelectuais que pensam e muitos outros que executam. O período entre 1930 a 1950, aproximadamente, configura-se por não haver iniciativas de educação sexual; as questões da sexualidade eram abordadas passando pelo crivo religioso e moral e ocorria, novamente, uma defesa em torno do casamento, da virgindade e da sociedade patriarcal. Os valores da mulher estavam em torno da virgindade, pois,

No Rio de Janeiro, durante as décadas de 1920 a 1930, a cada ano cerca de quinhentas famílias – a maioria pertencente à classe proletária – recorriam à polícia porque suas filhas haviam sido “defloradas” [...].

Para muitas autoridades religiosas da época, assim como para as elites políticas e profissionais, a honestidade sexual das mulheres era a base da família, e esta, a base da nação. (CARMO, 2011, p.237, grifo do autor).

Podemos dizer que as décadas de 1940 e 1950 foram marcadas pelas leituras e discussões das publicações ocorridas na década anterior sobre a temática da sexualidade, inclusive as citadas, baseadas em cunho médico e moral, que funcionavam como um guia de aconselhamento, elaborados, muitos deles, com a proposta do modelo de perguntas e respostas.

Passamos assim, para a década de 1960, quando colégios de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais iniciaram programas de educação sexual com os alunos. Esses colégios se organizavam como escolas de orientação curricular mais progressista, além de que muitos desses eram de renome no país, como o Colégio de Aplicação Fidelino de Figueiredo, que estava vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo; também os Ginásios Vocacionais em São Paulo; o Colégio Dom Pedro II no Rio de Janeiro e o grupo escolar Barão de Rio Branco em Belo Horizonte. As iniciativas em torno da educação sexual foram importantes, e mesmo os alunos reconheciam e solicitavam que houvesse aulas de educação sexual; “Temos então, nos anos sessenta, o *quarto momento* de educação sexual no Brasil: a implantação de programas de orientação sexual em várias escolas, sendo o período bastante favorável a esta ação educacional.” (RIBEIRO, 2004, p.19, grifo do autor).

Porém, com o golpe militar de 1964, essas iniciativas cessaram, enfatizando um clima de moralismo repressivo, gerando um atraso no tocante à educação sexual no país “[...]”

Usando argumentação como imoralidade, irresponsabilidade e inutilidade, pareceres contrários de Secretarias de Educação condenaram e proibiram os projetos de orientação sexual.”(RIBEIRO, 1990, p.12).

O interesse dos envolvidos com a política do país ocorreu em 1968, quando a deputada Júlia Steimbruck apresentou projeto de lei que propunha que as escolas públicas do Estado da Guanabara tivessem a introdução de educação sexual em seus currículos, proposta que foi veementemente recusada pelos demais congressistas e pela Comissão de Moral e Civismo do MEC, inclusive porque a deputada pretendia que a iniciativa se proliferasse para as demais escolas públicas da federação.

Esse projeto alinhava algumas noções descritivas e biologistas com aconselhamento psicológico frente a situações que envolvem a sexualidade. Destacava profundamente a moral sexual vigente, afirmando as funções reprodutoras da mulher, voltadas para a exaltação da maternidade (NUNES,1996a, p. 124).

Somente a partir de 1978, com a abertura política, é que se retomam propostas oficiais nas escolas de educação sexual. Em São Paulo, em 1984, através da Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas (CENP) implantou-se o Projeto: A Análise da Sexualidade Humana num Enfoque Curricular

Este documento, resultante de amplo debate entre especialistas de Educação, foi o protagonista de uma lenta implantação de projetos regionais de educação sexual no Estado. Primeiramente, coordenado por um grupo de Orientadoras educacionais e destinado aos professores de Ciências, este projeto desenvolveu a sensibilização para a questão através de Oficinas Pedagógicas realizadas em todas as delegacias de ensino do estado. Em 1984, foram realizadas 56 destas Oficinas abrangendo mais de 1500 educadores de diversas áreas de conhecimento e de diferentes qualificações.(NUNES, 1996a, p. 125).

No período de 1989 a 1992, na cidade de São Paulo, sob a gestão do Partido dos Trabalhadores, foi desenvolvido um projeto de educação sexual nas escolas municipais com a participação do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), que chegou a atingir, em um período de três anos trinta mil alunos, fora os/as docentes e gestores, que realizaram diversas capacitações.

Em meados da década de 1980 a Prefeitura Municipal de Campinas adotou um projeto de Orientação sexual que em 1990 chegou a ser incluído na Lei Orgânica do Município, sendo os temas instituídos de acordo com a faixa etária do aluno, tendo diversas

metodologias nas aulas, tais como dramatização, jogos, filmes, dentre outras (GALLACHO, 2000).

Em 1996 se inicia no Estado de São Paulo o programa “Prevenção também se ensina”, parceria do Ministério da Educação com o Ministério da Saúde. Tal projeto visava à formação de recursos humanos para atuar em ações preventivas em relação às doenças sexualmente transmissíveis (DST), AIDS e uso de drogas. As capacitações para atuar nas escolas não atendiam somente docentes, mas os envolvidos no processo educacional; inspetores de discentes, bibliotecárias, serventes, fator esse diferencial, pois concebia o processo educacional na íntegra do ambiente escolar. Como muitas outras propostas, em diversas áreas, a mudança de governo também decidiu não dar continuidade a essa proposta. Assim, “[...] de 1980 a 2000, período este que pode ser considerado o *quinto momento da educação sexual no Brasil*: quando órgãos públicos assumem projetos de orientação sexual nas escolas.” (RIBEIRO, 2004, p. 21-22, grifo do autor).

As décadas de 1980 e 1990 podem ser consideradas épocas históricas da propositura jurídica de uma cidadania emancipatória a ser construída sobre as ruínas da sociedade escravocrata, militarista e tecnicista, tendo uma busca de nova concepção de cidadania materializada na Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96 – (BRASIL,1996), na valorização do pluralismo de culturas, na conscientização dos Direitos da Mulher, dentre outras medidas de suma importância para a sociedade como um todo.

Com a publicação da LDBEN 9394/96 (BRASIL, 1996) se inicia a meta que tem como foco uma educação como exercício da cidadania; assim se instituem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), que se constituem referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental, uma vez que há o compromisso do governo em universalizar tal nível de ensino. A partir da década de 2010 o governo federal vem realizando investimentos na área de alfabetização e letramento, inclusive para tentar melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), dentre os investimentos desenvolveu o programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, tendo como eixo principal a formação de professores alfabetizadores (BRASIL, 2012).

Retornando ao PCN, um dos nossos referenciais de estudo, destacamos que o documento surge como capaz de orientar os sistemas de ensino e os docentes, de forma a garantir a coerência dos investimentos do sistema educacional, proporcionando uma educação

de qualidade (BRASIL, 1997). Desse modo, a Orientação Sexual<sup>2</sup> se apresenta como um dos conteúdos propostos pelos temas transversais que também será abordado nesse estudo.

Podemos notar que esse momento se torna novamente um marco: a Orientação Sexual se constitui em um reconhecimento oficial enquanto formação e preparo para a cidadania, pois podemos considerar “[...] a inclusão oficial da temática da sexualidade no currículo escolar como o *sexto momento da educação sexual no Brasil*, que parece prometer um tratamento responsável e crítico.” (RIBEIRO, 2004, p. 24, grifo do autor).

Podemos dizer que essa iniciativa suscita a possibilidade de se trabalhar a sexualidade no contexto escolar de maneira respaldada pedagogicamente na perspectiva de respeito a autonomia do ser do educando e, principalmente proporciona que os/as educadores/as busquem essa necessidade visando a melhor forma de proporcionar aos/as educandos/as o desenvolvimento e conhecimento em torno da temática da sexualidade, rumo à emancipação do cidadão.

Podemos perceber que essa não é uma tarefa fácil, pois estamos envolvidos na sociedade de consumo, que banaliza as relações entre as pessoas. A mídia explora a sexualidade de maneira erotizada e valoriza o imediatismo; assim, em novelas, programas de auditório, propagandas, a sexualidade passa a ser somente objeto a ser consumido.

Desse modo, há espaço, ao menos nos documentos escritos, para que a escola discuta a sexualidade com os/as alunos/as, não no sentido biologizante, com a prevalência da medicina e do terapêutico, como ocorreu em tempos idos, que ainda podemos ver em nossas instituições escolares, mas no sentido de construção de conhecimento para atuação na sociedade, que está constantemente em mudanças e rupturas de paradigmas, tentamos assim ter a busca de valores sociais e humanistas mais sólidos, tendo a convicção de a mudança é possível.

---

<sup>2</sup> Optou-se nesse momento utilizar o termo Orientação Sexual e não Educação Sexual, pois o documento oficial usa o primeiro termo; posteriormente nesse trabalho serão abordadas as questões em torno da nomenclatura usada na área da sexualidade.

### **1.3 A Sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais e no Referencial Curricular da Educação Infantil**

Na década de 1990, um contexto importante para a educação no país foi à elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), que se constituem como referenciais de qualidade para a educação no Ensino Fundamental e no Ensino Infantil. A função de ambos é orientar os sistemas de ensino e os docentes, de forma a garantir a coerência dos investimentos do sistema educacional, proporcionando uma educação de qualidade (BRASIL, 1997, 1998a).

Pode-se dizer que anterior à elaboração desses documentos oficiais uma série de medidas foram tomadas tendo como foco maior a democratização do ensino, pois, na década de 1980 começa a despontar a democracia política como marco na sociedade brasileira, tendo início um movimento educacional que buscava a melhoria da escola pública, incluindo reformas curriculares e estruturais nos diversos âmbitos educacionais.

Em 1990, o Brasil participou da Conferência Mundial de Educação para Todos, na Tailândia, a qual teve como consenso a luta por tornar universal o Ensino Fundamental. Nessa perspectiva, os PCN e o RCNEI foram elaborados em consonância com a Constituição Federal de 1988, com a LDBEN 9394/96 e com o Plano Decenal de Educação que afirmam a necessidade e a obrigação de o Estado elaborar parâmetros claros, capazes de orientar as ações educacionais no ensino obrigatório. Segundo próprios dados do MEC (BRASIL, 1997), os PCN estão a serviço da qualidade do ensino, pois esse já cresceu quantitativamente com a expansão ocorrida nos anos 1970 e 1980, havendo, porém um déficit de qualidade. Assim, afirma-se que a educação será de qualidade se for adequada às necessidades, interesses e motivações dos discentes e se garantir as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos.

Contudo, há diversos questionamentos em torno da proposta dos PCN, pois ele busca copiar o modelo espanhol de educação atrelado a uma proposta neoliberal, a mesma que a sociedade brasileira vem passando, sendo que o Estado minimiza suas responsabilidades em relação às questões sociais, e a escola adquire caráter de empresa, assumindo o compromisso de buscar a qualidade total, gerando um ambiente competitivo e que visa somente à inserção do aluno no mercado de trabalho (FIGUEIRÓ, 2006). Portanto, reforça-se a ideia de educação dual, uns poucos formados para o comando e muitos para a execução dos trabalhos.

O neoliberalismo afirma a concepção que os países precisam de maior organização nas diversas esferas, dentre elas a educacional, para ser capaz de participar do mundo globalizado, a ideologia do produzir mais e melhor, pois,

O Banco Mundial requer que a educação escolar esteja articulada ao novo paradigma produtivo, para assegurar o acesso aos novos códigos da modernidade capitalista. É necessário que a educação, a capacitação e a investigação avancem em direção a um enfoque sistêmico [...].

O *enfoque sistêmico*, assim como a *administração eficiente* e a tecnologia educacional, está na base do movimento pela qualidade total. A busca da eficiência (economia de recurso), da eficácia (adequação ao produto), enfim, da excelência e da qualidade total, para levar o sistema de ensino a corresponder as necessidades do mundo atual, apresenta como solução o enfoque sistêmico (que procura otimizar o todo). (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2010, p.103, grifos do autor).

Nessa visão neoliberal, o currículo é visto de maneira fragmentada que, no máximo, prevê uma articulação superficial entre as séries e as disciplinas. Conseqüentemente, não se concebe currículo como uma relação dinâmica no cotidiano escolar, pois há os que “pensam” o currículo e os que o “executam”, ocorrendo a alienação do aluno e a subordinação do professor.

Gentili (1998) destaca que, no sistema escolar, um dos fatores que marcam a questão do neoliberalismo e, conseqüentemente, a fragmentação curricular, é uma apregoada crise da educação baseada na falta de eficiência/eficácia e produtividade que ocorreu com o aumento das vagas, mas que acarretou a falta de qualidade, crise marcada pelo estado ineficiente em contornar políticas sociais, quando as massas vão para a escolarização. Desse modo, nessa visão o indivíduo acaba interiorizando a culpa pelo seu fracasso.

Nesse contexto é que os PCN e o RCNI são concretizados e adentram ao contexto escolar, mesmo não sendo obrigatórios, pois como o próprio nome diz, são referenciais para se atuar no cotidiano escolar. “Os PCNs pretendem ser um referencial fomentador da reflexão sobre os currículos escolares, uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas curriculares.” (ALTMANN, 2001, p.4).

Diante do exposto, há necessidade de um processo educacional que estimule a criticidade frente ao neoliberalismo. Isso não quer dizer que os/as professores/as não devam usar os documentos oficiais, mas sim perceber seu caráter ideológico, tendo um comprometimento com a formação do educando, formando cidadãos críticos e participativos capazes de perceber e atuar no contexto social e cultural em que vivem.

É notório perceber que o/a professor/a esta envolto em um sistema que discrimina carregado de uma ideologia dominante, portanto toda a sociedade deve se comprometer com a formação do cidadão, pois em uma concepção de educação sexual emancipatória precisa haver a convicção de que a mudança é possível, pois todos somos sujeito da história.

Até mesmo o PCN aponta as reais condições precárias das escolas e dos educadores, e o próprio Ministério da Educação (MEC) destaca que para que as propostas contidas no PCN se concretize,

[...] exige uma política educacional que contemple a formação inicial e continuada dos professores, uma decisiva revisão das condições salariais, além da organização de uma estrutura de apoio que favoreça o desenvolvimento do trabalho (acervo de livros e obras de referência, equipe técnica para supervisão, materiais didáticos, instalações adequadas para a realização de trabalho de qualidade), aspectos que, sem dúvida, implicam a valorização da atividade do professor. (BRASIL, 2001, p.38).

Os PCN apresentam, além das disciplinas do currículo, os temas transversais, que foram eleitos devido à complexidade e por se apresentarem como problemas sociais e urgentes que a sociedade vem passando, sendo eles, Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Saúde e Trabalho e Consumo, sendo esse último somente para os anos finais do ensino fundamental.

A transversalidade implica que os conteúdos, nesse caso dos temas transversais, sejam trabalhados pelas diversas disciplinas do currículo não de maneira estanque, mas associados, integrados com os conteúdos das disciplinas nos diversos momentos das aulas e do período escolar do aluno, ampliando gradativamente a abrangência dos temas tratados. No caso em questão, o tema referente à sexualidade, é abordado pelo tema transversal Orientação Sexual. Aliás a,

[...] transversalidade do tema sexualidade está principalmente na característica da complexidade e da abrangência do tema. A atenção curricular à sexualidade humana é uma conquista que demorou para se efetivar, talvez ainda não estejamos vivendo a melhor forma da abordagem da sexualidade através da transversalidade, mas este é, com certeza, um momento histórico importante para nos aproximarmos de algo mais efetivo, no sentido e direção de uma educação sexual emancipatória. (NUNES; SILVA, 2000, p.65).

É importante perceber que anteriormente aos PCN não havia nos denominados currículos prescritos qualquer menção à sexualidade no contexto escolar. Surgindo essa

possibilidade, torna-se um marco, uma referência. O tema transversal Orientação Sexual, foi inserido no currículo devido ao aumento dos casos de gravidez precoce entre adolescentes<sup>3</sup> e do aumento do risco de contaminação pelo HIV, indicando a necessidade de que os temas sejam abordados na prática educativa. Segundo Altmann (2001, p. 1) “O interesse do estado pela sexualidade da população torna-se evidente a partir desta proposta.”

O PCN apresenta o conceito de sexualidade como tendo grande importância na vida do indivíduo, tanto social como psíquica, vinculada à cidadania, à ética e aos Direitos Humanos. Os conteúdos de sexualidade a serem trabalhados estão organizados em três blocos, assim divididos: a) corpo, matriz da sexualidade; b) relações de gênero; c) prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS (BRASIL,2001).

Altmann (2001) destaca que nos PCN a orientação sexual é compreendida sobre a égide do caráter informativo, normativo e também biologizante, deixando de abordar a construção histórica da sexualidade; dentre outros, fatores desconsidera a homossexualidade.

Contudo, Unbehaum (2009), apresenta outras considerações ao se referir ao conteúdo da sexualidade nos PCN, pois,

A sexualidade, por sua vez, é apresentada como uma construção marcada pela história, pela cultura e pela ciência, como também pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada um. Os textos nos dois conjuntos ressaltam que crianças e jovens trazem esses valores e significados à escola, mas aquela instituição também é um lugar que propicia o questionamento das desigualdades de gênero. (UNBEHAUM, 2009, p.8).

Podemos perceber que há visões diferentes em torno da temática sexualidade expressa pelo documento, mas um fato que se deixa de considerar nos mesmos e que não se discute é, especificamente, o abuso sexual de crianças e adolescentes, fato importante que vem se agravando principalmente com o aumento do uso da tecnologia através dos *sites* de conversas *on-line*, o *sexting*, mesmo porque ao tratar dos adolescentes, o PCN apresenta as

---

<sup>3</sup> Segundo dados da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo o índice de meninas de 10 a 19 anos grávidas caiu 26,5% no Estado e apresenta o menor nível em 13 anos. Na faixa etária 10 aos 14 anos houve também uma redução nos índices. O número de casos em 1998 era de 4,5 mil em 2011 caiu para 3,3 mil. (SÃO PAULO, 2013).

Dados preocupantes são apresentados pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) “Do total anual de 7,3 milhões de novas mães adolescentes, 2 milhões têm menos de 15 anos; se persistirem as tendências atuais, o número de nascimentos advindos de meninas com menos de 15 pode chegar a 3 milhões por ano em 2030”(UNFPA, 2013,p.1).

expressões da sexualidade como aspectos centrais nessa fase da vida (BRASIL,2001), sendo preciso que, no contexto escolar, se façam considerações críticas e pertinentes sobre as novas formas de comunicações que envolvem os jovens na atualidade.

Um fato importante a ser abordado nos PCN são as relações de gênero, pois não se pode desvincular os estudos da sexualidade das representações de igualdade de gênero, inclusive um dos blocos de conteúdo do tema transversal Orientação Sexual denomina-se “Relações de Gênero”. O documento está dividido em tópicos, apresentando objetivos, avaliação e até mesmo orientações didáticas que facilitam o trabalho docente, “[...] O professor não deve emitir juízo de valor sobre essas atitudes, e sim contextualizá-las. O mesmo vale para as respostas que oferece às perguntas feitas por seus alunos.” (BRASIL, 2001, p.153).

Quanto ao RCNEI, que deve ser estudado especificamente pelos/as educadores/ase profissionais diversos da educação infantil (creches e pré-escolas), além de ser referência obrigatória para os cursos de Pedagogia, apresenta um item denominado “Expressão da Sexualidade”, que embora tenha somente três laudas, expõe um conteúdo rico com diversas abordagens. Além de outros itens ao longo do documento que podem ser explorados nesse sentido, temos como exemplo “a hora do banho”, jogos e brincadeiras, dentre outros (BRASIL,1998a).

Em nossa cultura de maneira geral, ao tratar da sexualidade infantil, podemos dizer que há duas questões equivocadas, uma delas é que através da perspectiva do adulto é que se avalia a sexualidade infantil, negando-se a sexualidade da criança e, em consequência desse primeiro ponto, se idealiza a educação sexual da criança em função da vida adulta, não havendo identidade própria, pensando apenas na questão da erotização no modelo adulto.

O RCNEI apresenta uma introdução bem próxima ao PCN de Orientação Sexual. Um fato interessante é que há uma fotografia de uma mulher grávida com uma criança passando a mão em sua barriga, o documento explicita de modo claro que a criança apresenta expressões da sexualidade desde cedo

[...] A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo. A relação das crianças com o prazer se manifesta de forma diferente da do adulto. Em momentos diferentes de sua vida, elas podem se concentrar em determinadas partes do corpo mais do que em outras.(BRASIL, 1998a, p.17).

As questões de gênero também são abordadas através da importância de transmitir valores de igualdade independente do sexo, e que as próprias crianças devem ser tratadas como menino ou menina, em detrimento de criança, pois se estabelece a possibilidade dos próprios/as alunos/as refletirem sobre o ser homem e ser mulher além das diferenças anatômicas (RCNEI, 1998a).

O texto do RCNEI destaca também a preocupação com o corpo da criança (BRASIL, 1998a), pois para Unbehaum (2009, p. 5)

Este conteúdo do documento ganha especial relevância se considerarmos que a educação infantil não só cuida do corpo da criança como o educa: o corpo é o primeiro lugar onde a mão adulta marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos que foram dados à sua conduta, é o emblema em que a cultura vem inscrever seus signos.

O RCNEI deve ser visto como instrumento de orientação didática para os que atuam com crianças de zero a cinco anos; em vários trechos do documento, estimula-se a trabalhar o ser menino ou o ser menina longe dos estereótipos e binarismos de padrões impostos pela sociedade.

No volume de introdução do documento se destaca o item “Perfil Profissional”, sendo que utiliza o termo professor no gênero masculino, apesar de não discutir as questões do sexo masculino na modalidade da Educação Infantil, sendo docente ou cuidador, o documento apresenta uma nota de rodapé

O corpo profissional de grande parte das instituições de educação infantil de todo o país, hoje, é ainda formado, em sua grande maioria, por mulheres. Este Referencial dirige-se ao professor de educação infantil como categoria genérica.(BRASIL, 1998a, p. 41).

Essa leitura proporciona uma valiosa oportunidade para que os/as docentes discutam sobre a feminização do magistério, discussões que vão questionar se apenas a mulher apresenta melhores condições para cuidar de crianças pequenas, bem como os aspectos das diferenças salariais entre homens e mulheres, além da entrada do sexo masculino na educação infantil, mesmo que ainda seja de forma pouco expressiva.

## 1.4 Terminologias e Concepções em Torno da Sexualidade

A educação enquanto fenômeno envolto pelas questões sociais, culturais, políticas e históricas se apresenta com diferentes metodologias, conceitos e objetivos. No caso da educação sexual especificamente, podemos compreender que, no Brasil, enquanto fenômeno escolar, apresentou divergências e se constitui enquanto objeto de estudo e aprendizado em diversas épocas com singularidades específicas, pois ora atendia os conceitos biológicos, ora médicos e também políticos na formação do cidadão.

A partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) se compreende que as questões em torno da sexualidade devam ser abordadas explicitamente na escola, pois a Orientação Sexual se apresenta como Tema Transversal que constitui os currículos escolares do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. É preciso notar que implicitamente através do currículo oculto<sup>4</sup> educa (ou deseduca) sexualmente, mesmo que os/as envolvidos/as no processo de escolarização não tomem consciência desse fato, pois fazemos educação sexual a todo momento, através de nosso gestos, falas, expressões, discussões, maneira de se vestir, enfim no cotidiano de modo geral.

Entretanto, percebe-se que há vários termos que são usados para designar ou mesmo significarem sinônimos da Educação Sexual, dentre eles o mais frequente é orientação sexual, mas também encontramos instrução sexual. Ao realizar a leitura dos trabalhos apresentados nos Encontros Nacionais de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) para posterior análise, deparamo-nos com vários termos para designar o esclarecimento ou atitudes frente às questões sexuais apresentadas no contexto escolar. Esse foi um ponto que nos chamou muito a atenção e não deixou de suscitar questionamentos, mas percebemos que os termos mais usados foram educação sexual e orientação sexual, usados também como sinônimos.

É interessante destacar que alguns autores definem e justificam o motivo do uso do termo em específico, outros usam os dois termos no mesmo trabalho sem especificar a conceituação, mas geralmente os autores que fazem referências ou pesquisas em torno dos PCN preferem utilizar o termo orientação sexual como é realmente preconizado pelo documento. Podemos destacar que quanto ao trabalho formal e intencional realizado nas

---

<sup>4</sup> O currículo oculto pode ser definido como o não explícito, o não dito, aquilo que tanto alunos quanto professores trazem carregados de sentidos próprios criando as formas de relacionamento, poder e convivência nas salas de aula. Muitos/as professores/as não estão conscientes do currículo oculto, não percebem que suas ações, atitudes, materiais didáticos que usam possui toda uma ideologia dominante que sustenta sua prática.

escolas, não ocorre, ainda, uma concordância em relação ao termo que define a conceituação em específico.

Esse uso de diversas terminologias vem ocorrendo de longa data, pois Figueiró (1996b) em artigo publicado há quase vinte anos faz um levantamento em torno dos usos das diversas expressões em torno da temática, no período de 1980 a 1993, sendo utilizado informação sexual, orientação sexual, instrução sexual, dentre outros, a autora destaca “a miscelânea de terminologias e classificações usadas, é possível afirmar que essa área do conhecimento está deficitária em um dos pontos de sua estrutura básica: no da elaboração de uma linguagem comum, no que concerne especificamente à terminologia” (FIGUEIRÓ, 1996b, p. 291).

Ao optar pelo uso do termo orientação sexual pode ocorrer uma confusão de conceitos, pois atualmente esse termo é usado para designar a relação do desejo sexual das pessoas, seja ela homossexual, heterossexual ou bissexual, pois tem como referência o inglês *guidance/orientation*, palavra que não tem uma tradução específica para a língua portuguesa, pois usamos orientação de modo abrangente.

Ribeiro (1990) afirma que há necessidade de distinção dos termos empregados em torno da sexualidade, afim de se evitar uma ambiguidade ao serem utilizados como sinônimos. Figueiró (2006) realizou um estudo amplo sobre a conceituação e terminologia empregados em educação sexual capaz de nos propor reflexões e embates.

Em estudo realizado por Maia e Ribeiro (2011), os autores abordam que se tenta buscar um consenso na defesa do uso da terminologia educação sexual. Para os autores, a educação não intencional, no tocante à sexualidade transmitida pela família, mídia, literatura, pelos diversos grupos aos quais o indivíduo faz parte, pode ser denominada de educação sexual. Quando esse processo de educação passa a constituir-se em objeto de ensino e aprendizado e se destina a ocorrer no contexto escolar com objetivos e planejamento pré-definidos ou mesmo elaborados a partir do contexto das dúvidas que surgem, constitui-se “em educação sexual escolar, que exige preparação e formação de profissionais para atuar nesta área.” (MAIA; RIBEIRO, 2011, p.76).

Cabe destacar que

A relação entre estas duas formas de educação sexual (*referência à educação informal e formal*) é estreita, pois quando chega à escola, cada pessoa já carrega consigo os valores sexuais transmitidos pela cultura e sua concepção de sexualidade foi influenciada pela família e pelo grupo social do qual faz parte. Assim, a educação sexual escolar precisa não apenas orientar, ensinar,

informar, mas também discutir, refletir e questionar esses valores e concepções [...]. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p.76).

Werebe (1998) também justifica a utilização do termo educação sexual, pois ocorre de modo intencional por intervenções deliberadas e sistemáticas que necessitam de planejamento, tendo objetivos e conteúdos, pois, “[...] a expressão educação sexual parece ser a mais indicada para designar a prática educativa intencional em matéria de sexualidade. [...]. Por outro lado, a expressão educação sexual já é consagrada e usada em praticamente todos os países.” (WEREBE, 1998, p.155). Além do termo relacionado à própria função da educação sexual é justificada por Furlani (2003), pois

[...] penso que o principal papel da **educação sexual** é, primeiramente, desestabilizar as verdades únicas, os restritos modelos hegemônicos da sexualidade normal, mostrando o jogo de poder e de interesses envolvidos na intencionalidade de sua construção; e, depois, apresentar as várias possibilidades sexuais presentes no social, na cultura e na política da vida humana, problematizando o modo como são significadas e como produzem seus efeitos sobre a existência das pessoas (FURLANI, 2003, p. 69)

Xavier Filha (2009) também realiza alguns levantamentos sobre a terminologia e destaca que prefere utilizar o termo “*educação para a sexualidade*”, contrapondo-se ao termo educação sexual que para a autora apresenta um foco biologizante, marcado pelas DST e anticoncepção, e em seu texto outras terminologias também são discutidas.

Jane Felipe (2007) que também prefere o termo educação para a sexualidade justifica, que vê esta educação

como uma construção histórica e cultural, o amor, a paixão, bem como seus desdobramentos em termos de relação, merecem ser amplamente discutidos na perspectiva de uma educação para a sexualidade, e aqui utilizo essa expressão por entender que ela pode acionar discussões mais abrangentes quando se trata de refletir sobre nossos prazeres e desejos, não se restringindo ao sexo como ato, mas proporcionando outras vias de discussão e temáticas diversas, para além do viés biologista. (FELIPE, 2007, p.42).

No documento da UNESCO que discorre sobre Orientações Técnicas Internacionais sobre Educação em Sexualidade (2010), o termo utilizado é *educação em sexualidade*. Sendo um documento mais específico para a área educacional e da saúde, o texto traz uma revisão acerca da literatura dos impactos *da educação em sexualidade* sobre o comportamento sexual, envolvendo países em desenvolvimento, dentre eles o Brasil e países desenvolvidos. Esse estudo vem subsidiar recomendações para ações eficientes em *educação em sexualidade* (utilizamos a terminologia do documento), contudo, o documento não tem o objetivo de

discutir a questão da terminologia, mas por ser uma referencial mundial, convém destacar o termo utilizado. O documento expressa a educação em sexualidade tendo relação com a prevenção de DST e que se torne parte do currículo da escola formal, “define-se educação em sexualidade como uma abordagem apropriada para a idade e culturalmente relevante ao ensino sobre sexo e relacionamentos, fornecendo informações cientificamente corretas, realistas e sem pré-julgamento”(UNESCO, p.2, 2010).

As terminologias em torno da sexualidade e educação podem ser motivos de debates, pois os discursos, nomenclaturas são envoltos em ideologias, muitas vezes, hegemônicas. Os termos também se referem a compreender que os conceitos de educação sistemática e assistemática sempre estiveram presentes no campo da Pedagogia, que se apresenta como difusora dos pressupostos de educação. A educação assistemática ocorre rotineiramente, sem intencionalidade, mas nem por isso pode ser desprezada, pois tem grande relação na formação das pessoas independente da idade, classe social ou mesmo nível de escolarização, temos como exemplo os meios de comunicação, as relações dos grupos e associações. A educação sexual ocorre de maneira assistemática na maioria das vezes, pois cotidianamente defrontamos com valores, concepções, ideias divergentes que constituirão nossa visão de sexualidade.

Vitiello (1997) faz uma relação de educação sexual sistemática as atitudes e ações que podem ocorrer na família e na escola, para o autor

Educar, no sentido mais amplo, significa “formar” [...] o educador dá ao educando condições e meios para que cresça interiormente. A influência do educador, [...] além de intensa precisa ser contínua e duradoura [...]. Nesse sentido, a educação sexual sistemática só pode ser feita por familiares ou por professores. (VITIELLO,1997, p.18-19, grifo do autor).

O autor ainda destaca que a educação sexual eficiente é sistemática, com a intenção de informar os indivíduos, e é importante que tenha um caráter duradouro e seja realizada não de maneira estanque, em dias e horários pré-determinados, mas precisa ser contínua e realizada pela própria equipe da escola, discentes, coordenadores/as, direção. Para o autor, palestras nas escolas, com diversos profissionais, que geralmente são convidados, médicos, enfermeiras, assistentes sociais, contribuem para desmistificar o tema, porém, “o caminho real para a educação sexual não é levar profissionais de várias áreas às escolas, mas sim preparar professores interessados para a tarefa de fazê-la.”(VITIELLO,1997,p.19).

Consideramos esse aspecto imprescindível, pois o/a professor/a que atua no cotidiano dos/as alunos/as é quem, na maioria das vezes, conhece a comunidade em que trabalha, bem

como as necessidades e conflitos pelos quais os/as educandos/as passam, pois muitas vezes, os/as alunos/as veem no/a docente o/a confidente de seus medos e anseios.

Os PCN (BRASIL, 1998b, 2001) adotam o termo orientação sexual, diferentemente ao empregado por muitos autores que possuem estudos científicos nessa área (FIGUEIRÓ, 2006; LOURO, 1998; MAISTRO, 2006; WEREBE, 1998). Entretanto, para o documento oficial, a orientação sexual

[...] constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar e exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e opções para que o aluno, ele próprio, escolha se caminho. (BRASIL, 2001, p.121).

O PCN, no que se refere ao tema transversal orientação sexual, foi basicamente elaborado por psicólogos do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) que utilizavam essa nomenclatura no que diz respeito a orientação sexual sistematizada, pois é um termo específico da própria profissão (temos como exemplo, orientação vocacional, orientação ao casal, dentre outras).

Os documentos oficiais têm um grande peso na formação dos/as docentes, pois fazem parte das ementas dos cursos de formação; geralmente são lidos nas escolas em reuniões pedagógicas e nas ações posteriores que ocorreram nas instituições escolares. Desse modo, pode-se constatar que muitos estudos e propostas pedagógicas que partem do contexto escolar utilizam o termo orientação sexual, pois possuem como referência os PCN.

Independente do termo utilizado, educação sexual, orientação sexual, educação para a sexualidade, sendo processo educativo com educandos/as, é preciso que se considere e tenha claro que a educação que se busca precisa ser uma proposta dialética, para que sejam possíveis mudanças conceituais e culturais arraigadas no/a discente, ampliando sua consciência, tornando-o mais crítico/a, livre e responsável pelas suas atitudes e escolhas.

Nesse trabalho utilizaremos preferencialmente a expressão educação sexual, independente das terminologias existentes. É pertinente notar que o ensino e o trabalho sobre a sexualidade numa perspectiva emancipatória precisam ser inseridos nas escolas, independente da nomenclatura que possa levar. Para tanto, a formação docente se torna fundamental, inclusive para que se tenha claro o porquê e para que é importante discutir a temática na escola, reconhecendo seus objetivos e aprendizados.

## 2 EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO DOCENTE

*“Ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser.” (NÓVOA, 1995, p.10).*

O congresso ENDIPE se apresenta nesse trabalho como objeto da pesquisa, portanto, um evento dessa natureza tem uma relação direta com a formação docente, uma vez que a maioria dos participantes do congresso atuam em pesquisas, nos cursos de licenciaturas, pós-graduação lato sensu e stricto sensu, ou são gestores e docentes dos níveis da Educação Básica.

Assim, o presente capítulo pretende discorrer sobre a formação de professores por considerar que uma formação pertinente e adequada será de extrema valia no processo de inserção da educação sexual nos diversos níveis de escolarização, pois para que a atuação com discentes aconteça de maneira a proporcionar a formação do/a cidadão/ã íntegro/a e participativo/a na sociedade, também há de se iniciar pela formação docente.

### 2.1 Formação docente e a abordagem da educação sexual

A necessidade de abordar a educação sexual enquanto parte da formação docente tem sido estudo de diversos pesquisadores (CAMARGO; RIBEIRO,1999; FIGUEIRÓ, 2001, 2002, 2006; LEÃO, 2009; LOURO,1997; NUNES; SILVA, 2000; RIBEIRO, 1990, 2004, 2009).

O curso de Pedagogia, que forma grande parte dos/as docentes que atuarão na educação infantil - creches e pré-escolas - e nos primeiros anos do ensino fundamental - primeiro ao quinto ano -, passou por mudanças pontuais a partir da Resolução de 15 de maio de 2006<sup>5</sup> (BRASIL, 2006). Além da Resolução determinar a atuação nas modalidades da educação, a legislação prevê a atividade do pedagogo nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional, como também na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

---

<sup>5</sup>A Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Pedagogia, na modalidade licenciatura.

Especificadas essas atuações, o texto define o que considera atividades docentes, em seu artigo 4º:

As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;  
 II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;  
 III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares. (BRASIL, 2006, p. 2).

O/a aluno/a do curso de licenciatura em Pedagogia, portanto, deverá ser capaz de atuar em diferentes níveis de ensino, exercendo principalmente a função docente, que se apresenta de forma ampliada ao envolver atividades de planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação, tanto em sistemas de ensino como em projetos e experiências não-escolares. Deve ser pesquisador, articulador, inovador, criador, enfim, conseguir adquirir numa carga horária mínima de 3.200 horas de efetivo trabalho acadêmico as competências para se tornar um “super profissional” (LIBÂNEO, 2007).

Ao descrever as competências necessárias aos egressos do curso de Pedagogia, na Resolução são apontadas, no artigo 5º, 16 atribuições e dentre elas podemos destacar para esse estudo,

IX – identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;  
 X – demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras;  
 XI – desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento. (BRASIL, 2006, p. 2).

Podemos perceber que nessas atribuições ao/a pedagogo/a ocorre a menção de ter uma formação para atuar com diversidade no tocante a gênero e escolhas sexuais, além de desenvolver trabalho em equipe, ou seja, também saber atuar com a transversalidade do currículo e outras áreas como saúde e cultura. Assim, com a promulgação dos PCN, que

também incorporam os temas transversais, é preciso atentar a respeito do profissional que atuará com tais temas e, especificamente, com o tema orientação sexual<sup>6</sup>.

Desse modo, Sayão (1997, p. 269) questiona: “[...] E quem são, afinal, os responsáveis por uma educação sexual que permita uma visão consciente da sexualidade, a fim de que a sua vivência possa proporcionar mais saúde e bem-estar e menos sofrimento e dor?”

A sexualidade é vista, na maioria das vezes, como destinada ao privado, como função da família, não adentrando para o público, para a discussão coletiva, pois é tida como tabu e mito. Precisamos compreender que a sexualidade é inerente ao ser humano e, portanto, não fica do lado de fora da escola, pois está presente no modo de expressar de cada ser humano, nas relações que estabelece, nas opções que realiza; todas as pessoas têm uma relação com a sexualidade, que precisa ser respeitada.

Se o tema transversal orientação sexual é proposto no currículo escolar, então há espaço para que o/a professor/a possa trabalhar criticamente e intencionalmente no contexto cotidiano da escola, desse modo, quem de maneira direta e formal irá atuar com o/a discente será o/a docente dos diversos níveis de escolarização.

Pretendemos compreender as questões da sexualidade sempre atreladas à formação docente e assim explanar alguns estudos que abordam a formação do/a professor/a, pois se entende que o ser professor/a é construído e constantemente reconstruído, ninguém “nasce professor”, no decorrer da profissão nos constituímos professores/as, cada qual com suas especificidades e valores arraigados e instituídos e, conseqüentemente, os valores sexuais entram nessa discussão de que, “[...] aprender a ensinar implica um processo evolutivo, com fases e impactos distintos, em que o ponto de partida é a experiência adquirida enquanto aluno e o ponto de chegada a experiência enquanto professor [...]” (PACHECO; FLORES, 1999, p.47).

Para o sucesso da implantação de novas propostas, e mesmo de questões comuns do cotidiano escolar, é importante conhecer o/a docente em atuação e também são necessárias mudanças no sistema atual de ensino, iniciando pela própria formação docente, formação essa que busque discutir questões arraigadas em nosso sistema de educação. O/a educador/a deveria se apresentar como sujeito articulador para proporcionar tais mudanças, uma vez que possui uma relação direta no processo de ensino aprendizagem e ser compreendido em sua totalidade em seu contexto pessoal, social e cultural para ir além dele.

---

<sup>6</sup>Apesar de termos optado pela expressão educação sexual ao se referir ao trabalho que ocorre na escola, ao referirmos aos PCN utilizaremos o termo adotado pelo documento, orientação sexual.

Pacheco e Flores (1999) destacam que a escola é um local em que constantemente surgem problemas em geral e que os/a próprios/as docentes são os atores que melhor poderão intervir nas situações educativas reais para diagnosticar causas e efeitos e mesmo solucionar tais adversidades do cotidiano. Conseqüentemente, a formação docente, tanto acadêmica como a capacitação já no processo de atuação, são relevantes e importantes fontes de perspectivas de aprendizagem. No ambiente escolar, muitas vezes são chamados profissionais que não atuam no cotidiano para ministrarem palestras sobre temas relacionados à sexualidade, dentre eles/asse destacam médicos/as, enfermeiros/as, assistentes sociais, pois os envolvidos no processo de escolarização não se sentem seguros e capacitados para a tarefa, pois não compreendem, na maioria das vezes, que já estão executando essa tarefa, mesmo sem saber, acriticamente.

No tocante à sexualidade, muitas dúvidas e desconhecimento afloram na instituição escolar e frequentemente o/a aluno/a pede o auxílio, o esclarecimento do/a docente. Sayão (1997, p. 270), ao referir-se sobre as dúvidas que os pais possuem, destaca que, “E qual a esperança de muitos pais que se esquivaram do assunto quando estão com os filhos ou, pior acreditam que falharam com eles? A escola! [...] os professores poderão, com o saber que têm, dar a melhor orientação e as informações corretas sobre a sexualidade [...]”.

Em relação aos PCN, especificamente a proposta de orientação sexual, alguns autores, dentre eles Ribeiro (1990) Camargo e Ribeiro (1999), Figueiró (2006), Maia (2004), Nunes e Silva (2000), Leão (2009) declaram que se deva trabalhar a proposta nas escolas, pois é uma valorosa possibilidade de inserir a temática, mas ficam dúvidas sobre como os/as profissionais atuarão nessa área se não tiverem formação adequada para trabalhar criticamente os conteúdos. O ponto positivo em relação à inserção da orientação sexual pelo PCN é que a temática passa a ser vista como oficial para ser trabalhada pelo/a docente, e garante um respaldo à escola, até mesmo para dialogar com as famílias sobre a importância de se abordar o tema no contexto escolar.

Diante desse possível questionamento, convém abordarmos como a formação docente, e mais especificamente o/a professor/a, é visto/a por alguns dos autores que pesquisam essa vertente da educação.

Shulman (1986), dentre seus estudos, verifica como o professor administra sua classe e seu conhecimento. Para o autor, a primeira necessidade docente é o conhecimento do conteúdo que vai ser ensinado. Dentre as proposições sobre a docência apontadas pelo autor, destaca que ensinar é entender, sendo assim, o professor precisa dominar o conhecimento curricular para ensinar seus alunos, conhecimentos esses fundamentais para a prática docente

juntamente com questões de ordem metodológica, política, dentre outras. Shulman (1986) coloca que é importante investigar o que realmente o professor necessita para a docência e como consegue transferir seus ensinamentos.

Realizando um paralelo entre os pressupostos destacados por Shulman (1986) e as questões da sexualidade, podemos compreender que a formação docente, ainda iniciada nos cursos de graduação, é uma importante iniciativa para que realmente o/a docente tenha subsídios suficientes para trabalhar a sexualidade na atuação profissional. A inserção de disciplinas que abordem as questões em torno da sexualidade é fator fundamental, favorecendo uma formação que forneça as possibilidades de criticidade e cientificidade, pois é preciso que o docente da disciplina não repita o que está posto como modelo neoliberal de educação, de reprodução de valores estigmatizantes e da mídia, pois é preciso compreender que o espaço para disciplinas de educação sexual na formação docente não garantem a perspectiva emancipatória de educação sexual.

Leão (2009) destaca que a justificativa de urgência de preparo de profissionais que atuarão no contexto escolar em que abordarão a sexualidade é relevante, indo além da teoria, utilizando o estágio supervisionado como um importante elo de ligação entre teoria e prática. Ribeiro (2009) salienta que é preciso inserir disciplinas de sexualidade nos currículos do curso de Pedagogia e nas diversas licenciaturas, como intuito de formar professores/as que atuem com o trabalho de educação sexual, pois é preciso

[...] tirar o sexo dos banheiros das escolas, levando-o para a sala de aula. Inclusive porque, com certeza, as temáticas que hoje são prioridades dos projetos oficiais serão, com muito mais facilidade, assimiladas, compreendidas e multiplicadas, quanto mais existirem professores que tenham a oportunidade de debater, discutir e refletir a educação sexual em sua formação. (RIBEIRO, 2009, p.138).

Tardif (2002) destaca que para o exercício da prática docente há necessidade de um amálgama de saberes, provindos de diferentes fontes, mantendo relações diferenciadas sobre eles. Esses saberes, segundo o autor, classificam-se em saberes de “formação profissional”, adquiridos no processo de formação para ser professor; “saberes disciplinares” oriundos de diversos campos de conhecimento transmitidos no processo de formação docente através das disciplinas do currículo; “saberes curriculares”, que correspondem aos métodos, estratégias, objetivos ligados à instituição escolar, e finalmente “saberes experienciais”, que surgem da experiência docente e tomam força através dela, mas relacionados também à experiência individual e coletiva.

Conseqüentemente, ao tratarmos da formação docente e a educação sexual, esse é um fato primordial, pois o/a professor/a não deixa seus valores pessoais do lado de fora da escola; como destaca Guimarães (1995), se o/a docente não estiver preparado/a corre-se o risco de uma educação sexual repressiva, pois há a advertência de uma “deseducação sexual”.

Vários estudos apontam que a prática profissional dos/as professores/as envolve saberes, valores e pressupostos que são adquiridos antes de sua formação profissional, fazendo uma relação entre os conhecimentos adquiridos na graduação, profissionalmente e suas experiências enquanto alunos/as, desde o início do processo de escolarização (MIZUKAMI et al., 2002; NÓVOA,1992,1995; TARDIF; LESSARD,2007; ZABALZA, 1994). Podemos também destacar que

[...] uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos. Os professores são trabalhadores que foram imersos em seu lugar de trabalho durante aproximadamente 16 anos (em torno de 15.000 horas), antes mesmo de começarem a trabalhar [...]. (TARDIF; RAYMOND, 2000,p.4).

Este é um apontamento preocupante, pois enquanto aluno/a, mesmo no ensino fundamental e médio, acredita-se que os/as docentes não possuíram experiências significativas em educação sexual na perspectiva emancipatória. Pois, sempre existe educação sexual na vida de todos, inclusive dos docentes, assim pelos anos que, a maioria dos alunos das licenciaturas, estudaram nos níveis anteriores ao ensino superior, o percurso escolar nos mostra que havia escassas propostas oficiais de educação sexual no processo de escolarização. Portanto, experiências significativas intencionais sobre sexualidade no contexto escolar devem ter sido raras para os/as docentes que estão hoje atuando no processo de formação de crianças e adolescentes.

Assim, pode-se inferir que o saber docente também é subjetivo, formado pelo seu perpassar enquanto aluno/a que vai se amalgamando na história de vida enquanto professor/a. Suas concepções de vida perpassam a prática diária da docência, pois suas ideias de certo e errado se envolvem com toda sua vivência. O conhecimento do/a professor/a vai sendo construído e se integrando a seus conhecimentos e valores, e, assim, precisamos compreender que a sexualidade tem uma relação com valorização, sentimentos e inferências.

Portanto, antes de sensibilizar os/as docentes em formação ou capacitações continuadas, para realizar uma educação sexual no contexto escolar com seus alunos, é necessário o redescobrir de cada um, proporcionar o conhecimento de si próprio, enquanto

educador/ra e sujeitos sexuados. Proposta que pode ser feita nos próprios cursos de formação docente ou capacitações, através de dinâmicas, vivências, leituras, trabalhando inclusive o próprio princípio da alteridade, pois, “me movo como educador porque primeiro me movo como gente.” (FREIRE,1996,p.94).

Hoje, podemos perceber que a implantação dos PCN, especificamente da orientação sexual, ainda é desafio, pois após mais de quinze anos de sua implantação, muitas escolas não abordam sistematicamente essa temática. Como já citado anteriormente, poucos são os cursos de formação docente que em suas grades curriculares apresentam disciplinas em específico que qualifiquem para a atuação na área da sexualidade (LEÃO, 2009).

O/a educador/a precisa ter uma formação também pautada pela formação científica reflexiva e cidadã. Historicamente nos cursos de formação pouco se aborda a respeito das várias concepções políticas e sociais, muitas vezes se estabelecendo o currículo em concepções de neutralidade do trabalho educativo. É importante perceber que o próprio texto introdutório de apresentação dos temas transversais destaca os entraves que podem ocorrer na implementação de proposta de cunho social, no caso a orientação sexual, apresentando certa contradição entre formação, atuação consciente e profissional no espaço escolar.

O desafio aqui proposto é o de não esperar por professores que só depois de “prontos” ou “formados” poderão trabalhar com os alunos. Sem desconhecer a necessidade de investir na formação inicial e de criar programas de formação continuada, é possível afirmar-se que o debate sobre as questões sociais e a eleição conjunta e refletida dos princípios e valores, assim como a formulação e implementação do projeto educativo já iniciam um processo de formação e mudança [...]. (BRASIL, 1998b, p.32, grifos do autor).

É preciso reflexão crítica nas questões que abordam a sexualidade, pois mesmo que o/a educador/a no cotidiano não assuma, ou mesmo não perceba que influencia seus/suas alunos/asno tocante à temática, seus valores, medos, crenças, estão constantemente sendo transmitidos para os/as discentes. Conforme destaca Guimarães (1995, p. 100, grifos da autora),

[...] o professor e a professora são modelos de “homem” e “mulher” ao realizarem suas atividades com os alunos, embora nem sempre se sintam comprometidos com Educação Sexual. Como são sexuados e assumem papéis “masculino” e “feminino”, não importa se com maior ou menor correspondência à estereotipia social – são modelos sexuais. Na sua rotina de trabalho interativo com os alunos, estão sempre a revelar como lidam com a dinâmica interpessoal, como se aceitam, como se colocam frente à sexualidade própria e dos outros. Enfim, é a sua carga de medos, preconceitos, tabus, assim como de compreensão, aceitação e experiência de

prazer e alegria, que transparece em seu cotidiano profissional. O que é peculiar, porém, é que os professores em geral não assumem que estejam educando sexualmente, assim como o aluno também não tem consciência que está sendo influenciado pela escola, nessa área.

A influência docente deve ser levada em consideração ao abordar a capacitação intencional em educação sexual, pois deve buscar se desvencilhar também de preconceitos que possam existir, dentre eles, a homofobia e a misoginia, pois mesmo não admitindo, os estereótipos podem existir e intervir nas atitudes dos/as docentes sugestionando alunos/as, conteúdos e o próprio contexto educativo, mas, é preciso lembrar que valores e concepções pessoais não podem ser transmitidos aos/as alunos/as.

## **2.2 O Currículo e o contexto da formação docente na educação sexual**

Ao realizar as leituras dos trabalhos apresentados no ENDIPE, que se constitui como análise principal desse estudo, percebe-se a constante na citação do currículo enquanto elemento constitutivo que permeia as ações, concepções e práticas em torno da sexualidade e, especificamente, da educação sexual.

Ao tratar da sexualidade não podemos deixar de conceber o currículo enquanto algo concreto, inserido no sistema educativo, que efetiva fins sociais, culturais e econômicos de um determinado sistema, de uma determinada educação escolarizada e, conseqüentemente, de uma sociedade. O currículo, assim como conceito que temos de educação sexual, não é algo neutro, mas é uma construção cultural. Currículo em educação sexual, na perspectiva emancipatória, deve buscar ser compreendido como práxis, ou seja, prática e teoria, ação e reflexão. Caracteriza-se como um modo de organizar uma série de práticas educacionais no ambiente escolar e no sistema educativo, mas também possui uma relação com os referenciais teóricos que fundamentam o currículo em ação.

Quando se quer implantar intencionalmente a educação sexual na escola, o currículo é peça chave, pois também é componente central e atuará no projeto pedagógico escolar, se apresenta, ao ser escrito, como um documento que dá o norte, as diretrizes, as ações a toda a prática educativa. O pedagógico também é parte fundamental do currículo, e nele é importante que compreendamos as várias formas de abordagem da educação sexual para sinalizarmos como sistematizar esse tema na prática curricular, visão que o/a docente também deve buscar para estar ciente na sua atuação, pois,

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através dos seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos [...] . (LOURO, 1997, p.58, grifo do autor).

A escola enquanto espaço de conhecimento e também socializador, pois hoje exerce veementemente esse papel, é local preponderante para desmistificar valores ou mesmo para proclamar e manter preconceitos, na maioria das vezes não percebe que possui esse poder e se concentra somente em conteúdos pré-estabelecidos. A escola constitutiva por seus atores exerce um olhar *panóptico*, emprestando a expressão de Foucault (2009), nos contextos do ambiente escolar, pois tudo controla, vê e mesmo critica, domina corpos, mentes e tenta a todo custo subverter a sexualidade.

Ao abordarmos a sexualidade no contexto escolar, compreendemos que esta não fica do lado de fora da escola e constitui todos os sujeitos envolvidos no processo; o currículo escolar tem papel preponderante, pois, “O currículo é lugar, é espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia [...]. O currículo é documento de identidade.” (SILVA, 2011, p.150). Compreendemos que a sexualidade no contexto escolar sempre manifesta através das ações, reflexões e estudos e, portanto, tem relações com o modo que concebemos o currículo, pois faz parte do constitutivo docente e discente.

A dúvida se deve inserir intencionalmente educação sexual na escola já se torna algo ultrapassado, pois os próprios documentos oficiais deixam claro a necessidade de discutir o tema no contexto escolar. Muitos são os documentos oficiais que apontam essa necessidade e relevância, dentre eles podemos destacar os próprios PCN (BRASIL, 1997) e o Referencial Curricular para Educação Infantil (RCNEI), (BRASIL, 1998a) que são referenciais em todo o país, bem como o documento Gênero e Diversidade na Escola (GÊNERO, 2009), que é o material produzido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) tendo o objetivo de contribuir para profissionais da rede pública nas temáticas étnico-raciais, gênero e diversidade sexual, além do documento Brasil sem Homofobia (BRASIL, 2004), que tem o objetivo no combate a violência e discriminação a população Gays, Lésbicas, Travestis e Bissexuais (GLTB). Além de que

[...] a discussão da necessidade da Educação Sexual na escola deveria estar superada, uma vez que as consequências da ausência de informações sobre a sexualidade podem ser claramente sentidas em nossa sociedade, em que a liberdade de expressão é exercida quase na sua totalidade e a sexualidade mostrada na televisão em folhetins de forma fragmentada e frequentemente deturpada. Assim, é inconcebível que o tema não seja tratado de forma sistemática, consciente e responsável na escola. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.40).

Em muitos países a educação sexual intencional faz parte do constitutivo do cotidiano escolar; podemos destacar a Espanha, em que estes conteúdos são realidades multidimensionais e devem ser tratados de forma transversal; na Suécia é área disciplinar com direito próprio que deverá ser abordada dentro das várias disciplinas do currículo; na Inglaterra se apresentam diretrizes em torno da educação sexual, a parceria escola e família é a chave para o sucesso; nos Estados Unidos há criação de linhas orientadoras para a educação sexual compreensiva desde o jardim da infância ao 12º ano, o que equivale ao ensino médio no Brasil; e em Portugal ocorre abordagens pedagógica de temas de sexualidade humana, feita em contextos curriculares, extracurriculares, numa lógica interdisciplinar, privilegiando as diferenças entre os alunos (VILAÇA,2006).

Destacamos Portugal, pois possui leis específicas para a educação sexual nas escolas (Lei nº 60/2009) que “*Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar*” e determinou, posteriormente, a Portaria nº 196-A (2010) havendo uma normatização que a lei é capaz de estabelecer, pois, determina finalidades, conteúdos curriculares, carga horária, avaliação, busca parcerias locais e entre as famílias e também prescreve a inserção da temática no Projeto Político Pedagógico das Escolas. Contudo há críticas em relação à carga horária determinada e conseqüentemente a forma de implantação (RABELO; FERREIRA,2013).

Contudo, há de se destacar que é um salto qualitativo a inserção de uma lei específica para tal, pois enfatiza a importância de abordagem em disciplinas e momentos diversos.

1 — A carga horária dedicada à educação sexual é adaptada a cada nível de ensino e a cada turma.

2 — De acordo com os limites definidos no artigo 5.º da Lei n.º 60/2009, de 6 de Agosto, a carga horária não pode ser inferior a seis horas para os 1.º e 2.º ciclos do ensino básico, nem inferior a doze horas para o 3.º ciclo do ensino básico e secundário, distribuídas de forma equilibrada pelos diversos períodos do ano lectivo.

3 — São ainda imputados à educação sexual tempos lectivos de disciplinas e de iniciativas e acções extra curriculares que se relacionem com esta área (PORTARIA nº 196 – A , 2010)

Na América Latina podemos citar algumas iniciativas, embora tímidas e cerceadas pelas alas mais conservadoras da sociedade. No Chile desde 2000 há uma Lei que protege a mãe adolescente ou grávida no processo de escolarização; em 2005 o Ministério da Educação Chileno criou uma Secretaria Técnica para a Educação Sexual, determinando um orçamento e um plano de cinco anos para a *Educação da Sexualidade e Afetividade*, tendo estrutura curricular escolar obrigatória. Na Argentina, em 2006, foi implantado o *Programa Nacional de Educação Sexual Integral*, com objetivos próprios que envolvem questões de educação, saúde e gênero. O Uruguai se apresenta em seu perpassar como um dos países da América Latina menos desenvolvidos em relação a temática, assim em 2005 foi criada a *Comissão para a Educação Sexual* formada por representantes da área educacional e da saúde, sendo que em 2006 já deveria incluir nas escolas uma educação sexual formal subsidiada por essa comissão. No Peru foi criado em 2005 documento sobre *Orientações Políticas sobre Saúde dos Adolescentes* com o objetivo de garantir atenção aos adolescentes aos serviços públicos em relação às questões da saúde (DST, AIDS, gravidez precoce, violência doméstica, temática de gênero), não se referindo a própria questão da educação sexual (MATOS et.al., 2009).

Em 2013 o Ministério da Educação Colombiano lançou um programa de Educação sexual aos alunos, através de formação *on-line* aos professores/as, sendo que não era obrigatório, mas destinado aos docentes interessados em trabalhar educação sexual em sala de aula através de um política de diversidade e tolerância.

No Brasil como apontado, temos alguns documentos oficiais, e também como iniciativa importante os grupos de pesquisa das universidades nos diversos estados do país que abordam as várias temáticas em torno da sexualidade e educação sexual, tendo contribuições valiosas no tocante a pesquisa, ensino e extensão. Os grupos de pesquisa possibilitam a integração e fortalecimento de várias áreas de estudo e inclusive uma relação pertinente entre teoria e prática, pois além dos estudantes de graduação e pós-graduação é frequentado, geralmente, por profissionais da área da saúde e educação.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Dentre os Grupos de Pesquisa sobre a temática sexualidade apontamos alguns grupos: Em diversos campus da **UNESP** : Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX) Araraquara; Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Sexualidades (GESEXs) Rio Claro; Grupo de Estudos e Pesquisa “Sexualidade, Educação e Cultura”(GPESEC) Bauru. Diversos campus da **USP** - Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência (CAESOS) Ribeirão Preto; Grupo de Estudos em Direito e Sexualidade (GEDS) São Paulo. **Santa Catarina** - Grupo de Estudos em Educação Sexual (EDUSEX) – UDESC- Florianópolis **Rio Grande do Sul** - Grupo de Pesquisa “Sexualidade e Escola” (GESE) – FURG –Universidade do Rio Grande. **Mato Grosso do Sul** - O Grupo - e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero (GEPSEX) – UFMS - Campo Grande, dentre outros grupos de pesquisa dispersos por todo o país inclusive com participantes nos ENDIPE abordando a temática sexualidade. **Paraná** -

Assim, sinalizamos apenas iniciativas pontuais, pois pretendemos mostrar que a temática da sexualidade vem sendo discutida nos diversos países, destacando sua importância e mesmo necessidade eminente, apesar de serem por iniciativas tímidas.

É importante que saibamos, no decorrer da história, as formas de abordagens da educação sexual mais apresentadas no Brasil, pois desse modo podemos compreender o motivo de muitas de nossas atitudes na atualidade. Figueiró (1996a), em estudo realizado, destaca quatro formas de abordagem da educação sexual, qual seja, religiosa (tradicional liberadora); médica (díade saúde/ doença); pedagógica (aborda o processo ensino aprendizagem) e a abordagem emancipatória ou política. A autora declara seu vínculo à abordagem emancipatória ou política destacando sobre a abordagem,

[...] Embora também considere a relevância da vivência pessoal positiva e saudável da sexualidade, caracteriza-se essencialmente em perceber na educação sexual um compromisso com a transformação social, conduzindo as discussões para as questões que envolvem relações de poder, aceitação das diferenças e respeito pelas minorias. (FIGUEIRO, 2006, p.83).

Muitas vezes, no contexto escolar, essas abordagens ocorrem de forma a se tornar um emaranhado de conceitos e significações. Tem-se como exemplo o próprio PCN (BRASIL, 1997) que possui uma ênfase nas questões biologizantes atreladas às questões hormonais e aos aparelhos reprodutores femininos e masculinos. Outras vezes adentra-se para um enfoque histórico, pois afirma que a história e a arte, enquanto disciplinas constitutivas do currículo, podem abordar de maneira relevante a sexualidade nas diversas épocas, propõem o trabalho interdisciplinar, pois,

[...] conteúdos a respeito de como a sexualidade é vivida em diferentes culturas, em diferentes tempos, em diferentes lugares [...] permitirá compreender que, apesar de parecer algo tão “natural” o corpo e os modos de usá-lo, representá-lo e valorizá-lo tem determinações sociais de várias ordens: econômica, política e cultural.[...] Arte também pode abordar as representações do corpo expressas nas diferentes manifestações artísticas em diversas épocas e com isso relativizá-las. (BRASIL, 1998b,p.317-318, grifo do autor).

Na concepção emancipatória, a qual também nos unimos, destacamos que a sexualidade é permeada por um processo de produção histórica, cultural e social, não há nada estático, há uma transformação na produção do conhecimento. Dentre os adeptos dessa concepção podemos destacar Melo (2004), Nunes (1996, 2000), Ribeiro (1990), Silva (2001), dentre outros.

Convém destacar que no início da década de 1980 se encontram textos enfatizando a importância política em torno da educação sexual, “[...] foi Maria Amélia Azevedo Goldeberg (1988), em seu livro *Educação sexual: uma proposta um desafio*, publicado pela primeira vez em 1982, quem pioneiramente abordou direta e exclusivamente a vinculação entre Educação Sexual e compromisso político.” (FIGUEIRÓ, 1996a, p. 54).

A proposta de uma educação emancipatória ou política, além de considerar a relevância pessoal da sexualidade, concebe a educação sexual como caracterizada pela transformação social, englobando relações de poder, discussão e aceitação das diversidades e diferenças e respeito às minorias (FIGUEIRÓ, 2006).

Assim, a tolerância se torna elemento constitutivo de liberdade, construção ética, tendo respeito e ressignificação diante da diversidade cultural, contestando a hegemonia de culturas tidas como dominantes. Tolerância no sentido filosófico moderno, diferente do sentido dos dicionários, ou seja, tolerância que reconhece e respeita a diversidade cultural e a desigualdade social, contrapõe-se a hegemonia que massacra e marginaliza diferentes culturas e pessoas.

Esse envolvimento do/a docente nas questões sociais e culturais culminaria na consequente percepção da importância e valorização da educação sexual enquanto formação necessária do ser humano, assumindo concepções críticas e fundamentadas diante da temática da sexualidade. Paralelamente ocorre o desconstruir de rótulos em torno do sexismo e questiona o senso comum, indo além dos possíveis papéis impostos pela sociedade consumista e pela mídia, fator indispensável da escola na atualidade, pois,

Uma educação sexual emancipatória busca identificar os estereótipos sexuais e questionar seus fundamentos e representações. Visa educar para a compreensão significativa e igualitária da identidade de gênero, de modo a representar homens e mulheres, masculino e feminino, como formas psichistóricas da condição humana, iguais em sua potencialidade de *hominização* e humanização e diferentes em suas expressões culturais, subjetivas e ontológicas. Ser homem e ser mulher seriam duas formas de ser pessoa humana, de ser essencialmente humano, com características sociais e psicológicas distintas, a partir de identidades biológico-naturais diversas. (NUNES; SILVA, 2000, p.71, grifo do autor).

A escola, na maioria vezes, ainda está muito distante de ter uma educação sexual emancipatória ocupando posição à margem dos currículos e do contexto escolar, já que ainda se prende em binarismos, em certo e errado, em o que pode e o que não pode ser feito, estigmatizando corpos e mentes, principalmente nas questões da sexualidade. Britzman (2010) nos propõe a refletir sobre as formas de ensinar e aprender na escola, elaborar novas metodologias e técnicas de proposta de educação sexual, pois,

O que acontece com a sexualidade quando professoras e professores que trabalham no currículo da escola começam a discutir seus significados? Será que a sexualidade muda a maneira como a professora e o professor devem ensinar? Ou será que a sexualidade deveria ser ensinada exatamente da mesma forma que qualquer outra matéria? Quando os professores pensam sobre a sexualidade, o que é que eles pensam? Que tipo de conhecimento poderia ser útil para o seu pensamento? Existe uma posição particular que se deveria assumir quando se trabalha com o conhecimento da sexualidade? Quais são as relações entre o nosso conteúdo pedagógico e as interações que temos com os alunos e as alunas? (BRITZMAN, 2010, p.85).

Esse caminho precisa ser trilhado, e não há uma fórmula pronta, acabada, pois cada docente e grupo de alunos/as são únicos e devem ser respeitados diante de suas experiências e concepções, mas devemos compreender que no contexto escolar o/a professor/a faz ciência e, portanto, não pode passar seus valores e ideias arraigadas em moralismos ou preceitos religiosos e mesmo pessoais.

A educação sexual ainda ocupa uma posição marginal como apregoado por Figueiró (2006), e segundo a autora, tem sido caracterizada por diversos entraves, tais como: não é considerada questão prioritária na escola; quando realizada parte de iniciativas isoladas de somente alguns/as docentes; muitas ações quando praticadas nas escolas da rede pública partem de iniciativas pontuais de autarquias também públicas que na mudança de gestão não dão continuidade aos projetos; alguns professores/as criticam quando acontecem na escola, mas também não sugerem novas concepções e propostas. Esses são entraves que são encontrados, em várias instituições educacionais públicas e privadas e que na maioria das vezes não despertam questionamentos, pois são concebidos como condições normais do processo escolar cotidiano.

Discussões intencionais e sistematizadas precisam ser também abordadas nos cursos de formação, pois sem os/as profissionais se sensibilizarem com a necessidade e a importância de educação sexual no contexto escolar, esta não ocorre e quando acontece é somente de maneira a cumprir as regras impostas pelo sistema educacional; a educação sexual sistematizada no contexto escolar precisa ser uma regra e não uma exceção.

Os debates em torno da educação sexual, atrelados à formação docente, são amplos, pois além da formação inicial, ou seja, no momento da graduação, a formação continuada, seja através de cursos de extensão, Pós-Graduação ou capacitações pontuais é algo que ainda precisa, na maior parte do Brasil, ser conquistada. Sem uma formação científica crítica e relacionada com a prática não teremos muitos profissionais capazes de atuar na educação básica. Reis e Ribeiro (2002) destacam de maneira detalhada que a formação docente deve incluir

1- conhecimentos gerais de anatomia, fisiologia, psicologia do desenvolvimento, psicologia da infância e da adolescência, psicologia das relações humanas, aconselhamento psicológico; 2- conhecimentos específicos de sexualidade humana (desenvolvimento psicosssexual, sentimentos e funções, repressão sexual, doenças sexualmente transmissíveis); 3- conhecimentos didáticos que incluam didática da Orientação Sexual, dinâmica de grupo, metodologia do ensino; 4- que toda esta formação seja permeada com uma postura crítica que provoque reflexão e questionamentos, para que o educador sexual reformule suas atitudes frente ao sexo, reveja tabus e preconceitos e seja capaz de tratar com naturalidade os alunos suas questões polemicas. (REIS; RIBEIRO, 2002, p.93).

Concordamos com as propostas de formação dos autores citados e também acrescentamos que as questões de gênero e a diversidade sexual precisariam ser abordadas de maneira a propiciar reflexão rumo uma educação sexual emancipatória, bem como, o docente precisa perceber que a formação em sexualidade é um direito que culmina com a formação do cidadão. Ribeiro (2013) destaca que para a formação docente é preciso

[...] debater a questão da responsabilidade do professor e do profissional da saúde enquanto formadores de opinião sobre questões ligadas às práticas sexuais e a valores e atitudes vinculados ao sexo ; inserir a questão da cidadania como um dos pilares de sustentação da igualdade entre os sexos e de uma vida sexual plena com o mínimo possível de angústia, ansiedade, culpa e desinformação; a partir da cidadania, chegar ao debate e à reflexão das questões de combate à homofobia e à discriminação de gênero [...] (RIBEIRO, 2013, p.13-14).

A preocupação da cientificidade em torno da formação docente também é enfatizada por Nunes e Silva (2000, p.74), quando abordam que o “tratar da sexualidade na escola requer o alicerce de uma concepção científica e humanista desta sexualidade superando o senso comum, que é o nível primário do conhecimento social”. Os autores destacam que enquanto interlocutores de processos de formação de professores,

[...] a maioria aponta a ausência de fundamentos científicos na análise destes comportamentos, baseando-se sempre nos elementos mais conservadores e tradicionais de uma cultura repressiva e negativista do sexo e suas dimensões, reforçada pela família, pela religião e pela própria escola. (NUNES; SILVA, 2000, p. 74).

Portanto, é preciso romper com os modelos arcaicos de educação em que ocorre somente a transmissão de conhecimentos acabados e prontos, pois os preconceitos devem ser superados através da reflexão indo assim rumo à educação sexual emancipatória que acredita na transformação da sociedade através do cidadão participativo e íntegro.

A construção desse processo não é tarefa fácil, nem mesmo imediata e também nem de uma única pessoa, pois envolve a escola enquanto espaço constitutivo de formação, sempre contínuo e inacabado, pois os valores que subsidiam a sociedade estão em constante transformação, concebidos como processo dialético.

A educação sexual emancipatória refuta a escola enquanto espaço de opressão, repressão e local estático de conhecimento, pois se torna *locus* de busca, de conquista, ambiente em que os medos e as inseguranças, tão comuns na área da sexualidade, não são reprimidos e nem estigmatizados, mas discutidos para uma educação livre e consentânea.

### **2.3 A Temática de gênero e o contexto escolar**

Ao abordar a sexualidade não podemos deixar de destacar a temática de gênero, pois compreendemos que ambas estão interligadas, não podem ser dissociadas e fazem parte do constitutivo do ser humano e portanto, do cotidiano escolar. O conceito de gênero nas ciências sociais e humanas inicialmente foi criado para distinguir o sexo anatômico, macho e fêmea, ou seja, a dimensão biológica, maneira de ser homem e ser mulher, que é uma construção cultural.

Procuraremos abordar algumas situações que ocorrem no cotidiano das escolas, independente do nível de escolarização, pois desde a tenra idade é preciso abordar e proporcionar discussões em torno da temática de gênero, pois as relações são implicadas por representações culturais que também precisam ser questionadas e não aceitas passivamente, “A questão de gênero se coloca em praticamente todos os assuntos trabalhados pela escola, nas diferentes áreas.” (BRASIL, 1998a, p. 323).

Os documentos oficiais dos diversos níveis de escolarização RCNEI (BRASIL, 1998a), Parâmetros Curriculares Nacionais para os primeiros e últimos anos do ensino

fundamental (BRASIL, 1998b,2001) também indicam a relevância de trabalhar a temática de gênero, pois,

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e os lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença histórica tem privilegiado os homens na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. (BRASIL, 1998b, p.321-322).

Especificamente o termo gênero, como é utilizado hoje por muitos movimentos educativos, surgiu a partir dos movimentos feministas, final da década de 1960, como uma forma de respostas às desigualdades existentes entre os sexos, que eram marcadas pelo determinismo biológico (LOURO, 1997).O conceito de gênero nos faz refletir que as diferenças entre os sexos vão muito além, das diferenças biológicas/sexuais, são produções das construções sociais, históricas e culturais na qual cada indivíduo está inserido. O campo social entra em destaque e, conseqüentemente, a escola, pois,

[...] tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento- seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade –que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO,1997, p.27, grifo do autor).

Os profissionais do cotidiano escolar, ou seja, a escola é espaço privilegiado para se trabalhar com a diversidade de idades, sexos, raças e culturas, desse modo seus profissionais precisam compreender esse pressuposto e propor reflexões aos/as alunos/as que vão muito além dos binarismos existentes, homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, não se pautando em estratégias e práticas didáticas de vigiar e controlar. Desde o início do processo de escolarização, ou seja, na educação infantil, é possível perceber o quanto as construções sociais e culturais perpassam nas práticas educativas, dentre elas podemos destacar nos enfeites as cores rosa para meninas e o azul para meninos, os brinquedos estereotipados para os sexos, meninos carrinho e bola, meninas

boneca e miniaturas de casinhas, pois são práticas cotidianas e sem reflexão reproduzidas nas atividades escolares.

O constitutivo escolar precisa ter consciência que independente do nível de escolarização, sua atuação não é neutra, pois as ações, gestos e posturas também educam, além de que o currículo oculto muito contribui para a manutenção das relações de poder, da hierarquia e preconceito quanto às relações de gênero, inclusive a escola tem muito a contribuir para o combate a homofobia.

Os/as professores/as comumente atribuem disciplina e um melhor rendimento escolar às meninas e também justificam que meninos são mais propensos a aprender matemática do que as meninas e assim na escola vão se construindo um imaginário de desigualdade e hierarquias. Na pesquisa realizada por Carvalho (1999), outros objetos e símbolos são atribuídos a constituição do sexo, sendo o masculino atribuído ao superior e o feminino ao inferior, são atribuições que muitas vezes não se destinam somente ao corpo ou ao sexo, mas se tornam uma compreensão cultural e histórica.

Elena Belotti (1985), em pesquisa realizada, apresenta algumas representações em torno da masculinidade e feminilidade que circulam na sociedade; podemos destacar dentre elas as características apresentadas de que os meninos são vistos como indisciplinados, agressivos, independentes, não choram com facilidade, enquanto as meninas são vistas como meigas, obedientes, dependentes, emotivas, disciplinadas, “É inegável que há muitas diferenças nos comportamentos de meninos e meninas. Reconhecê-las e trabalhar para não transformá-las em desvantagens é papel de todo educador.” (BRASIL, 1998b, p.322).

Se as relações de gênero são dinâmicas e se transformam, precisamos compreender que não faz sentido o contexto escolar ficar valorizando e segmentando tais diferenças, mas o que é preciso é compreender que os alunos, independente do gênero que assumam, possuem características diferenciadas de aprendizagem.

Em outra pesquisa realizada por Carvalho (2009) sobre critérios de avaliação, os cadernos de alunos eram frequentemente citados, para a autora

[...] eles [referência aos cadernos] simbolizam de forma bastante intensa as diferenças de gênero atribuídas às crianças pelas professoras, verdadeira materialização de uma simbologia de masculino e feminilidade. Falando de meninos indicados para atividades de reforço as professoras mencionam a falta de cuidado com os cadernos, sua perda, desorganização, sujeira [...]. (CARVALHO, 2010, p.519).

Os cadernos enquanto material didático tem uma representação no imaginário docente de masculinidade e feminilidade e muitas vezes, se tornando a “profecia autorrealizadora” do bom aluno/boa aluna, pois o/a docente é capaz de propor inferências diante do apresentado, são formas sutis e veladas que também contribuem para estigmatizar alunos/as e reforçar as diferenças de gênero em um sentido pejorativo.

Os textos de alguns livros didáticos, apesar de muito já haver melhorado, são outros mecanismos de marcadores de gênero que estabelecem hierarquias no contexto das aulas das diversas disciplinas. Embora haja avaliação por parte do MEC através do Programa do Livro Didático proposto às escolas públicas, as mulheres são geralmente representadas em imagens de empregos subalternos, vistas como dependentes, e mesmo os textos não apresentam a mulher na condição atual da sociedade, ou seja, como provedora de boa parte dos lares<sup>8</sup>.

A linguagem também é um fato que deve ser contestado, pois os livros utilizam a versão masculina

A gramática da Língua Portuguesa não evidencia, não utiliza a forma feminina em sua linguagem, o que não ajuda a constituir as mulheres como sujeitos próprios. Elas sempre são consideradas a priori parte de uma categoria masculina (todos, professores, diretores, pais, alunos etc.). (GÊNERO, 2009, p.101).

Muitos dos livros paradidáticos oferecem uma opção pedagógica de trabalhar a reflexão de gênero e sexualidade na escola, como exemplo os livros de Marcos Ribeiro (2008, 2001), Iacocca e Iacocca, (1995) e Rocha, (1999), dentre outros, mas como já abordamos, a formação docente numa perspectiva crítica é fundamental para valorização desse trabalho.

Pesquisando em acervos de paradidáticos disponíveis para serem utilizados pelos/as docentes distribuídos às escolas públicas no ano de 2013, encontramos o livro de Márcia Leite (2011) que possui apontamentos que precisam ser questionados e problematizados para não serem vistos como verdades absolutas, pois a autora aborda o masculino e o feminino através das diferenças, havendo necessidade de uma desconstrução do relatado no livro, uma proposta de questionamento

Eu acho que as meninas são grandes fofoqueiras. Alguém conhece uma menina que consiga guardar segredo! [...]

---

<sup>8</sup>A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), ano base 2011, aponta que 37,4 % das famílias têm como referência uma mulher, tendo relação direta com a mulher no mercado de trabalho (CYMBALUK, 2012).

Os meninos são as pessoas mais nojentas que existem no mundo. Eles arrotam alto, [...] Tiram meleca do nariz [...]  
 O maior problema das meninas é que elas são muito delicadinhas ... São muito cheias de lacinho, de fivelinhas [...]  
 Algumas vezes os meninos conseguem ser um pouco legais, mas só as vezes.  
 (LEITE, 2011, p. 12 -24).

Com certeza existem livros que apresentam contextos de estereótipos sobre as questões de gênero, é preciso muitos questionamentos e reflexões sobre eles, pois se não houver formação crítica e conhecimento aprofundado em torno da temática, as situações passam despercebidas no cotidiano escolar e os/as alunos/as permanecem como reprodutores de preconceitos e valores distorcidos. Em estudo realizado por Petrenas et.al, (2014), no qual a temática de gênero é abordada através de paradidáticos por meio da realização de um trabalho com crianças, os autores destacam que

Nesse estudo (referência ao artigo) não tivemos a pretensão de expor modelos, mas apresentar caminhos para que os livros paradidáticos sejam aliados às propostas de estudo de gênero com crianças e mesmo nos cursos de formação de professores, sendo subsídios preciosos do trabalho docente, indo além dos padrões generificados e reprodutores de estereótipos. Além de que, tentamos propor a relação teoria e prática, minimizando dicotomias que são tão comumente queixas de docentes.  
 Enfim, buscamos expor condições de reflexão para uma proposta de trabalho em busca da equidade de gênero, combatendo preconceitos e acreditando na criticidade rumo à educação sexual emancipatória (PETRENAS, et.al, 2014, p.138-139).

Temos que abordar também as questões em torno da diversidade sexual, pois o documento do Programa “Brasil sem Homofobia” (BRASIL, 2004) tem como objetivo o combate à violência e a discriminação contra gays, lésbicas, transexuais e bissexuais (GLTB) e a promoção da cidadania homossexual. Dentre as várias propostas de ações, apresenta diretrizes educacionais a serem implementadas, assim destacamos,

Elaborar diretrizes que orientem os Sistemas de Ensino na implementação de ações que comprovem o respeito ao cidadão e a não discriminação por orientação sexual; fomentar e apoiar curso de formação inicial e continuada de professores na área da sexualidade; formar equipes multidisciplinares para avaliação dos livros didáticos, de modo a eliminar aspectos discriminatórios por orientação sexual e a superação da homofobia [...] apoiar e divulgar a produção de materiais específicos para a formação de professores [...]. (BRASIL, 2004, p.22).

Esses são alguns dos aspectos capazes de subsidiar e orientar a prática pedagógica, propondo ao docente um conhecimento crítico, pois não há docência neutra, pois nossos valores e concepções também circulam e determinam as aulas. A temática de gênero se apresenta como terreno profícuo para investigação, discussão e reflexão no contexto escolar, sendo possível, pelo debate, desconstruir valores e preconceitos arraigados tendo como meta a construção coletiva de uma sociedade mais equânime.

### **3 OS ENCONTROS NACIONAIS DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE) – ENQUANTO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DE IDENTIDADE E PESQUISA**

“As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras”.  
(LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21).

A perspectiva de investigar a temática da sexualidade nos ENDIPE surge devido à possibilidade de acreditar que há a indissociabilidade entre a díade ensino e pesquisa, pois as questões que permeiam o cotidiano educacional estão entrelaçadas a todo momento com a própria temática desse estudo e a formação docente, além da possibilidade eminente da historiografia sobre a temática da sexualidade no evento, contribuindo para os estudos de demais pesquisadores e pesquisadoras.

#### **3.1 O percurso de constituição do congresso ENDIPE: concretização do evento**

Esse tópico se constitui basicamente a partir da leitura dos cadernos de programação e anais dos ENDIPE, de três artigos que apresentam a mesa-redonda especial denominada “20 anos de ENDIPE” (CANDAU, 2000) que ocorreu em 2000 no Rio de Janeiro, no trabalho de Oliveira (2000) e na tese de doutorado de Ventorim (2005). Essa contextualização se faz importante para destacar a historicidade do ENDIPE, enquanto espaço constitutivo de pesquisa que apresenta particularidades e referências próprias, pois a sexualidade se apresenta enquanto recorte relevante das práticas pedagógicas no cotidiano escolar ali apresentadas.

O ENDIPE teve início em 1987, após a concretização de dois seminários: “Didática em Questão” e “Encontros Nacionais de Prática de Ensino” (ENPE). Entendendo esses dois eventos como práticas próximas e interligadas, os organizadores dos eventos decidiram realizar sua junção de modo que facilitasse a melhor articulação entre as áreas de Didática e Prática de Ensino, surgindo assim o Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, que já iniciou com a nomenclatura de IV ENDIPE (SOARES, 2000).

Segundo Ventorim (2005), os seminários “Didática em Questão” apresentaram como base a superação de uma didática meramente instrumental, tendo como uma de suas principais representantes a Professora Vera Maria Candau, e a partir de 1985 houve a tentativa de buscar

um novo objeto de estudo da didática enquanto disciplina, qual seja, o processo de ensino-aprendizagem; assim, o evento ocorreu em três momentos distintos - 1982,1983, 1985.

Ainda, segundo Ventorim (2005), citando a Professora Maria de Lourdes Rocha Lima, o ENPE se concretizou também através de três encontros – 1979, 1983 e 1985 -, as discussões mais pertinentes do evento foram as questões em torno da prática de ensino e dos estágios supervisionados. Sendo que em 1985 enquanto o seminário “Didática em Questão” ocorria na USP -SP o ENPE acontecia na PUC-SP, decidindo-se a partir dali pela junção de ambos.

Soares (2000) destaca que o campo pedagógico instituído pelo ENDIPE se torna bastante estruturado, ocupando diferentes posições, pois

[...] pode-se entender por “posições” os quatro grupos temáticos e seus respectivos agentes, que convivem nesse espaço que estou denominando *campo pedagógico*: a posição da Didática e seus agentes; a posição da Prática de Ensino e seus agentes; a posição da área de conhecimento sobre Formação de Professores e seus agentes e a posição do tema Currículo e seus agentes [...]. (SOARES, 2000, p.182, grifo do autor).

Dessa forma, abordar a temática da sexualidade, gênero e seus desdobramentos se torna algo importante e ao mesmo tempo singular, pois o tema apresenta no contexto escolar uma relação intrínseca com a forma como se ensina e se aborda a própria sexualidade, ou seja, sobre as várias questões didáticas e a prática do ensinar, além de pesquisarmos os temas da sexualidade a serem abordados no cotidiano, a constituição como ocorre um currículo voltado para a sexualidade, os responsáveis pela transmissão intencional desse conhecimento no espaço da escola e nos cursos de formação docente. Esse fato mostra a amplitude do congresso e a possibilidade de abordagem da temática sexualidade em suas diversas facetas, buscando caminhos integrados.

Segundo Ventorim (2005), a trajetória histórica do ENDIPE, por ocorrer no final dos anos de 1980, tem uma relação com um movimento de organização político-científica pelo qual o país vinha passando, pois se acrescenta ao momento as próprias organizações educacionais ou sociais<sup>9</sup>, pois o campo educacional é clamado a demandar pela área social.

Candau (2000a), ao contextualizar o cenário dos ENDIPE, também corrobora com o exposto

---

<sup>9</sup>A autora destaca “Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Associação Nacional de Pós-Graduação Pesquisa em Educação (ANPED), a Conferência Brasileira de Educação (CBE) e as diferentes organizações, partidos políticos, movimentos religiosos e populares” (VENTORIM, 2005, p.61-62).

Quando realizamos o primeiro encontro no início dos anos 80, o fazíamos em contexto de forte compromisso com a construção dos caminhos de democratização da sociedade brasileira. Para todos nós era exigência iniludível: articular os processos educacionais com as dinâmicas de transformação e recuperação do estado de direito no país. A área da educação passava por um momento de grande mobilização e ampla produção acadêmica. (CANDAUI, 2000a, p.150).

Oliveira (2000) também apresenta a relação do ENDIPE à ANPED em seus contextos acadêmicos-científicos e a sua própria influência no meio acadêmico, fato que vem se consolidando a cada ano do evento. A autora aborda que ambos os congressos, como movimentos científicos, tiveram marcos significativos nos cursos de formação de educadores.

À medida que os ENDIPE foram se constituindo enquanto importantes espaços de interlocuções de práticas e pesquisas, novas áreas do conhecimento foram se constituindo no congresso, inclusive destacando a importância das temáticas atuais com vistas a propor a questão da interdisciplinaridade. Um outro fator relevante ao abordar o ENDIPE se refere ao compromisso do mesmo com a questão da democratização dos saberes, e também, com a diversidade no contexto escolar, fato evidenciado mais nitidamente a partir dos anos 2000, através da releitura de seus cadernos de programação e mesmo dos próprios temas do evento.

Os quatorze encontros realizados ao longo desses vinte e sete anos vem de maneira abrangente apresentar o compromisso concreto do evento com a educação. A tabela 1 apresenta suas temáticas e os diversos locais de realização, sendo em sua maioria nas capitais dos estados.

**Tabela 1- Temática e local do ENDIPE por ano de realização**

Ano	Evento	Instituição Promotora /Local
2014	XVII ENDIPE – “A Didática e a Prática de Ensino nas Relações entre Escola, Formação de Professores e Sociedade”	UECE – Universidade Estadual do Ceará-Fortaleza /CE
2012	XVI ENDIPE – “Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade”	UNICAMP - Faculdade Estadual de Campinas – Campinas /SP
2010	XV ENDIPE – “Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais”	UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte/ MG
2008	XIV ENDIPE – “Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas”	PUC/RS- Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre/RS
2006	XIII ENDIPE – “Educação, Questões Pedagógicas e Processo Formativos: compromisso com a inclusão social”	UFPE _ Universidade Federal de Pernambuco – Recife /PE
2004	XII ENDIPE – “Conhecimento Local e Conhecimento Universal”	PUC PR _ Pontifícia Católica do Paraná – Curitiba/PR

2002	XI ENDIPE – “Igualdade e Diversidade na Educação”	UFG - Universidade Federal de Goiás – Goiânia /GO
2000	X ENDIPE – “Ensinar e aprender: sujeitos, saberes, espaços e tempos”	UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro –Rio de Janeiro /RJ
1998	IX ENDIPE – “Olhando a qualidade do ensino a partir da sala de aula”	USP – Universidade de São Paulo – Águas de Lindóia /SP
1996	VIII ENDIPE – “Formação e Profissionalização do Educador”	UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis –/SC
1994	VII ENDIPE – “Produção do Conhecimento e Trabalho Docente”	UFG _ Universidade Federal de Goiás – Goiânia /GO
1991	VI ENDIPE – “Perspectivas do trabalho docente para o ano 2000: qual Didática e qual Prática de Ensino? As bases teóricas de uma prática docente interdisciplinar: explicações necessárias”	UFRS _ Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Porto Alegre / RS
1989	V ENDIPE - “Organização do processo de trabalho docente: em busca da integração da Didática e da prática de Ensino”	UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte/ MG
1987	IV ENDIPE - “A prática pedagógica e a educação transformadora na sociedade brasileira”	Universidade Católica de Pernambuco – Recife/ PE
1985	III Seminário A Didática em Questão	USP – Universidade de São Paulo – São Paulo/SP
1985	III Encontro Nacional de Prática de Ensino	PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- São Paulo /SP
1983	II Seminário A Didática em Questão	PUCRJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro / RJ
1983	II Encontro Nacional de Prática de Ensino	USP – Universidade de São Paulo – São Paulo/SP
1982	I Seminário A Didática em Questão	PUCRJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro / RJ
1982	I Encontro Nacional de Prática de Ensino	Santa Maria /RS

Fonte: Dados elaborados a partir de ENDIPE (2012).

Um fator importante que ao analisar os cadernos de programação pode ser destacado em relação à temática sexualidade e que vem corroborar para a historicidade do evento é que somente o XV ENDIPE (2010) apresentou um eixo temático específico sobre sexualidade, denominado “Educação, Gênero e Sexualidade”, ficando sob a coordenação do Professor Anderson Ferrari da Universidade Federal de Juiz de Fora. E é justamente nesse congresso que houve o maior número de trabalhos sobre a temática sexualidade, que além de serem apresentados no eixo específico, estavam também dispersos pelos diversos subtemas do evento, aumentando o montante de trabalhos a serem analisados durante aquele ano.

### **3.2 A constituição dos indicadores dos ENDIPE VIII ao XVII**

Esse momento do trabalho tem como primeira finalidade apresentar a descrição dos elementos significativos que constituem os ENDIPE no período de 1996 a 2012, ou seja, dos ENDIPE VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI sobre a temática sexualidade, procurando compreender os diversos elementos constitutivos que compõem cada evento, a partir da pesquisa e análise do material selecionado, pois serão esses os congressos que se constituirão como objeto de estudo dessa pesquisa. Esse período ficou definido para a pesquisa por ter sido possível encontrar o material disponível para realização do levantamento de dados, bem como em pesquisa prévia no caderno de programação do VII ENDIPE não foi encontrado nenhum trabalho que abordasse a temática sexualidade, partindo para investigação do VIII ENDIPE.

Explicitamos também que os dados do XVII ENDIPE (2014) serão apresentados a partir do material disponibilizado no evento, pois no momento de finalização dessa Tese não tínhamos os textos completos para maior pesquisa, leitura e análise, proposta que será apresentada futuramente em trabalhos posteriores conforme houver o envio do material. No entanto, apresentamos indícios do XVII ENDIPE que servirão de dados preliminares para pesquisas, não fazendo parte os textos para análise.

Outro propósito relevante ao realizar essas diversas abordagens refere-se à constituição das possíveis relações entre os diversos ENDIPE e seus pesquisadores, apontando dados significativos do evento que possam corroborar com a temática estudada, apresentando uma explanação mais detalhada do período estudado como um todo. Devemos considerar que na análise de cada ENDIPE em específico outros dados do evento serão apresentados.

Os objetivos dos ENDIPE foram descritos na íntegra, pesquisados através dos anais e cadernos de programação e também através da síntese exposta pela página inicial do ENDIPE 2012; somente os objetivos do ENDIPE 2014 foram elaborados através da leitura do caderno de resumos, pôsteres e painéis (ENDIPE, 2014).

A leitura dos objetivos foi capaz de indicar a abrangência do evento tendo como eixos articuladores a Didática e as diversas Práticas de Ensino atrelados a formação docente e também das questões oriundas do próprio contexto escolar. No decorrer dos anos é possível perceber que os objetivos foram se ampliando, além de focar a formação docente, também a visibilidade da democratização dos diversos níveis de escolarização como um todo, educação

básica e ensino superior, pois as pesquisas se tornam essenciais e fontes articuladoras na integração e formação do conhecimento.

A partir do XIII ENDIPE, os objetivos apresentam a diversidade como ponto importante dos eventos, tanto no sentido de valorização da inclusão, como também na emancipação do indivíduo, rumo a um processo de escolarização mais democrático em consonância com as principais legislações educacionais vigentes, quais sejam, Constituição de 1988 (BRASIL, 1988) e LDBEN 9394/96 (BRASIL, 1996).

Segue os objetivos dos ENDIPE que fazem parte dessa pesquisa.

Quadro 1 – Objetivos dos ENDIPE

ENDIPES	OBJETIVOS
VIII	“Propiciar um espaço efetivo para discussão da problemática do ensino, da formação e da profissionalização do educador a fim de ampliar e aprofundar o debate sobre diferentes enfoques para melhor orientar e interpretar a prática”.
IX	“Reunir professores e pesquisadores das áreas de Didática, Prática de Ensino e afins, para refletir sobre a qualidade de ensino a partir da sala de aula, considerando as tensões e necessidades postas na atualidade a esses campos de conhecimento”.
X	“Analisar os novos desafios da prática pedagógica na perspectiva da multiplicidade de sujeitos, saberes, espaços e tempos, presentes na sua dinâmica e as implicações desta problemática para a formação de professores e para as políticas públicas na área de Educação”.
XI	“Promover o debate e a difusão de questões teóricas e práticas relacionadas com o ensino e a pesquisa da didática e prática de ensino e campos conexos de conhecimento”
XII	“Promover a análise e a crítica da pesquisa e do conhecimento na sua relação com a Didática e as Práticas Pedagógicas”. Específicos “Abrir espaços para contribuições inovadoras na área da Didática e Prática de Ensino; Analisar criticamente o conhecimento existente e suas possibilidades na prática pedagógica; Criar condições para o debate e a interação entre os pesquisadores da Didática e Prática de Ensino”.
XIII	“Promover a discussão e a análise crítica da educação, das questões pedagógicas e dos processos formativos, através da produção científica do conhecimento das áreas da Didática; Práticas de Ensino e das áreas conexas, na perspectiva de fortalecer os discursos/práticas da pedagogia escolar e social, mas ampla, tendo como norte da inclusão social”. Específicos “Analisar as práticas pedagógicas na sociedade contemporânea, contemplando os diferentes espaços educativos formais e não formais; Socializar o conhecimento produzido nas áreas relacionadas ao ENDIPE; Contribuir para o avanço da pesquisa e da produção do conhecimento nas áreas da Didática e da Prática de Ensino”
XIV	“Estimular a reflexão sobre a produção de conhecimento sistematizado das questões pedagógicas e dos processos formativos no âmbito da Didática e da Prática de Ensino, em diálogo com os campos conexos, em distintos espaços, lugares e culturas”. Específicos “Refletir sobre o conhecimento produzido no âmbito das práticas educativas e da formação de professores em distintos espaços, lugares e culturas; Aprofundar análises sobre o campo científico da didática nas suas relações com os demais referentes epistemológicos educacionais; Ampliar a compreensão das trajetórias da produção das práticas e das teorias que envolvem os processos de ensinar e aprender em diferentes espaços e lugares”

XV	<p>“Socializar resultados de estudos e pesquisas no campo da didática e das práticas de ensino em diálogo com diferentes áreas da educação”.</p> <p><b>Específicos</b></p> <p>“Discutir a produção acadêmica no campo das práticas educativas, do trabalho docente e da formação do professor;</p> <p>Possibilitar a articulação de grupos de pesquisas que trabalham com temáticas similares;</p> <p>Ampliar a compreensão sobre a produção teórica e sobre a aplicação em diferentes espaços educativos”.</p>
XVI	<p>“Socializar e debater pesquisas, estudos e propostas sobre a Didática e as Práticas de Ensino como áreas de conhecimentos específicos, áreas disciplinares e áreas de práticas pedagógicas, destacando seu compromisso público e político com resultados do ensino e da aprendizagem de qualidade nos diferentes níveis e modalidades, no contexto da definição e das implicações do Plano Nacional de Educação (2012-2022)”.</p> <p><b>Específicos</b></p> <p>“Enfatizar a Didática e as Práticas de Ensino como áreas epistemológicas e disciplinares que têm por finalidade fundamentar os processos de ensino e de aprendizagem como uma prática de inclusão social e emancipação política;</p> <p>Compreender os processos de ensino e de aprendizagem em diferentes âmbitos, níveis e modalidades educacionais e explicitar novos sentidos que a contemporaneidade nos provoca;</p> <p>Ressignificar o processo de formação docente, concebendo a Didática e as Práticas de Ensino como áreas da Pedagogia, que têm o ensino e a aprendizagem, historicamente situados, como objeto de investigação;</p> <p>Fomentar o relato, o debate e a socialização de pesquisas, estudos e práticas pedagógicas, que contribuam para a produção de conhecimentos na área, e a valorização da qualidade da escola pública;</p> <p>Reiterar e fortalecer o compromisso histórico dos educadores com a qualidade da escola pública, laica e gratuita”.</p>
XVII	<p>“Debater a Didática e as práticas docentes na perspectiva de uma relação comprometida com a produção do conhecimento, no intuito de intervir na melhoria da educação, da escola, do campo da formação e do trabalho docente, entre outros.</p> <p>Contribuir para melhor compreender a docência em seu contexto, seus determinantes, possibilidades e limites, sem perder de vista a defesa do ensino como prática reflexiva, a valorização da produção do saber docente, a pesquisa como elemento de formação do professor, a unidade teoria e prática e a ênfase no papel da teoria na formação docente”.</p>

Fonte: Elaboração da autora com base em ENDIPE (2012 e 2014).

Quanto ao formato organizativo dos ENDIPE, apesar de não haver uma descrição explícita sobre essa questão, não há um padrão sobre as atividades que foram realizadas em cada evento, sendo um marco a apresentação de trabalhos pelos participantes (Tabela 2) que se tornaram objeto de nossa análise.

A modalidade painel<sup>10</sup> que se apresenta em todos os ENDIPE é organizada, geralmente, a partir da apresentação de três trabalhos, podendo ter mais de um/a integrante por trabalho. Os trabalhos de um determinado painel estão integrados por uma temática

<sup>10</sup>A **Modalidade Painel** se constitui pela apresentação oral dos participantes com posteriores perguntas do público. Geralmente é organizado através de três trabalhos com um eixo articulador, a modalidade painel é de extrema relevância no congresso. Nos Congressos ENDIPE a modalidade painel é diferente da modalidade pôster, que se caracteriza somente pela apresentação em banner exposto ocorrendo perguntas pelo público e/ou examinadores.

específica, havendo de início uma apresentação dos trabalhos através de um breve texto, elaborada pelo/a pesquisador/a responsável do painel.

**Tabela 2 – Formato organizativo dos ENDIPE**

<b>ENDIPE</b>	<b>Formato Organizativo</b>
<b>1996</b>	<b>Conferências, simpósios, mesas-redondas, <i>workshops</i>, painéis, comunicações</b>
<b>1998</b>	<b>Painéis, <i>pôsteres</i>, troca de experiências, mesas redondas, simpósios vídeos e <i>softwares</i></b>
<b>2000/2002/2010</b>	<b>Conferências, simpósios, painéis e <i>pôsteres</i></b>
<b>2004</b>	<b>Conferências, simpósios, palestras, painel aberto, painel fechado, <i>pôsteres</i></b>
<b>2006</b>	<b>Painéis, <i>pôsteres</i>, minicursos, conferências, simpósios e reuniões de trabalho</b>
<b>2008</b>	<b>Simpósios, painéis, <i>pôsteres</i>, salas de conversa, conferências</b>
<b>2012</b>	<b>Sessão Especial, mesas-redondas, simpósios, painéis, <i>pôsteres</i></b>
<b>2014</b>	<b>Sessão de Abertura ( conferência), sessões especiais, simpósios, painéis, <i>pôsteres</i></b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Como se pode perceber, algumas formas de atividades foram sendo alteradas no decorrer dos anos do congresso, fato que não encontra explicações nos anais e cadernos de programação, mas percebemos que as modalidades painel e *pôster* são basicamente as que permaneceram no evento, provavelmente devido proporcionar maior participação de pesquisadores e também momentos de discussão e reflexão.

#### 4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

*“Por isso que agora vou assim no meu caminho.  
Publicamente andando  
Não, não tenho caminho novo.  
O que tenho de novo é o jeito de caminhar.  
Aprendi ( o caminho me ensinou) a caminhar cantando  
Como convém a mim a aos que vão comigo  
Pois, já não vou mais sozinho”.*  
Thiago de Mello (2001, p. 99 ).

A pesquisa que se faz presente foi concebida a partir da participação das reuniões do grupo Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX) acerca da necessidade de se compreender como a temática da sexualidade vem sendo abordada nos diversos congressos e eventos, utilizando uma metodologia que contribuísse para sistematizar o que há de produção nessa área.

Acreditamos que os ENDIPE são capazes de apresentar um quadro teórico, que faz uma relação com a prática contida na educação nos diversos níveis da educação básica, nos cursos de formação universitária, mais enfaticamente a pedagogia, cabendo investigar seu processo de constituição, destacando seus pressupostos e referências. Desse modo, é possível realizar um processo de análise qualitativa dos trabalhos de maneira a organizar, categorizar e sistematizar os saberes e experiências produzidas no campo da sexualidade na trajetória do evento por diferentes sujeitos, que se constituem em diversos locais e práticas distintas.

Tendo como objeto da pesquisa o ENDIPE, esse estudo fará um resgate historiográfico da educação sexual no Brasil, fazendo um recorte das pesquisas na contemporaneidade do tema da sexualidade no congresso, no período que abrange de 1996 a 2012. Por ser um evento na área de didática e prática de ensino, constata-se a abertura para a temática em questão. O ENDIPE se apresenta como um evento de grande magnitude em educação realizado no Brasil, tendo uma relação intrínseca e histórica com a formação docente e as práticas cotidianas das escolas (SOARES, 2000).

Através da pesquisa realizada foi possível levantar um total de 152 trabalhos localizados entre os VIII e XVI ENDIPE sobre a temática sexualidade e gênero. O levantamento do material do ENDIPE sobre a temática foi feito de forma a abranger um número significativo de publicações e referenciando-se a um período de dezesseis anos, pois não consideraremos para análise o XVII ENDIPE (2014). Esta coleta de dados e análise configura-se um recurso singular e significativo que se consolida no contexto educacional, pois até o momento não foram encontradas similaridades com o tema dessa pesquisa através

de buscas realizadas no Banco de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Portal CAPES, bibliotecas da USP, UNICAMP e UNESP, sendo encontrados estudos concluídos que abordam a sexualidade relacionados à formação docente e aos diversos níveis e modalidade de ensino da educação básica e até mesmo do ensino superior, mas não especificamente ao congresso ENDIPE.

Consideramos o ENDIPE como o evento mais significativo que consolida as áreas de Didática e Prática de Ensino no Brasil, possibilitando caminhos para novas pesquisas e discussões nas diversas áreas. Destacamos especificamente a sexualidade enquanto elemento constitutivo do ser humano e conseqüentemente do processo de escolarização, pois a escola educa corpos e mentes, como esclarecem Altmann e Martins (2008, p. 1) “ O longo processo de escolarização dos corpos de jovens e crianças educa também sua sexualidade, através de pedagogias muitas vezes sutis e discretas, nem sempre explícitas ou intencionais, mas, não por isso, menos eficientes e duradouras.”

No decorrer dos anos de constituição, os ENDIPE vieram tomando mais força e se constituindo enquanto campo privilegiado de pesquisa

Os ENDIPEs, ao congregarem a comunidade científica da área educacional, situam-se como parte integrante do movimento histórico de reconfiguração da educação. Esse movimento compreende a articulação de ações político-acadêmicas de instituições, associações científicas, entidades, professores e pesquisadores no Brasil e reúne e expressa, sobremaneira, um quadro de produção científica passível e possível de ser investigado sistematicamente. (VENTORIM, 2005, p.54).

Pesquisar a sexualidade nos ENDIPE se torna pertinente e instigador, pois com certeza apresentará dados significativos para demais pesquisadores/as fomentarem suas investigações e, possivelmente, para implementação de políticas de intervenção no campo da sexualidade e da formação docente.

#### **4.1 Justificativa, problemática e objetivos da pesquisa**

As questões relacionadas à sexualidade e mais enfaticamente atreladas à formação docente vêm se apresentando como tema de pesquisas, ganhando maior notoriedade a partir da década de 1990 (FIGUEIRÓ, 2006; LEÃO, 2009; RIBEIRO, 1990, 2004, 2008), podendo dizer que um dos fatores que contribuíram para esse aumento foi a implantação dos

Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e especificamente do tema transversal orientação sexual.

Entendendo a sexualidade como um dos fatores relevantes da formação integral do ser humano, o contexto escolar enquanto palco constitutivo de ações e pesquisas ganha destaque nessa área, pois é o local que crianças e adolescentes passam a maior parte do tempo convivendo com a diversidade de várias ordens.

Inferindo-se que as questões da sexualidade fazem parte do contexto da educação básica, conseqüentemente há necessidade de formação intencional de docentes nessa vertente, pois a formação precisa estar atrelada às questões que pautam mudanças, no sentido de uma concepção de educação sexual emancipatória.

A justificativa dessa proposta de trabalho está centrada em analisar as pesquisas desenvolvidas e apresentadas nos ENDIPE, atrelando questões da sexualidade, gênero, orientação/educação sexual e formação docente, reconhecendo que é imprescindível uma revisão do material apresentado em tal evento sobre os temas supracitados, pois o mesmo se apresenta como congresso de destaque no meio acadêmico científico.

A partir das leituras e pesquisas paralelas que temos realizado, pelo interesse pessoal pelo tema e devido à atuação por vários anos em curso de formação docente, alguns questionamentos se fazem pertinentes para subsidiar o presente trabalho e nortear o caminho a ser percorrido para atingirmos os objetivos propostos, conforme já exposto outrora:

- a) Como os temas da sexualidade, gênero e educação sexual tem sido apresentados nos ENDIPE no período estudado?
- b) Quais são os temas específicos relacionados à sexualidade e gênero que mais são investigados nas pesquisas apresentadas no congresso?
- c) Os professores sabem lidar com questões práticas da sexualidade no cotidiano escolar?
- d) Até que ponto essas pesquisas apresentam subsídios sistematizados para os professores trabalharem com a sexualidade no cotidiano escolar?

O presente estudo tem como objetivo descrever, organizar e sistematizar a elaboração do Estado da Arte na área da sexualidade e gênero e analisar o papel na institucionalização do conhecimento sexual e da consolidação da educação sexual enquanto tema de pesquisa, ensino e extensão a partir da análise dos trabalhos apresentados no ENDIPE no período de 1996 a 2012.

Vinculados ao objetivo principal, o trabalho possui como objetivos complementares:

- a) Averiguar a contribuição do ENDIPE na história da institucionalização dos saberes sexuais contemporâneos;
- b) Apresentar as principais características das abordagens da educação/orientação sexual que vem sendo apresentadas nos ENDIPE no decorrer da realização de tal congresso;
- c) Verificar como os pesquisadores dos ENDIPE percebem a intervenção em educação sexual e a inserção do campo da sexualidade na área da Educação, bem como na formação de professores.

Conhecer como é entendida a temática da sexualidade num período de dezesseis anos, a partir da análise de cento e cinquenta e dois trabalhos, configura-se como material significativo para pesquisas e estudos posteriores, abrangendo diversas facetas e particularidades em torno do tema estudado.

#### **4.2A pesquisa Estado da Arte enquanto opção metodológica**

Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico através da elaboração do Estado da Arte ou Estado do Conhecimento, que apresenta como proposta mapear, analisar e discutir a produção acadêmica sobre a temática da sexualidade apresentada nos ENDIPE de 1996 a 2012, pois, “Elaborar o estado da arte de alguma área do conhecimento significa fazer o levantamento, a sistematização e avaliação do conhecimento produzido nessa área, podendo constituir-se numa contribuição ao avanço da ciência.” (FIGUEIRÓ, 1996a, p.51).

O Estado da Arte se apresenta como uma proposta de trabalho de caráter detalhado e descritivo, pois se trata de uma pesquisa de levantamento e avaliação do conhecimento sobre tema determinado, no caso em questão a sexualidade e gênero, incidindo na educação/orientação sexual. Assim, nesse trabalho, o Estado da Arte será a realização de revisão dos estudos e pesquisas realizadas nos ENDIPE na área da sexualidade. Luna (2002) refere-se ao Estado da Arte como tendo por objetivo a descrição

[...] do estado atual de uma determinada área de pesquisa: o que já se sabe, quais as principais lacunas, onde se encontram os principais entraves teóricos e /ou metodológicos. Entre as razões que tomam importantes estudos com esse objetivo, deve-se lembrar que eles constituem uma excelente fonte de atualização para pesquisadores fora da área na qual se

realiza o estudo na medida em que condensam os pontos importantes do problema em questão (LUNA, 2002, p.82-83).

A relevância na realização de estudos dessa natureza permite resgatar a construção científica de determinada área, como justificam Soares e Maciel (2000, p. 6, grifos dos autores)

[...] da mesma forma que a ciência se vai construindo ao longo do tempo, privilegiando ora um aspecto ora outro, ora uma metodologia ora outra, ora um referencial teórico ora outro, também a análise, em pesquisas de ou “estado do conhecimento” produzidas ao longo do tempo, deve ir sendo paralelamente construída, identificando e explicitando os caminhos da ciência, para que se revele o processo de construção do conhecimento sobre determinado tema, para que se possa tentar a integração de resultados e também, identificar duplicações, contradições e, sobretudo, lacunas, isto é, aspectos não estudados ou ainda precariamente estudados, [e] metodologias de pesquisa pouco exploradas.

Pesquisas dessa ordem se fazem necessárias, pois a percepção que invade os pesquisadores é que há necessidade de novos conhecimentos e buscas em determinada área possíveis de apresentarem progressos na pesquisa e que esse conhecimento necessita ser explorado e sistematizado para estudos posteriores.

As pesquisas denominadas Estado do Conhecimento, segundo Ferreira (2002), descrevem a questão do caráter de investigação, tendo para o pesquisador dois momentos bastante distintos: a princípio quando entra em contato com a pesquisa e a produção acadêmica tendo o objetivo de mapear e organizar os dados, e mesmo quantificá-los; o segundo refere-se à organização desse material para ir além das perguntas iniciais que suscitaram seus objetivos da pesquisa, fazendo uma relação e estudo com a teoria apresentada e existente.

O presente estudo define-se, do ponto de vista metodológico, por uma abordagem de pesquisa qualitativa, devido seu caráter de descrição, análise e síntese; contudo referente à pesquisa quantitativa objetiva organizar o número de trabalhos apresentados bem como os assuntos pertinentes que possam ser quantificáveis, aplicando recursos estatísticos para elaboração de gráficos facilitando o entendimento do tema tratado, podemos citar como exemplo: número de trabalhos apresentados por ENDIPE, regiões da federação de origem do trabalho, distribuição dos trabalhos quanto à forma de apresentação (simpósios, painéis, *pôsteres*), dentre outras questões que podem ser trabalhadas e analisadas.

Em relação ao método qualitativo haverá uma descrição detalhada sobre os trabalhos apresentados, para análise e discussão com base na fundamentação teórica sobre o tema, havendo uma relação entre os dois métodos de tratamento dos dados, ou seja, qualitativos e quantitativos, pois, “Podemos considerar, nas ciências humanas, duas abordagens básicas: as quantitativas e as qualitativas. Estas duas abordagens não são excludentes, mas podem aparecer de modo complementar em uma pesquisa.” (MACHADO; LEMES, 2011, p.14).

Assim, podemos entender que essa proposta de trabalho consiste em uma pesquisa de natureza analítico-descritiva, pois haverá uma descrição detalhada sobre os trabalhos apresentados para que se possa atingir os objetivos propostos.

#### 4.2.1 Percurso metodológico

Como relatado no decorrer dessa proposta, o material do ENDIPE foi pesquisado e analisado para que se atinjam os objetivos descritos; para tanto, o período do evento investigado será de 1996 a 2012.

O primeiro momento do trabalho foi marcado pela procura exaustiva do material dos ENDIPE, primeiramente através da pesquisa em *locus* nas faculdades de Educação da USP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Faculdade de Educação da UNICAMP. Nessa fase, mesmo sendo pouco o material encontrado, deu-nos o desejo de adentrarmos ainda mais nos emaranhados da investigação, mas também tendo, já a priori, a percepção da dificuldade que seria a busca de todo material a ser pesquisado.

Posteriormente, tomamos a iniciativa de entrar em contato com os organizadores<sup>11</sup> dos ENDIPE, uma vez que tínhamos esses dados devido a pesquisas em *sites* de busca. Esse contato nem sempre foi frutífero e optamos por nos comunicar com as bibliotecas das universidades promotoras do evento; mesmo que o estabelecimento tivesse o material, era necessário se deslocar até a mesma, independente da distância para ficar em posse do que seria disponibilizado. Nesse momento, colegas que moram nos estados de realização do congresso se dispuseram a alocar o material para pesquisa, ajuda extremamente valiosa, inclusive diminuindo o tempo de coleta inicial de dados.

---

11 - Nossos agradecimentos em especial aos pesquisadores que nos dispuseram seus materiais particulares do ENDIPE para a pesquisa: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Romilda Teodora Ens. (PUC-Curitiba) e Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Helena Altmann (Faculdade de Educação da UNICAMP).

Diante de todo esse percurso pelo qual passamos para conseguir o material de pesquisa, sugerimos que seria pertinente que houvesse um banco de dados de todo Congresso ENDIPE tendo alguma universidade como sede, por se apresentar como um congresso de amplitude nacional e que há uma diversidade de temas a serem pesquisados.

Podemos considerar que nosso material inicial de pesquisa foi a partir das informações contidas nos cadernos de programação dos congressos contidos nas universidades pesquisadas, nos anais que conseguimos através de compra em sebos ou mesmo através da participação nos eventos e nos *CD-Rom*. Desse modo, o material do ENDIPE como *corpus* da produção científica sobre educação merece ser atenciosamente investigado e analisado, justificando o recorte dessa proposta de trabalho pelas questões que embasam a sexualidade no contexto pedagógico e didático. Através da leitura e análise desse vasto material coletado vem se tornando possível conhecer o pensamento e os embates, as pesquisas a respeito da sexualidade, principalmente atrelados à formação docente.

Inicialmente foram utilizados os seguintes critérios para levantamento dos resumos e textos que tratam da temática dessa proposta de trabalho, começando a pesquisa pelos cadernos de programação do congresso.

- 1) Primeiramente, a verificação dos títulos dos artigos que tenham ao menos uma dessas palavras: sexualidade, gravidez, sexo, educação sexual, orientação sexual, homossexualidade, gênero, feminino/masculino/homem/mulher<sup>12</sup> e ensino de ciências<sup>13</sup>;
- 2) Realização da leitura dos artigos completos, quando disponível, procedendo um trabalho de fichamento para posterior análise e discussão. Convém destacar que para análise de vinte trabalhos só foi possível encontrar o resumo, tendo treze virgula cinco décimos por cento (13,05%) o índice de resumos do total de trabalhos;
- 3) No fichamento, além da síntese do trabalho, foi elaborado uma ficha descritora (apêndice A) para descrever pontos relevantes do trabalho para que também possam ser discutidos, quantificados e qualificados, sendo que o estudo qualitativo sobrepõe ao quantitativo.

---

<sup>12</sup> Quando surgiram palavras próximas, como por exemplo menino/menina, aluno/aluna, a seleção foi a partir das palavras chaves do resumo, no caso se houvesse as palavras apresentadas no critério de seleção dos títulos.

<sup>13</sup> A inclusão da palavra ensino de ciências justifica-se devido os docentes trabalharem questões da sexualidade na disciplina de ciências.

A análise dos dados, de caráter qualitativo, centrar-se-á na metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Segundo a própria autora, a análise de Conteúdo pode ser definida como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

Dentre as várias técnicas da análise de conteúdo, esta pesquisa privilegiou a Análise Temática. Sendo assim o “[...] tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado, segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura [...]”(BARDIN, 1977, p.105).

Laville e Dione (1999) destacam que a Análise de Conteúdo não se caracteriza por ser um método rígido, no sentido de um receituário com etapas pré-determinadas, sendo que [...] “Alguns (referência aos pesquisadores) censurarão o caráter subjetivo das inferências necessárias ao que se pode retorquir que toda análise compreende uma parte de interpretação em que o pesquisador explicita o que ele entende dos resultados obtidos” (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 217). É possível o/a pesquisador/a construir unidades de análises a partir de sua compreensão, sempre seguindo a cientificidade e o contexto em que os “elementos” aparecem.

Outro dado relevante em relação à análise de conteúdo refere-se às perspectivas quantitativas e qualitativas, que não se opõem e podem ser complementares, cada qual auxiliando a sua maneira o/a pesquisador/ra a realizar sua tarefa, qual seja, buscar e retirar as significações essenciais do texto estudado, pesquisado (LAVILLE; DIONE, 1999).

Assim, ao realizar uma análise temática, é necessário reconhecer núcleos de sentido, que são manifestos devido à frequência ou à própria presença, apresentando significação para o objeto em estudo. Qualitativamente, mostram-se através de valores, inferências e preceitos referentes aos textos pesquisados. Pois, segundo Minayo (2000, p. 209, grifo do autor)

Fazer uma análise temática consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem uma comunicação cuja presença ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado. Ou seja, tradicionalmente, a análise temática se encaminha para a contagem de frequência das unidades de significação como definitórias do caráter do discurso. Ou, ao contrário, qualitativamente a presença de determinados temas denota os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso.

Em primeiro momento, após a leitura dos textos e do fichamento que foi realizado, ocorreu a “leitura flutuante”. Assim, estabelece-se contato extenuante com o material coletado, surgindo assim pressuposto, palavras-chave, recortes capazes de proporcionar a categorização do material em questão para análise fundamentando nos estudos sobre sexualidade e gênero que embasam a pesquisa.

Em seguida, dentro da análise temática, privilegiou-se a construção de grades de significações para cada tema considerado relevante para o estudo da sexualidade e gênero, analisando o material de cada ENDIPE em específico, ou seja, por ano de realização do evento.

A análise de cada ENDIPE em específico ocorreu a partir da leitura e fichamento do material de cada ano do congresso, pois foram elaborados dados sobre a organização também obtidos pelos cadernos de programação: local do evento, data, coordenação geral, instituições promotoras, instituições financiadoras, números do evento (participantes e apresentação de trabalhos), formato organizativo, eixos temáticos ou subtema e um quadro referencial para análise de todos os trabalhos apresentados no evento naquele ano. Esse quadro apresenta o nome do autor, universidade / faculdade a qual pertence, palavras-chave do trabalho apresentadas no resumo, tipo de apresentação que realizou no evento, trabalho completo ou resumo, eixo ou subtema em que atuou no evento. Muitos desses dados são passíveis de quantificação, possibilitando a elaboração de gráficos para melhor detalhamento do Congresso como um todo. Explica Richardson (1985, p. 29) que os métodos quantitativos se caracterizam

[...] pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas [...], desde as mais simples, como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.

A análise qualitativa dos dados buscou compreender e considerar os resultados encontrados em cada trabalho analisado, em particular e no evento, em determinado ano como um todo, pois como afirma Minayo (2000), a pesquisa qualitativa trabalha com um universo de significações.

Minayo (2000) destaca que as relações entre abordagens qualitativas e quantitativas demonstram que as duas metodologias não são incompatíveis e podem ser integradas num mesmo projeto. Pois, neste caso, os números terão o propósito de apresentar, com maior

clareza, dados como um todo do período estudado e que conseqüentemente serão descritos de forma sistematizada.

Algumas considerações precisam ser esclarecidas para dar suporte às posições e decisões tomadas na relação do processo de coleta e investigação dos dados, são elas:

- a) Ocorreu a busca insistente pelos trabalhos completos para leitura, através de compra de livros do ENDIPE em sebos, contato com pesquisadores, busca em acervos de bibliotecas; pois temos a plena consciência que esse fato garantiria o maior aprofundamento nos trabalhos. Quando não obtivemos sucesso nesse intento, optamos por considerar o resumo;
- b) A procura de todo o material, que foi um tanto difícil, foi persistente, sendo que realmente apresentamos o que foi possível encontrar, não havendo descarte do material encontrado;
- c) Realizamos a constante checagem do material e das informações contidas nos documentos (cadernos de programação, livros, *CD-ROM*), sendo feito ao menos duas verificações de cada material;
- d) Como já explicitado anteriormente, mesmo que o evento apresentasse o subtema ou eixo temático específico referente à sexualidade, fato que ocorreu somente no XV ENDIPE, foi realizada a coleta dos dados em todo o material encontrado nas diversas modalidades;
- e) No caso da modalidade painel, devido aos critérios utilizados para levantamento dos trabalhos a serem analisados, a princípio partimos do título do painel e posteriormente do título de cada trabalho em específico, sendo que muitas vezes os painéis não apresentaram três trabalhos para serem analisados, pois os critérios de seleção não contemplavam os selecionados. Por exemplo, o título do trabalho em específico não apresentava nenhuma das palavras selecionadas para início da pesquisa, portanto, devido ao título do painel, partimos para verificação das palavras chave do resumo do trabalho específico; somente assim utilizávamos o texto ou fazíamos o descarte.

Esperamos ter esclarecido mais sistematicamente as fases dessa pesquisa que possui um material tão vasto e pleno de considerações.

## 5 AS TEMÁTICA SEXUALIDADE E GÊNERO E A PRODUÇÃO ACADÊMICA NOS ENCONTROS NACIONAIS DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO

*“[...] hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem e que amanhã  
recomeçarei a aprender.  
Todos os dias desfaleço-me e desfaço-me em cinza efêmera: todos os dias  
reconstruo minhas edificações em sonhos eternos”.*  
Cecília Meireles (1979, p.141).

Descrever, compreender e analisar a temática da sexualidade e gênero nas diversas modalidades de trabalhos apresentados nos ENDIPE nesses dezesseis anos se torna o objetivo iminente dessa seção. Ao nos depararmos no processo de tentativa de (re) apropriação do texto de demais pesquisadores, pretendemos apresentar os caminhos e os sentidos expressos nos diversos trabalhos que constituem o evento estudado.

Compete destacar a preocupação em manter a exatidão dos assuntos abordados em cada trabalho, pois se corre o risco de, nesse processo de interpretação, característico do processo de Estado da Arte, preocupar-se demasiadamente com a síntese e se adentrar por redundâncias desconexas do trabalho original.

O nosso universo de pesquisa são os 152 trabalhos que foram encontrados no decorrer dos anos determinados do evento para esse estudo (1996 – 2014), conforme explicitado na tabela 3.

**Tabela 3 – Número de trabalhos nos ENDIPE sobre a temática sexualidade (1996 – 2014)**

Ano	Modalidade Pôster	Modalidade de Painel	Modalidade Workshop	Modalidade de Simpósio	Modalidade Comunicação	Modalidade de Mesa Redonda	Porcentagem de trabalhos em relação ao total	Total
<b>1996</b>	-	5	1	–	3	1	6,5%	<b>10</b>
<b>1998</b>	1	1	–	–	–	–	1,3%	<b>2</b>
<b>2000</b>	2	4	–	–	–	–	3,9%	<b>6</b>
<b>2002</b>	2	2	–	–	–	–	2,6%	<b>4</b>
<b>2004</b>	6	4	–	–	–	–	6,5%	<b>10</b>
<b>2006</b>	9	2	–	–	–	–	7,2%	<b>11</b>
<b>2008</b>	13	12	–	–	–	–	16,4%	<b>25</b>
<b>2010</b>	31	31	–	3	–	–	42,7%	<b>65</b>

2012	9	10	-	-	-	-	12,5%	19
Total							100%	152

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentando as categorias de estudo sexualidade, gênero e educação sexual, tendo como universo de pesquisa o material do VIII ao XVI ENDIPE, torna-se pertinente caracterizar as fontes e documentos que foram utilizados como materiais para pesquisa. A opção de utilizar o estudo documental bibliográfico ocorre devido à importância de concretizar um levantamento consistente sobre o material da sexualidade e também gênero, pois compreendemos como assuntos que se complementam, expressos nesse congresso que é de grande abrangência nacional, e que aparentemente, até o momento, encontram-se dispersos para futuras pesquisas e estudos.

Precisamos considerar que nos últimos cinco anos os anais dos congressos foram disponibilizados na íntegra, ou seja, na totalidade de trabalhos apresentados no evento, ampliando assim o campo de pesquisa, pois a forma de anais, e mais especificamente nos dois últimos eventos, *e-books*, impulsionam o acervo de publicações e se torna mais uma via de acesso à compreensão dessas temáticas no campo educacional, abrangendo a diversidade de particularidades que as pesquisas podem vir a se constituírem.

Considerando para análise do VIII ao XVII ENDIPE, os materiais para essa pesquisa são cadernos de programação, anais e *CD-ROM*, de cada ENDIPE cabe fazer a caracterização dos documentos analisados para este estudo :

- a) VIII ENDIPE (1996): anais (volume I) contendo apresentação do evento, resumo dos painéis, *workshops* e comunicações; anais (volume II) registra a apresentação do evento, pronunciamento de abertura do encontro proferido pela Professora Leda Scheibe e textos na forma completa de conferências, simpósios, mesas redondas. Há informações no material, que parte dos textos foram publicados em disquetes na forma completa, mas o mesmo não foi encontrado. Portanto, nesse evento a pesquisa partiu para a análise somente a partir dos resumos;
- b) IX ENDIPE (1998): anais I (volume 1) contém apresentação do evento, resumos de mesas redondas, simpósios, painéis, troca de experiências, *softwares* e vídeos; anais (volume II) resumos dos *pôsteres*; anais (volume III) apresentação, sessão de abertura, conferência de abertura, textos de mesas-redondas, avaliação do evento. Há informações que os painéis foram

publicados na forma completa em disquete, mas o mesmo não foi encontrado, e, portanto para esse evento só foi possível a pesquisa a partir da análise dos resumos;

- c) X ENDIPE (2000): anais contendo apresentação do evento, programação com todos os trabalhos que foram apresentados nos respectivos eixos e resumo com painéis e *pôsteres*; *CD-ROM* contendo os textos completos dos painéis; os textos dos *pôsteres* somente foram publicados em forma de resumo;
- d) XI ENDIPE (2002): livro contendo a programação, além de resumos de painéis e *pôsteres*; *CD-ROM* contendo os textos completos dos painéis e *pôsteres*;
- e) XII ENDIPE (2004): anais em forma de *CD-ROM* contendo dados da apresentação e organização do evento; resumo e texto completo das modalidades painéis (aberto e fechado) e de *pôsteres*, quatro livros contendo textos de convidados e um livro contendo textos de conferências noturnas, discurso de abertura e palestra de encerramento;
- f) XIII ENDIPE (2006): caderno de programação contendo apresentação, informações gerais e cronograma geral; *CD-ROM* com síntese da programação, dados da temática e coordenação, textos completos de painéis e *pôsteres* e plano e resumo dos minicursos, três livros impressos com textos completos dos simpósios e conferências;
- g) XIV ENDIPE (2008): caderno de programação contendo dados do evento e dados dos trabalhos a serem apresentados, *CD-ROM* (Anais) contendo resumo e trabalho completo de painéis e *pôsteres*, proposta de trabalho das salas de conversa, *CD-ROM*(Livros) contendo quatro livros com resumos e textos completos;
- h) XV ENDIPE (2010): caderno de programação contendo apresentação, comissão organizadora, programação geral, *CD-ROM* com textos completos de painéis e *pôsteres*; posteriormente foram enviados por *e-mail* seis livros que expressam os noventa simpósios que ocorreram no evento com textos completos;
- i) XVI ENDIPE (2012): caderno de programação do evento contendo apresentação, dados da comissão organizadora, objetivos e explicações dos eixos temáticos e programação do evento, *e-books* contendo os três livros do evento com os resumos e textos completos dos simpósios, painéis e *pôsteres*.

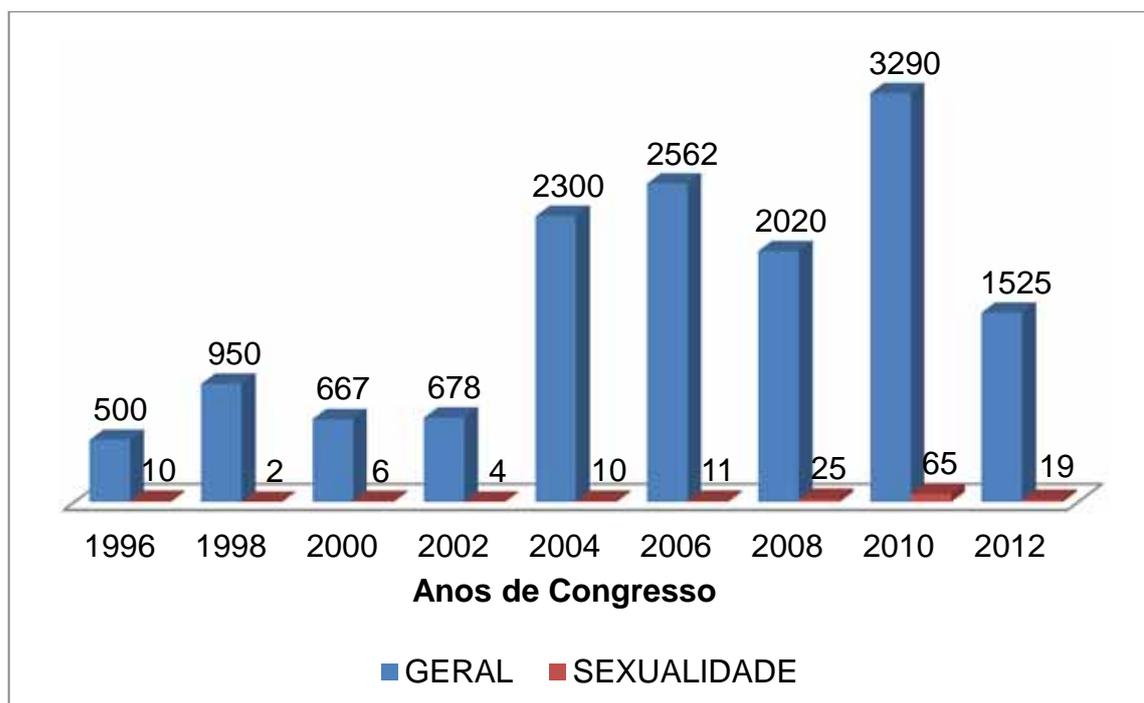
- j) XVII ENDIPE (2014): *site* do evento, caderno de programação do evento e caderno de resumos dos textos dos pôsteres e painéis apresentados, no caso do painel somente o texto de apresentação ( que discorre sobre os três trabalhos). O caderno de resumos e o caderno de programação também contém dados da comissão organizadora, carta de boas-vindas, justificativa, objetivos, explicação dos eixos temáticos e programação do evento ( material entregue no evento).

Assim, para o estudo da materialidade dos ENDIPE utilizamos todos os materiais disponíveis do VIII ao XVI ENDIPE, sempre privilegiando o texto completo e somente utilizando a versão resumo quando não foi possível encontrar o texto na íntegra apesar das diversas tentativas de busca, sendo, desse modo, a fonte de investigação. As formas de divulgação, *folders*, *sites* dos eventos e principalmente as apresentações poderiam enriquecer muito o processo investigativo, mas não fazem parte do material de estudo dessa pesquisa.

De início serão apresentados dados, em sua maioria quantitativos, relacionados à temática sexualidade e gênero no período como um todo. Posteriormente, cada ano do congresso será detalhado, descrevendo dados sobre cada evento, uma breve síntese sobre cada trabalho e posteriormente a Análise de Conteúdo Temática daquele determinado ano do ENDIPE, constituindo, assim, na denominação de conhecimentos e práticas referentes às temáticas sexualidade e gênero.

É importante notar que a cada ano o congresso vem aumentando o número de participantes, pois mesmo que não sejam apresentadores de trabalhos, há os interessados em conhecer as demais pesquisas e estudos que vem ocorrendo nas diversas áreas da educação. Entretanto, as apresentações de trabalhos pelos pesquisados, mesmo que não especificado, parece ser o ponto chave do evento, conforme mostra o gráfico 1.

Gráfico 1 – Quantidade de trabalhos apresentados por ENDIPE



Fonte: Elaboração da autora.

Podemos observar através do número de apresentações de trabalhos, distribuído nas suas diferentes modalidades de apresentação, que na maioria dos casos ocorreu de maneira crescente, havendo decréscimo de trabalhos nos anos de 2000, 2008 e 2012. Algumas modalidades na forma de apresentação de trabalho não persistiram no decorrer dos ENDIPE, dentre elas, troca de experiências, sessões plenárias, vídeos, *workshops*, *software*, mesas-redondas, enquanto que a modalidade painel e *pôster* são as que permanecem como forma de apresentação e divulgação das pesquisas<sup>14</sup>.

Pelos dados do gráfico 1 percebemos que a temática da sexualidade passa a ter maior representatividade a partir de 2004, provavelmente devido à inserção específica do tema transversal orientação sexual proposto pelos PCN (BRASIL, 1997, 1998b, 2001), pois mesmo que o documento tenha sido instituído seis anos antes do evento, demanda tempo para que seja proclamado enquanto objeto de pesquisa e faça parte das práticas escolares dos docentes, tema de muitas pesquisas que são apresentadas no congresso. Mesmo que de maneira tímida, a sexualidade é discutida nos eventos, constituindo-se como objeto de pesquisa, pois o ENDIPE se constitui como um espaço aberto para divulgação de estudos, não necessitando de associação ou filiação para que se possa divulgar suas pesquisas no evento, sendo assim, os

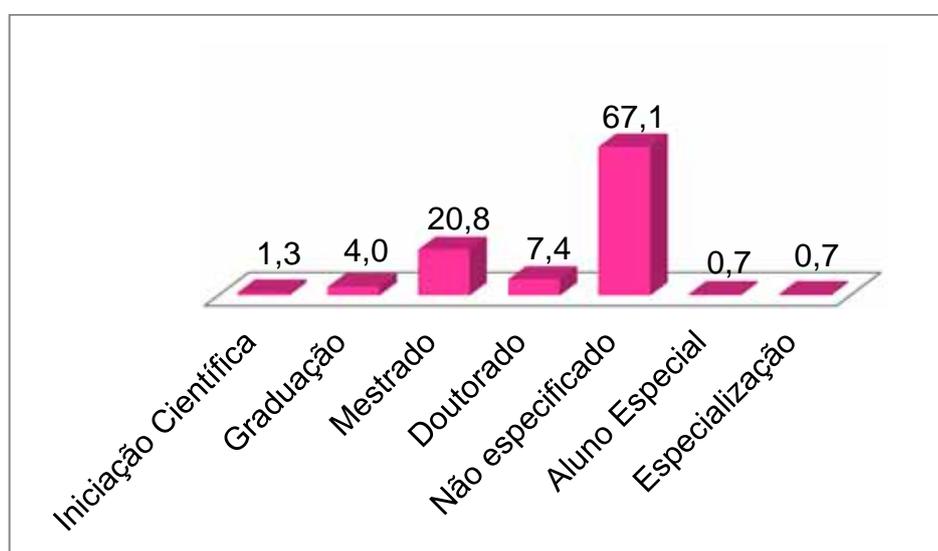
<sup>14</sup>Anterior ao ano de 2000 muitos textos apresentados nos ENDIPE foram disponibilizados em forma de disquete e mesmo realizando a pesquisa em diversas bibliotecas e com pesquisadores, os mesmos não foram encontrados.

trabalhos são frutos de investigações de pesquisadores, grupos de pesquisas, gestores e professores.

O ENDIPE 2010 foi o que ocorreu o maior número de apresentação de trabalhos e também maior número de apresentações sobre a temática sexualidade, fato que pode ser atribuído por ter um subtema/eixo específico denominado “Educação, Gênero e Sexualidade”.

O gráfico 2 traz dados referentes aos pesquisadores que apresentaram trabalhos nos congressos.

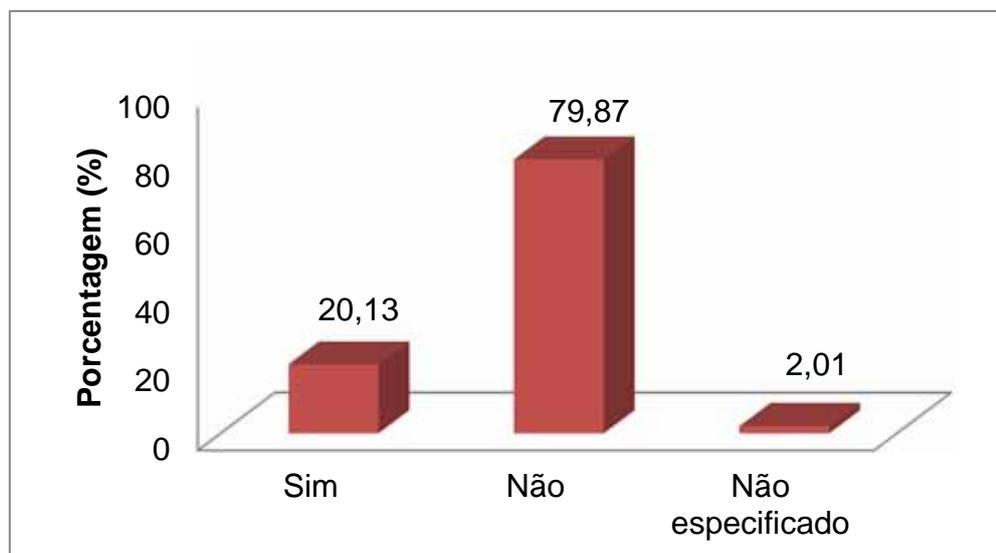
Gráfico 2 – Porcentagem do nível de pesquisa apresentado nos ENDIPE sobre Sexualidade e Gênero



Fonte: Elaboração da autora.

Devido ao ENDIPE apresentar como marco a apresentação de pesquisas, muitos dos trabalhos estão em fase de estudos de mestrado, doutorado e graduação; um fato que se mostra pertinente é que muitos dos apresentadores de trabalhos não especificam esse tipo de dado (99 trabalhos), como explicitado no gráfico 3.. É notório, que a maioria dos trabalhos possuem vínculo com universidades/faculdades na apresentação dos resumos ou textos completos, ficando indagações: qual e como seria essa ligação com as instituições que mencionam na apresentação dos textos? Podemos inferir que podem ser docentes, alunos em fase de pesquisa ou ex-alunos com pesquisas concluídas.

Gráfico 3 – Trabalhos vinculados a mais de uma instituição que abordam as temáticas Sexualidade e Gênero



Fonte: Elaboração da autora.

**Observação** – **Sim** representa vínculo com mais de uma instituição e **Não** vínculo com uma única instituição.

A maioria dos trabalhos estão vinculados somente a uma única instituição (118 trabalhos), sendo um número bastante expressivo diante do montante de trabalhos que estão vinculados a uma ou duas instituições (30 trabalhos). Provavelmente, os apresentadores de trabalhos exercem funções em universidades/faculdades diferentes, ou mesmo atuam profissionalmente em uma instituição e são estudantes em outra, fato que pode ser constatado por inferência, pois não há dados que comprovem essa questão. Entretanto, esse dado se torna relevante, pois o trabalho na forma escrita fica descrito com dados das instituições.

Quando há identificação de duas instituições, uma geralmente é pública e a outra privada. No tocante a ter um único vínculo, que se apresenta como a maioria dos trabalhos, parte deles apresenta como tendo o auxílio de bolsas de pesquisa, fato que faz inferir o discutido no gráfico 2, que os participantes são estudantes, mas não apresentam o nível que se encontram de seus estudos, pois esses dados, provavelmente, se encontram na ficha de inscrição do evento, no qual não temos acesso.

Nos anos pesquisados dos ENDIPE, foram encontrados cento e noventa e um apresentadores de trabalhos sobre a temática sexualidade e gênero (apêndice B), sendo importante destacar que muitos apresentadores participam em mais de um ENDIPE, além de no mesmo congresso apresentarem mais de um trabalho. Os pesquisadores que participaram de mais ENDIPE foram os representados no quadro 2.

Quadro 2 – Pesquisadores da temática Sexualidade e Gênero que mais tiveram participação nos ENDIPE

	Quantidade de ENDIPEs	Quantidade de trabalhos apresentados	Instituição Vinculada	Principais Temáticas abordadas
Pesquisadores Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Sonia Maria Martins de Melo	5	6	UDESC	Formação Docente em Educação Sexual ( EaD, Lato Sensu, Pedagogia); Educação Sexual Emncipatória; Sexualidade da Mulher 3 <sup>a</sup> idade.
Prof <sup>o</sup> Dr <sup>o</sup> Carlos José Martins	3	3	UNESP	Pensamento de Michel Foucault; crítica ao Tema Transversal Orientação Sexual referente a temática corpo e moral.
Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Cláudia Maria Ribeiro	3	3	Universidade Federal de Lavras	Educação Sexual na infância e formação docente; Projeto sobre abuso sexual; Equidade de gênero através do PIB
Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Constantina Xavier Filha	3	3	UFMS	Sexualidade da docente; Sexualidade e Gênero na formação docente
Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Helena Altman	3	4	FESB/UNICAMP	Tema Transversal ( orientação sexual) e caráter normativo na escola; Estudos sobre Foucault, Educação Infantil e Sexualidade, estudos do corpo e moral
Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Maria Rita Assis César	3	4	UFPR	Abordagem da Sexualidade a

	<p>parir dos estudos de Foucault; Crítica ao PCN – Orientação Sexual_ abordagem biologizante ; Preconceito docente (homossexuais)</p>
--	---

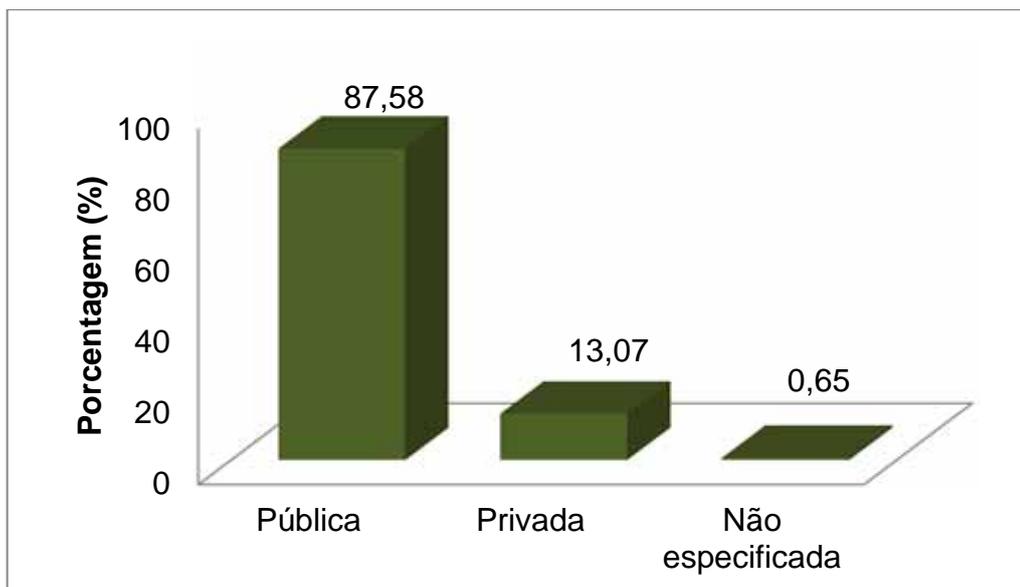
Fonte: Elaboração da autora.

Esses são pesquisadores que se tornam referência de vários trabalhos apresentados no próprio evento e na abordagem da temática sexualidade. Não citamos aqui os demais apresentadores de trabalho, mas não significa a falta de relevância de seus estudos e propostas.

Pela falta de dados e informações sobre os próprios autores dos trabalhos, não foi possível identificar maiores informações sobre os participantes que apresentaram trabalhos, especificamente quanto à titulação e função, fato que poderia ser um indicador na própria constituição da materialidade sobre a temática da sexualidade. Esses dados, geralmente, são disponibilizados nas fichas de inscrição, que não são disponíveis posteriormente e se tornaria inviável realizarmos esse levantamento.

Destacamos que as instituições públicas se apresentam com maior representatividade de vínculo de pesquisadores e estudos sobre a temática abordada (132 trabalhos); muitos desses apresentadores já se encontram na posição de docentes das instituições, mas muitos são estudantes, sendo que há trabalhos vinculados a duas ou mais instituições., referência gráfico 4.

Gráfico 4– Instituição vinculada do/a autor/ra do trabalho das temáticas Sexualidade e Gênero

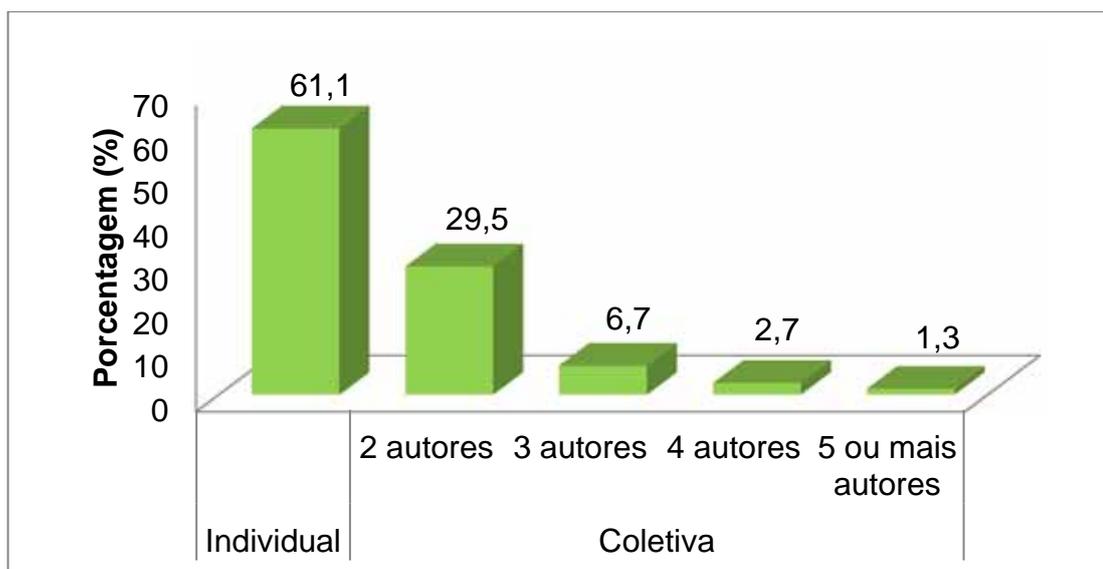


Fonte: Elaboração da autora.

As instituições privadas, ainda que de maneira menos expressiva, são representadas por 13,07% (20 trabalhos), inclusive porque somente nos últimos anos houve ampliação dos cursos de Mestrado e Doutorado oferecidos por instituições particulares, e mesmo assim esse número ainda é reduzido. Infelizmente, mesmo que de modo reduzido, alguns autores não especificaram vínculos com instituições (01 único trabalho). Poucos foram os trabalhos descritos em ambas as instituições por apresentarem dois vínculos, sendo considerados em ambas.

Um dado relevante é quanto à autoria dos trabalhos, pois 90 trabalhos são apresentados de forma individual, conforme pode-se visualizar no gráfico 5, seguido por outro percentual significativo - a autoria em duplas (43 trabalhos), sendo as demais autorias em grupos divididas de maneira menos expressiva, como explicitado no gráfico 5.

Gráfico 5 –Autoria dos trabalhos sobre Sexualidade e Gênero



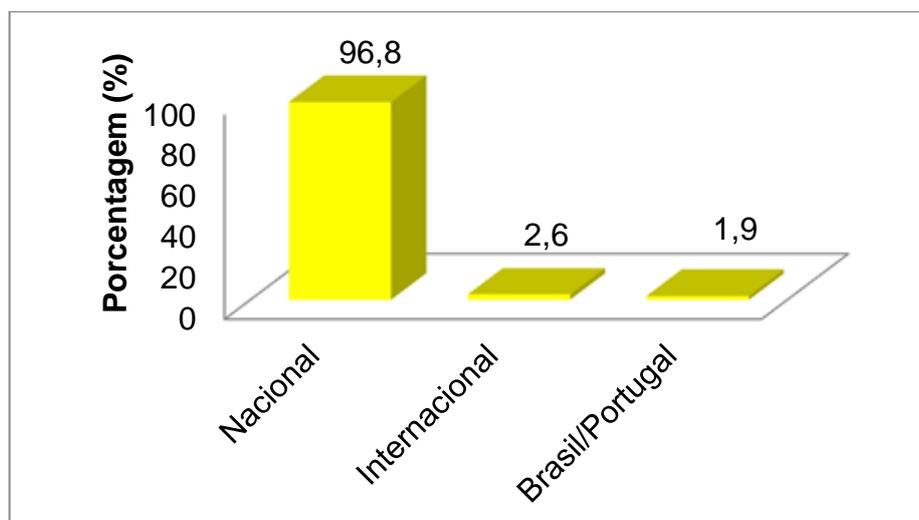
Fonte: Elaboração da autora.

A maioria dos trabalhos realizados em duplas ou grupos se constitui pelo orientador mais os orientandos, pelo que os dados parecem indicar; algumas vezes são trabalhos de grupos de pesquisas que apresentam seus estudos. Podemos considerar que a constituição dos ENDIPE é formada por trabalhos apresentados individualmente.

O Gráfico 6 apresenta a origem dos trabalhos em relação procedência, sendo que os nacionais são maioria, representados por 148<sup>15</sup> trabalhos distribuídos entre as diversas regiões federativas do Brasil.

<sup>15</sup>Dois trabalhos foram tabulados tanto na categoria Internacional como Nacional.

Gráfico 6 –Procedência dos trabalhos sobre Sexualidade e Gênero



Fonte: Elaboração da autora.

Dentre os internacionais, exclusivamente, temos somente um que se caracteriza como unicamente internacional, sendo originário de Portugal e outro que se apresenta como sendo tanto nacional como internacional (Portugal), ambos no ENDIPE 2010. Dois trabalhos que são vinculados tanto a universidades brasileiras como internacional, no caso também de Portugal, sendo tabulados no índice internacional/ nacional, pois a pesquisa está atrelada a outro país, mas o vínculo institucional aparece somente a uma única instituição. Esses trabalhos serão descritos resumidamente para melhores esclarecimentos:

#### **ENDIPE 2008**

XAVIER FILHA, Constantina. **Gênero e Docência: práticas discursivas em histórias de vida de professoras**, (apresentação em forma de painel). Vínculo institucional Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Departamento de Pós-Graduação em Educação. A pesquisa aborda a questão de gênero com quatro professoras brasileiras e três professoras portuguesas.

SANTOS, Vera Macia Marques; FORSTER, Mari Margarete dos Santos. **Educação Sexual e Formação de Professor@s: um diálogo luso-brasileiro**, (apresentação em forma de *pôster*). Vínculo institucional Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. O trabalho estabelece um diálogo entre professoras e professores brasileiras e portuguesas (Lisboa- Portugal) sobre a própria formação como educadoras sexuais.

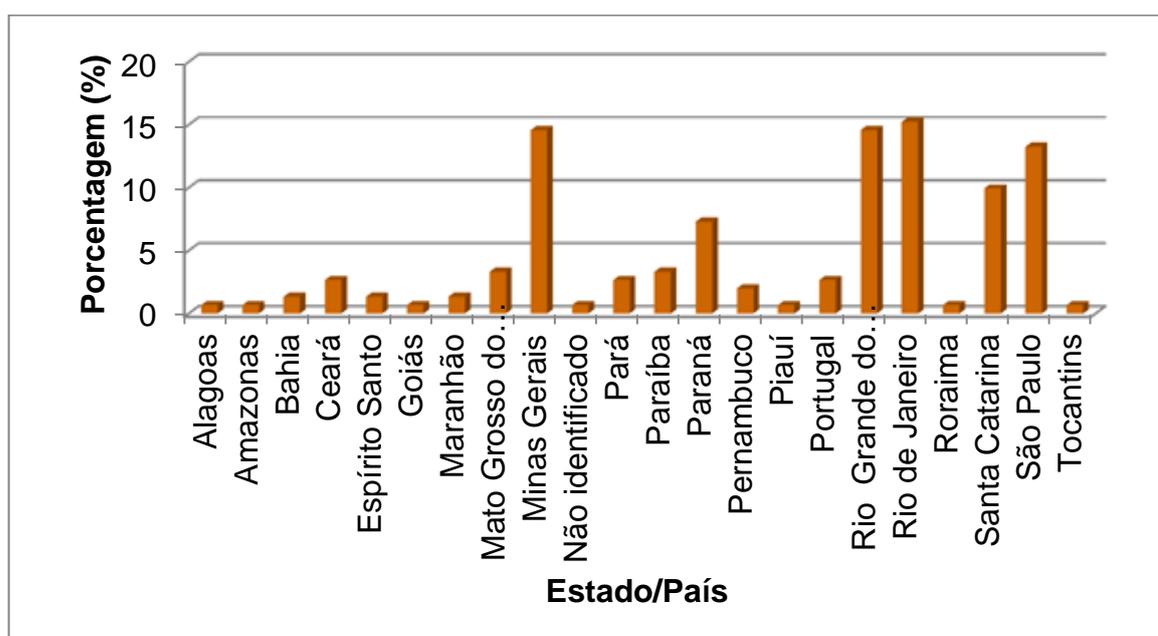
**ENDIPE 2010**

PATANÉ, Rosana de Souza. **Políticas de Educação Sexual em Meio Escolar Elaboradas pelo Poder Público em Portugal e no Brasil**, (apresentação em painel). Vínculo como doutoranda com o Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro (PT). O trabalho tem como foco central um estudo comparativo entre Brasil e Portugal através da análise de documentos e propostas oficiais. Único trabalho que pode ser tabulado como internacional, pois não menciona vínculo com instituições nacionais.

PEREIRA, Graziela Raupp; MELO, Sonia Maria Martins. **Subsídios para um Processo de Educação Sexual Emancipatória Internacional na Formação de Docentes no Brasil e em Portugal** (apresentação em *pôster*). Vínculo do trabalho Universidade de Aveiro/Portugal e Universidade do Estado de Santa Catarina. O trabalho apresenta dados preliminares de um projeto comparativo entre Portugal e Brasil, fornecendo informações pesquisadas entre discentes do Ensino Médio no Brasil sobre a importância da Educação Sexual Emancipatória Intencional, apresentados dados para subsidiar um projeto para a formação docente em educação sexual.

O gráfico 7 traz o vínculo dos/as pesquisadores/ras aos Estados de origem, podemos perceber o quanto a pesquisa vem sendo abordada no país.

Gráfico 7 – Vínculo da Instituição do Pesquisador/a por Estado sobre Sexualidade e Gênero



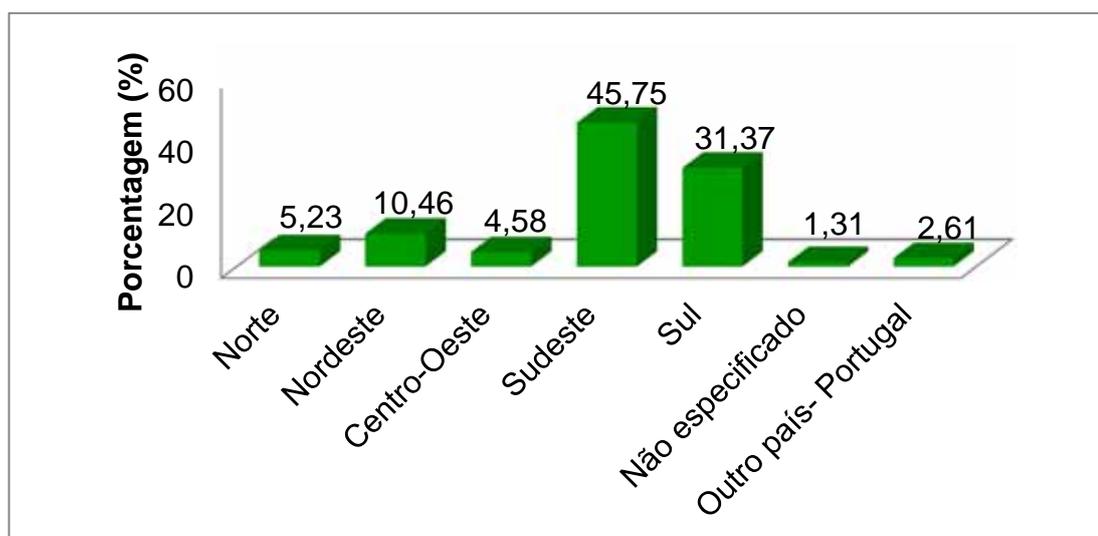
Fonte: Elaboração da autora.

No gráfico 7 a distribuição percentual dos trabalhos vinculados a determinado Estado revelou que a maioria dos trabalhos são procedentes do Estado do Rio de Janeiro, com 23 trabalhos, seguidos pelos Estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul com 22 trabalhos cada e posteriormente São Paulo com 20 trabalhos. Muitos Estados tiveram um único trabalho como representatividade: Alagoas, Amazonas, Piauí, Roraima, Tocantins e Goiás.

Há trabalhos vinculados amais de um Estado, provavelmente devido o pesquisador ter vínculo com duas universidades/ faculdade (trabalho/ estudo /pesquisa).

O Brasil tem 26 Estados e aqui está representado por 20 Estados, fato importante e que deve ser valorizado, pois mostra que a temática da sexualidade vem sendo abordada não em regiões específicas, mas em diversas regiões, mesmo que de maneira pouco significativa, com poucos trabalhos, mostrando que as pesquisas também se deslocam da região sudeste e sul, apesar de ser onde ainda há maior concentração, como apresenta o gráfico 8.

Gráfico 8–Vínculo da instituição do pesquisador/ra por região abordando Sexualidade e Gênero



Fonte: Elaboração da autora.

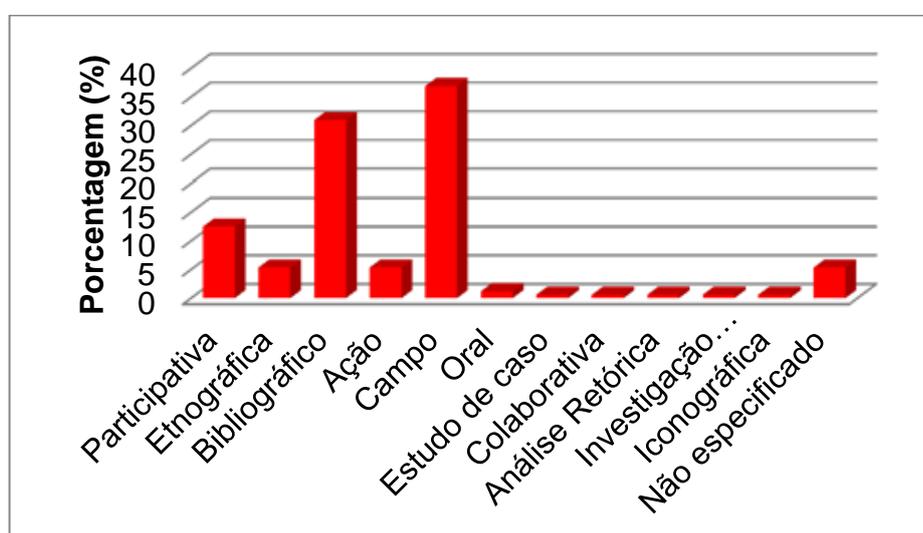
A interpretação desse gráfico pode ser somada à leitura do gráfico anterior sobre o vínculo do pesquisador por Estado, sendo todas as regiões geográficas do Brasil representadas. Destaca-se com o maior número de trabalhos a região sudeste, com um considerável percentual de 45,75% dos trabalhos sobre a temática da sexualidade, sendo que o Estado do Espírito Santo contribui para aumentar esse índice com dois trabalhos. A região sul é representada pelos seus três Estados para compor percentual de 31,37%.

A região menos expressiva, quanto ao número de trabalhos sobre a temática abordada é a região Centro-Oeste, com percentual de 9,80%, representada pelos Estados de Mato Grosso do Sul (5 trabalhos) e Goiás (1 trabalho).

Os trabalhos que abordam a temática vinculados a Portugal têm percentual 2,61% e são híbridos, pesquisas Brasil/Portugal; somente um aborda uma pesquisa exclusiva de Portugal.

Ao se propor realizar uma pesquisa, é fundamental que se tenha claro qual abordagem metodológica se irá utilizar; muitos trabalhos não deixam explícitas quais são as formas utilizadas para a coleta de dados, conforme apresentado no gráfico 8.

Gráfico 9 – Metodologia da pesquisa ( tipo de pesquisa utilizada) sobre Sexualidade e Gênero



Fonte: Elaboração da autora.

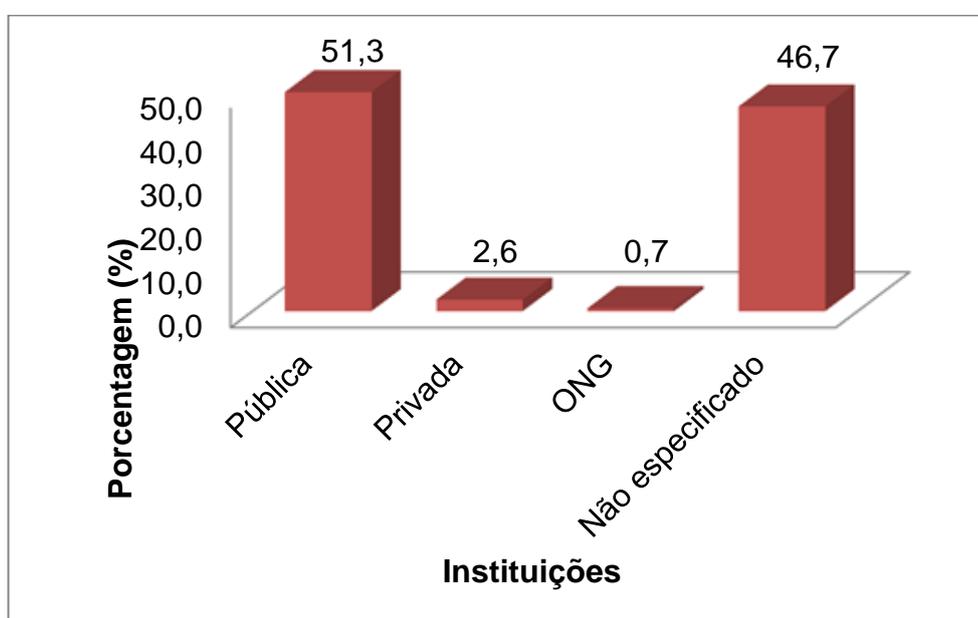
Alguns trabalhos foram classificados em duas formas de metodologia de pesquisa, pois os textos levam a essa conclusão. Um exemplo característico é que as pesquisas denominadas Participativa e Ação, embora possam ser consideradas sinônimas, em sua maioria, também foram classificadas em outra metodologia de pesquisa, geralmente como pesquisa de campo.

Dos trabalhos analisados, 9 não foram possíveis identificar a forma de pesquisa utilizada, como pode-se observar no gráfico 9. A maioria dos trabalhos apresentou pesquisa de campo (61 trabalhos), seguido pela pesquisa bibliográfica, análise documental ou estado da arte (53 trabalhos); somente 1 pesquisa foi um estudo iconográfico através de imagens, pois trata-se de um estudo das artes visuais, sendo que a autora cita o artista Pierre et Gilles, trabalho apresentado como *pôster* no XV ENDIPE, intitulado “Representações da

Sexualidade na Educação das Artes Visuais: questões para problematizar a normatividade instaurada no contexto escolar” (SILVEIRA, Juzelia de Moraes).

Um dado que se mostra pertinente a ser constatado, quando se trata de pesquisa de campo ou etnográfica, refere-se sobre qual procedência da instituição pesquisada, sendo que 50% foram realizadas em instituições públicas, ou seja, 76 pesquisas; somente 2,6 % foram realizadas em instituições particulares, ou seja, 4 pesquisas e somente 1 pesquisa foi realizada em uma Organização Não Governamental, mas não especificado o nome; duas pesquisas foram realizadas em instituições públicas e particulares simultaneamente, conforme apresenta o gráfico 10.

Gráfico 10 – Instituição/órgão que a pesquisa foi realizada sobre Sexualidade e Gênero

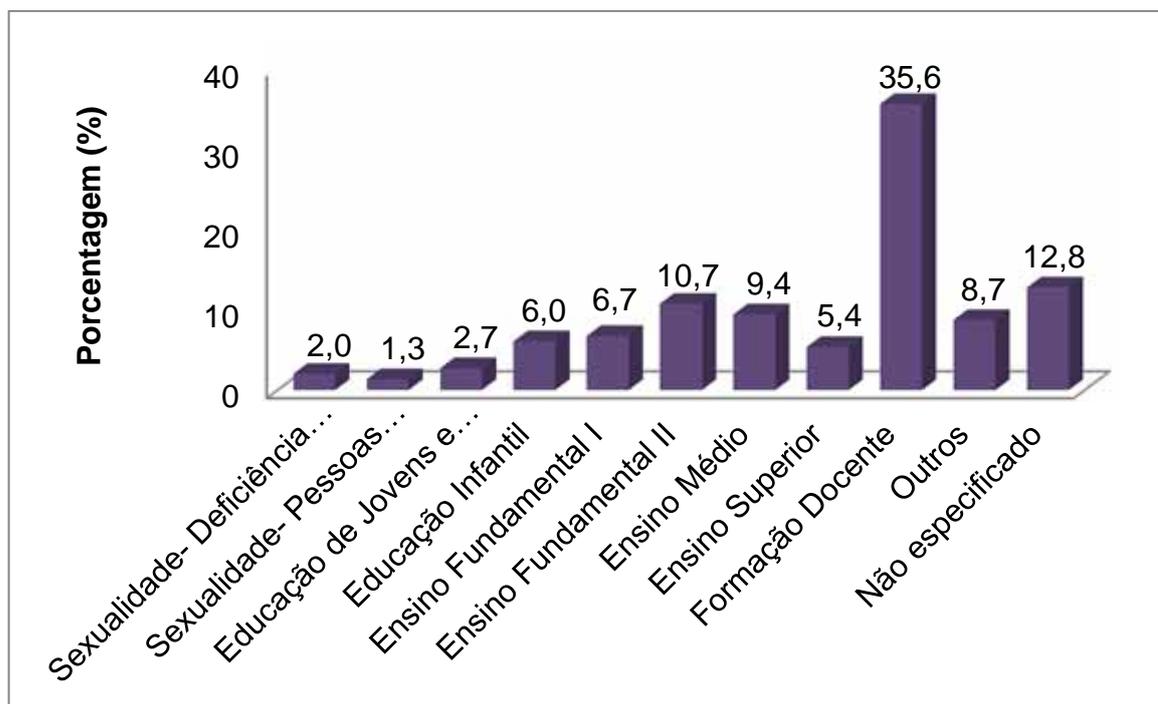


Fonte: Elaboração da autora.

Os dados nos mostram que poucas são as pesquisas realizadas em escolas/instituições particulares, até mesmo por ser de difícil acesso para pesquisadores, fato também apresentando no decorrer da leitura dos trabalhos. Muitas pesquisas, 46,7%, ou seja, 72 estudos, são levantamentos bibliográficos, que não demandam sujeitos ou locais específicos para realização da pesquisa.

Quanto à temática abordada pelos trabalhos, muitos procuram abranger mais de um tema, mas destacamos no gráfico 11 a principal abordagem de cada trabalho.

Gráfico 11 – Principal abordagem do trabalho associado à sexualidade/gênero



Fonte: Elaboração da autora.

A formação docente relacionada às questões da sexualidade e gênero, além de suas especificidades, sobrepõem-se aos demais assuntos tratados, tendo um total de 53 trabalhos. Essa temática vem ao encontro do próprio evento, que tem como foco a formação docente e as questões tratadas pela docência em formação ou no cotidiano das escolas.

A segunda temática relacionada à sexualidade e gênero mais abordada se refere ao ensino fundamental II, ou seja, etapa de escolarização que os alunos estão na pré-adolescência ou na adolescência – 11 a 16 anos aproximadamente –, fase bastante relacionada ao desenvolvimento e as descobertas em torno da sexualidade.

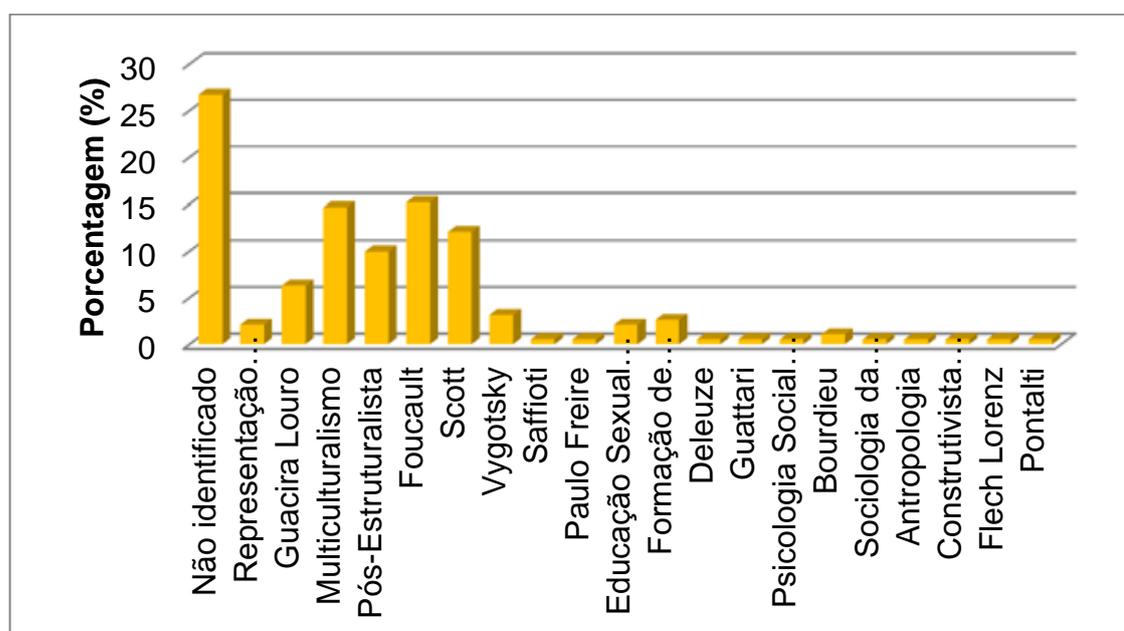
Dos trabalhos analisados, 17 não foram possíveis definir um único tema, geralmente pela abordagem conjunta de temas ou por não deixar claro qual temática estava sendo tratada com maior prevalência; 13 trabalhos tratam de temas variados que não serão especificados, pois delimitaria muito os assuntos abordados.

A temática menos abordada relacionada ao tema estudado se refere à sexualidade das pessoas idosas - A2 trabalhos, fato que se deve, provavelmente, pelo ENDIPE ser um evento que aborda mais questões em torno do processo de escolarização, cotidiano escolar e formação docente, e ainda na sociedade não se incutiu a ideia de que é preciso, desde a tenra

idade, preparar para saber lidar com gerações que estão se tornando cada vez mais longevas, pois este também será papel da escola na formação do cidadão.

A abordagem teórico metodológica dos trabalhos é um ponto importante que deve ser destacado e ser de fácil percepção para o leitor, uma vez que muitos estudiosos que tomam contato com os textos de um determinado evento estão iniciando seus estudos e pesquisas e os utiliza para seu aprofundamento, mas esse foi um aspecto que ficou obscuro no processo de produção e comunicação dos trabalhos, pois não houve rigorosidade e consistência, apesar de realizarmos leituras repetitivas, constatamos que em 52 trabalhos não foi possível identificar a abordagem metodológica em específico, conforme esxplitado no gráfico 12.

Gráfico 12 – Abordagem teórico - metodológica



Fonte: Elaboração da autora.

Muitos trabalhos apontam mais de uma abordagem teórico metodológica, tornando-se difícil compreender ou definir a abordagem prevalente. A princípio presumimos que seria interessante agruparmos as abordagens teórico metodológicas dos trabalhos proporcionando melhor compreensão e síntese. Contudo, após reflexão, percebemos que o caráter científico enquanto pesquisadores deveria ser mantido respeitando o descrito no texto, pois teríamos que conhecer de maneira aprofundada os demais estudos do pesquisador, bem como as correntes teóricas citadas nas quais estava desenvolvendo seu trabalho e dessa forma corríamos o risco de não sermos fiéis às pesquisas desenvolvidas.

A abordagem teórico-metodológica utilizada enquanto referencial de análise para os trabalhos é capaz de definir as concepções, valores e perspectivas dos autores. O Multiculturalismo ou Estudos Culturais foi a abordagem metodológica mais apresentada como norteadora para a análise dos trabalhos -28 trabalhos; seguido do Pós – Estruturalismo com 19 trabalhos, sendo que é uma questão questionável, pois o Multiculturalismo também tem suas vertentes no Pós-Estruturalismo (SILVA, 2011).

A maioria dos trabalhos citou autores em específico como sendo a referência principal de seu estudo, outros trabalhos que fazem referência a mais de uma abordagem metodológica a partir dos autores citados, tornando-se complexo compreender a abordagem utilizada; o autor mais utilizado foi Foucault (28 trabalhos) e posteriormente Guacira Louro (11 trabalhos), sendo que ambos são considerados Pós-Estruturalistas (FURLANI, 2011), apesar do próprio Foucault não se considerar como tal.

Os dados indicam que os estudos sobre as temáticas sexualidade e gênero são complexos e precisam de aprofundamento dos autores que se debruçam no estudo teórico para que ocorram textos fundamentados com referencial claro e coeso, pois quanto maior o conhecimento do pesquisador, maior a sua identidade com a área estudada.

Partiremos agora para análise dos trabalhos dos ENDIPE de acordo com o ano de realização do evento, sendo uma forma detalhada de apresentar os estudos sobre sexualidade e gênero.

Ao analisarmos os dados de cada ano de realização do ENDIPE, corremos o risco de parecermos repetitivos, entretanto esclarecemos que a análise de conteúdo realizada foi muito similar em todo período estudado, e assim, na maioria das vezes, teremos considerações muito próximas e pertinentes.

### **5.1A constituição do VIII ENDIPE (1996) ao tratar da sexualidade e gênero**

Na análise do VIII ENDIPE, realizado no ano de 1996, encontramos dez trabalhos, sendo pesquisados através dos anais de painéis, *workshops* e comunicações (volume I e II) e anais de conferência, simpósios, mesas- redondas (volume I e II), material este disponível na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Somente foi possível encontrar os resumos de nove dos trabalhos analisados e de um texto completo referente à mesa-redonda, pois no pronunciamento de abertura, proferido pela Professora Leda Scheibe, transcrito nos anais, foi comunicado que os textos seriam publicados posteriormente, mas os mesmos não

foram encontrados, apesar da busca insistente, inclusive através da solicitação do auxílio de pesquisadores<sup>16</sup>.

A apresentação contida nos anais deixa claro o caráter do VIII ENDIPE enquanto questão de ensino e de formação profissional do educador e também o ENDIPE não contar com uma estrutura de associação em sua organização<sup>17</sup>, fato que dificulta para as universidades organizadoras do evento.

Na tabela 4 serão apresentados os dados do evento.

**Tabela 4 – Dados do VII ENDIPE – 1996**

Local / Estado / Cidade	Florianópolis – Santa Catarina
Temática	<b>Formação e Profissionalização do Educador</b>
Data	<b>07 a 10 de maio de 1996</b>
Coordenação Geral	<b>Leda Scheide (CED/UFSC) Maria da Graça Soares (FAED/UDESC)</b>
Instituições Promotoras	<b>Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC) Centro de Ciências da Educação (CED) Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) Centro de Ciências da Educação (FAED)</b>
Instituições Financiadoras	<b>Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia (CNPq) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Fundo de Fomento à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FUNCITEC) Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais (INEP)</b>
Números do Evento	<b>Inscrições - aproximadamente 2.500 Apresentação de trabalhos - 500 inscritos</b>
Formato organizativo	<b>Conferência, simpósios, mesas-redondas, <i>workshops</i>, painéis, comunicações</b>
Eixos temáticos	<b>1- Teoria da didática 2- Ensino e Pesquisa em didática 3- Metodologia e Práticas de Ensino 4- Educação e Novas Tecnologias 5- Práticas Pedagógicas e Currículo 6- Condições de Trabalho e Carreira Docente</b>

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentaremos os trabalhos que serão analisados e discutidos nesse ano, proporcionando na tabela 5 dados relevantes para uma visão inicial e geral.

<sup>16</sup> Agradeço a Profª Drª Graziela Raupp Pereira que nos auxiliou através de diversos contatos nas Universidades de Florianópolis para obtenção dos textos completos dos trabalhos apresentados no VIII ENDIPE sobre a temática abordada, mas mesmo assim não obtivemos sucesso em encontrar os trabalhos na íntegra.

<sup>17</sup> Entendemos que a estrutura de organização facilita a realização do evento, pois há sócios que pagam mensalidades, realizam publicações, ocorrem divulgações que facilitaríamos a realização bienal do mesmo. Esse fato também torna o mesmo algo mais cooperativo, fato que é diferenciado no ENDIPE.

**Tabela 5 – Trabalhos apresentados no VIII ENDIPE sobre as temáticas abordadas**

<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Universidade, faculdade</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Tipo de apresentação</b>	<b>Trabalho completo ou resumo</b>	<b>Eixo temático</b>
1)Filosofia, Sexualidade e Educação Sexual	<b>César Aparecido Nunes</b>	<b>UDESC e PUCCAMP</b>	<b>Não consta</b>	<b>Painel</b>	<b>resumo</b>	Ensino e Pesquisa em didática
2)A Sexualidade no Mundo Ocidental	<b>Juçara Terezinha Cabral</b>	<b>UDESC/ SESC- SC</b>	<b>Não consta</b>	<b>Painel</b>	<b>resumo</b>	Ensino e Pesquisa em didática
3)Educação Sexual no Ensino de Graduação e Pós: uma experiência compartilhada	<b>Maria da Graça Soares</b>	<b>UDESC</b>	<b>Não consta</b>	<b>painel</b>	<b>resumo</b>	Ensino e Pesquisa em didática
4)Relações de Gênero e suas Ressonâncias na Escolha Profissional, Formação e Prática Docente das Professoras Primárias	<b>Maria Madalena Silva de Assunção</b>	<b>UFMG</b>	<b>Não consta</b>	<b>Painel</b>	<b>resumo</b>	Ensino e Pesquisa em didática
5) Raça e Gênero: o desafio de repensar o trabalho docente	<b>Nilda Lino Gomes</b>	<b>UFMG</b>	<b>Não consta</b>	<b>Painel</b>	<b>resumo</b>	Ensino e Pesquisa em didática
6)Educação Sexual na Escola	<b>Maria da Graça Soares</b>	<b>UDESC</b>	<b>Não consta</b>	<b>workshop</b>	<b>resumo</b>	Não consta
7)Recursos Didáticos- Metodológicos ao Trabalho de Educação Sexual com Adolescentes	<b>Jimena Furlani</b>	<b>FAED/ UDESC</b>	<b>Não consta</b>	<b>Comunicações</b>	<b>resumo</b>	Não consta
8)Desvendando a Sexualidade: as contribuições de um curso de especialização à formação de educadores	<b>Sonia Maria Martins de Melo</b>	<b>FAED/ UDESC</b>	<b>Não consta</b>	<b>Comunicações</b>	<b>resumo</b>	Não consta
9)Educação e Sexualidade : o velado e o aparente	<b>Nilda Marinho Costa</b>	<b>UFRJ</b>	<b>Não consta</b>	<b>Comunicações</b>	<b>Resumo</b>	Não consta

10) Gênero, Profissionalismo e Formação Docente: complexas conexões	Marisa Vorraber Costa	UFRGS	Não consta	Mesa Redonda	Texto completo	Mesa - Redonda Condições de trabalho e carreira docente
---	-----------------------	-------	------------	--------------	----------------	---

Fonte: Elaboração da autora.

### 5.1.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas

No VIII ENDIPE ocorreu a apresentação de dez trabalhos, sendo cinco na modalidade painel, que no texto explicativo não menciona como essa modalidade foi organizada, havendo ou não o agrupamento de painéis para apresentações afins; um resumo na modalidade *workshop*; três resumos na modalidade comunicação e um texto completo na modalidade mesa-redonda.

Os trabalhos abordam tanto a questão da sexualidade quanto a de gênero. Por ser um evento anterior à institucionalização dos PCN no contexto escolar é possível perceber que as temáticas da sexualidade e gênero foram abordadas tanto com pressupostos filosóficos e sociológicos como pedagógicos, voltados para o contexto educacional. Faremos assim, uma síntese de cada trabalho apresentado<sup>18</sup>.

O trabalho intitulado **Filosofia, Sexualidade e Educação Sexual** (NUNES, 1996b), faz uma abordagem crítica da sexualidade nas diversas fases da vida, propondo que os sujeitos façam um reexame da própria sexualidade, não se vinculando a modismos, reducionismos ou puritanismos. O autor propõe a educação sexual ligada à ética e filosofia, através da busca da plenitude pela alteridade.

Trata-se de um trabalho centrado em referências teóricas, contribuindo o repensar da educação sexual enquanto projeto de homem, da ética e da estética.

O texto **A Sexualidade no Mundo Ocidental** (CABRAL, 1996) traz a sexualidade como tema amplamente investigado, passando pelos diversos campos da ciência e que hoje ganha enfoque devido à AIDS, pois políticos, médicos e também oportunistas passaram a

<sup>18</sup>Na descrição dos trabalhos de todos os ENDIPE analisados serão mantidos o referencial teórico, forma de pesquisa e coleta de dados de acordo com a descrição do autor.

indicar a educação como saída para “combater” a doença transmitida também pelo contato sexual.

O trabalho tem um referencial histórico e cultural da sexualidade humana e destaca que é preciso compreender a história da sexualidade e o desenvolvimento biopsicossocial da própria sexualidade e de diversas áreas de estudo. A autora aborda a sexualidade a partir de três eixos: Aristóteles (antiguidade), Santo Agostinho (Idade Média) e Freud (Idade Moderna). A educação sexual como proposta para a educação é marcante no texto, além de abordar a valorização das questões históricas para se entender a própria sexualidade no contexto atual.

**Educação Sexual no Ensino de Graduação e Pós: uma experiência compartilhada** (SOARES, 1996), destaca a importância da sexualidade humana enquanto aspecto constitutivo do ser humano e a importância de não negar a sexualidade; embora ainda tenha forte cunho higienista, destaca projetos que buscam contribuir para a emancipação de homens e mulheres juntamente com a formação da cidadania.

A autora ressalta a importância da educação sexual de maneira sistematizada nas escolas e, portanto a necessidade de formação profissional, destacando uma linha de pesquisa presente no mestrado em Educação e Cultura da Universidade Estadual de Santa Catarina.

O trabalho intitulado **Relações de Gênero e suas Ressonâncias na Escolha Profissional, Formação e Prática Docente das Professoras Primárias** (ASSUNÇÃO, 1996) tem o propósito de discutir o magistério primário enquanto área de atuação essencialmente feminina, buscando a relação entre profissional e pessoal. Tem como referencial teórico os estudos de gênero e a Teoria das Representações Sociais.

A pesquisa foi realizada através de entrevistas e história de vida de doze professoras, a partir da representação do que é ser mulher e professora na sociedade. Dentre os dados apresentados foi possível concluir que não se pode desconsiderar o imaginário em torno da história e política de gênero, presente na escolha, formação, cotidiano escolar e prática docente das professoras do Ensino Fundamental.

O texto **Raça e Gênero: o desafio de repensar o trabalho docente** (GOMES, 1996) trata de uma pesquisa de mestrado, do tipo etnográfica que contou com 17 entrevistas privilegiando a história oral de professoras de escolas públicas de 1º grau<sup>19</sup> de Belo Horizonte. A pesquisa teve como intuito a contribuição da discussão sobre a formação de professores e a

---

<sup>19</sup>A autora utiliza o termo 1º grau, pois a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 que alterou para Ensino Fundamental de primeiro ao nono ano foi instituída após a escrita do trabalho.

carreira docente, a partir das relações de gênero e de raça na perspectiva antropológica e do campo educacional.

Foi possível perceber a contribuição do preconceito e discriminação racial e de gênero, bem como a interferência de ambos na prática pedagógica das profissionais no contexto escolar. A pesquisadora também destacou que as relações extraescolares como família, militâncias, dentre outras, influenciam ser mulher e professora negra.

Na modalidade *workshop*, o trabalho intitulado **Educação Sexual na Escola** (SOARES, 1996) apresenta a educação sexual no espaço escolar como prática irreversível, mesmo que de maneira informal, sendo que o educador segue (des)educando, pois não tem conhecimento necessário ( termo utilizado pela autora).

Para a autora, que também apresentou outro trabalho na modalidade painel, o objetivo do seu *workshop* é sensibilizar para a questão da educação sexual na escola através de vivências da sexualidade do educador adulto, da criança, do adolescente e utopicamente do idoso.

A comunicação **Recursos Didáticos Metodológicos ao Trabalho de educação Sexual com Adolescentes** (FURLANI, 1996) trata-se de uma pesquisa com adolescentes utilizando quatro jogos ou recursos diferentes visando favorecer a participação, a discussão e a compreensão da sexualidade humana, pois cada jogo possui objetivos específicos. São propostas de atividades lúdicas e sujeitas a mudanças de acordo com a necessidade e a criatividade do educador perpassando desde características da adolescência, namoro, até o tema da orientação sexual. Os recursos são originários de pesquisas desenvolvidas pela autora em dois momentos específicos, quais sejam, projeto de educação sexual com adolescentes e projeto de extensão com adolescentes em espaço de educação informal.

O trabalho intitulado **Desvendando a Sexualidade: as contribuições de um curso de especialização à formação de educadores** (MELO, 1996) destaca que o educador deve se entender enquanto ser sexual vivendo em constante relações sociais com outros seres sexuais, entendendo a sexualidade enquanto construção sócio-histórico-cultural (Materialismo Histórico Dialético).

A autora destaca que a Universidade Estadual de Santa Catarina organizou um curso de pós-graduação *lato-sensu* em Educação Sexual, tendo público alvo, preferencialmente, educadores da rede pública. O currículo do curso privilegia a análise crítica da história da sexualidade humana, subsidiando o trabalho docente.

A comunicação **Educação e Sexualidade: o velado e o aparente** (COSTA, 1996) trata de uma pesquisa de mestrado em educação, à luz do pensamento de Michael Foucault,

buscando a noção de sexualidade no ocidente. É uma pesquisa bibliográfica que investiga projetos, programas, leis, decretos e ações da área da educação do Estado do Rio de Janeiro referente à sexualidade.

A autora aponta que na escola a sexualidade é estudada cientificamente no que tange às questões da reprodução ou biologia – partes do corpo. Na escola a sexualidade ainda é entendida como coisa de especialista, o homem é ser “compartimentalizado”, esvaziado das dimensões histórica, cultural, social, humana e, conseqüentemente, sexual. Assim, há necessidade de uma nova política pública para educação/orientação sexual escolar que o professor, antes de ser profissional, é cidadão que tem sua sexualidade.

A Mesa-Redonda **Gênero, profissionalismo e Formação Docente: complexas conexões** (COSTA, 1996 ), abre espaço para discutir a relação entre formação docente e profissionalismo a partir de um texto histórico e descritivo. A autora inicia destacando as relações docentes e o profissionalismo através dos pastores protestantes nos Estados Unidos, em tal sociedade, deslocando o poder político para o conhecimento científico e técnico. Assim, nos Estados Unidos, na tentativa de se tornar a carreira docente atrativa, afasta-se os menos favorecidos e negros. No Brasil, como nos Estados Unidos, a autora aborda, que a docência está relacionada à catequese.

Para a autora é preciso se estudar as questões de gênero e docência interligados, bem como suas características. A mulher, ao adentrar o mercado de trabalho docente, deve ainda conciliar tarefas domésticas, pois as professoras não se veem enquanto classe profissional. Além de que, a divisão do trabalho sobrepõe o gênero professora *versus* especialistas, a questão da divisão do trabalho na escola. O trabalho faz uma severa crítica da questão do educador visto como vocação; para a autora, a educação tem um *déficit* que carrega marcas femininas, marcas de defasagem em relação ao hegemônico e modelos do mundo masculino.

É possível perceber que os trabalhos apresentados no VIII ENDIPE têm significado valioso para os estudos da sexualidade, gênero e educação sexual no contexto escolar, pois apresentam diversas peculiaridades dos assuntos tratados, tendo como contribuições a importância de se trabalhar a sexualidade na escola, destacando que a formação é algo fundamental, pois não se pode atuar sem subsídios permeando-se por improvisos, sem referencial teórico adequado e consistente.

### 5.1.2 Conhecimentos e práticas referentes à temática sexualidade e gênero

Os trabalhos apresentados, bem como a análise das pesquisas, muitas vezes não deixam evidentes os resultados apresentados, uma vez que parecem se tratar de pesquisas em andamento, pois esse dado não fica claro na leitura de todos os resumos. Para tanto realizamos uma nova leitura do material buscando compreender os resultados e/ou os dados significativos para análise.

Os textos, em sua maioria, salientam a questão do contexto escolar, seja para versar sobre sexualidade ou gênero, enfatizando o foco de nossa pesquisa, apontando que há mais de dezessete anos se busca a inserção da educação sexual no contexto escolar, e que mesmo de maneira não tão eficaz a inserção do tema transversal orientação sexual através dos PCN se apresenta como um avanço em tempos atuais.

A denúncia e o anúncio constante anterior à elaboração dos PCN contribuiu para que a orientação sexual tenha sido instituída enquanto tema transversal, pois as conquistas são frutos de pesquisas e lutas ideológicas e políticas, conseqüentemente, os congressos e publicações se apresentam como importantes elementos de confirmação desses fatos.

Com base nas considerações dos resumos e do trabalho completo apresentado em mesa-redonda, realizaremos a análise de conteúdo, modalidade temática, para discorrermos sobre os dados mais significativos do evento sobre a temática estudada, conforme tabela 6.

**Tabela 6– Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do VIII ENDIPE**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número de ocorrências<sup>20</sup></b>
<b>Sexualidade / Sexo</b>	<b>Ética /Política</b>	<b>26</b>
	<b>Construção sócio-histórica-cultural</b>	<b>23</b>
<b>Educação Sexual</b>	<b>Formação do ser humano/ Formação Pessoal</b>	<b>11</b>
	<b>Formação docente</b>	<b>21</b>
	<b>Crítica a educação sexual biologizante</b>	<b>6</b>
	<b>Política pública</b>	<b>14</b>
<b>Gênero</b>	<b>Formação docente</b>	<b>16</b>
	<b>Etnia</b>	<b>2</b>

Fonte: Elaboração do autor.

<sup>20</sup> Número ou frequência que a palavra ou expressão que surgiram na análise de conteúdo, podendo haver sinônimos, palavras, próximas, similares.

A análise realizada nos trabalhos do VIII ENDIPE possibilitou a identificação de três categorias, Sexualidade/Sexo; Educação Sexual; Gênero, seguidas de subcategorias de acordo com os assuntos que mais despontam nas considerações dos trabalhos. Os trabalhos que discutem gênero estão relacionados à feminilização da docência e as questões de preconceito, formação e à própria profissionalização, portanto, convém fazer uma breve retrospectiva da feminilização do magistério com base nos trabalhos apresentados. A temática sexualidade apresentada nos trabalhos tem relação com a historicidade, filosofia e como já apontado, com o contexto escolar.

A formação institucional da mulher no Brasil sempre apresentou dados históricos diferenciados em relação ao masculino, pois somente com a chegada da corte portuguesa, em 1816, inicia-se a instrução laica para mulheres, “através de senhoras portuguesas, francesas e alemãs que ensinavam costura, bordado, religião e rudimentos de aritmética e língua nacional para as meninas do Rio de Janeiro.” (NOVAES, 1991, p. 19).

No início da instrução formal para mulheres, os currículos eram diferenciados, a organização curricular destinada ao sexo feminino enfatizava a “agulha e o bordado” aquém da instrução propriamente dita, inclusive as mulheres não tinham acesso à geometria, restringindo apenas à aritmética focando as quatro operações.

O ensino público aumentou o número de alunos/as matriculados/as nas escolas, não de maneira considerável, mas conseqüentemente ocorreu a necessidade de preparação de professores/as, surgindo as escolas normais que preparavam esses/as profissionais.

Mesmo quando a mulher passa a atuar como professora no universo escolar, sua atuação também é focada apenas no ensino de prendas domésticas e na base da aritmética e esse fato fazia com que a remuneração da professora fosse menor do que a do professor, sendo isso um fator de discriminação

[...] Assim, se de um lado a primeira lei do ensino (1827) representou um marco para a mulher, na medida em que ratificou seu direito à instrução, significou também um instrumento que acentuou a discriminação sexual, pois só admitia o ingresso de meninas na escola primária, não aceitava a coeducação nas escolas e reforçava as diferenças nos conteúdos curriculares, com visíveis conseqüências sobre os níveis salariais: as professoras eram isentas de ensinar a geometria, mas como o ensino desta matéria era o critério para estabelecer níveis de salário, as mestras ganhavam menos do que seus colegas do sexo oposto [...]. (BRUSCHINI; AMADO, 1988, p.4-5).

A criação das Escolas Normais, mesmo que com prédios suntuosos, é marcada pela improvisação, trajetória atribulada e difícil, mas que com o tempo passou a atrair as moças

das famílias renomadas e abastadas das diversas cidades que buscavam aumentar o grau de instrução e, não necessariamente, adentrar na carreira docente, sendo uma forma de se ocupar até que chegasse à hora do casamento (NOVAES,1991).

Contudo, nas escolas normais havia predominância da matrícula da população feminina. Segundo Fagundes (2005), o afastamento do sexo masculino da função de professor das primeiras letras foi atribuído aos baixos salários pagos ao magistério. Em 1929, de 5.020 alunos, 786 eram do sexo masculino, algo que se repete ao longo dos anos. Devido a isso, há a afirmação de que a escola normal era destinada à formação das moças burguesas.

O foco histórico que iluminou o processo de feminização do magistério mostrou, porém, que a desvalorização econômica e social não esteve ligada a um processo inevitável, natural e universal, mas foi resultado de seleção de alternativas e escolhas efetuadas por agentes políticos que, diante de condições concretas dadas, optaram por aliar a formação de professores, e o próprio magistério, a um menosprezo pelo feminino, ocultado no discurso, mas revelado pelos baixos salários. (CATANI, et al., 1997, p.26).

No início da década de 1980, o trabalho de Guiomar Namó de Mello (1981) faz referências sobre as representações da profissão docente por professoras do então 1º grau, sendo que em uma pesquisa empírico-analítica evidenciou que havia falta de competência técnica e compromisso político no trabalho docente, propondo uma visão excessiva sobre a profissão no tocante à afetividade e doação “Quando não se sabe o que fazer, ama-se. Este seria o princípio norteador [...] do senso comum e da prática do magistério.”(MELLO, 1981, p.117).

Em pleno século XXI ainda é possível perceber que a profissão docente se constitui majoritariamente feminina, e muitas vezes ainda tem o ideário da afirmação de Mello (1981) mencionada, pois “a condição feminina é um dos elementos que garantem a perpetuação do senso comum, no qual predominam o amor, a vocação e a ausência de profissionalismo” (MELLO, 1981, p.70). É preciso compromisso com a docência e concebê-la enquanto profissão, inclusive fortalecendo todo o seu valor social diante da própria atualidade e da formação das novas gerações.

No Brasil, dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) em 2006 mostram que os professores (masculino e feminino) no cômputo geral são responsáveis por 8,4 % dos empregos do país, sendo que no *ranking* de empregados só perde para os escriturários e os trabalhadores dos serviços. Nas questões que se refere especificamente à mulher, destaca-se

Entre os postos de trabalho, registrados pelo MTE<sup>21</sup> para os profissionais do ensino, 775, eram femininos. A docência continua, pois significando boa oportunidade de emprego para as mulheres (15,9% dos empregos femininos), no mesmo patamar do maior e mais tradicional grupo de inserção feminina no mercado de trabalho: a prestação de serviços de todas as naturezas, apenas suplantada pelas atividades de apoio administrativo, agrupadas sob a denominação genérica escriturários (19,2%). (GATTI; BARRETO, 2009, p.17).

Nos trabalhos apresentados, a raça negra também aparece como fator de discriminação da mulher e da professora. A docente tem sua profissão vista como menosprezada, conseqüentemente, o magistério exercido pela negra é ainda mais preconceituoso por estereótipos negativos que influenciam na prática pedagógica do ser docente. Em pesquisa realizada pela própria Nilma Lino Gomes<sup>22</sup>, a autora aborda a mulher, negra e professora e destaca

[...] narrar a trajetória escolar de professoras negras é narrar a própria trajetória de mulheres negras. As lembranças familiares, os comentários sobre o racismo e a discriminação racial feitos por elas têm o significado de expressar uma realidade onde, desde muito cedo, aprendeu a negar-se a si mesma para ser aceita pelo outro.(GOMES, 1995,p.116).

O gênero na docência é questão que perpassa toda a sociedade em que a profissão do magistério é vista com desprestígio social. Entretanto, é preciso que se tenha melhores condições de trabalho e de formação para que o ser professor e professora, sem discriminação de sexo, possa se tornar profissão atrativa, valorizada e respeitada na sociedade que busca a formação do cidadão, indo muito além do saudosismo de tempos idos. Novas exigências para a formação docente são necessárias na sociedade da informação juntamente com as que já existem, e conseqüentemente, a formação para a cidadania adentra-se em novos rumos, dentre eles a temática da sexualidade.

O proclamado nos trabalhos aponta como consenso geral a inserção da educação sexual na escola. A educação sexual talvez seja um dos principais temas da transversalidade, pois abrange diversas áreas do currículo, mas é preciso enfocá-la em um contexto filosófico, político e cultural.

Propomos assim a educação sexual emancipatória que deve estar além da transversalidade, do “conteudismo” e do conservadorismo. Os envolvidos no processo de escolarização que busquem resgatar a sexualidade humana de maneira integral, afetiva e

---

<sup>21</sup> Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE).

<sup>22</sup> Acreditamos que no VIII ENDIPE a autora apresentou parte de sua pesquisa

plena, podem auxiliá-los fazendo críticas dos papéis tradicionais instituídos pela sociedade machista e pela ideologia dominante.

A educação sexual na perspectiva emancipatória implica uma reeducação da própria sexualidade, um autoconhecimento; não é possível tratar esse tema pela imposição de valores e atitudes. A educação sexual nessa abordagem precisa quebrar os rótulos pré-determinados por segmentos da sociedade. No Brasil a educação sexual possui marcas constituídas por práticas médico-higienistas, cujas concepções sem dúvida ainda estão presentes na escola através de diversas representações até os dias atuais, pois esta instituição não discute as questões sócio-político-econômico que envolvem a sexualidade dos/as discentes (NUNES; SILVA, 2000).

A educação sexual intencional escolar, na atualidade em seus projetos, aborda na maioria das vezes, sobre as funções biológicas e reprodutivas, fala de contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, que são questões pertinentes e necessárias, mas que não devem ser discutidas isoladamente, devem ser associadas a uma análise global. Cabe aos profissionais da educação se fazerem presentes, não como controladores de vontades do sujeito, mas entendendo o espaço escolar como instância propiciadora de reflexão crítica sobre a temática.

A educação, se for numa perspectiva emancipatória, tem o papel de provocar mudanças, educandos/as e educadores/as devem buscar juntos construir um conhecimento crítico sobre a sexualidade humana para darem novos significados às suas vivências. Obviamente que o/a educador/ra precisa ter um conhecimento científico fundamentado e saber direcionar suas aulas para que os/as alunos/as realmente possam progredir em seus conhecimentos e conseqüentemente na direção de formação do/a cidadão/ã com metodologias variadas e de acordo com a faixa etária em que está atuando.

O ser humano não pode ser visto como ser compartimentalizado, um corpo constituído por partes, esvaziado de suas dimensões histórica, cultural, social e humana. É necessário que se olhe para esse ser de outra forma, referendando-se ao todo, à sua complexidade humana. O ser humano constitui-se com as relações sociais. É um cidadão que pensa, ama, deseja e sente prazer. É preciso uma educação que respeite todos esses aspectos, mas que também mostre o caminho possível a uma transformação e uma emancipação. É imprescindível conhecer a perspectiva histórica sobre a sexualidade humana para se analisar o presente de forma crítica, assim, se repensar o lugar da educação sexual escolar, refletir e questionar preconceitos, regras, tabus e valores.

A sexualidade é uma das mais antigas e importantes formas de expressão dos seres humanos, pois o ser humano é desde sempre sexuado. Tratar de sexualidade significa envolver-se com o ser e o sujeito histórico-político, pois se torna fundamental repensar e reconstruir a prática da educação sexual na nossa sociedade.

## 5.2 A constituição do IX ENDIPE (1998) ao tratar da sexualidade e gênero

Referente ao IX ENDIPE (tabela 7), realizado no ano de 1998, foram encontrados dois trabalhos para análise, sendo pesquisados através do caderno de programação geral, através das modalidades mesas-redondas, simpósios, painéis, *pôsteres* troca de experiências, *softwares* e vídeos. Essa pesquisa foi realizada na biblioteca da faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Pelos dados apresentados no documento da sessão de abertura, os textos completos dos painéis foram disponíveis em disquete à venda, mas apesar da busca insistente pelas bibliotecas, sebos e com pesquisadores, não foi encontrado. Através da leitura da sessão de abertura, esse evento tem características marcantes com a inclusão de todos os pesquisadores, independente do nível de escolarização ao qual fazem parte, e a relação entre Universidades e Escolas Públicas (PIMENTA, 1998).

**Tabela 7 – Dados do IX ENDIPE – 1998**

Local / Estado / Cidade	Águas de Lindóia-SP
<b>Temática</b>	<b>“Olhando a qualidade do ensino a partir da sala de aula”</b>
<b>Data</b>	<b>04 a 08 de maio de 1998</b>
<b>Coordenação Geral</b>	<b>Profª Drª Selma Garrido Pimenta – USP</b>
<b>Instituições Promotoras</b>	<b>Faculdade de Educação - USP Universidade Estadual Paulista - UNESP Faculdade de Educação - UNICAMP Universidade Federal de São Carlos - UFSCar Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC - Campinas Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC - SP Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP</b>
<b>Instituições Financiadoras</b>	<b>Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia (CNPq) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)</b>

<b>Números do Evento</b>	<b>1700 educadores brasileiros participando Inscrição de cerca de 1000 trabalhos (5% dos trabalhos inscritos foram recusados)</b>
<b>Formato organizativo</b>	<b>Painéis, pôsteres, troca de experiências, mesas-redondas, simpósios, vídeos e software</b>
<b>Eixos temáticos</b>	<b>Novos desafios às práticas em sala de aula; Balanço crítico de pesquisas sobre sala de aula e novas demandas de investigação; Estatuto epistemológico das práticas pedagógicas; Balanço crítico das políticas educacionais: repercussões na escola e na sala de aula.</b>

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentaremos os trabalhos que serão analisados e discutidos desse ano, proporcionando na tabela 8 dados relevantes para uma visão inicial e geral.

**Tabela 8 – Trabalhos apresentados no IX ENDIPE sobre as temáticas abordadas**

<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Universidade, faculdade</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Tipo de apresentado</b>	<b>Trabalho completo ou resumo</b>	<b>Eixo temático</b>
<b>1) A sexualidade da mulher e a condição deficiente para além do estigma social</b>	<b>Maria das Graças Machado Moukarzel</b>	<b>UDESC / Fundação Catarinense de Educação Especial</b>	<b>Não consta</b>	<b>Pôster</b>	<b>resumo</b>	<b>Estatuto Epistemológico das Práticas Pedagógicas</b>
<b>2) Identidades de gênero no cotidiano escolar</b>	<b>Fernanda Oliviero Pinto ; Ivany de Souza Ávila</b>	<b>Departamento de Ensino e Currículo, Faculdade de Educação, UFRGS</b>	<b>Não consta</b>	<b>Painel Prática de ensino em séries iniciais do 1º grau- um espaço de investigação</b> <b>Coordenação Ivany Souza Ávila</b>	<b>Resumo Textos completos em disquetes, mas não encontrado</b>	<b>Estatuto Epistemológico das Práticas Pedagógicas</b>

Fonte: Elaboração da autora.

### **5.2.1As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas**

No ano 1998 houve a apresentação de dois trabalhos somente, um na modalidade *pôster* e outro na modalidade *painel*, que no texto explicativo do evento não menciona como

essa modalidade foi organizada; ambos os trabalhos foram apresentados no mesmo eixo temático: Estatuto Epistemológico das Práticas Pedagógicas.

Os trabalhos apresentam temáticas diferenciadas, mas os dois tratam da questão da mulher em específico, sendo na íntegra pesquisas concluídas e da região sul.

O trabalho intitulado **A Sexualidade da Mulher e a Condição Deficiente: para além do estigma social** (MOUKARZEL,1998) aborda a importância da emancipação e integração dos portadores de necessidades especiais<sup>23</sup>, em específico das mulheres portadoras de deficiência mental. O objetivo principal do trabalho foi analisar as concepções dos agentes educacionais, representados por professores e instituições especializadas em educação especial, diante das possíveis manifestações da sexualidade das mulheres que possuem deficiência mental e posteriormente investigar a percepção das alunas enquanto mulheres sexuadas. Propõe que na instituição ocorra reflexões e estudos sobre a educação sexual, desconstruindo as diferenças estigmatizantes em torno do deficiente.

O trabalho se desenvolveu através da realização de dezoito entrevistas – três professoras, dez alunas e cinco mães - todas tendo contato com uma instituição de educação especial. Os dados apontam que para as professoras e mães, a sexualidade não ultrapassa a visão de senso comum, ocorrendo um sentido de repressão da sexualidade, utilizando o termo “dessexualização” das alunas enquanto mulher. Por se tratar de um resumo, não sabemos se no decorrer do trabalho a autora explica o termo utilizado “dessexualização”, bem como o que seria uma visão de senso comum.

Percebemos que o questionamento da autora remonta como a sexualidade da pessoa com deficiência é vista pela sociedade, especificamente na escola. Não explicita o referencial teórico que utilizou.

O trabalho intitulado **Identidades de Gênero no Cotidiano Escolar** (PINTO; ÁVILA,1998) apresenta uma pesquisa realizada com uma turma de 2ª série do Ensino Fundamental a respeito das construções sociais das identidades de gênero no cotidiano escolar. A pesquisa partiu através do questionamento do interesse dos alunos em torno do jornal e os hábitos de leitura constatados na diversidade de homens e mulheres para algumas seções específicas, questionando assim se esse interesse havia por outras leituras além do jornal.

---

<sup>23</sup> - Na descrição do trabalho manteremos o termo utilizado pela autora “Portador de necessidades especiais”, ou palavras similares, contudo atualmente a nomenclatura portador de necessidades especiais não se utiliza, e sim pessoa com deficiência.

A dimensão do contexto escolar e social é cercado pela perspectiva das relações de gênero, além de que as falas dos alunos apresentam características do que se constitui em ser homem e o ser mulher como papéis dicotômicos do masculino/feminino como reflexo da cultura da sociedade.

A pesquisa não apresenta um referencial teórico explícito e tem como questionamento a temática de gênero que é construída e influenciada pela sociedade e cultura na construção das relações estabelecidas entre homens e mulheres. Aparentemente, a pesquisa proporcionou mais o questionamento das próprias autoras do que da turma de alunos em específico, que era a princípio a proposta do trabalho.

Percebemos que, mesmo sendo somente dois trabalhos, esses já começam a despontar para um novo contexto escolar, pois é no ano de realização do congresso que estamos envolvidos com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 (BRASIL, 1996) que tenta proclamar uma concepção de escola mais democrática e voltada para a formação do cidadão. Mesmo que o número de trabalhos seja pouco expressivo, estes apresentam a sexualidade e as questões de gênero envolvidas no contexto escolar, fato importante e também diferenciado.

### **5.2.2 Conhecimentos e práticas referentes à temática sexualidade e gênero**

Os trabalhos do IX ENDIPE são capazes de nos revelar a necessidade dos envolvidos com o processo de escolarização no tocante à pessoas com deficiências, pois é preciso compreender que também possuem sexualidade e para isso é preciso capacitações.

Também para percebermos que as concepções de gênero são construídas socialmente e historicamente, inclusive no espaço escolar, mas que as normas e convicções estabelecidas em torno do tema podem ser questionadas.

Com base nos dados elencados nos resumos lidos, realizaremos a análise temática desse congresso sobre a temática da sexualidade e gênero.

A tabela 9 explicita três categorias, Gênero; Educação Escolar/Sexual; Sexualidade, fundamentais que surgiram a partir da conclusão dos trabalhos e que conseqüentemente são relevantes para a pesquisa a partir da temática da sexualidade e gênero, destacando que ambos os trabalhos apresentam articulação entre si, pois no momento de análise, muitas vezes, os temas se entrecruzam, destacando o processo de escolarização como fator relevante para a orientação nas questões da sexualidade.

**Tabela 9 – Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do IX ENDIPE**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número de ocorrências</b>
<b>Gênero</b>	<b>Identities sexuais</b>	<b>7</b>
	<b>Processo cultural</b>	<b>9</b>
<b>Educação Escolar / sexual</b>	<b>Estigmas</b>	<b>3</b>
	<b>Socialização/discussões</b>	<b>9</b>
<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência intelectual/ senso comum</b>	<b>13</b>

Fonte: Elaboração da autora.

O fato da sexualidade do/a deficiente não ser reconhecida pela sociedade nos faz refletir o quanto ainda a escola e a própria sociedade são preconceituosas em relação à temática, concebendo a pessoa com as diversas deficiências como assexuadas, sejam essas deficiências físicas ou cognitivas, e na maioria das vezes, tratando-as como infantilizadas ou incapazes também neste aspecto no decorrer da vida. O primeiro princípio que é preciso compreender é que a sexualidade vai muito além da genitália, englobando atitudes, comportamentos, sentimentos, expressões, erotismo, valores, cultura e também o ato sexual. Maia (2009) nos adverte que a

[...] discussão sobre a relação entre sexualidade e deficiência implica discutir um duplo tabu, numa área em que o preconceito é muito comum e se manifesta, por exemplo, na generalização das incapacidades e limites existentes ao longo do desenvolvimento das pessoas com deficiência para a dimensão afetiva e sexual inerente a todo ser humano. (MAIA, 2009, p.141).

Muitas vezes a sexualidade do/a deficiente, no caso o/a deficiente intelectual, é vista como patológica ou anormal, por acreditar que o mesmo não consiga controlar o que seria tido como socialmente aceito, mas é preciso lembrar que tanto as famílias como a instituição escolar precisam tratar o aspecto da sexualidade com o/a deficiente. Hoje os próprios PCN (BRASIL, 1997), no volume sobre os temas transversais, proclamam a importância e necessidade de se abordar esse tema no contexto escolar, não especificando a questão do/a deficiente. Inclusive se torna uma necessidade o trabalho de educação sexual intencional nessa perspectiva no contexto escolar, pois oferece condições para que o/a deficiente ultrapasse, muitas vezes, sua condição de vulnerabilidade, ou seja, exposto ao abuso, à violência, a doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez precoce. A educação sexual para

peessoas com deficiência intelectual deve favorecer condições que possa diferenciar comportamentos adequados de inadequados, relações de afeto de relações de violência e abuso (AMOR PAN, 2003; MAIA, 2006).

Na maioria das vezes se concebe que o/a deficiente intelectual deva ser privado/a da vida sexual ou passar por processos invasivos de esterilização. Segundo Maia (2010), tais processos se tornam desnecessários se houver disposição para atitudes de educação sexual saudável quando essas pessoas assim o desejarem.

Outro aspecto apresentado no congresso são os estudos específicos de gênero, que no Brasil se caracterizam como recentes e adentraram no país pelos movimentos feministas, e assim passou se distinguir gênero de sexo (LOURO, 1997).

Abordar emancipatóriamente a temática de gênero no contexto escolar é algo complexo, pois se concebe que esse é um aspecto que os/as docentes têm pouco domínio, pois a maioria dos cursos de formação não abordam explicitamente essa temática, não havendo, na maioria das vezes, uma disciplina pré-determinada que possa ser trabalhada em torno da concepção de gênero. Na verdade, como todas as disciplinas dos cursos de formação docente podem abordar emancipatoriamente essa temática, se assim for decisão da escola, o que parece é que nenhum conteúdo acaba tratando em específico. Trabalhar a sexualidade e gênero desde a educação infantil é fundamental, pois segundo Furlani (2011, p. 199) “[...] a Educação Sexual, a partir da educação infantil pode articular os estudos das relações de gênero com o processo de formação das crianças e jovens.”

O modo como homens e mulheres se relacionam e se comportam na sociedade corresponde a intenso aprendizado relacionado a fatores culturais, sociais e econômicos e a escola tem papel importante, se essa for a base de seu projeto político-pedagógico, para questionar estereótipos e valores arraigados baseados em preconceitos. A escola não pode reproduzir valores discriminatórios da sociedade, pois

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. [...]. Temos de estar atentos/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui. (LOURO, 1997, p.64).

Trabalhos interdisciplinares na instituição escolar, no qual todos os/as profissionais do contexto escolar possam estar envolvidos no processo de formação de educação sexual, tornam-se fundamentais. Inclusive precisamos buscar compreender que o processo de inclusão pode ser uma realidade a ser construída nas escolas, e todos precisam estar preparados para também trabalhar as questões da temática da sexualidade do aluno incluso, pois a portaria do Ministério da Educação nº 1793/94 recomenda a inclusão da disciplina “Aspectos Éticos-políticos-educacionais da Integração da Pessoa Portadora de Necessidades Especiais”, prioritariamente, nos cursos de Psicologia, Pedagogia e demais licenciaturas; sendo assim, aspectos da sexualidade devem ser incluídos para conhecimento dos/as futuros/as profissionais.

A escola é vista como espaço profícuo para a educação sexual, pois é espaço relevante para a quebra de estereótipos e a troca de experiências, possibilitando o conhecimento do próprio corpo, valorização de sentimentos e conseqüentemente, a formação de pessoas mais autônomas e reflexivas em suas atitudes, livre de preconceitos e questionando padrões pré-estabelecidos.

### **5.3 A constituição do X ENDIPE (2000) ao tratar da sexualidade e gênero**

Referente ao X ENDIPE, realizado no ano de 2000, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi possível encontrar seis trabalhos sobre a temática pesquisada, sendo quatro relacionados à sexualidade e dois especificamente abordando as questões de gênero. Dos trabalhos apresentados, três são organizados em um único painel<sup>24</sup>, denominado a “Constituição da Sexualidade na Escola”; outro trabalho também foi organizado em forma de painel, mas somente um único contempla a temática estudada seguindo os critérios da pesquisa, ou seja, a partir das palavras apresentadas no título. Dois trabalhos foram apresentados em forma de *pôster*, não havendo sobre esses últimos a disponibilidade de encontrar o texto completo, somente os resumos expandidos.

Segundo documento de apresentação, nesse ano a instituição na qual o evento estava sendo realizado completava cinquenta anos. Para os organizadores, o momento educacional vivido pelo país é de conquistas, mas também de transformações e crises, tanto nas questões

---

<sup>24</sup>Não foram encontrados dados que mostram como a modalidade painel foi organizada, sendo que através da pesquisa foi possível constatar que há uma diversidade de número de trabalhos nos diversos painéis apresentados, mas a média maior são três trabalhos por painel.

político-sociais, como também pedagógicas (CANDAU,2000). Podemos destacar que estamos no momento após quatro anos da promulgação da LDBEN 9394/96 (BRASIL 1996), que tem como uma de suas metas a universalização do ensino.

O documento de apresentação do X ENDIPE destaca que a Comissão Científica se baseou em dados bem definidos para eleger os trabalhos que deveriam fazer parte desse evento; dentre eles destaca-se a relevância da temática abordada, pertinência em relação às áreas de Didática, Currículo e Formação de Professores, articulação com a problemática atual da educação do país (CANDAU, 2000).

A seguir são apresentados dados referentes ao X ENDIPE:

**Tabela 10 - Dados do X ENDIPE**

Local / Estado / Cidade	Rio de Janeiro - RJ
Temática	“Ensinar e aprender: sujeitos, saberes, tempos e espaços”
Data	De 29 de maio a 1º de junho de 2000
Coordenação Geral	Profª Drª Vera Maria Candau ( PUC – Rio )
Instituições Promotoras	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- Rio) Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Universidade Federal Fluminense (UFF) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio)
Instituições Financiadoras	Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia (CNPq) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)
Números do Evento	Em média 667 trabalhos para apresentação
Formato organizativo	Conferência, simpósios, painéis e pôsteres

<b>Eixos temáticos</b>	<b>1) Os múltiplos sujeitos no ensinar e aprender</b> <b>2) Os múltiplos saberes no ensinar e aprender</b> <b>3) Os múltiplos espaços e tempos de ensinar e aprender</b> <b>4) As múltiplas linguagens no ensinar e aprender</b> <b>5) As múltiplas abordagens da pesquisa sobre o ensinar e aprender</b>
------------------------	---

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentaremos os trabalhos que serão analisados e discutidos nesse ano, proporcionando na tabela dados relevantes para uma visão inicial e geral.

**Tabela 11 – Trabalhos apresentados no X ENDIPE sobre as temáticas abordadas**

Título	Autor (es)	Universidade faculdade	Palavras-chave	Tipo de apresentação	Trabalho completo ou resumo	Eixo temático
<b>1a) Sexualidade na escola</b>	<b>Helena Altmann (coord. do painel)</b>	<b>FESB</b>	<b>Não consta</b>	<b>Painel Título: A constituição da sexualidade na escola</b>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Os múltiplos sujeitos no ensinar e aprender</b>
<b>1b) O Dispositivo da Sexualidade e a Constituição do sujeito na obra de Michel Foucault</b>	<b>Carlos José Martins</b>	<b>UNESP</b>	<b>Não consta</b>	<b>Painel Título A constituição da sexualidade na escola</b>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Os múltiplos sujeitos no ensinar e aprender</b>
<b>1c) Sexo se aprende na escola: a sexualidade e a invenção da adolescência</b>	<b>Maria Rita de Assis Cesar</b>	<b>UFPR</b>	<b>Não consta</b>	<b>Painel Título: A constituição da sexualidade na escola</b>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Os múltiplos sujeitos no ensinar e aprender</b>
<b>2a) Discutindo os Temas Transversais sobre etnia e gênero na perspectiva afrodescendente</b>	<b>Henrique Cunha Junior</b>	<b>UFCE</b>	<b>Não Consta</b>	<b>Painel Titulo: Saberes sobre cidadania e Racismo nas vozes afrodescendente</b>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Resumo/trabalho completo</b>

3)Deficiência mental e sexualidade: visões de múltiplos saberes para a qualidade de vida	Mônica Mello	UNIG (Universidade Iguazu )	Não consta	Pôster	Resumo	As múltiplas abordagens da pesquisa sobre o ensinar e aprender
4)O feminino e o masculino no ensino de matemática: as representações das professoras do ensino fundamental	Darcy I. de Oliveira	UFMS	Não consta	Pôster	Resumo	Os múltiplos saberes no ensinar e aprender

Fonte: Elaboração do autora.

### 5.3.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas

Os trabalhos apresentados no X ENDIPE apresentam temáticas variadas em torno da sexualidade e os estudos de gênero; são de diversas regiões geográficas do Brasil tendo predominância a região sudeste (ALTANN, 2000; MARTINS,2000; MELLO,2000), sendo somente um trabalho de instituição particular (MELLO,2000).

O trabalho intitulado **Sexualidade na Escola** (ALTMANN,2000) aborda que o tema da sexualidade está em pauta na escola, mesmo que de maneira velada, sendo o objetivo do trabalho pensar sobre a constituição de múltiplos sujeitos no cotidiano escolar sob a ótica da sexualidade enfocando, especificamente, a questão da adolescência. A autora tem como referencial teórico os estudos de Michel Foucault, pois se trata de um estudo teórico.

Destaca que a escola exercita uma pedagogia da sexualidade e do gênero, investindo no corpo de meninos e meninas no modo de viverem suas sexualidades, sendo que essa intervenção, na maioria das vezes, não é positiva. A autora aborda a entrada dos Parâmetros Curriculares Nacionais na escola, especificamente da área da sexualidade, devido ao aumento nos anos de 1980 da gravidez indesejada (termo usado pela autora) e risco de contaminação pelo HIV. O caráter normativo da sexualidade preconizado através dos PCN e o autodisciplinamento da própria sexualidade são enfatizados no texto, além do caráter informativo que o documento oficial enfatiza. Os questionamentos do texto se situam em torno dos PCN e seu caráter de disciplinamento ou busca da informação.

O trabalho intitulado **O Dispositivo da Sexualidade e a Constituição do Sujeito na Obra de Michel Foucault** (MARTINS, 2000), como o próprio título apresentado deixa claro, trata de um estudo que tem como referencial teórico os trabalhos de Foucault, destacando a sexualidade vista como um dispositivo histórico. O autor aborda as concepções da sexualidade características de Foucault, dentre elas o sexo visto como “negócio de estado”, relacionado às questões econômicas e políticas, pois sexo não se julga, administra-se.

Basicamente o texto discorre sobre o pensamento de Michel Foucault abordando as questões em torno das temáticas sexo, sexualidade, ética e poder. Questiona como através do referencial de Foucault se questiona a ética como exercício de liberdade.

O texto **Sexo se Aprende na Escola: a sexualidade e a invenção da adolescência** (CÉSAR, 2000) tem como objetivo apresentar os discursos que construíram a sexualidade em torno da adolescência presentes nas obras da psicologia do desenvolvimento e da pedagogia escolar, tendo como base o referencial teórico de Michel Foucault, abordando a questão da subjetividade por meio de discursos e dispositivos de poder.

A autora aborda que a pedagogia é utilizada para domesticar a sexualidade adolescente, inclusive a questão do combate à masturbação que tem todo um discurso moral e religioso. Aborda as marcas da sexualidade a partir de Foucault, quais sejam, a mulher histórica, a criança precoce, jovem homossexual e adolescente masturbador. O trabalho permeia pela crítica à escola, vista como espaço que treina o intelecto e o corpo.

O trabalho apresenta um recorte histórico da adolescência desde a década de 1920 até o final do século XX e como produziu os sujeitos da sexualidade, pois para a autora “aperfeiçoaram as técnicas que colocaram o sexo adolescente para falar e criaram diversos ouvidos treinados para escutá-lo” (CÉSAR, 2000, p. 11).

O trabalho intitulado **Discutindo os Temas Transversais sobre Etnia e Gênero na Perspectiva Afrodescendente** (CUNHA JUNIOR, 2000) aborda o machismo e o racismo, pois o autor afirma que há relação entre as vertentes de gênero, etnia e classe social que produz desigualdades. Apesar do texto enfatizar mais a questão afrodescendente, sinaliza que tanto gênero e etnia podem ser tratadas juntas no contexto escolar dos temas transversais, pois o documento oficial dos PCN facilita essa inclusão de temáticas próximas.

Gênero e etnia, mesmo enquanto temas transversais, passam por resistências, tabus, contradições, inclusive porque falta reconhecer a própria realidade nacional, que no caso o autor destaca que se valoriza a branquidade. Trabalhar com a cidadania no contexto escolar pode diminuir as desigualdades sociais.

O texto apresentado em forma de resumo expandido **Deficiência Mental e sexualidade: visões de múltiplos saberes para a qualidade de vida** (MELLO, 2000) tem como objetivos apontar a importância do saber lidar com a sexualidade para os portadores de deficiência mental e destacar a importância de um programa multidisciplinar com familiares e educadores para a produção de saberes e formação de valores dos portadores de deficiência mental. A sexualidade deve ser entendida, segundo a autora, como mecanismo para a melhoria da qualidade de vida e, conseqüentemente, para melhorar a inclusão na sociedade.

A autora aborda o preconceito social em relação aos portadores de necessidades especiais que são vistos como assexuados ou hipersexuados, criando estigmas que os marginalizam ainda mais no cotidiano. Apresenta como sugestão de metodologia para a construção de conhecimentos a respeito da sexualidade o lúdico e também tendo como base as vivências, mas destaca que a temática da sexualidade e deficiência mental são assuntos polêmicos.

O trabalho **O Feminino e o Masculino no Ensino de Matemática: as representações das professoras do ensino fundamental** (OLIVEIRA, 2000), também apresentado através de resumo expandido, trata especificamente, das representações sociais de gênero implícitas e explícitas das professoras de matemática do ensino fundamental, enquanto mulheres, alunas e professoras. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em escola estadual de ensino fundamental em Rondonópolis (MS), que se constituiu a partir da entrevista com dez professoras de 3ª e 4ª séries e dez professoras de 5ª a 8ª séries.

A autora constatou que as representações sociais de gênero são fundamentadas no senso comum, na concepção de que meninas e meninos nascem com habilidades e inteligências diferentes e que esse comportamento se deve a fatores externos; conseqüentemente, há a concepção que meninos são dotados de características naturais para o aprendizado da disciplina de matemática, pois os professores acreditam que os meninos possuem o raciocínio mais rápido, dom e inteligência para o aprendizado da matéria no contexto escolar. Em contrapartida, as meninas são vistas como lentas, esforçadas, caprichosas. Essas concepções em torno das diferenças entre meninas e meninos no aprendizado da matemática são reproduzidas para as salas de aula, e inevitavelmente reforçam a ideia estereotipada de superioridade do homem em relação à mulher. A pesquisa se apresenta como um alerta para como a temática de gênero é concebida no contexto escolar.

Verificamos que mesmo tendo os PCN e os temas transversais, e em específico de orientação sexual, sido constituídos oficialmente a partir de 1997, apresentam-se poucos indícios sobre trabalhos com essa temática no cotidiano escolar e esses estudos são de

natureza teórica, estabelecendo que documentos oficiais demandam tempo para serem incorporados nas práticas cotidianas escolares.

As pesquisas podem ser variadas, mas o universo escolar se apresenta como local de destaque para abordagem da temática, seja na pesquisa de campo ou estudos teóricos, confirmando a proposição desse estudo, pois a sexualidade possui nos determinados contextos escolares espaço singular para discussões e abordagens.

### **5.3.2 Conhecimentos e práticas referentes a temática sexualidade e gênero**

Os trabalhos do X ENDIPE possuem características significativas capazes de nos revelar a amplitude da temática sexualidade enquanto portadora de diversas abordagens e especificamente no contexto da escola. Primeiramente a relação eminente dos estudos de Foucault ao contexto escolar enquanto processo de tentar modelar a sexualidade a padrões pré-determinados, disseminando que há muito além do preconizado pelos temas transversais orientação sexual para ser abordado na escola, mas que tal documento não pode ser desprezado, pois já se apresenta como referencial para discussões e tomada de iniciativas.

Outros apontamentos também se fazem presentes, dentre eles a percepção do quanto é necessário e urgente ver o/a deficiente intelectual como portador/a de sexualidade, abordando também o conceito errôneo de similaridade entre sexo e sexualidade; além de contradizer as ideias tão implícitas e sistematizadas que ainda estão presentes no contexto escolar sobre as diferenças entre homens e mulheres no que tange as questões intelectuais, sempre havendo preponderância na valorização do sexo masculino.

A partir da leitura dos trabalhos se sinaliza a importância de ocorrerem mais pesquisas diretamente no universo escolar, da educação básica ao ensino superior, com professores, alunos, gestores, pais, pois se torna referência significativa para estabelecer a relação entre teoria e prática, compreender e desvelar o que o cotidiano das escolas é capaz de nos mostrar.

Com base nos dados apresentados nos textos e nos resumos completos, realizaremos a análise de conteúdo, modalidade temática, para discorrermos sobre os dados mais significativos do evento tendo como foco as temáticas da sexualidade e gênero.

A tabela 12 explicita as categorias, Gênero; Educação Sexual/Orientação Sexual; Sexualidade/Sexo, a partir da análise realizada sobre as conclusões dos textos completos e resumos.

**Tabela 12 – Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do X ENDIPE**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Número de ocorrências</b>
<b>Gênero</b>	<b>Diferenças de tratamento no contexto escolar</b>	<b>23</b>
<b>Educação Sexual / Orientação Sexual</b>	<b>Deficiência</b>	<b>20</b>
	<b>Informação/discussões</b>	<b>22</b>
<b>Sexualidade/Sexo</b>	<b>Poder</b>	<b>40</b>
	<b>Contexto escolar</b>	<b>17</b>
	<b>Formação docente</b>	<b>37</b>

Fonte: Elaboração da autora.

A sexualidade é um tema debatido e estudado em todos os textos, abordado juntamente com as questões de gênero, pois ambos devem ser concebidos de maneira integrada. Os trabalhos destacam o papel da escola/educação no tocante a trabalhar assuntos que tratam a sexualidade no sentido de informar, proporcionar a melhor formação do cidadão, mas também como capaz de proporcionar o repensar de atitudes e valores. Assim, é preciso que a escola realmente aborde o tema da sexualidade de maneira científica e conhecedora do assunto, indo além do senso comum e questionando os próprios referências instituídos pelos órgãos oficiais.

Perceber a “sexualidade como dispositivo histórico” (FOUCAULT, 1988) é inevitavelmente essencial para compreender as amarras e entraves que a escola, mesmo sem perceber, realiza em torno da sexualidade, pois domestica não só mentes, mas também corpos, sinaliza de maneira velada o que é permitido e o que se torna arbitrário em torno dos comportamentos e das vivências. Separa meninos e meninas nas filas, nas aulas de educação física, em diversas atividades no pátio, em muitas aulas que tenta realizar sobre a sexualidade, determina vestuários, assim, a instituição escolar, através de seus currículos, prescritos ou ocultos, tem poder disciplinador exercido pelos diversos atores, quais sejam, diretores/as, professores/as, funcionários/as, secretarias e departamentos de educação.

Foucault (2009) em “Vigiar e Punir” apresenta o caráter disciplinador das instituições, dentre elas a escola, pois há um controle, formas de adestramento, de poder e subordinação, a escola se postando também como o panóptico, que tudo observa, vê e tenta administrar, para organizar pelo poder, pois

[...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). [...] digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (FOUCAULT, 2009, p.133-134, grifo do autor).

O poder disciplinador do sistema escolar, ou mesmo dos órgãos governamentais na escola, pode ser percebido mesmo em seus documentos oficiais, dentre eles, para essa discussão, podemos destacar o tema transversal sexualidade contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998b), pois se não for percebido com um viés crítico, sugere a normatização das aulas no tocante à sexualidade através da concepção biologizante, deixando para iniciativas docentes abordagens de valores e culturas que devem ser trabalhadas juntamente com o preconizado pelo PCN

[...] Nessa exploração do próprio corpo, na observação do corpo de outros, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina [...].  
 [...] à puberdade, as mudanças físicas incluem alterações hormonais que, muitas vezes, provocam estados de excitação incontroláveis, ocorre intensificação da atividade masturbatória e instala-se a função genital. (BRASIL, 2001,p.118).

Os PCN, tanto para os anos iniciais como para os anos finais do Ensino Fundamental, abordam a questão cultural e social da sexualidade, mas se o/a profissional que for trabalhar a temática não tiver formação além do documento, não conseguirá valorizar aspectos fundamentais para a educação sexual.

A escola enquanto instituição tem por função, via o trabalho dos profissionais que nela atuam, além de transmitir o conhecimento acumulado pela humanidade, o dever de oferecer condições aos discentes para adquirirem posturas capazes de proporcionar o questionamento, posicionamento crítico e reflexão em torno da formação do cidadão, tendo destaque a tomada de decisões no tocante à sexualidade e também ao combate a homofobia, misoginia e atitudes machistas.

A cultura ocidental possui como uma de suas marcas a questão da mulher vista como objeto para do/o homem, que é tido como o sujeito da sexualidade, pois desde os tempos do Brasil Colônia o sexo libertino para o homem era prova de sua virilidade. Esses comportamentos vêm se perpetuando no decorrer da sociedade brasileira e por isso, muitas vezes, hoje, o machismo não é considerado forma de agressividade e violência,

transformando-se em poder. Nas questões tangentes à sexualidade temos como exemplo o não uso de preservativo masculino em relações tidas como estáveis, pois para o homem essa é uma forma de desconsiderar sua virilidade, ou mesmo, que a mulher possui outros parceiros/parceiras, sendo que muitas vezes, devido a essa imposição masculina, a mulher acaba cedendo e tendo relações desprotegidas, sendo comum a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, dentre elas a AIDS.

Os estudos de gênero também perpassam os blocos de conteúdos dos PCN, pois “[...] A discussão sobre relações de gênero tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação [...]” (BRASIL, 2001,p.144). Aliás, a forma como homens e mulheres agem no cotidiano social é fruto de aprendizado sociocultural, cabendo também aos espaços educativos proporcionar questionamentos e intervenções em atitudes ou manifestações que provoquem violência ou repúdio a padrões tidos como majoritários.

As sutis brincadeiras no pátio da escola, as falas corriqueiras em salas de aula, a reprodução sem reflexão dos ditos populares, piadas consideradas inofensivas, podem desencadear concepções que se tornam arraigadas no sentido de desvalorização e inferioridade da mulher: seria a opressão que gera violência e subordinação. O espaço escolar precisa ir muito além de trabalhar com dicotomias, divisões de sexo, pois

[...] Dispostas/os a implodir a ideia de um binarismo rígido nas relações de gênero, teremos de ser capazes de um olhar mais aberto, de uma problematização mais ampla (e também mais complexa), uma problematização que terá de lidar, necessariamente, com as múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia. Se essas dimensões estão presentes em todos os arranjos escolares, se estamos nós próprias/os envolvidas/os nesses arranjos, não há como negar que essa é uma tarefa difícil. Trata-se de pôr em questão relações de poder que compartilhamos, relações nas quais estamos enredadas/os que, portanto, também nos dizem respeito. (LOURO, 1997, p.63-64).

É preciso compreender a sexualidade muito além do sexo biológico, pois a sexualidade é também a forma como nos compreendemos diante das pessoas e do mundo, como percebemos valores e concepções na qual estão envoltos sentimentos, crenças e, conseqüentemente, têm dimensões culturais, sociais e econômicas que devem ser reconhecidas e postas em discussão, pois “[...] A sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico. [...] a melhor maneira de compreender a sexualidade é como um ‘construto histórico.’” (WEEKS, 2010, p.38, grifo do autor).

No tocante à sexualidade, é comum acreditar que a pessoa com deficiência, tanto física quanto intelectual, não possui sexualidade ou que possui uma sexualidade extremamente aflorada; em ambos os casos a sexualidade é tida somente no contexto do ato sexual e também vista pelo lado patológico, pois

[...] Não existe uma sexualidade “anormal” relacionada à deficiência mental, o que existe, muitas vezes, é uma manifestação inadequada da sexualidade num meio social que julga que esses comportamentos são próprios da deficiência, sem considerar que os ambientes familiar e escolar não proporcionam condições de aprendizado de comportamentos adequados em relação à manifestação afetiva e sexual. (MAIA, 2009,p.142, grifo do autor).

Autores e autoras definem a sexualidade, cada qual com seu referencial teórico em específico, mas o que se torna um consenso é que há a importância de se compreender a sexualidade como sendo envolta com questões sociológicas, históricas e políticas. Para tanto, a sexualidade também envolve a participação e a formação do/a cidadão/a no contexto social, e conseqüentemente, tem relação com o indivíduo ter melhores condições de vida e também ter atitudes positivas diante de suas próprias relações pessoais e apropriada autoestima, a instituição escolar tem muito a colaborar para esse intento. Devemos considerar que boa parte das pessoas que frequentam a escola durante um mínimo de nove anos, tempo obrigatório por lei<sup>25</sup>; é nesse espaço que o educando constitui a maioria de seus grupos sociais, além de que,

É na escola que se espera que os educandos aprendam a questionar, refletir e se posicionar sobre atitudes relacionadas à sociedade, à cidadania aos direitos humanos, à preservação do meio ambiente; é na escola que se espera que os indivíduos aprendam a adotar práticas preventivas visando à constituição de cidadãos críticos e autônomos, o que inclui uma educação sexual emancipatória.(MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 78).

Tendo como base o paradigma da educação sexual emancipatória, compreendemos a sexualidade como uma dimensão inseparável do ser humano e de sua formação social, pois se inicia em uma concepção pessoal transpassando para o social, é uma construção dialética, que não se finda, pois está em uma constante transformação de acordo com culturas e valores sociais.

---

<sup>25</sup> Os sistemas de ensino tem até 2016 para incorporar a educação pré-escolar como obrigatória, aumentando os anos de escolarização (LDBEN 9394/96).

A adolescência também é um período em que boa parte dos/das educados permanece na escola e é nessa fase que os grupos de amigos/as passam a ter maior influência na vida dos jovens, sobrepondo até mesmo à família. Não podemos definir a adolescência somente pelo limite de idade entre jovens, mas esse é um marco importante. Para a Organização Mundial de Saúde, a adolescência compreende o período de dez a vinte anos, enquanto que para o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) define o período dos 12 aos 18 anos.

Conceituar adolescência não é tão simples, principalmente em um país com tanta diversidade como o nosso, mas é consenso que embora a adolescência seja um processo psíquico, é também inerente ao momento histórico, cultural e social no qual o indivíduo está vivendo. A sexualidade é um importante marcador na entrada da adolescência, principalmente nas culturas ocidentais, fato que é motivado pela mídia.

Como mencionado, o tema transversal orientação sexual deve ser trabalhado intensionalmente na escola para prevenir as DST, AIDS e também a gravidez precoce, numa perspectiva emancipatória. Dados de 2006, ou seja, oito anos após a institucionalização dos PCN, e conseqüentemente dos temas transversais, as estatísticas mostram que a implementação de políticas educativas demandam tempo para se consolidarem e que muitas vezes seus resultados são apresentados em governos posteriores

Mais de 20% da população brasileira é constituída por crianças e adolescentes entre 10 e 19 anos de idade. Dados do Ministério da Saúde comprovam que mais de 70% dos casos de Aids correspondem a indivíduos entre 20 e 39 anos, sendo que uma parcela considerável desses pacientes contraiu o vírus na adolescência [...]. O número elevado de ocorrência de gravidez na adolescência em jovens entre 10 e 19 anos [...]. (BRASIL, 2006, p.9).

Apesar de haver muitas críticas em relação aos PCN, especificamente em relação ao tema transversal orientação sexual, apontando os parâmetros como documentos impossíveis de atender a realidade nacional devido à complexidade da mesma e também devido não ocorrer formação docente suficiente para trabalhar com o proposto, defendemos que a inserção de documentos que tratem da sexualidade no contexto escolar são significativos, pois promovem o questionamento e o despertar de motivações para que os/as docentes busquem estudos para fundamentar suas práticas.

Os profissionais da escola, na questão da educação sexual, poderia buscar valorizar as experiências e vivências, tendo como meta a reflexão, a quebra de estereótipos e também desconstruir preconceitos, é preciso que seja algo vivenciado, que faça parte do indivíduo,

pois o conhecimento deve ser concebido como um meio e não um produto do pensamento. Não se trata da experiência apregoada pelo empirismo, que se confunde com experimento, em que o sujeito se coloca apenas como observador neutro e imparcial, esta é a experiência “ensigna”, que dá ordens, que comanda; porém trata-se de experiência que marca o indivíduo, que o surpreende, que o faz parar para pensar

Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “*ce que nous arrive*”; em italiano “*quello che nos succede*” ou “*quello che nos accade*”; em inglês, “*thatwhatis happening tous*”; em alemão, “*wasmir passiert*” (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 21, grifo do autor).

A experiência tem possibilidades diversas no campo da educação. De início terá lugar como algo que não sou, não conheço, exterior a mim, posteriormente há um processo de reflexão, de tomada de “postura” e finalmente é algo que passa de um para outro, esse é o caráter fundamental da educação formal, e conseqüentemente nos momentos de se trabalhar intencionalmente a educação sexual na perspectiva desejada, conscientemente.

Nos PCN a orientação sexual, abordada enquanto tema transversal, possui um caráter de transferir informações, ou seja, o/a docente deve ter conhecimento suficiente para trabalhar a sexualidade nos diversos níveis do processo de escolarização, para tanto precisa de conhecimentos, de incorporar sua própria experiência, “A formação dos educadores sexuais deve, pois, compreender uma formação pessoal ao lado da formação científica.” (WEREBE, 1998, p.196).

As relações na educação formal, como se sabe, não são meras relações entre pessoas, o participante não se relaciona com os outros da mesma maneira que se faz em casa, na igreja ou na rua. A escola segue legislações que a regulamenta, um poder público que a mantém, uma comunidade a que ela atende, uma história da qual participa, uma economia à qual está vinculada, um Projeto Político-Pedagógico que a orienta, entre outros elementos. É isso que se precisa investigar e compreender bem. Para chegar a essa compreensão, faz-se necessário aprofundar noções pautadas nas ciências humanas e sociais, e construir uma sólida noção do todo, do conhecimento e legislações pertinentes, cada integrante percebe o momento da educação também pela sua experiência, mas que reflete sobre ela, para ir além da transformação, do real aprendido, mesmo que a experiência seja singular

Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 25, grifo do autor).

Fica evidente a importância de se compreender na formação docente as questões teóricas e práticas que pautam a formação em torno da sexualidade, pois caso contrário a escola será o exemplo mais fiel do disciplinamento de corpos e mentes, local em que as questões de gênero não serão discutidas, mas refutadas e reproduzidas como ocorre em nossa sociedade, que reproduz relações desiguais.

A inserção intencional, via projeto político pedagógico emancipatório, dos temas transversais no contexto escolar não pode ser desperdiçada, pois se apresenta como um indicativo e abertura para temas antes pouco ou nada trabalhados. Como se trabalhar esses temas transversais, e especificamente a orientação sexual, passa também pelo crivo da formação, pois é temática ampla que deve ser abordada nas vertentes históricas, pedagógicas, sociológicas, psicológicas, antropológicas, dentre outras que constituem o conhecimento humano.

Os seis trabalhos apresentados no ENDIPE 2000 contribuem de maneira substancial para que seja repensada a educação sexual no contexto escolar, pois além de questões históricas, apresentam como se constitui o cotidiano escolar, preconizam a formação docente, uma vez que a educação se torna elemento fundamental na formação do/a cidadão/a e, conseqüentemente, na sua instigante realização pessoal.

#### **5.4 A constituição do XI ENDIPE (2002) ao tratar da sexualidade e gênero**

O XI ENDIPE, realizado no ano de 2002, na cidade de Goiânia, contou com a participação de três universidades na organização do evento – Universidade Federal de Goiás, Universidade Católica de Goiás, Universidade Estadual de Goiás – e a Associação Educativa Evangélica de Anápolis (LIBÂNEO, 2002). O Estado de Goiás já havia sediado o evento em 1994, VII ENDIPE.

Foram encontrados quatro trabalhos para análise referentes a esse congresso do ENDIPE, sendo a pesquisa realizada a partir do Caderno de Programação e Resumos de Painéis e *Pôsteres*, que em sua capa apresenta uma ilustração característica da inclusão, pois há a simulação de pessoas de mãos dadas (somente contorno do corpo), inclusive de pessoa

com deficiência física, não ficando explícitas outras formas de inclusão, que abarcasse os negros, homossexuais, de diferentes culturas, que poderiam ser exploradas no desenho, propondo a reflexão dos participantes, inclusive por ser um evento cuja temática abordou a diversidade.

O Caderno de Programação apresenta os resumos dos painéis e *pôsteres* e o CD do evento traz os textos completos, sendo que não foram encontrados os textos completos referente aos simpósios e mesas-redondas, somente os títulos que se encontram também no Caderno de Programação, mas que não possui as palavras-chave referente a pesquisa, e assim, não são materiais para análise.

Dois trabalhos fazem parte de painéis distintos, sendo que cada painel<sup>26</sup> apresenta um único trabalho sobre a temática pesquisada a partir das palavras-chaves destacadas para a pesquisa; cada um deles apresenta um título e dois trabalhos foram apresentados através de *pôster*.

A seguir são apresentados dados referentes ao XI ENDIPE.

**Tabela 13 –Dados referentes ao XI ENDIPE**

Local / Estado / Cidade	Goiânia - GO
Temática	“Igualdade e Diversidade na Educação”
Data	De 26 A 29 de maio de 2002
Coordenação Geral	José Carlos Libâneo - UCG Sandramara Martins Chaves – UFG Elianda F. Arantes Tiballi – UCG
Instituições Promotoras	Universidade Federal de Goiás – UFG Universidade Católica de Goiás –UCG Universidade Estadual de Goiás – UEG Associação Educativa Evangélica de Anápolis
Instituições Financiadoras	Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia (CNPq) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Universidade Federal de Goiás ( UFG ) Universidade Católica de Goiás (UCG) Associação Educativa Evangélica de Anápolis
Números do Evento	120 painéis contendo 411 trabalhos 267 pôsteres
Formato organizativo	Conferência, simpósios, painéis e <i>pôsteres</i>

<sup>26</sup> Através da pesquisa foi possível perceber que os painéis do XI ENDIPE foram organizados de três a cinco trabalhos cada um.

Eixos temáticos	<p><b>Políticas educacionais, diretrizes curriculares, mudanças organizacionais, sistemas de avaliação e repercussão no cotidiano escolar.</b></p> <p><b>Investigações atuais em teorias do ensino e da aprendizagem e suas relações com a Didática e práticas de ensino nos diversos níveis escolares.</b></p> <p><b>Práticas didáticas, metodológicas de ensino e avaliação da aprendizagem para a diversidade humana, cultural e social em vários contextos educativos.</b></p> <p><b>Enfoques curriculares emergentes e propostas didáticas e metodológicas .</b></p> <p><b>Novos processos de interação e comunicação, novas tecnologias da informação na educação e na didática.</b></p> <p><b>Identidade profissional, saberes, competências e formação do profissional do magistério.</b></p>
-----------------	---

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentaremos os trabalhos que serão analisados e discutidos desse ano, proporcionando na tabela dados relevantes para uma visão inicial e geral.

**Tabela 14 – Trabalhos apresentados no XI ENDIPE sobre as temáticas abordadas**

Título	Autor (es)	Universidade, faculdade	Palavras-chave	Tipo de apresentação	Trabalho completo ou resumo	Eixo
1) Educação sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental	Ana Maria Faccioli de Camargo; Cláudia Ribeiro	Universidade de Uberaba e Universidade Federal de Lavras	Não consta	Painel Arte e Temas Transversais no cotidiano escolar	Resumo / trabalho completo	Enfoques curriculares emergentes e propostas didáticas e metodológicas
2) Meu corpo estrangeiro- Estudo da percepção da sexualidade feminina na terceira idade como contribuição para a educação sexual	Rosa Cavalcanti de A Pires;  Sonia Maria M. de Melo	UDESC	Não consta	Painel Prática educativas e corporeidade	Resumo / trabalho completo	Enfoques curriculares emergentes e propostas didáticas e metodológicas
3) Relações de gênero no contexto escolar: Uma questão Didática	Geovana Ferreira Melo Moura	Universidade Federal de Uberlândia	Não consta	Pôster	Resumo / trabalho completo	Não tem
4) Práticas pedagógicas e relações de gênero	Fabiana Cristina de Souza	Sem identificação	Não consta	Pôster	Resumo / trabalho completo	Não tem

Fonte: Elaboração da autora.

#### 5.4.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivo das pesquisas

Os trabalhos apresentados no XI ENDIPE estão basicamente organizados através de temáticas que perpassam o contexto escolar e também o currículo, enquanto representante constitutivo do ocorrido no processo de escolarização.

O trabalho intitulado **Educação Sexual nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental** (CAMARGO; RIBEIRO, 2002) trata das concepções de infância e como a sexualidade vem sendo abordada com as crianças nos primeiros anos do Ensino Fundamental, realizando um levantamento da sexualidade através da história.

O texto faz um questionamento dos subsídios na formação docente para trabalhar a sexualidade, ainda mais a partir da possibilidade da inserção dos temas transversais no currículo. Mesmo não deixando explícito o referencial teórico utilizado, o texto aborda os estudos de Foucault, pois destaca a domesticação do corpo pela igreja, sexo enquanto poder.

As autoras afirmam que o sistema educacional desconhece a criança, esquece sua sexualidade e apresentam princípios metodológicos para a educação sexual na educação formal. Destaca o quanto a escola está permeada por manifestações sexuais e apresenta dois episódios trabalhados no contexto escolar abordando família/gênero e sexualidade/gravidez, propondo assim, a educação sexual nos cursos de formação docente, pois é preciso perceber que as crianças são seres sexuados.

O trabalho **Meu Corpo Estrangeiro: estudo da percepção da sexualidade feminina na terceira idade como contribuição para a educação sexual** (PIRES; MELO, 2002) se apresenta como uma pesquisa de mestrado em andamento com a temática da sexualidade feminina na terceira idade, inclusive devido ao aumento da longevidade.

As autoras abordam a entrada dos PCN na escola, especificamente do tema transversal orientação sexual, mas que a sexualidade da mulher é descartada principalmente na velhice e, conseqüentemente, o conceito de corpo, pois a sexualidade não está somente no corpo físico, mas na constituição mental, ou seja, no ser humano como um todo.

O texto intitulado **Relações de Gênero no Contexto Escolar: uma questão didática** (MOURA, 2002) tem como objetivo principal estudar as relações de gênero no espaço escolar, pois enfoca que a partir dos temas transversais, gênero e sexualidade possuem seus estudos ampliados, pois para a autora a escola é capaz de compreender a problemática de identidade, gênero e etnia, tendo o educador a possibilidade de ser questionador em torno desses temas.

Para a autora, a escola produz relações de poder, direciona como agir, mas tentando passar de modo natural, portanto, é preciso desconfiar e descaracterizar o que é tido como comum no espaço escolar, percebendo na escola o sexismo e o etnocentrismo. O trabalho também trata dos estereótipos apresentados pelo livro didático em torno da mulher e da mulher negra, sempre associados a papéis sociais de pouco prestígio.

A autora propõe que as relações de gênero sejam abordadas no contexto escolar e, para tanto, deve-se iniciar nas discussões acadêmicas para que os egressos das licenciaturas possam condições de abordar no contexto escolar no qual estarão em atuação.

O texto **Práticas Pedagógicas e Relações de Gênero** (SOUZA, 2002) apresenta a pesquisa de mestrado que teve origem na iniciação científica questionando os papéis sexuais, masculino e feminino, destacando que o sistema escolar é promissor para estudos de gênero, pois, na maioria dos casos, reúne alunos de ambos os sexos nos sistemas de classes mistas.

O conceito de gênero é permeado pela autora no decorrer do trabalho, destacando as identidades de gênero em torno da família, que apresenta forte influência na construção desses conceitos, e a própria escola. Trata-se de uma pesquisa etnográfica realizando entrevistas e observações com pais e professores. Dentre os resultados apresentados, o trabalho destaca que o professor delinea o perfil dos alunos de acordo com cada sexo e reforça o comportamento estereotipado de meninos e meninas, a escola também se torna um prolongamento dos comportamentos sociais. Assim, a escola se torna espaço importante para se questionar não só o que é ensinado, mas como é ensinado.

#### **5.4.2 Conhecimentos e práticas referentes à temática sexualidade e gênero**

Os trabalhos apresentados no XI ENDIPE evidenciam a entrada do PCN e, especificamente, do tema transversal orientação sexual no contexto escolar, mesmo que seja de maneira ainda pouco expressiva, pois a representatividade foi de quatro trabalhos. Esse fato infere que há lacunas no contexto escolar para que a sexualidade e gênero sejam trabalhados; aparentemente parece que a instituição escolar percebe a sexualidade como se ficasse do lado de fora de seu espaço.

As contribuições dos trabalhos são significativas, destacando o quanto a criança deve ser percebida como ser sexuado e inclusive apontando a necessidade de haver na formação docente o trabalho intencional crítico, com a temática da sexualidade e gênero, pois ambos os

temas devem permear o aprendizado e discussão na sala de aula desde a educação infantil, inclusive para que sejam compreendidos nas diferentes fases da vida.

Com base nas considerações dos textos completos e dos resumos, realizamos a análise de conteúdo, modalidade temática, para discorrermos sobre os dados mais significativos do evento tendo como foco as temáticas da sexualidade e gênero.

**Tabela 15 – Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XI ENDIPE**

Categories	Subcategories	Number of occurrences
Sexualidade	<b>Estudo da sexualidade humana ( fases da vida )</b>	<b>40</b>
Educação sexual	<b>Discussões / reflexões</b>	<b>25</b>
	<b>Estereótipos</b>	<b>14</b>
Formação docente	<b>Atender as diversidades</b>	<b>44</b>
	<b>Gênero</b>	<b>26</b>

Fonte: Elaboração da autora.

A análise realizada nos trabalhos do XI ENDIPE possibilitou a identificação de três categorias Sexualidade; Educação Sexual; Formação Docente, seguidas de subcategorias de acordo com os assuntos que mais aparecem nas considerações dos trabalhos. As categorias estão interligadas, pois não são concebidas isoladas em nenhum dos trabalhos e, conseqüentemente, no momento de análise. A temática gênero em específico, diferente dos ENDIPE anteriores, despontou como uma subcategoria e não categoria, tendo relação intrínseca com a formação docente, pois foi mencionada na própria atuação/formação docente.

As categorias sugerem a educação sexual constitutiva no espaço escolar como momento para reflexão e conscientização, pois o currículo oficial escolar não insere a temática sexualidade e gênero como disciplina obrigatória, mas a ser abordada a partir da transversalidade nas diversas disciplinas e conteúdos, não tendo um momento pré-determinado para tal abordagem.

Desse modo, a inserção da orientação sexual<sup>27</sup> enquanto tema transversal se apresenta como fato importante para se trabalhar a temática da sexualidade, pois além de fazer parte de um documento oficial, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998b, 2001),

<sup>27</sup>Utiliza-se o termo Orientação Sexual por ser o adotado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

proporcionam subsídios aos/as docentes, mesmo com todas suas limitações, mas negativamente acabam por não sistematizar a inserção da educação sexual intencional no cotidiano escolar. As categorias encontradas sugerem que a escola pode proporcionar a educação sexual formal e, portanto, apresenta fatos que demonstram que a mesma não acontece, deixando lacunas que precisam ser revistas, dentre elas a dualidade sexo/sexualidade, relações de gênero, preconceito.

A temática de gênero, que, pelos PCN deve ser abordada juntamente com as questões em torno da sexualidade, possui grande expressividade nos trabalhos, e dentre elas a necessidade do/a docente perceber as amarras que o próprio livro didático apresenta através de seus textos e imagens, oferecendo e reproduzindo estereótipos e valores arraigados na sociedade que menosprezam a mulher discriminando-a, inferiorizando-a e fazendo com que essas diferenças sejam tidas como naturais e consequências da própria pessoa, fato mais agravado diante da mulher negra. Assim, evidencia-se que a escola reproduz as relações de poder e tem grande influência na construção da identidade dos/as alunos/as e na reprodução de estereótipos.

O livro didático ainda é um dos principais subsídios docentes, inclusive com distribuição gratuita nas escolas públicas, tendo avaliação realizada pelo próprio MEC. Contudo, mesmo com ressalvas, há imagens e textos contraditórios e carregados de preconceitos, sendo a mulher, muitas vezes, colocada em posições subalternas na sociedade. Ademais, a formação de famílias é retratada com pais, mães e filhos, não apresentando questionamento há outros arranjos familiares, tão presentes no mundo atual, não apresentando as temáticas dos movimentos pela diversidade sexual.

Alguns avanços se mostram presentes nos últimos anos, dentre eles o não direcionamento à heterossexualidade como única forma de orientação sexual e a afetividade aparece como forma que possibilita relações entre pessoas do mesmo sexo (FURLANI, 2008). Entretanto, uma formação docente desde a graduação, que possibilitasse os questionamentos em torno dos livros didáticos e a possibilidade de trabalhar com outros materiais didáticos, seria importante recurso diante do contexto escolar.

Dentre os resultados apresentados, o preconceito docente também é discorrido em torno das próprias questões de gênero e, conseqüentemente, da sexualidade, mas precisamos compreender que parte do que o/a professor/a realiza em sua prática tem relação com sua vivência enquanto ser humano e também como aluno/a e inevitavelmente carrega seus valores e concepções. É preciso entender que o grupo de professores/as estabelece e forma uma categoria, mas que cada qual tem sua singularidade, seus percursos, seus

questionamentos, sua formação, sua trajetória, a construção da sua singularidade, constituindo sua identidade. Corroborando com esse pressuposto, Dubar (1997) adverte que o ser professor faz parte da identidade de cada profissional e ressalta que

[...] a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no ato do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. O indivíduo nunca constrói [sua identidade] sozinho: depende tanto dos julgamentos dos outros, como das suas próprias orientações e auto definições [...], a identidade é produto de sucessivas socializações. (DUBAR, 1997, p.77).

Ao desenvolver a pesquisa referente a esta temática, Sousa (2008) observa que a questão da identidade do/a professor/a tem uma relação com a alteridade, que ganha respaldo quando reconhece e tem sentido diante do aluno, “[...] Assim, o trabalho do professor só poderia ser analisado tendo como referência o seu outro, que é o aluno, na medida em que este outro é constitutivo do ser professor [...]” (SOUSA, 2008, p.5). Analisando essa questão podemos observar que esse/a professora também foi aluno/a e passou pelo mesmo processo de identidade-alteridade, muito provavelmente influenciando/a na construção de valores e em sua profissionalização. Portanto, a identidade é resultado de interações, de vivências sociais, psicológicas, pois a identidade é representação construída e reconstruída que vai interagir no processo de formação e atuação do docente.

A docência pode ser definida como experiência multifacetada, mas também é uma relação do humano, da interação. Tardif e Lessard (2007, p. 8, grifo do autor) compreendem a docência “[...] como uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu ‘objeto’ de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no modo fundamental da interação humana.”

Assim, a sexualidade como uma característica essencialmente humana envolve a questão da alteridade, e conseqüentemente esta também presente na escola. Acreditamos, que apesar da busca dos governantes por melhores índices de qualidade educacional, o maior desafio educacional para a atualidade não seja atender as demandas por mais conteúdos e demandas de produtividade, mas fazer da escola e do processo de aprendizagem um local de aprendizado da convivência com as diferenças, tendo o enfoque do respeito e da valorização, e, conseqüentemente as questões da sexualidade perpassam por essa vertente.

Dentre os apontamentos também precisamos compreender a sexualidade em diferentes idades, fato que muitas vezes se torna referência complexa, pois tanto a criança

como a pessoa na velhice é vista sem sexualidade, e isso ocorre porque, na maioria das vezes, a sexualidade e sexo são confundidos e tratados como sinônimos.

Foi a partir do início do século XX que Freud em uma de suas conferências apresenta suas descobertas sobre a sexualidade infantil, indo contra o que até o momento se pregava, que a sexualidade só apareceria na adolescência. Tendo como referência os estudos de Freud, Guirado (1997, p. 25, grifo da autora) destaca que

As crianças, desde o nascimento, apresentavam *atividades auto-eróticas* que, da sucção à masturbação, passando pelo controle das fezes como estímulo à mucosa anal, faziam-se acompanhar de fantasias e constituíam assim a história amorosa desses supostos anjos.

Freud descreve as fases do desenvolvimento da criança expondo a relação do corpo com o prazer e sensações prazerosas: fase oral (0 a 1 ano), fase anal (1 a 3 anos), fase fálica (3 a 6 anos), período de latência (de 6 a 9 anos) e fase genital (a partir dos 10 anos).

Não queremos ser repetitivos, mas novamente a formação docente é fundamental para que se conheça os fundamentos científicos, psicológicos e filosóficos em torno da infância, para que o docente apresente segurança e tenha conhecimento diante das situações ocorridas no cotidiano das escolas.

Assim também, a velhice, a terceira idade, apesar de todo movimento recente da mídia na valorização dessa fase da vida, ainda há preconceito e discriminação e a velhice vista como assexuada. Hoje, as pessoas nas sociedades são cada vez mais longevas, mas envelhecer ainda é uma etapa difícil do ciclo da vida, além de que é vista como uma etapa assexuada

Essa assexualidade da velhice relaciona-se, não apenas às relações homem/mulher, mas também às banais manifestações de feminilidade através, por exemplo de alguns elementos simbólicos que revelam atributos femininos em nossa cultura: vaidade, preocupação com a beleza, conduta jovial. (MOTTA,1998, p.25).

Compreender que a sexualidade vai além do biológico, está intrínseca na pessoa e permanece com ela independente de sua idade, está atrelada aos seus relacionamentos culturais, sociais e econômicos, é inevitavelmente conceber a sexualidade também como a tomada de poder, consciência de si próprio, concepção de corpo e mente integrados.

Entretanto, é preciso, desde sempre, formar e informar as pessoas para que compreendam que, independente da idade a sexualidade está presente no ser humano e deve e precisa ser valorizada com suas especificidades, na busca de uma educação emancipatória.

Os trabalhos analisados no XI ENDIPE apontam a escola, através da educação sexual, como capaz de informar os alunos nas diversas situações que envolvem sexualidade e gênero, sabemos que para tanto o/a docente precisa estar capacitado/a nessa perspectiva, fato também apontado nas pesquisas estudadas, mas percebe-se que as iniciativas ainda continuam tímidas e pouco profícuas. É preciso que a escola, pelos seus trabalhos pedagógicos, assuma seu papel de suprimir os estereótipos preconceituosos e buscar a transformação social e cidadã como destaca Ribeiro (1990, p. 51)

A escola, como responsável pela educação e desenvolvimento do indivíduo, não pode continuar omissa para tratar da sexualidade. Ela deve propiciar encontros, palestras, debates, atingindo os professores alunos e família. As propostas formais de educação sexual ou os programas aprovados até agora não têm atingido o maior objetivo, que é o de participar das transformações sócio-culturais ligadas à questão sexual; nem propiciando um clima descontraído, onde o aluno possa colocar suas dúvidas, temores, dificuldades específicas, suscitar a consciência das responsabilidades que suas opções trarão em sua vida e desenvolver respeito por si mesmo e pelo outro.

É preciso que os trabalhos que estudam a sexualidade e gênero não fiquem somente no nível da teoria, mas que adentrem o universo escolar, apontando iniciativas e propostas com e para toda a comunidade educativa. Inclusive, em espaços que não ocorrem integração educação básica/ensino superior, propomos que os/as próprios/as pesquisadores/ras sejam motivados/as pelos órgãos responsáveis a trabalharem continuamente nas escolas de educação básica e não somente desenvolverem trabalhos pontuais e determinados.

### **5.5A constituição do XII ENDIPE (2004) ao tratar da sexualidade e gênero**

O XII ENDIPE foi realizado na cidade de Curitiba (PR) no ano de 2004, tendo participantes do Brasil e exterior, abrangendo temas referentes à Educação Básica e Educação Superior. Para a realização do evento foi criada a associação ENDIPE Paraná através de comissões e coordenações para melhor organização do congresso, tendo também uma presidente e uma vice-presidente.

O evento foi organizado em forma de apresentação de trabalhos nas modalidades painel aberto<sup>28</sup>, painel fechado e *pôsteres*; contou também com cinco livros com textos de autores convidados para o evento com temáticas de pesquisas diversas, mas que não apresentou nenhum trabalho para essa pesquisa, sendo o tema geral do evento comum a todos, “*Conhecimento Local e Conhecimento Universal: formação docente, aprendizado e ensino*”.

Foram encontrados dez trabalhos para análise referente ao XII ENDIPE, distribuídos entre as modalidades painel aberto, painel fechado e *pôster*.

A seguir são apresentados dados referentes ao XII ENDIPE:

**Tabela 16 - Dados referentes ao XII ENDIPE**

Local / Estado / Cidade	Curitiba – Paraná
Temática	“Conhecimento Local e Conhecimento Universal”
Data	De 29 de agosto a 1º de setembro
Coordenação Geral	Lilian Anna Wachowicz (Presidente) Marilda Aparecida Behrens (Vice –Presidente)
Instituições Promotoras	Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR Universidade Federal do Paraná - UFPR Universidade Estadual de Londrina – UEL Universidade Estadual de Maringá – UEM Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEFG Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – CEFET-PR Universidade Tuiuti do Paraná – UTP Centro Universitário Positivo – UnicenP
Instituições Financiadoras	Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Universidade Federal do Paraná (UFPR) Centro Universitário Positivo (UnicenP) Secretaria de Estado da Educação do Paraná Secretaria Municipal de Educação de Curitiba Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES ) Fundação Araucária
Números do Evento	Aproximadamente 2.300 trabalhos inscritos (pesquisadores do Brasil, Portugal e Chile)
Formato organizativo	Conferências, simpósios, palestra, painel aberto, painel fechado, pôsteres

<sup>28</sup> Não há explicação no *CD Rom* e nos livros sobre a diferenciação entre painel aberto e painel fechado, e diferentemente dos demais ENDIPE, não há a junção de trabalhos para a organização de um painel, pois esse fato não foi possível perceber na leitura do *CD Rom*.

Eixos temáticos	<b>A aula: múltiplos olhares, inovações e sujeitos</b> <b>A pesquisa: da construção à produção do conhecimento</b> <b>Profissionais da educação: formação, concepções, impasses e perspectivas</b> <b>Processos de ensinar e aprender: enfoques, estratégias e práticas</b> <b>Políticas: intervenção, resistência e transgressão</b> <b>Tecnologias: redes, interfaces e linguagens</b>
-----------------	---

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentaremos os trabalhos que serão analisados e discutidos nesse ano, proporcionando na tabela dados relevantes para uma visão inicial e geral.

**Tabela 17 – Trabalhos apresentados no XII ENDIPE sobre as temáticas abordadas**

<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Universidade, faculdade</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Tipo de apr.</b>	<b>Trabalho completo ou resumo</b>	<b>subtema</b>
1)Apropriações dos discursos de gênero e sexualidade nos PCNs	Maria de Fátima da Cunha	UEL	PCNs, Gênero, Sexualidade, Ensino, História	Painel fechado	Resumo/trabalho completo	Não possível identificar
2)Educação sexual: dúvidas e perspectivas nas práticas escolares de educação física	Francis Madlener; Nilson Fernandes Dinis	Universidade Federal do Paraná	Educação Sexual, Sexualidade, Gênero, Práticas Escolares	Painel aberto	Resumo/trabalho completo	Não possível identificar
3)Gênero e sexualidade: uma análise dos livros didáticos de ciências	Raquel de Almeida Silva	Não identificado	Currículo, gênero, sexualidade, livros didáticos, diferenças, estereótipos	Painel aberto	Resumo/trabalho completo	Não possível identificar
4)Beirando as margens do gênero: tramas da cultura histórica do MST no assentamento 1º de Janeiro -TO	Francisco Gomes de Melo Neto; Gislaine da Nóbrega Chaves	Universidade Federal de Tocantins	Gênero , Cultura histórica, Movimento Sem Terra	Painel Aberto	Resumo/trabalho completo	Não possível identificar
5)Como a sexualidade e a orientação sexual são trabalhadas nas aulas de ciências e biologia no ensino fundamental e	Francine dos Santos Camaru; Maria Delourdes Maciel (orientadora)	Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL /SP	Sexualidade, Orientação Sexual, Ensino de Ciências e Biologia	Pôster	Resumo/trabalho completo	Não possível identificar

<b>médio</b>						
<b>6)Construindo subjetividades – a sexualidade nos discursos memorialísticos de professoras</b>	<b>Constantina Xavier Filha</b>	<b>Universidade Federal do Mato Grosso do Sul UFMS</b>	<b>Não tem resumo</b>	<b>Pôster</b>	<b>Trabalho completo</b>	<b>Não possível identificar</b>
<b>7)No Florescer da idade: estudo sobre a sexualidade feminina na velhice como contribuição à formação de educadores</b>	<b>Rosa Cristina Cavalcanti de Albuquerque Pires</b>	<b>UDESC</b>	<b>Sexualidade feminina na velhice</b>	<b>Pôster</b>	<b>Não tem resumo, trabalho completo</b>	<b>Não possível identificar</b>
<b>8)O processo grupal na formação continuada de professores: desenvolvimento humano e sexualidade</b>	<b>Alessandra dos Santos Santana;</b>  <b>Sueli Terezinha Ferreira Martins</b>	<b>UNESP-Bauru</b>	<b>Psicologia Sócio Histórico, Formação de Professores, Processo grupal, desenvolvimento humano, sexualidade</b>	<b>Pôster</b>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Não possível identificar</b>
<b>9) A Representação Social na prática pedagógica: uma questão de gênero</b>	<b>Ana Maria Lakomy; Márcia Simão Linhares Barreto</b>	<b>Universidade Salgado de Oliveira</b>	<b>Representação Social, Gênero, Educação e Prática Docente</b>	<b>Pôster</b>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Não possível identificar</b>
<b>10)Gênero e Magistério feminino: uma imagem construída através da imprensa escrita Londrinense nos períodos de 1930-1960-1990</b>	<b>Adriana Regina de Jesus Santos</b>	<b>Universidade Estadual de Londrina e Universidade Norte do Paraná</b>	<b>Educação, gênero, magistério, imprensa escrita</b>	<b>Pôster</b>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Não possível identificar</b>

Fonte: Elaboração da autora.

### 5.5.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas

Foi possível perceber que o XII ENDIPE apresentou um número maior de trabalhos sobre as temáticas da sexualidade e gênero do que os ENDIPE anteriores. Esse fato pode ser constatado devido aos participantes terem trabalhos mais voltadas aos temas transversais, especificamente orientação sexual, pois mesmo sendo documento oficial demanda um certo

tempo para ser incorporado enquanto tema de pesquisa e estudo e paralelamente estar no cotidiano das escolas.

No trabalho intitulado **Apropriações dos Discursos de Gênero e Sexualidade nos PCNs** (CUNHA,2004) a autora destaca, a partir de revisão bibliográfica, o tema transversal orientação sexual contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª séries, que segundo a autora trata basicamente da questão da gravidez e AIDS, apesar de apresentar as questões do prazer em torno da sexualidade, mostra também o medo em torno da AIDS. As questões de gênero também são apresentadas no documento, que segundo a autora, destaca a importância de se trabalhar as diferenças sexistas no espaço escolar.

Para a autora, o texto do PCN, especificamente tratando da orientação sexual, é politicamente correto, mas as imagens/ilustrações apresentadas deixam lacunas para se interpretar as questões de gênero, questionando a proposta de flexibilização da temática. Além de que, para Cunha (2004) o texto do PCN deixa a cargo do professor discutir as questões de sexualidade e gênero, dando margem para criação de estereótipos.

O estudo **Educação Sexual: dúvidas e perspectivas nas práticas escolares de educação física** (MADLENER; DINIS,2004) é uma pesquisa bibliográfica, que tem como objetivo principal levantar questões sobre educação sexual e práticas escolares no contexto escolar, destacando que o papel da educação é inserir temas relativos à sexualidade nos currículos. Para os autores, cabe ao educador discutir a sexualidade no espaço escolar, pois esse tema vem cada vez mais sendo explorado pela mídia e escondido nos espaços escolares.

Os autores apresentam que trabalhar a educação sexual no contexto escolar ainda é um desafio, abordando que os cursos de formação deveriam trabalhar a temática da sexualidade, pois nos cursos de educação física, especificamente, a temática é tratada de maneira estanque. A educação física é disciplina importante para trabalhar as temáticas da sexualidade e gênero, inclusive devido ao contato corporal proporcionado pelas atividades lúdicas, apesar de que a educação sexual não tem hora e local para ocorrer. O trabalho deixa claro que a sexualidade dos educandos não fica do lado de fora da escola e também não é espaço “impermeabilizado” das questões sociais.

A proposta do trabalho aponta para que o educador saiba diferentes formas de intervenção em torno da temática da sexualidade e inclusive compreenda a concepção de homem, mundo e sociedade para nortear o trabalho pedagógico.

O trabalho intitulado **Gênero e Sexualidade: uma análise dos livros didáticos de ciências** (SILVA,2004) faz parte de estudo de um grupo de pesquisa, por meio de um levantamento bibliográfico e aborda como os estereótipos sexuais e de gênero são construídos

e reforçados pelos discursos escolares; faz análise de livros didáticos de ciências de 1971 a 2001, a maioria de 7ª série.

O estudo se apresenta como contribuição valiosa ao campo do currículo e também estudos de gênero, pois aponta que a escola é vista como lugar marcado pela divisão do masculino e feminino, sendo que esses definidores marcam a diferença difundindo valores, regras, comportamentos construídos e incorporados pelo espaço escolar. A escola é local para se questionar o binarismo onde diferenças sejam respeitadas sem serem transformadas em desigualdades ou distinções.

Dentre os levantamentos feitos pela autora, o livro didático apresenta a negação da sexualidade/gênero, somente tratado como masculino e feminino determinado pelo biológico, sendo a forma normal e sadia da sexualidade a heterossexualidade. A autora apresentou poucas considerações em torno da pesquisa, mas propõe política multicultural abrindo a possibilidade para a crítica.

O trabalho **Beirando as Margens do Gênero: tramas da cultura histórica do MST no assentamento 1º de janeiro – TO** (MELO NETO; CHAVES,2004) apresenta uma pesquisa que trata de observação não participante, destacando o homoerotismo como tabu entre homens que vivem em assentamento, pois as relações predominantes são heterossexuais.

Fato a ser destacado que a liderança no assentamento é majoritariamente feminina, pois o MST utiliza a categoria gênero na práxis pedagógica no âmbito da educação não formal, através da proposta de ações afirmativas. Para o movimento, homens e mulheres possuem múltiplos papéis na comunidade/sociedade, há uma interligação entre o masculino e feminino rumo à sociedade igualitária, sendo esse um dos desafios do Movimento.

O trabalho **Como a Sexualidade e a Orientação Sexual são trabalhadas nas aulas de Ciências e Biologia no Ensino Fundamental e Médio** (CAMARU; MACIEL,2004) iniciou com a pesquisa na disciplina de estágio supervisionado em Ciências e Biologia /2002, sendo realizado em escolas de ensino fundamental e ensino médio, pois a pesquisadora cursava Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas. Apresentou como objetivo perceber como a sexualidade e a orientação sexual são trabalhadas nas aulas de Ciências e Biologia, apresentando dados que possam contribuir para a formação docente nesta área.

A pesquisa se desenvolveu através de um trabalho de campo, realizando entrevista e análise de documentos escolares, tendo como foco o preconizado pela Organização Mundial da Saúde que compreende que a sexualidade é integral a vida da pessoa. Além de que, as autoras enfatizam que não tratar da sexualidade expõe crianças e adolescentes a riscos, e questionam como a sexualidade é trabalhada na escola, uma vez que a legislação educacional

e materiais pedagógicos propõe o desenvolvimento integral do indivíduo, que consequentemente passa pela sexualidade.

Os Projetos Pedagógicos das escolas que fizeram parte da pesquisa não abordam a temática da sexualidade; os planos de aula de biologia abordam vários aspectos da temática, mas o efetivo trabalho pode se dizer que é inexistente, os professores apontam que não possuem formação para trabalhar as questões da sexualidade no contexto escolar e portanto, o tema fica em detrimento dos demais.

O trabalho **Construindo Subjetividades – a sexualidade nos discursos memorialísticos de professoras** (XAVIER FILHA, 2004) tem como objetivo analisar a produção de discursos libertadores, controladores e normalizadores da vivência da sexualidade feminina. A pesquisa parte do discurso de mulheres e educadoras nascidas na década de 1950 (quatro professoras paulistas e sul mato-grossenses). O trabalho parte do discurso sobre sexualidade e gênero e como a mulher professora construiu o seu “eu”.

Tem como pressupostos metodológicos a história oral, história de vida, fontes escritas e pesquisas bibliográficas, sendo o sujeito pesquisado o centro da investigação. Apresentando como referencial teórico os estudos de Foucault, destacando como o discurso se transforma em prática, pois para a autora do trabalho a sexualidade passa a ter um efeito terapêutico e até libertador, mas o próprio sujeito se polícia. O trabalho destaca que gênero e sexualidade são construtos sociais, culturais, históricos que marcam a construção do sujeito e inevitavelmente do professor.

O estudo intitulado **No Florescer da Idade: estudo sobre a sexualidade feminina na velhice como contribuição à formação de educadores** (PIRES, 2004) trata de uma pesquisa de mestrado em educação que tem como objetivo estudar a sexualidade de mulheres com idade acima de sessenta anos e os reflexos em sua trajetória de vida, pois a sociedade tem a concepção que a mulher mais “velha” é assexuada; sendo que as mulheres que fogem ao dito padrão social se sobrepõem a estereótipos pejorativos, pois a cultura determina o padrão de sexualidade e corporeidade.

A pesquisa da autora faz apontamentos diversos apresentado até então, pois as entrevistadas se negam ser assexuadas, mas reconhecem que a sociedade as vê como “velhas assanhadas”. Dentre as constatações é importante frisar a importância da mulher se redescobrir enquanto ser humano de direitos e discutir a sexualidade desvencilhada de preconceitos.

A proposta do texto tem recortes, pois a autora não explicita quem são suas entrevistadas em específico, ou seja, o local dessas entrevistas, se houve um público

determinado, apresentando somente o critério de idade; diferentemente das demais pesquisas, não se referencia as questões escolares em específico.

**O Processo Grupal na Formação Continuada de Professores: desenvolvimento humano e sexualidade** (SANTANA; MARTINS,2004) traz o processo de grupos na formação continuada de professores, auxiliando o docente na aprendizagem do conhecimento em torno da temática do desenvolvimento humano em sexualidade, pois as pesquisas desenvolvidas abordam a dificuldade docente para trabalhar sexualidade com o alunado. O trabalho com grupos de docentes foi continuidade de uma pesquisa de mestrado, pois os professores/as apresentaram a disposição de participarem de alguma atividade que visasse à formação em relação às questões da sexualidade, tendo o intuito de utilizar recursos para atuar com alunos.

A pesquisa apresentou como abordagem teórico-metodológica o materialismo histórico, sendo a sexualidade construída historicamente desenvolvida pelos humanos. Foram realizadas entrevistas individuais para completar as atividades desenvolvidas nas oficinas, assim foram apresentadas como categorias de análise: trabalho como atividade humana, consciência, ideologia, alienação. O projeto apresentou a confecção do material “Livreto da Oficina de Desenvolvimento Humano e Sexualidade para Professores”; dentre os resultados houve a tomada de consciência dos professores, mas não a tomada de atitude frente à temática da sexualidade no contexto escolar.

O trabalho **A Representação Social na Prática Pedagógica: uma questão de gênero** (LAKONY; BARRETO,2004) tem como abordagem metodológica a Teoria das Representações Sociais; a pesquisa de caráter qualitativo foi realizada através de entrevistas com professores e alunos do ensino médio de escolas públicas e particulares de Niterói. O trabalho tem como objetivo discutir a origem de masculino e feminino presente nas práticas pedagógicas do professor do ensino médio, bem como a influência na escolha profissional do aluno.

O texto aponta o papel da mulher no mercado de trabalho e as diferentes concepções sociais de masculino e feminino, culminando no cuidado *versus* prestígio social. Diante desse enfoque, questiona o papel da escola na contribuição para dar oportunidades profissionais independente do sexo, apresentando dados em que os livros didáticos acabam reforçando as diferenças entre homens e mulheres e os próprios preconceitos.

Para as autoras o docente pode formar concepções diferentes e formar cidadãos críticos e atuantes independente do gênero; assim, a escola precisa abrir espaço para questões

sociais, históricas e políticas, proporcionar ao aluno condições de perceber que a escolha profissional é independente do sexo biológico.

O trabalho intitulado **Gênero e Magistério Feminino: uma imagem construída através da imprensa escrita londrinense nos períodos de 1930-1960-1990** (SANTOS,2004) trata de uma pesquisa bibliográfica a partir dos jornais das épocas estudadas e tem como objetivo perceber as tendências pedagógicas que influenciam a mulher professora. Destaca que cada década pesquisada tem um marco histórico, justificando assim a escolha das épocas: década de 1930 que representa o início da colonização e da escolarização na cidade de Londrina; década de 1960, como magistério visto como ideal para a mulher; década de 1990 que apresenta uma visão crítica da mulher.

No momento de apresentação do trabalho a pesquisa se encontrava em andamento, mas constatou que nunca existiu uma imprensa feminina dirigida e editada por mulheres na cidade de Londrina.

### 5.5.2 Conhecimentos e práticas referentes à temática sexualidade e gênero

Os trabalhos do XII ENDIPE apresentam uma diversidade de temas abordados, sendo a escola quase uma unanimidade no contexto das discussões. Esse fato se justifica também devido ao congresso ter o caráter de formação do educador e as constatações do que vem ocorrendo no contexto escolar.

Com base nas considerações dos textos completos e dos resumos, realizaremos a análise de conteúdo, modalidade temática, para discorrermos sobre os dados mais significativos do evento tendo como foco as temáticas da sexualidade e gênero, assim as categorias apresentadas foram: Educação Sexual; Formação Docente; Gênero.

**Tabela 18 – Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XII ENDIPE**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
<b>Educação Sexual</b>	<b>Escola / Tema Transversal</b>	<b>20</b>
	<b>Formação cidadã</b>	<b>12</b>
	<b>Sexualidade</b>	<b>36</b>

<b>Formação Docente</b>	<b>PCN</b>	<b>38</b>
<b>Gênero</b>	<b>Identidade Pessoal /Profissional</b>	<b>60</b>
	<b>Igualdade</b>	<b>16</b>
	<b>Estereótipos</b>	<b>17</b>

Fonte: Elaboração da autora.

Na análise dos trabalhos apresentados no XII ENDIPE a escola, mais uma vez é chamada a exercer a formação, tendo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997,1998b, 2001) especificamente o tema transversal orientação sexual, como marco para oferecer condições para o professor iniciar seu trabalho. Apresentado como um referencial capaz de despertar espaço para discussão através dos currículos escolares, tendo relevância que não se apresenta como algo obrigatório, mas é uma proposta aberta e flexível.

O tema orientação sexual, proposto pelo PCN, não sendo algo que faça obrigatoriamente parte do currículo oficial, apresenta-se com as lacunas e as incertezas que o próprio documento pode trazer. Desse modo, o espaço escolar se cala, fica em torno da ausência de discussões e acaba por reproduzir mitos, tabus, preconceitos que não culminam em contribuições aos estudantes, mas em mais dúvidas, atitudes equivocadas e preconceituosas diante do grupo.

A formação docente se torna um fator fundamental apregoado para que as questões em torno da sexualidade sejam abordadas na perspectiva emancipatória no contexto escolar, pois sem conhecimento não há condições de discussões e esclarecimento diante do grupo de alunos/as, pois a temática da sexualidade, por ter relação com os valores pessoais do próprio/a formador/ra, necessita de fundamentação científica para que possa superar preconceitos e as questões pessoais não sejam mais valorizadas do que o conhecimento a ser discutido e trabalhado. A formação é fundamental e é importante que se inicie desde a graduação, não gerando insegurança e desconforto do/a educador/ra diante do tema

[...] que esse despreparo produz condutas discriminatórias e pouco reflexivas, verificadas tanto na postura pessoal quanto profissional, o que colabora para a imposição de valores, mitos e crenças relativos à Educação Sexual [...] a importância de, na graduação, incluir-se a Educação Sexual na formação dos alunos não só de Pedagogia e de Ciências Biológicas, mas também nos demais cursos de licenciatura[...]. (SILVA; MEGID, 2006, p. 191).

As discussões em torno da temática de gênero é outro ponto incisivo nas análises dos trabalhos, pois os estereótipos em torno da constituição da identidade do indivíduo não são

questionados, concebendo a ausência da abordagem da temática no contexto escolar, que acaba pautado em binarismos e visões de senso comum. Precisamos compreender que o modo como homens e mulheres se comportam em sociedade faz parte de construções sociais, culturais e econômicas que perpassam a formação do indivíduo.

Hoje, se a maioria das crianças e adolescentes passam maior parte da infância e da juventude na escola; assim, o aprendizado em torno da concepção de gênero também é fundamental nesse espaço. Ademais, compreender o conceito de gênero e suas facetas, quais sejam, os processos de discriminação, de diferenciação entre os sexos, a violência em torno das questões femininas e masculinas, dentre outros, pode ajudar a perceber com um olhar mais atento e criterioso os processos em que se consolidam as diferenças e as situações preconceituosas, buscando construir a equidade de gênero.

A escola não é um nicho isolado, portanto precisa ter consciência de que sua atuação não é neutra, já que a sociedade e o meio em que os/as alunos/as fazem parte tem grande influência no pensamento e nas ações dos/as discentes, pois

A inscrição dos gêneros – femininos ou masculinos – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2010, p.11).

Todos os profissionais da educação dentre eles os/as docentes, precisam identificar o currículo oculto presente nas próprias práticas escolares e nos materiais didáticos, pois por trás de textos e imagens aparentemente inocentes se verifica grande processo de discriminação e preconceito. O currículo oculto contribui para que os/as estudantes se ajustem às estruturas de poder e dominação (SILVA, 2011).

É preciso atuar na práxis pedagógica, ir além do instituído, propor a reflexão a partir da própria ação, é notório desconstruir e desnaturalizar as polaridades masculino/feminino, heterossexual/homossexual, problematizando e questionando as diferenças decorrentes nos diversos espaços sociais.

Nesse processo de romper com estereótipos, podemos propor um currículo multicultural, fundamentado na abordagem pós-estruturalista, pois as relações de poder são questionáveis uma vez que as diferenças são produzidas por desigualdades; nessa forma de

currículo as diferenças são propostas e expostas para reflexão, não somente para serem toleradas (SILVA, 2011).

O multiculturalismo originou-se nos Estados Unidos basicamente por questões educacionais e curriculares, tendo como representatividade os negros, as mulheres e os homossexuais (homens e mulheres).

O multiculturalismo mostra que o gradiente da desigualdade em matéria de educação e currículo é função de outras dinâmicas, como as de gênero, raça e sexualidade, por exemplo, que não podem ser reduzidas a dinâmica de classe (SILVA, 2011,p.90).

Não estaremos discutindo de modo intenso qual abordagem curricular seria mais adequada para as diversas instituições escolares, contudo deixamos pistas, marcas que podem auxiliar os envolvidos na organização escolar a refletir e questionar concepções impostas e acabadas.

O espaço escolar é fecundo de reproduções de mitos e preconceitos em torno de gênero e sexualidade, além da opressão e submissão envoltas nas diversas relações, pois é local de poder, mas também de lutas e de conquistas e, conseqüentemente, pode ser espaço e tempo de aprendizado e valorização das diferenças.

Os estudos apontam a importância de conceber a sexualidade como inerente ao ser humano, não sendo somente relacionada às questões do sexo, pois a sexualidade tem relação com o nosso modo de vida, nossa afetividade, nossa compreensão de corpo, “ A sexualidade não se confunde com um instinto, nem com um objeto (parceiro), nem com um objetivo (união dos órgãos genitais no coito). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica [...] .” (CHAUI, 1984,p.15).

Conseqüentemente, os docentes e independente da idade, os/as discentes possuem sua expressão da sexualidade que não pode ser desconsiderada, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, cada fase da vida possui aspectos relacionados às atitudes, crenças, sensações e mesmo conhecimentos em torno da sexualidade. A educação sexual com intencionalidade, na perspectiva emancipatória, no espaço escolar não deve consistir somente em transmitir uma série de conhecimentos objetivos, mas, sobretudo fomentar atitudes positivas e responsáveis perante a sexualidade humana, proporcionando conhecimento, reflexão e tomada de postura crítica diante da temática.

Partimos do princípio que escola e família precisam trabalhar integradas na questão da formação do/a educando/a, mesmo que os pais ou responsáveis não abordem assuntos

referentes à sexualidade com os/as filhos/as, é preciso que se busque um consenso dialogado entre escola e família, uma vez que o/a aluno/a chega à instituição com visões e valores sobre sexo, pois há diversidade de culturas, hábitos e religiões que não podem ser considerados como inferiores, mas diferenciadas de muitas das questões científicas que devem ser estudadas no contexto escolar. Dessa forma, o/a docente há de construir o conhecimento através da indagação e do diálogo, conforme afirmam Moizés e Bueno (2010, p. 206, grifo do autor)

O diálogo é a ferramenta básica no processo de educar para a sexualidade. Há crianças e adolescentes que perguntam muito, outras nada interrogam e outras, ainda, precisam de um ambiente encorajador para levantar questões. Todos devem ser considerados, são “seres sexuais”, portanto devem ter acesso a material informativo sobre a sexualidade e dispor de bibliografia adequada à idade em que se encontram. O diálogo é o exercício natural para o desenvolvimento da relação adulta, para o encontro entre as pessoas.

Os trabalhos apontam para discussão sobre o tema transversal orientação sexual, pois os PCN proporcionam a inserção da temática no contexto da escola, mas os/as próprios/as docentes não veem seu próprio potencial enquanto formadores/as no contexto escolar para abordar o tema, além de também não se acharem preparados, demandando a capacitação em serviço dos/as profissionais que se encontram em exercício, psicólogos/as, médicos/as, enfermeiros/as.

Compreendemos que o trabalho com educação sexual no contexto escolar vai muito além da instituição da temática sexualidade nos currículos escolares, pois sem a devida conscientização da importância e necessidade dessa abordagem numa perspectiva emancipatória pelos/as profissionais no cotidiano escolar mudanças não acontecem, e conseqüentemente, a valorização de capacitações e de disciplinas no período de formação docente sobre sexualidade e gênero se tornam somente aspectos formais de grades curriculares ou mesmo de propostas pontuais de secretarias de educação. Concebemos que a inserção da educação sexual no contexto escolar não se implantará por imposições, mas pela sensibilização e conscientização dos/as atores escolares, compreendendo cada qual seu real papel na sociedade rumo à formação cidadã.

## 5.6 A constituição do XIII ENDIPE (2006) ao tratar da sexualidade e gênero

O XIII ENDIPE foi realizado na cidade de Recife, Pernambuco, no ano de 2006, ano em que se comemora os vinte e quatro anos do Movimento da Didática e da Prática de Ensino no Brasil. A Universidade Federal de Pernambuco assumiu a responsabilidade de sediar o ENDIPE com apoio das instituições educacionais do estado e dos órgãos de pesquisa do país.

A pesquisa dos trabalhos para análise partiu da leitura detalhada do caderno de programação geral que contou com simpósios, painéis<sup>29</sup>, pôsteres, minicursos, conferências e reuniões de trabalho. Os resumos e os trabalhos completos foram posteriormente publicados em *CD-ROM*, mas alguns trabalhos não foram possíveis de se analisar devido a problemas com o material; mesmo pesquisando em dois CDs do evento, dentre eles o trabalho intitulado **Raça, Gênero e Sexualidade: debates em sala de aula** (CÂMARA, 2006), ao abrir o documento no nome da autora aparece um outro trabalho; os trabalhos **Cidadania, Gênero e Sexualidade: quem fala pelas crianças?** (ANDRADE, 2006) e **Gênero? O que é isso, professor?** (MELO, 2006) não constam no CD e, portanto, esse último não é possível definir se a palavra gênero se refere a flexão do gênero da língua portuguesa ou masculino e feminino. Assim, foi possível analisar onze trabalhos desse ENDIPE, portanto na pesquisa foram encontrados quatorze trabalhos sobre a temática estudada.

A seguir são apresentados dados referentes ao XIII ENDIPE.

**Tabela 19 – Dados referentes ao XIII ENDIPE**

Local / Estado / Cidade	Recife - Pernambuco
Temática	“Educação, Questões Pedagógicas e Processo Formativos: compromisso com a inclusão social”
Data	De 23 a 26 de abril de 2006
Coordenação Geral	Aída Maria Monteiro Silva – UFPE Márcia Maria de Oliveira Melo – UFPE – Vice-coordenadora
Instituições Promotoras	Universidade Federal de Pernambuco – Faculdade de Educação

<sup>29</sup>A modalidade Painel no XIII ENDIPE foi organizada em sua maioria com três trabalhos que apresentam temas correlatos.

Instituições Financiadoras	<b>Ministério da Educação através da Secretaria de Educação Básica/ Secretaria de Educação Superior/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (MEC - SEB\SESU\SECAD)</b> <b>Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP)</b> <b>Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)</b> <b>Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP- PE)</b> <b>Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE)</b> <b>Faculdade Salesiana (FASNE)</b> <b>Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP)</b> <b>Secretaria da Educação do Recife (SE - Recife)</b> <b>Secretaria da Educação de Pernambuco (SEDUC- PE)</b> <b>Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE)</b> <b>Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO)</b> <b>Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão (FAITVISA)</b>
Números do Evento	<b>Números de trabalhos enviado 2562 selecionados para apresentação no evento 135, educadores das diversas regiões do país e também da Suíça, França, Portugal, Moçambique, Argentina ,Venezuela e Colômbia</b>
Formato organizativo	<b>Painéis, pôsteres, minicursos, conferências, simpósios e reuniões de trabalho</b>
Eixos temáticos	<b>Novas subjetividades: desafios didático-pedagógico</b> <b>Currículo e Docência: questões emergentes</b> <b>Linguagens, Discursos e Questões Pedagógicas</b> <b>Saberes Pedagógicos e Saberes Específicos</b> <b>Processos Formativos e as Questões Pedagógicas</b> <b>Novos Espaços e Novas Aprendizagens da educação Formal e Não Formal</b> <b>Tecnologias da Educação : práticas e formação</b>

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentaremos os trabalhos que serão analisados e discutidos nesse ano, proporcionando na tabela dados relevantes para uma visão inicial e geral.

**Tabela 20 – Trabalhos apresentados no XIII ENDIPE sobre as temáticas abordadas**

<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Universidade, faculdade</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Tipo de apresentado</b>	<b>Trabalho completo ou resumo</b>
1)A Sexualidade feminina na ordem do discurso de mulheres professoras	Constantina Xavier Filha	UFMS	Discurso, Sexualidade feminina, relações de gênero, prática docente	Painel Os discursos em tempos de diversidade: escolas e professores/as	Resumo /trabalho completo
2)Raça, Gênero e Sexualidade: debates em sala de aula	Michele Januário Camara	Universidade Católica de Petrópolis	Aparece outro trabalho	Painel Currículo e identidade: embates na escola e na universidade	

3)Avaliação da Inserção Curricular da Disciplina Educação e Sexualidade no Curso de Pedagogia na Modalidade a Distância CEAD/ UDESC como Contribuição à formação de educadores	Sonia Maria Martins de Melo; Márcia de Freitas; Carla Sofia Dias Brasil	Universidade do Estado de Santa Catarina	Formação de educadores, Educação sexual Pedagogia, Currículo, Paradigma emancipatório.	Painel Questões sobre a formação e práticas docentes: interfaces com a Educação a Distância	Resumo / trabalho completo
4)Educação sexualidade e saber médico: a marcha higienista no período da primeira República (1889-1929)	Leandra Sobral Oliveira; Tarso B. Mazzotti	Universidade Estácio de Sá ( RJ)	Educação, Sexualidade, Saber-médico, Higienismo	Pôster	Resumo /trabalho completo
5)A prática docente e a questão homossexual	Patrícia Magri Granúzzio	UNIMEP Piracicaba - SP	Formação de professores, Prática docente, Professor reflexivo, Homossexualidade	Pôster	Resumo /trabalho completo
6)Oficinas pedagógicas no ensino de ciências da saúde-uma proposta para orientação sexual e doenças sexualmente transmissíveis	Osiléia Neves Monteiro; Maria de Fátima Freitas Patrícia Silva Ferreira;	UNIPLI Centro Universitário Plínio Leite – Niterói- RJ	Oficina pedagógica, Ensino de ciências, Orientação sexual, DST	Pôster	Resumo /trabalho completo
7)Formação de Educadores e Educação sexual: relato de uma experiência em uma universidade pública como contribuição a novos saberes pedagógicos.	Sônia Maria Martins de Melo; Dilma Luci de Freitas;Patricia de Oliveira e S.Pereira Mendes; Rosa Cristina Cavalcanti de Albuquerque Pires; Vera Márcia Marques Santos; Edna Silva	UDESC	Formação de educadores, Educação sexual, Pedagogia, Currículo, Paradigma emancipatório	Pôster	Resumo/ Trabalho completo
8)Gravidez na Juventude e Subjetividade; experiências e Trajetórias de estudantes do Ensino Médio	Taluana L. M. Torres	UNESP	Gravidez na Juventude, Sexualidade, Ensino Médio, Subjetividade	Pôster	Resumo /trabalho completo

9)O Discurso da Homossexualidade e a Formação de Professores/as de Educação Física	Francis Madlener; Nilson Fernandes Dinis	Universidade Federal do Paraná	Formação de educadores, Educação sexual, Pedagogia, currículo, Paradigma emancipatório.	Pôster	Resumo /trabalho completo
10)Cidadania, Gênero e Sexualidade: Quem fala pelas crianças?	Maria Celeste de Moura Andrade	Não consta no CD		Pôster	Não consta no CD
11)Gênero? o que é isso, professor?	Iran Ferreira de Melo	Não consta no CD o trabalho	Dubialidade na palavra genero :feminino /masculino ou flexão do substantivo		
12)A violência no futebol sob a perspectiva de gênero-um estudo comparado desse esporte nas aulas de educação física e nos treinos para formação de jogadores	Marcel de Almeida Freitas	Universidade Federal de Minas Gerais	Não tem	Pôster	Somente resumo
13)Formação docente, memória e gênero: docentes pesquisadoras/es em educação na Universidade Federal do Pará	Marilene Silva Maués; Paulo Sérgio de Almeida Corrêa	Universidade Federal do Pará	Formação docente, Memória e Gênero.	Pôster	Resumo /trabalho completo
14)Cartografias do gênero: tempos e espaços escolares como constituidores da identidade docente	Shirley Patrícia Fiel dos Santos	Universidade Estadual do Pará	Formação docente, Tempos,Espaços, Gêneros,Memória	Pôster	Resumo /trabalho completo

Fonte: Elaboração da autora.

### 5.6.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas

Dos ENDIPE analisados até momento, o ano de 2006 foi o que apresentou maior número de trabalhos sobre a temática estudada, possuindo trabalhos tanto de instituições públicas quanto particulares, abordando tanto gênero quanto sexualidade, ambos em diversos aspectos que serão aqui sucintamente descritos.

O trabalho intitulado **A Sexualidade feminina na Ordem do Discurso de Mulheres Professoras** (XAVIER FILHA, 2006) tem como referencial teórico os estudos foucaultianos e estudos de gênero, tendo como objetivo apresentar como a sexualidade faz parte da ordem dos discursos ao expressar o processo de subjetivação da mulher e da professora sexuada. A metodologia utilizada são as narrativas, através de entrevistas semiestruturadas, de quatro professoras brasileiras e três professoras portuguesas, nascidas na década de 1950. A continuidade desse trabalho foi apresentado no ENDIPE 2008 na modalidade painel.

Dentre as considerações apresentadas, a autora destaca a dificuldade em saber qual o papel da narradora – mulher, professora, filha; nas entrevistas o falar do outro é uma constante para resguardar sua sexualidade, sendo as condutas femininas influenciadas pela mídia. O discurso fica envolto na heterossexualidade como norma a ser seguida, sendo o discurso sobre a docência que transmite segurança, liberdade, utilizada para justificar e compensar o “vazio” da vida pessoal e sexual, sendo motivo de aconselhamento para alunos e familiares. A pesquisa constatou que o professor tem poder sobre a sexualidade dos discentes, necessitando trabalhar a temática na formação docente, desconstruindo valores arraigados.

O texto **Avaliação da Inserção Curricular da Disciplina Educação e Sexualidade no Curso de Pedagogia na Modalidade a Distância CEAD/UEDESC como Contribuição à Formação de Educadores** (MELO; FREITAS; BRASIL, 2006) traz a experiência da Universidade do Estado de Santa Catarina, que inseriu na modalidade Educação a Distância (EAD) a disciplina Educação e Sexualidade como obrigatória em alguns cursos da instituição, sendo que através de pesquisas foi constatado o caráter repressor da educação sexual no cotidiano das escolas, abrindo espaços para que professores de todo o Estado de Santa Catarina fossem atendidos com cursos semipresenciais.

O trabalho aborda algumas questões importantes, como a categoria de saúde sexual que constam na Declaração de Valência sobre os Direitos Sexuais e os questionamentos que devem ser feitos em torno do tema transversal orientação sexual proposto pelos PCN. Dentre os apontamentos pertinentes conclui-se que o professor assume possuir dificuldades de trabalho com a temática da sexualidade, reproduzindo o instituído, tendo dificuldade de vivenciar práticas emancipatórias. As autoras propõem algumas recomendações, dentre elas a inserção de uma disciplina de Educação Sexual nos cursos de Pedagogia, tendo ênfase nas relações teoria e prática.

**Educação Sexualidade e Saber Médico: a marcha higienista no período da primeira República (1889-1929)** (OLIVEIRA; MAZZOTTI, 2006) trata de uma pesquisa de mestrado que utiliza a técnica da análise retórica para analisar os dados, pois faz uma

discussão acerca da educação em sua vinculação com o movimento higienista, a sexualidade e o saber médico no período da República no Brasil. A pesquisa partiu do levantamento de teses da faculdade de medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da legislação relacionada à educação sexual.

Nessa época da história brasileira, a família é o alvo das medidas sanitaristas, sendo a mulher a efetivação de tais práticas e saberes e a infância se transforma em alvo de interesse para a medicina. A marcha higienista preconiza novos hábitos visando a saúde pública e a educação, criação de campanhas educativas, policiamento sanitário, saneamento de portos e cidades, imunização de massa e isolamento de doentes. Dentre as constatações, os autores destacam que até nos dias atuais a sexualidade no ambiente escolar perpassa o campo da higiene e não do afeto.

O trabalho intitulado **A Prática Docente e a Questão Homossexual** (GRANÚZZIO, 2006) destaca que o silêncio da sociedade diante da sexualidade é ainda maior perante a homossexualidade; assim, o preconceito se transforma em discriminação e na escola ocasiona violência, expulsão e transferência. O objetivo principal da pesquisa realizada pela autora é analisar a percepção que os professores e gestores possuem de alunos classificados por eles como homossexuais.

A pesquisa foi desenvolvida no ano de 2004, em três escolas públicas de uma cidade do interior de São Paulo, através de entrevistas com professores e gestores e também a observação do cotidiano escolar.

Alguns aspectos foram apresentados diante da pesquisa, dentre eles, que a formação inicial e/ou continuada não proporcionam aos docentes e gestores condições de compreenderem adequadamente a sexualidade humana e a função da escola pública ao abordar os problemas dos alunos e professores diante da sexualidade, além de que a homossexualidade se tornou problema complexo, inclusive por questões religiosas. A intolerância à homossexualidade é fruto da ideologia machista e heterossexista. Na escola tratar da sexualidade é ainda um tabu, os PCN omitem referência à homossexualidade humana, sempre abordando pelo viés da perspectiva heterossexual. O professor não pode se ausentar de trabalhar a sexualidade porque permeia todos os segmentos da sociedade.

**Oficinas Pedagógicas no Ensino de Ciências da Saúde- uma proposta para orientação sexual e doenças sexualmente transmissíveis** (MONTEIRO; FREITAS; FERREIRA, 2006), aborda a discussão sobre orientação sexual que tem sido urgente e necessária no contexto escolar devido a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis na população adolescente e jovem. Entretanto, o PCN sobre orientação sexual provoca uma nova

discussão para o professor em sala de aula, mas os profissionais discutem a falta de capacitação e preparo técnico para trabalhar com a temática.

Assim, o trabalho contou com oficinas pedagógicas na forma de dois estudos de caso, com estudantes do ensino fundamental e médio de escolas públicas do Rio de Janeiro. A metodologia abrange caráter participativo e reflexivo, favorecendo o debate dos alunos e o professor sendo somente o mediador. As oficinas foram realizadas a partir de temáticas variadas em torno da sexualidade e gênero e proporcionaram aos alunos reflexão e consciência de novas posturas diante da saúde individual e coletiva.

O trabalho intitulado **Formação de Educadores e Educação Sexual: relato de uma experiência em uma universidade pública como contribuição a novos saberes pedagógicos** (MELO et al., 2006) trata do relato de experiência de um grupo de pesquisa “Formação de Educadores e Educação Sexual” da Universidade Estadual de Santa Catarina sendo espaços para novos saberes pedagógicos. O texto traz a história do grupo a partir do pioneirismo de uma professora inserindo uma disciplina optativa de Educação e Sexualidade no currículo do curso de Pedagogia; a partir dessa iniciativa se criou o grupo Educação e Sexualidade com professores do magistério superior e professores de escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio.

No decorrer dos tempos outras iniciativas foram se consolidando, tendo sempre a proposta de educação sexual emancipatória. Dentre os resultados se podem destacar os espaços de conquista e a pertinência do estudo da temática educação e sexualidade no campo de novos saberes pedagógicos, pois todo educador educa sexualmente, todos somos possuidores da dimensão chamada sexualidade.

Fazendo um levantamento das ações do grupo é possível constatar as diversas frentes de atuação, desde o curso de pedagogia presencial, EaD, pós-graduação, ações afirmativas em programas de televisão, rádio e também congressos.

O texto **Gravidez na Juventude e Subjetividade: experiências e trajetórias de estudantes do Ensino Médio** (TORRES, 2006) trata de uma pesquisa com jovens em idade entre 15 e 21 anos de uma escola de periferia urbana da cidade de Presidente Prudente (SP), que tem como objetivo discutir a gravidez nesse período da vida. O referencial teórico utilizado são estudos sócio-históricos e culturais. A pesquisa partiu de abordagem qualitativa de fontes orais e escritas (questionários, entrevistas semiestruturadas e “escritas- ordinárias”) que, segundo a autora, foram coletadas através da obtenção e análise de cadernos, diários, agendas e outros materiais dos próprios alunos.

A população pesquisada são mulheres, maioria solteiras, com baixa renda econômica, que no período em que ficaram grávidas frequentavam a escola em situação de namoro ou “ficar”. Assim, a pesquisa apresentou também como objetivo reflexões e resultados sobre as dimensões socioculturais da gravidez por jovens estudantes, bem como o aspecto simbólico de suas experiências eróticas e afetivo sentimentais. Dentre as constatações da autora foi possível perceber que a primeira relação sexual ocorreu mais por impulso ou incentivo das amigas do que vontade própria e que para a jovem amor e sexo estão articulados.

**O Discurso da Homossexualidade e a Formação de Professores/as de Educação Física** (MADLENER; DINIS, 2006) trata dos espaços escolares, principalmente das aulas de educação física, que são considerados importantes na construção das identidades de gênero e sexuais. Através de uma pesquisa de campo com alunos e alunas do último ano de Licenciatura em Educação Física (2004 e 2005) realizando entrevistas, cujo tema foi à homossexualidade e a diversidade sexual, também foi utilizado para discussão o vídeo do Ministério da Saúde “Pra que time ele joga?”

Segundo os autores, a fundamentação teórica se baseou nos estudos de Foucault e na Teoria Queer. Foi percebido que há uma confusão entre sexo, gênero e identidade sexual; desse modo, o objetivo, ao desenvolver o trabalho com licenciandos, refere-se a como o professor de educação física, em específico, aborda a homossexualidade e de que forma esse discurso pode interferir na prática pedagógica.

O trabalho **A Violência no Futebol sob a Perspectiva de Gênero - um estudo comparado desse esporte nas aulas de educação física e nos treinos para formação de jogadores** (FREITAS, 2006) traz somente o resumo para leitura e análise. Trata-se de uma pesquisa-ação, com alunos do ensino médio e aspirantes a jogadores na categoria juvenil (o próprio autor infere como sexo masculino), destacando o futebol enquanto esporte violento. A coleta dos dados foi a observação sistemática das aulas e treinamentos, além de grupos focais semiestruturados.

O autor aborda o caráter político-cultural do currículo, pois funciona como um instrumento de controle, inclusive com discursos de gênero, raça e religião. O trabalho parte da hipótese que vivemos em uma sociedade falocentrada e as representações do feminino criam um caráter homoafetivo difuso, fenômeno responsável pelo misoginia e homofobia.

O trabalho intitulado **Formação Docente, Memória e Gênero: docentes pesquisadoras/es em educação na Universidade Federal do Pará** (MAUÉS; CORRÊA, 2006) trata-se de uma pesquisa em torno das questões de gênero com docentes doutoras do

Centro de Educação do Pará que tiveram sua formação na década de 1990, visando compreender as relações entre o processo formativo e a constituição de suas subjetividades, com o objetivo de compreender como as questões de gênero estão corporificadas nas dinâmicas curriculares em nível de Pós-Graduação.

Para os autores o indivíduo refaz sua trajetória profissional e individual de formação, consequentemente a formação se caracteriza como autoconhecimento. A sociedade tem poder de fabricar sujeitos e não somente formar.

O texto **Cartografias do Gênero: tempos e espaços escolares como constituidores da identidade docente** (SANTOS, 2006) aborda de que maneira tempos e espaços escolares influenciaram na identidade de gênero docente. A pesquisa foi realizada com professores/as que estudaram no Instituto de Educação do Estado do Pará (IEEP) nas décadas de 1980 e 1990, através de depoimento oral, fontes documentais, pesquisa de campo em diários de classe, boletins e outros documentos escolares.

A autora aborda que tempo e espaço são constituintes de subjetividades, "fabricando" corpos e mentes desejáveis de serem professores (as), portanto, é preciso um exame crítico do processo formativo.

Verificamos, através das leituras dos trabalhos, novamente, uma tendência marcante em destacar a formação docente enquanto princípio constitutivo para a educação sexual se inserir nas práticas escolares, propondo a transformação do contexto escolar no tocante a atitudes e valores dos alunos através da reflexão. Dentre os onze trabalhos apresentados, oito, de maneira direta, enfatizam a necessidade e importância de formação docente em educação sexual. O magistério enquanto docência feminina também é destacado e somente um trabalho enfatiza as questões históricas da sexualidade no Brasil República.

### **5.6.2 Conhecimentos e práticas referentes temática sexualidade e gênero**

Realizamos várias leituras dos textos antes de partirmos para análise dos dados, pois alguns trabalhos não apresentam resultados ou dados conclusivos, inclusive porque são pesquisas em andamento, fato que pode dificultar a compreensão do trabalho.

Um dado marcante é que somente dois trabalhos apresentam os PCN (BRASIL, 1997, 1998b), tanto dos anos iniciais como dos anos finais do Ensino Fundamental, como referência utilizada. Os trabalhos, mesmo apontando para a formação docente, não fazem críticas ou alusões a esse material que seria destinado a subsidiar o trabalho em sala de aula.

Com base na leitura dos trabalhos realizamos a análise de conteúdo, modalidade temática, para discorrermos sobre os dados mais significativos do evento tendo como foco as temáticas da sexualidade e gênero. Podemos perceber que as categorias estão interligadas, por significações e dados e, conseqüentemente, compõem as subcategorias de análise.

**Tabela 21– Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XIII ENDIPE**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
<b>Gênero</b>	<b>Mulher/modelo para a família e Sociedade</b>	<b>18</b>
	<b>Subjetividade/identidades</b>	<b>36</b>
	<b>Relação sexo/afeto</b>	<b>8</b>
<b>Sexualidade</b>	<b>Contexto escolar</b>	<b>13</b>
<b>Formação Docente</b>	<b>Currículo</b>	<b>35</b>
	<b>Educação Sexual/emancipatória</b>	<b>44</b>

Fonte: Elaboração da autora.

A análise realizada nos trabalhos do XIII ENDIPE possibilitou a identificação de três categorias: Gênero; Sexualidade; Formação Docente, seguidas de subcategorias de acordo com os temas que mais aparecem nas considerações dos trabalhos.

Dentre os trabalhos, a questão da história da sexualidade apontada pelas condições higienistas da população se apresenta como elemento importante, pois compreendendo o modo de vida de uma determinada época ou cultura podemos analisar como homens, mulheres, jovens e crianças atuavam e organizavam seus modos de agir e viver em tempos e espaços distintos.

Tratar da sexualidade contempla verificar os diversos valores e crenças perpassados pela sociedade e, conseqüentemente, pela formação do povo brasileiro, tal temática faz parte dos estudos das grandes civilizações. A visão higienista e de eugenia no Brasil ocorreu na metade do século XX, sendo ocupação da medicina, que se baseava nos autores europeus. O povo brasileiro nesse período era bastante mestiço e os fundamentos higienistas se baseavam na moral, na pureza e no civismo “[...] a institucionalização dos saberes sexuais no Brasil foi feita por médicos formados no ideal higiênico e eugênico. A sexualidade passa a ser estudada a partir do que preconizava o higienismo [...]” (RIBEIRO, 2009, p.134).

Diante desse ideário social, a mulher é clamada a manter a ordem na família, pois é vista somente pelas funções de “mãe e esposa”, resignadas a submissão. Estamos assim também diante do “mito do amor materno” tão bem explicitado por Badinter (1985) ao questionar a falsa ideia que ser mãe é condição inata para a mulher, não se questionando os valores sociais, culturais e econômicos, pois ainda hoje muitas pessoas, inclusive mulheres, acreditam que a feminilidade está realmente única e exclusivamente na maternidade.

Pois, até hoje vivemos em uma sociedade falocrática em que o homem domina e ocupa posição privilegiada e também acaba influenciando na valorização profissional; em diversas profissões a mulher recebe menos pelo mesmo trabalho realizado pelo sexo masculino. O magistério é prioritariamente ocupado por mulheres, possuindo dificuldade em construir sua identidade profissional. A docência é acumulada, geralmente, com o trabalho no lar, atribuindo à mulher a terceira ou quarta jornada de atividade diária. Muitas mulheres são as provedoras do lar no sentido financeiro, fato não reconhecido pelo próprio sistema e nem mesmo pela sociedade.

Já discutimos o percurso histórico da constituição do magistério, portanto podemos dizer que hoje ainda o magistério persiste basicamente feminino<sup>30</sup>, pois há a questão cultural que a profissão está relacionada à vocação, meiguice e cuidados próximos a maternidade.

A identidade com a docência é fator fundamental para que a profissão seja valorizada e reconhecida; para tanto, a formação é fator relevante, tanto na graduação, como nas capacitações. Muitas são as propostas para a inserção de uma disciplina de educação sexual nos cursos de graduação ao longo dos anos. Alguns cursos optam pelo pioneirismo e inovação e inserem a educação sexual em suas grades; é o caso que vimos nos trabalhos da Universidade Estadual de Santa Catarina e sabemos que hoje temos outros cursos que oferecem disciplinas sobre essa temática, como obrigatórias ou optativas.

No contexto da formação, teoria e prática precisam estar interligadas e envoltas no contexto do currículo, que é artefato dinâmico, que deve compreender as questões em torno da sexualidade que adentram o universo escolar, pois a escola é espaço de crianças, adolescentes, jovens e também pessoas adultas e os conteúdos didáticos devem atender às diversas idades.

---

<sup>30</sup> Na Ed. Básica no Brasil há 1.977.978 professores.  
Homens: 365.395 (19%) / **Mulheres: 1.612.583 (81%)**  
São Paulo : Na Ed. Básica 390.337 professores.  
Homens: 67.178 (17%)  
**Mulheres: 323.159 (83%)** (HARNIK, 2013).

A formação docente está relacionada à educação escolar no que se refere ao currículo, pois deve ser entendido como construção social que permeia todas as ações e práticas pedagógicas presentes no cotidiano escolar, inclusive as exercidas fora da sala de aula, nas relações de aprendizagem informal e nas relações escola-família. O/a professor/a faz parte da construção do currículo enquanto grade curricular, práticas pedagógicas e ressignificação de saberes e aprendizagens. A construção de um currículo que proclame a educação sexual emancipatória passa pelo entendimento de emancipação, a saber

A emancipação pode ser entendida como a formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora. [...]. Implica reconhecer a pertinência do espaço institucional escolar e os limites e contradições da abordagem da sexualidade como tema curricular na escola. (NUNES; SILVA, 2000, p.17).

É preciso que os cursos de formação subsidiem os/as docentes com condições para que possam realizar as suas próprias pesquisas integradas a seu trabalho na escola, buscando um processo de ação e reflexão, pois o/a professor/ra reflexivo pensa sobre as bases sociais e políticas e as questiona. Devemos enfatizar que formação e profissionalização andam juntas e são bandeiras de luta pela educação de qualidade e na temática da sexualidade esse fato é marcante, pois trabalhamos com temas que envolvem valores, medos e tabus, pois

O educador, ao assumir o importante papel de transmissor e formador, necessita despir-se dos seus valores, preconceitos, tabus para que possa abordar tanto questões teóricas, leituras e discussões sobre o tema, atendendo especificidades e generalidades sobre o mesmo, como questões práticas, entre outras. É necessário motivar a participação dos estudantes nas atividades, para eliminar preconceitos e permitir que a reflexão sobre as condições de busca de felicidade e prazer para suas vidas. (OLIVEIRA, 2009, p.188).

Retomando a questão curricular, tão expressa nos trabalhos analisados, o currículo tem como finalidade fundamental a preparação dos alunos em cidadãos participativos e os temas transversais, neste caso específico de orientação sexual, tem a incumbência de formação dos/as alunos/as e conscientização de suas ações e respeito ao outro no tocante a sexualidade e gênero.

Mas o que observamos na escola é que o currículo segue a norma e a cultura do segmento hegemônico da sociedade, onde prevalece a cor branca sobre o/a negro/a, a religião católica sobre as demais, a heterossexualidade, o machismo como preponderante. Louro

(2007) destaca que o currículo e as práticas escolares vêm sendo respaldados por concepções únicas de sexualidade, mesmo que em seu discurso admita a diversidade “[...] é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão [...] afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro.” (LOURO, 2007, p.43-44).

Desse modo, todos os envolvidos no processo de escolarização precisam propor ir além dos padrões pré-estabelecidos, questionar o já instituído e para tanto, como discutido pelos trabalhos, é preciso uma educação sexual crítica e emancipatória, que proporcione ao/a discente o repensar o refletir a partir de suas próprias ações.

Maia e Ribeiro (2011) propõem metas capazes de ir ao encontro dessa proposta, das quais podemos destacar: a formação continuada de professores/ras e de todos os agentes escolares dispostos a trabalhar a educação sexual, não somente de maneira pontual, mas com continuidade; parceria das escolas com as universidades em que temas da sexualidade possam ser abordados através de pesquisas com a extensão; a integração da educação sexual ao Projeto Político Pedagógico das Escolas, reduzindo a vulnerabilidade de crianças e jovens, proporcionando a saúde sexual e respeito a si próprio e aos demais; reflexão crítica sobre os materiais pedagógicos utilizados na escola de modo que sejam desvinculados de preconceitos ou ações estereotipadas; a garantia de que os valores religiosos nas escolas públicas não sejam sobrepostos, uma vez que a mesma é laica. A educação sexual intencional promovida pela escola necessita garantir o respeito e valores das famílias, e promover a autonomia do aluno no que se refere ao acesso de informações; ações e atitudes para que as escolas reconheçam a sexualidade como inerente ao ser humano e promovam o debate constante entre os profissionais, alunos e comunidade.

Buscamos apreender a educação sexual nos espaços escolares, mas destacamos que para tanto é preciso que educadores/ras sejam parte do processo, protagonistas de ações e propostas, pois é necessário conscientização, conhecimento, vontade pessoal e reconhecer-se enquanto parte do processo em que a formação do cidadão/ã perpassa pela escola para ir além dela atuando na sociedade. Assim, num futuro não tão distante, possivelmente teremos pessoas menos preconceituosas, mais solícitas e dispostas a compreender e viver a diversidade.

### 5.7A constituição do XIV ENDIPE (2008) ao tratar da sexualidade e gênero

O XIV ENDIPE foi realizado na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no ano de 2008. O próprio caderno de apresentação do evento deixa claro a especificidade do congresso ao envolver as dimensões da pesquisa e das práticas pedagógicas incluindo aspectos do currículo e da formação docente, abrangendo espaços formais e não-formais, proporcionando a troca de saberes e socialização de conhecimentos compreendendo a perspectiva para novos questionamentos e investigações.

Novamente o texto destaca o esforço imenso para realizar um evento dessa magnitude, pois não há uma estrutura associativa que lhe dê sustentação, acreditando na adesão dos participantes permitindo que o evento aconteça.

Nesse ano a Conferência de Abertura foi proferida pelo Prof. Dr. Mário Sérgio Cortela, que representou a homenagem proferida a Paulo Freire, tratando-se de um acontecimento suntuoso do congresso.

A pesquisa dos trabalhos para análise partiu da leitura detalhada do caderno de programação geral que contou com conferências, salas de conversa, simpósios, painéis e *pôsteres*. Os resumos e trabalhos completos foram publicados em *CD - ROM*. A modalidade simpósio contou com um *CD-ROM* específico com produção dos textos completos proferidos. Tanto as apresentações como o material impresso, caderno de apresentação, foram organizados de acordo com os subtemas.

A seguir são apresentados dados referentes ao XIV ENDIPE.

**Tabela 22 – Dados referente ao XIV ENDIPE.**

Local / Estado / Cidade	Porto Alegre – Rio Grande do Sul
Temática	“Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas”
Data	De 27 a 30 de abril de 2008
Coordenação Geral	Maria Isabel da Cunha (UNISINOS) Maria Helena Menna Barreto Abrahão (PUCRS)
Instituições Promotoras	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Instituições de Apoio	Universidade de Passo Fundo (UPF) Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGS) Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

	<b>Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)</b> <b>Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)</b> <b>Universidade de Caxias do Sul (UCS)</b> <b>Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI)</b> <b>Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG)</b> <b>Gol – Linhas áreas inteligentes</b> <b>Universidade Regional UNIJUI</b> <b>Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ)</b> <b>Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)</b> <b>Associação Nacional de Pós - Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)</b> <b>Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia (CNPq)</b> <b>Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)</b> <b>Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS)</b> <b>Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)</b>
Números do Evento	<b>51 simpósios – 10 participantes internacionais, 418 painéis, 681 pôsteres, 34 salas de conversa</b>
Formato organizativo	<b>Simpósios, painéis, pôsteres, salas de conversa, conferências</b>
Eixos temáticos	<b>Condições de Produção da Didática: tendências e trajetórias</b> <b>Práticas de Ensino e as Didáticas Específicas</b> <b>Formação de Professores e Saberes Docentes</b> <b>Sujeitos do Processo de Ensinar e Aprender</b> <b>Políticas Públicas e Institucionais e os Processos Educativos</b> <b>Currículo, Cultura e Diferença nos Lugares e Espaços Educativos</b> <b>Ensinar e Aprender no Meio Virtual e outras Linguagens</b>

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentaremos os trabalhos que serão analisados e discutidos nesse ano, proporcionando na tabela dados relevantes para uma visão inicial e geral.

**Tabela 23 – Trabalhos apresentados no XIV ENDIPE sobre as temáticas abordadas**

Título	Autor (es)	Universidade, faculdade	Palavras-chave	Tipo de apresentação	Trabalho completo ou resumo	Eixo
1.1) Gênero e sexualidade na educação: notas para uma reflexão epistemológica	<b>Maria Rita de Assis César (coordenadora do painel)</b>	<b>Universidade Federal do Paraná</b>	<b>Gênero, Educação Sexual, Currículo, Teoria <i>Queer</i></b>	<b>Painel Gênero, sexualidade e Educação: três olhares através da perspectiva de Michel Foucault (coord. : Maria Rita de Assis César)</b>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	6- Currículo, Cultura e diferença nos lugares e espaços educativos
1.2) Problematizando corpo, gênero e sexualidade na escola	<b>Helena Altman e Carlos Martins</b>	<b>UNICAMP e UNESP</b>	<b>Gênero, Sexualidade, Corpo, Escola.</b>	<b>Painel: Gênero, sexualidade e Educação: três olhares através da perspectiva de Michel Foucault (coord. : Maria Rita de Assis César)</b>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	6- Currículo, Cultura e diferença nos lugares e espaços educativos

1.3)Gênero e Docência: Práticas Discursivas em Histórias de vida de professores	<b>Constan tina Xavier Filha</b>	<b>UFMS</b>	<b>Discurso, Memória, Docência, História de vida, Gênero.</b>	<b>Painel:Gênero, sexualidade e Educação: três olhares através da perspectiva de Michel Foucault ( coord. : Maria Rita de Assis César)</b>	<b>Resumo trabalho completo</b>	6- Currículo, Cultura e diferença nos lugares e espaços educativos
2.1)Documen tos de subjetivação :incurões investigativas em um programa de formação em gênero	<b>Daniele Vasco Santos</b>	<b>Universi dade Federal do Pará</b>	<b>Gênero, Currículo, Modos de Subjetivação</b>	<b>Painel - Composições e derivações pós- subjetivas:investi gações sobre sujeitos e modos de subjetivação</b>	<b>Trabalho Completo</b>	4- Sujeitos do processo de ensinar e de aprender
3.1 – Novos Saberes Docentes em Educação Sexual como contribuição à Formação de Professores a Produção de Novas Metodologias e Materiais Pedagógicos com o Uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação	<b>Sonia Maria Martins de Melo</b>	<b>UDESC</b>	<b>Formação de educadores; Educação sexual; Tecnologia, Comunicação;P edagogia.</b>	<b>Painel Título- Formação de Educadores: Interfaces com a educação sexual na produção de novos saberes docentes Coordenadora – Sonia M M. Melo</b>	<b>Resumo /trabalho completo</b>	3- Formação de professores e saberes docentes
3.2)Formaçã o de Profissionais para atuação no campo da educação sexual: a extensão universitária como possibilidade	<b>Mary Neide Damico Figueir ó</b>	<b>UEL- PR</b>	<b>Educação Sexual, Sexualidade, Formação de educadores sexuais, Estágio em Psicologia</b>	<b>Painel Título- Formação de Educadores: Interfaces com a educação sexual na produção de novos saberes docentes Coordenadora – Sonia M M. Melo</b>	<b>Resumo /trabalho completo</b>	3- Formação de professores e saberes docentes
3.3)Processos e Trajetórias na formação de professores para atuação	<b>Paulo Renes Marçal Ribeiro</b>	<b>UNESP- Araraqu ara</b>	<b>Educação Sexual, Formação de educadores, Ações reflexivas</b>	<b>Painel Título- Formação de Educadores: Interfaces com a educação sexual</b>	<b>Resumo /trabalho completo</b>	3- Formação de professores e saberes docentes

no campo da educação sexual: a experiência do núcleo de estudos da sexualidade na UNESP, em Araraquara				<b>na produção de novos saberes docentes</b> <b>Coordenadora –</b> <b>Sonia M M.</b> <b>Melo</b>		
4.1)Relações entre imaginário e gênero nas representações visuais infantis	<b>Camila Bettim Borges;</b> <b>Susana Rangel Vieira da Cunha</b>	<b>UFRS</b>	<b>Gênero, Infância, Cultura visual, Pedagogia da visualidade</b>	<b>Painel</b> <b>Culturas visuais e infância</b>	<b>Resumo /trabalho completo</b>	6- Currículo, Cultura e diferença nos lugares e espaços educativos
5.1)Os desafios teórico metodológicos da extensão universitária nos processos educativos da educação para a sexualidade e gênero: articulando as redes de proteção no combate as violências sexuais	<b>Cláudia Maria Ribeiro</b>	<b>UFLA</b>	<b>Sexualidade, Gênero, Formação de professores e professoras, Rede de proteção, Metodologias.</b>	<b>Painel</b> <b>Sexualidades, relações de gênero e as possibilidades de interferir na concretização de políticas públicas para a formação docente</b> <b>Coord. Cláudia Maria Ribeiro</b>	<b>Resumo /trabalho completo</b>	5- Políticas públicas e institucionais e os processos educativos
5.2) Abjetos da educação: marcas do heterossexismo e corpos indóceis	<b>Fernando Pocahy</b>	<b>UFRS</b>	<b>Educação, Heterossexismo/ homofobia; Direitos humanos; Políticas públicas; Trabalho.</b>	<b>Painel</b> <b>Sexualidades, relações de gênero e as possibilidades de interferir na concretização de políticas públicas para a formação docente</b> <b>Coord. Cláudia Maria Ribeiro</b>	<b>Resumo /trabalho completo</b>	5- Políticas públicas e institucionais e os processos educativos
5.3)Educando para a sexualidade: uma proposta de formação docente	<b>Jane Felipe</b>	<b>UFRS</b>	<b>Sexualidade, Gênero, Formação docente</b>	<b>Painel</b> <b>Sexualidades, relações de gênero e as possibilidades de interferir na concretização de políticas públicas para a formação docente</b> <b>Coord. Cláudia</b>	<b>Resumo /trabalho completo</b>	5- Políticas públicas e institucionais e os processos educativos

Maria Ribeiro						
6.1) Vivências Escolares de discriminação e resistência na infância e a construção das identidades homossexuais	<b>Andréa Forgiarini Cechin</b>	<b>UFSM</b>	<b>Identidade homossexual, Espaços educativos formais e informais, Preconceito. Discriminação.</b>	<b>Painel Infância: diferentes olhares em diferentes contextos</b>	<b>Resumo / trabalho completo</b>	4 – Sujeitos do processo de ensinar e aprender
7) Gênero e desvalorização profissional do magistério: o mito e a realidade histórico-cultural representado na fala das professoras londrinenses	<b>Adriana Regina de Jesus; Alípio Casali</b>	<b>PUC – São Paulo</b>	<b>Docência, Gênero, Magistério</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo / trabalho completo</b>	3- Formação de professores e saberes docentes
8) Projeto sexualidade: entre o viver e o saber, um conhecimento em construção	<b>Tomie Helena Kavakami</b>	<b>Colégio Pandiá Calogenás / Projeto saúde e prevenção nas escolas / Projeto Estamos Juntos</b>	<b>Saúde e prevenção nas escolas, Sexualidade, Formação de professores</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo / trabalho completo</b>	3- Formação de professores e saberes docentes
9) Educação Sexual e formação de professor@s : um diálogo luso-brasileiro	<b>Vera Márcia Marques Santos; Mari Margarete dos Santos Forste</b>	<b>Universidade Vale do Rio dos Sinos</b>	<b>Educação sexual, Formação de professores, Formação Inicial e continuada de professores</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo trabalho completo</b>	3- Formação de professores e saberes docentes
10) Gênero, sexualidade e currículo: a invenção da ESEF de Pelotas/RS	<b>Maria Rita Assis César; Viviane Teixeira Silveira ;</b>	<b>Universidade Federal do Paraná</b>	<b>Formação de professoras, Corpo, Sexualidade</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo / trabalho completo</b>	3- Formação de professores e saberes docentes
11) Orientação sexual : um	<b>UNIOES</b>					

relato de experiência da prática de ensino	<b>Andréa Cristina Martelli</b>	<b>TE (Campus Cascavel)</b>	<b>Orientação Sexual, Prática de Ensino, Escola.</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo /trabalho completo</b>	2- Práticas de ensino e as didáticas
12)As relações de gênero no contexto das práticas educativas do grupo de mulheres do Parque Eliane – Teresina – PI	<b>Ana Célia de Sousa Santos</b>	<b>Universidade Federal do Piauí</b>	<b>Educação, Gênero, Práticas Educativas, Emancipação.</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo /trabalho completo</b>	6-Currículo, Cultura e diferença nos lugares e espaços educativos
13)Percorrendo o campo das identidades sexuais e de gênero no espaço escolar	<b>Fabiane Lopes Teixeira; Álvaro Moreira Hypolito</b>	<b>Universidade Federal de Pelotas</b>	<b>Sexualidade, Adolescente, Identidade.</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo /trabalho completo</b>	6- Currículo, Cultura e diferença nos lugares e espaços educativos
14)Corpos, gêneros e sexualidades: analisando narrativas em um ambiente virtual de aprendizagem	<b>Paula Regina Costa Ribeiro; Fabiane Ferreira da Silva; Raquel Pereira Quadrad; Joanalir da Corpes Magalhães; Juliana La pa Rizza; Kellen Daiane da Silva Silva</b>	<b>FURG e UFRS</b>	<b>Corpos, Gêneros, Sexualidades, Narrativas, Ambiente virtual de aprendizagem.</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo / Trabalho Completo</b>	6- Currículo, Cultura e diferença nos lugares e espaços educativos
15)Gênero e etnia: um olhar sobre os livros didáticos de ciências	<b>Santina Célia Bordini ; Edimar a Gonçalves Soares</b>	<b>Universidade Federal do Paraná - UFPR</b>	<b>Não tem (não tem resumo publicado)</b>	<i>Pôster</i>	<b>Trabalho Completo</b>	6- Currículo, Cultura e diferença nos lugares e espaços educativos
16)Política	<b>Vilma</b>	<b>Não</b>	<b>Estudos</b>	<i>Pôster</i>	<b>Trabalho</b>	6- Currículo,

cultural e gênero: as contribuições dos estudos culturais para o trabalho da coordenação pedagógica	<b>Nonato de Brício</b>	consta	<b>Culturais, Coordenação Pedagógica, Política Cultural, Gênero</b>		<b>Completo</b>	Cultura e diferença nos lugares e espaços educativos
17) A escola e o enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil em Roraima	<b>Flávio Corsini Lirio</b>	-----	<b>Criança e adolescente, Violência sexual, Escola.</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	5-Políticas públicas e institucionais e os processos educativos
18)Sexualidade :dúvidas e concepções de alunos do Ensino Fundamental de uma escola da cidade de Jataí -GO	<b>Walquiria Dutra de Oliveira ; Karolina Martins Almeida e Silva; Larissa Assis Vilela; Elci Ferreira Mendes Piochon</b>	<b>UFG/CA J</b>	<b>Sexualidade, Adolescência, Escola</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	4- Sujeitos do processo de ensinar e de aprender
19) Ambientes virtuais de Aprendizagem : Apresentação de Experiências com o Curso de Extensão Conversando sobre a Sexualidade Adolescente No Centro de Educação A Distância da UDESC/SC	Dilma Lucy de Freitas	UNISINOS/UDESC	Sexualidade Adolescente; Formação de Educadores; Educação Sexual; Ambientes Virtuais de Aprendizagem.	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	7- Ensinar e Aprender no meio virtual e outras linguagens ( educação à distancia; mídia e tecnologia de informação e comunicação; outras linguagens : artes, literatura, etc.)

Fonte: Elaboração da autora.

### **5.7.1As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas**

Até o momento os ENDIPE vieram apresentando de modo quase linear uma ordem crescente de trabalhos sobre a temática abordada, fato provável devido ao maior conhecimento dos/as docentes do tema transversal orientação sexual e conseqüentemente dos/as pesquisadores/ras e estudiosos/sas do assunto perceberem a necessidade de adentrarem no contexto escolar, fato que nem sempre ocorre, mesmo com a intensificação de pesquisas.

Quanto à modalidade painel, foram apresentados somente os painéis cuja temática tem relação com a pesquisa, pois em um mesmo painel, que envolve três trabalhos, podem ter ocorrido outros temas que não contemplavam a temática abordada; a numeração (na tabela) foi organizada de forma a facilitar essa compreensão.

O trabalho intitulado **Gênero e Sexualidade na Educação: notas para uma reflexão epistemológica** (CÉSAR, 2008) faz um levantamento histórico da sexualidade desde os anos de 1920 até o momento atual, destacando os PCN e o tema transversal orientação sexual, enquanto ato político, pois para a autora o documento possui análise preventiva, com viés biologizante.

A autora destaca que o currículo escolar está centrado na matriz heterossexual, destacando o estudo da Teoria Queer para combater binarismos, apresentando o que é fruto de construções culturais e do pensamento ocidental moderno. O texto se apresenta rico em detalhes da história da sexualidade no contexto escolar tendo relação com os dias de hoje, apresentando como abordagem os estudos de Foucault e o Pós-Estruturalismo.

**Problematizando Corpo, Gênero e Sexualidade na Escola** (ALTMANN; MARTINS, 2008) destaca, através dos estudos de Foucault e da abordagem Pós-Estruturalista, o quanto a escola, mesmo sem perceber, trata as questões em torno do corpo, sexualidade e gênero pelos docentes. Assim, deixa evidente que a melhor forma de se compreender a sexualidade é como uma construção social e histórica e não como resultado de um corpo biológico pré-estabelecido, indo contraditoriamente ao preconizado pelos PCN através do tema transversal orientação sexual.

O texto destaca dados da história em torno da sexualidade e gênero e apresenta a importância da escola não normatizar padrões pré-existentes, além de que o professor é ator social de grande importância para desconstruir normalizações, pois os autores afirmam que a escola normaliza excluindo os considerados diferentes na sociedade.

O trabalho **Gênero e Docência: práticas discursivas em histórias de vida de professores** (XAVIER FILHA, 2008) tem como questionamento o quanto a história de vida influencia na constituição docente no tocante à sexualidade e gênero; trata-se de uma pesquisa biográfica que traz a história de vida de sete professoras (quatro brasileiras e três portuguesas) que nasceram na década de 1950, para análise dos dados utiliza os estudos de gênero e pressupostos foucautianos.

Para a autora, a observação da formação docente, principalmente a inicial, torna-se espaço privilegiado para a área da didática, além de que o discurso das professoras é em torno do “discurso do eu”, discurso generificado. O trabalho propõe a construção da identidade docente, também avalia meninos e meninas no contexto escolar, análise da sexualidade dos discentes, enfim constata como professoras se sentem como mulheres, sexuadas e docentes nas relações pedagógicas.

**Documentos de Subjetivação: incursões investigativas em um programa de formação em gênero** (SANTOS, 2008) trata de uma dissertação de mestrado em desenvolvimento a partir da perspectiva Pós-Estruturalista, mais especificamente os estudos foucautianos, pois aborda o currículo de um programa de formação em gênero e políticas públicas proposto por uma Organização não Governamental (ONG) do Pará.

A instituição elaborou Programas de Formação em Gênero e Políticas Públicas através de subsídios de recursos nacionais e internacionais, organizando quatro cartilhas; assim é feita a análise documental centrada nesse material. Por se tratar de um trabalho em andamento não há resultados determinados, mas é possível compreender que as práticas pedagógicas instituídas pela ONG, enquanto produtoras de formas de experiência de si proclamam sobre as relações de gênero considerando discussões.

O trabalho intitulado **Novos Saberes Docentes em Educação Sexual como Contribuição à Formação de Professores a Produção de Novas Metodologias e Materiais Pedagógicos com o Uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação** (MELO, 2008) é uma pesquisa em andamento que estuda a produção de novas metodologias e de materiais pedagógicos em educação sexual com o uso de novas tecnologias da informação e comunicação, sendo uma continuação dos trabalhos do Grupo Formação de Educadores e Educação Sexual da UDESC.

O projeto começou com alunos do curso de pedagogia e hoje o sistema abrange demais cursos através da Plataforma *Moodle*; a equipe de docentes do grupo de estudos em sexualidade da UDESC produziu o material, cadernos, fitas de vídeo, dentre outros, tendo

como objetivo contribuir para a formação regular de educadores no que se refere à educação sexual, bem como a formação continuada em relação à temática.

Tendo uma abordagem da educação sexual no paradigma emancipatório, no professor reflexivo, apresentando uma ação pedagógica crítica e transformadora, tem como proposta também rever as questões da pedagogia *on-line* através da Pedagogia da Autonomia - Paulo Freire.

**Formação de Profissionais para Atuação no Campo da Educação Sexual: a extensão universitária como possibilidade** (FIGUEIRÓ, 2008), o objetivo do trabalho é refletir sobre a formação continuada de professores voltada para a atuação humanizadora em educação sexual, pois os estudantes do quinto ano de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) tem a oportunidade de coordenar grupos de estudos sobre educação sexual. A autora, também no trabalho, destaca pontos relevantes de sua tese de doutoramento que teve como objetivo atuar com professores da rede pública.

O trabalho aborda o modelo reflexivo de formação de professores baseados em Donald Schön e Philippe Perrenoud, através de estudo de caso. Dentre as conclusões apresentadas para eficácia da formação continuada em educação sexual é preciso seguir o modelo reflexivo de formação, valorizando a experiência de história de vida, a prática pedagógica, o saber construído pelo professor e o exercício de reflexão em grupo. A formação continuada é outro ponto de destaque enfatizado pela autora, inclusive em cursos de pós-graduação.

**O trabalho intitulado Processos e Trajetórias na Formação de Professores para Atuação no Campo da Educação Sexual: a experiência do núcleo de estudos da sexualidade na UNESP, em Araraquara** (RIBEIRO, 2008), tem como objetivo apresentar a experiência do Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX) para a formação de professores no campo da sexualidade humana e da educação sexual, indo ao encontro das propostas do Ministério da Educação e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, possibilitando ações pedagógicas em torno do Ensino Fundamental e Ensino Médio, permitindo que o aluno encontre na escola um espaço de formação e de informação para suas dúvidas ligadas ao comportamento sexual.

O texto apresenta os quatorze temas abordados pelo programa, trazendo também um histórico do NUSEX, grupo criado em fevereiro do ano de 2000 no *campus* da UNESP de Araraquara. O grupo tem como objetivos a integração de pesquisas e estudos desenvolvidos por seus membros visando à constituição de uma historiografia da educação sexual no Brasil e a consolidação da educação sexual enquanto tema essencial de pesquisa e ensino na área da

educação, contribuindo para a formação de professores para trabalhar com orientação sexual nas escolas; além de proporcionar a integração de pesquisadores nacionais e internacionais.

Os três pontos do NUSEX que fundamentam a formação de educadores são: orientação sexual enquanto tema transversal; estudos que apontam o comportamento sexual ativo do adolescentes e jovens que carecem de espaço para esclarecimentos e desvencilhar de tabus e preconceitos; e como os profissionais lidam com crianças e jovens e conseqüentemente também para que o próprio educador tenha um espaço que possa dialogar e esclarecer equívocos. O autor destaca que para trabalhar a sexualidade a formação do educador é fundamental, além de que o estudo da sexualidade envolve o conhecimento de várias áreas ou disciplinas.

O texto **Relações Entre Imaginário e Gênero nas Representações Visuais Infantis** (BORGES; CUNHA, 2008), trata-se de uma pesquisa participativa, tendo como referencial teórico os Estudos da Cultura Visual e do Gênero com crianças de 4 a 6 anos de idade de escolas municipais de educação infantil na cidade de Porto Alegre. Para as autoras o que é ser menino e menina são artefatos culturais e da pedagogia da visualidade, sob esta perspectiva teórica se entende que a cultura visual formula conhecimentos, visões sobre o mundo, sobre as pessoas, sobre os modos de ser e de agir e também influencia as questões de gênero.

A pesquisa de campo teve duração de oito meses, sendo constatado que na maioria das brincadeiras as crianças não fazem diferenciação entre os sexos, quando questionadas sinalizam os marcadores de gênero presentes nos objetos já presentes na cultura. Percebe-se a criação de uma cultura da heteronormatividade, identidades sexuais e de gênero. A escola precisa trabalhar com as diferenças, apresentar outros modos de ser mulher e ser homem, pois, as diferenças quase não são abordadas pela cultura visual infantil.

O trabalho intitulado **Os Desafios Teórico Metodológicos da Extensão Universitária nos Processos Educativos da Educação para a Sexualidade e Gênero: articulando as redes de proteção no combate as violências sexuais** (RIBEIRO, 2008), o texto trata do Projeto Construindo Práticas a Partir dos Compromissos com a Defesa dos Direitos Sexuais na Infância e Adolescência, no Combate ao Abuso e Exploração Sexual que envolve a participação de vinte e duas cidades do sul de Minas Gerais. O projeto, que é realizado há três anos, é veiculado pelo Ministério da Educação, Secretaria da Educação Superior, Departamento de Modernização e Programas de Educação Superior.

O texto aborda que o professor que atua na educação sexual na temática da sexualidade humana e gênero também deve ter o respaldo no cotidiano de políticas que

foquem a saúde, pois os vários setores interligados são condições fundamentais para a concretização de políticas públicas. O Projeto conta com três temáticas básicas: construção histórica da sexualidade humana; temas da sexualidade; direitos humanos; direitos da criança e direitos sexuais. Dentre as contribuições é possível perceber a viabilização de projetos intersetoriais na área da sexualidade e gênero com adolescentes e jovens.

**Abjetos da Educação: marcas do heterossexismo e corpos indóceis** (POCAHY, 2008) o trabalho trata da violência impetrada contra educadores sexuais lésbicas, *gays*, travestis e transexuais. Apresenta três casos de professores que foram discriminados na rede pública de ensino de Porto Alegre, cujas identidades de gênero foram o motivo de constantes situações de humilhações, constrangimento e resultaram em sindicâncias de cunho político-persecutório e/ou transferências arbitrárias. Os casos foram acompanhados por um Centro de Referência em Direitos Humanos no Combate e Prevenção a Homofobia.

Para o autor, a escola regulamenta sentidos do corpo e da vida; assim, educadores que saem da norma tida como padrão são alvos recorrentes de violações, é preciso propostas de educação com base na diversidade e na dignidade humana.

O trabalho intitulado **Educando para a Sexualidade: uma proposta de formação docente** (FELIPE, 2008) faz um recorte de uma pesquisa maior intitulada “Pedofilização como Prática Social Contemporânea: uma análise a partir dos estudos de gênero” que tem como marco teórico os Estudos Culturais e os Estudos Feministas. O objetivo do trabalho aqui exposto é apresentar como a educação sexual vem sendo trabalhada nos curso de formação de professores, bem como, em escolas da rede pública de Ensino Fundamental e Ensino Médio, pois geralmente a sexualidade é abordada na escola pelo viés biológico.

Para a autora, a proposta de educação para a sexualidade apresenta discussão em torno da sexualidade para além da prevenção, pois pouco se fala da sexualidade como construção histórica, social e cultural. Os documentos oficiais não dão conta do tema da pedofilia, pois o ideal de infância fica distante da realidade.

O texto traz a experiência da autora através de um material em educação sexual testado com vinte adolescentes (13 a 16 anos) de uma escola municipal de Porto Alegre, sendo que ocorreu uma parceria com o professor de Língua Portuguesa. A proposta visava a questão em torno da paternidade e maternidade, sendo possível repensar as questões de gênero e sexualidade, levando discussões para a formação pedagógica.

**Vivências Escolares de Discriminação e Resistência na Infância e a Construção das Identidades Homossexuais** (CECHIN, 2008) é recorte da tese da autora e traz as vivências de homens adultos, homossexuais, em espaços educativos formais, não-formais e

informais. A pesquisa teve como participantes oito homens adultos homossexuais. A análise foi realizada a partir das contribuições da Psicologia Social Crítica e também com base na fenomenologia.

A pesquisa foi capaz de revelar que desde a mais tenra idade a informação que esses homens recebem tem conotação negativa sobre suas orientações afetivo-sexual, representações marcadas por preconceitos e discriminações. Na escola os homossexuais são, na maioria das vezes, ignorados pelos professores, mas não pelos colegas, pois sofrem preconceitos. A maioria dos sujeitos desse estudo tem consciência que começou a enfrentar o preconceito por ser homossexual no Ensino Fundamental (piadinhas grosseiras, apelidos pejorativos, agressões físicas). Os sujeitos foram escolhidos através da técnica *snowballsampling* (bola de neve), um sujeito indica o outro, sendo realizadas entrevistas individuais por tópicos gravados.

Na escola a homossexualidade é vista como desvio de comportamento que pode ser superado com auxílio profissional, pois geralmente o aluno que parece fugir da masculinidade infantil é encaminhado a psicólogos, pois é considerado um desvio, transtorno de comportamento. Assim, a omissão dos educadores em relação à sexualidade serve para manter o heterossexismo existente em nossa sociedade e a vigilância que garante a normalidade.

**O trabalho intitulado Gênero e Desvalorização Profissional do Magistério: o mito e a realidade histórico cultural representado na fala das professoras londrinenses** (JESUS; CASALI, 2008) trata de uma pesquisa que elucida inquietações decorrentes do magistério como profissão feminina e sua trajetória histórica na cidade de Londrina na década de 1980, pois parte do pressuposto que a escolha pelo magistério era imposta ou pessoal.

O texto traz um recorte histórico sobre a profissão de professora a partir da segunda metade do século XIX, realizando importantes colocações do magistério enquanto profissão feminina.

A pesquisa foi realizada a partir da entrevista com dezessete professoras, sendo que todas definiram gostar da profissão, tiveram influência da família na escolha, sendo para elas o magistério foi o meio mais fácil de arrumar emprego, ou seja, o sustento de si e da família. Porém, ainda na década de 1980 a mulher defende a ideia do início do século, qual seja, mulher mais sensível, amorosa, compreensiva que o homem para atuar na docência. Dentre as considerações constatadas é possível perceber que a feminização do magistério em Londrina é marcada por vários aspectos, dentre eles, culturais, sociais, políticos e de gênero.

**Projeto Sexualidade: entre o viver e o saber, um conhecimento em construção** (KAVAKAMI, 2008) é produto de dois projetos maiores denominados “Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas e Projeto Estamos Juntos”, ambos visam reduzir a infecção por doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDs entre jovens e adolescentes, abordando assim as relações de gênero, orientação sexual, vulnerabilidade e drogas.

O Projeto partiu da disciplina de Estágio Supervisionado em Práticas Educativas do quarto ano do curso normal, sendo um público basicamente feminino. O projeto foi desenvolvido através da realização de oficinas numa perspectiva biopsicossocial, aplicado em turmas do Ensino Fundamental, sendo a avaliação realizada pelas alunas do curso normal através da elaboração de portfólios.

Dentre os resultados obtidos pode-se destacar competências para trabalhar com o tema a partir do estudo e discussão, ocorreram a desmistificação de mitos e preconceitos para viver a sexualidade, as alunas se tornaram multiplicadoras de informações, trabalhar as questões da sexualidade com as discentes (futuras professoras) desenvolve o senso crítico necessário para autonomia e compreensão dos seus corpos, além de proporcionar que sejam protagonistas da própria sexualidade.

O trabalho intitulado **Educação Sexual e Formação de Professor@s : um diálogo luso-brasileiro** (SANTOS; FORSTER, 2008) trata do diálogo entre professor@s em formação inicial e formação continuada de Santa Catarina e Lisboa /Portugal no que tange a formação como educadores sexuais. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alguns profissionais e o uso da pesquisa de campo como complemento da pesquisa. Foram analisadas as grades curriculares dos cursos de formação em educação sexual.

As autoras defendem a ideia de que não precisa ser especialista na área, mas estar atento (a), alerta e sensível às questões em torno da sexualidade. Constata-se a carência de formação da temática da sexualidade que requer formação com fundamentação política, epistemológica, social, filosófica. Assim, sugerem rever a formação docente rompendo com práticas de senso comum que continuam sendo repressoras e preconceituosas, propondo a educação sexual emancipatória.

O trabalho intitulado **Gênero, Sexualidade e Currículo: a invenção da ESEF<sup>31</sup> de Pelotas/RS** (CÉSAR;SILVEIRA, 2008) tem como objetivo analisar as providências e os efeitos produzidos pelos discursos e práticas curriculares quanto ao corpo e a sexualidade

---

<sup>31</sup>Ensino Superior em Educação Física

feminina na formação de professores que ingressaram no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Pelotas (RS) em 1970.

Foi realizado um mapeamento do curso tentando abordar as questões de gênero, ementas, atas, reuniões e jornais. Percebe-se que o currículo é predominantemente masculino, refletindo a epistemologia dominante. A pesquisa também contou com a história oral de professores que cursaram a universidade e também professores do curso na década de 1970. Para a análise dos dados foram utilizados os estudos de Michel Foucault, destacando que currículo é poder, é masculino e hierarquiza o gênero.

**Orientação Sexual: um relato de experiência da prática de ensino** (MARTELLI, 2008) é resultado da disciplina Prática de Ensino, atuando enquanto estagiária no ano de 2006 em escola municipal de terceiras e quartas séries do Ensino Fundamental, sendo que destaca o imaginário da sexualidade das crianças pautados em tabus, mitos e preconceitos, os quais são construídos ao longo de suas vidas nos seus espaços sociais.

Para a autora, a constituição do imaginário tem influência da televisão que também influencia nas relações culturais e sociais (família/escola); a mulher é vista somente como objeto de prazer para o homem. A sexualidade está presente na escola não só pelo tema transversal, mas pelas manifestações independente das nossas aprovações ou vontades.

O trabalho intitulado **As Relações de Gênero no Contexto das Práticas Educativas do Grupo de Mulheres do Parque Eliane – Teresina – PI** (SANTOS, 2008) apresenta o intercâmbio entre a Universidade Federal do Piauí e uma Universidade da Itália (autora não cita o nome) contemplando a criação do Centro de Vivência “Infância/ Mulher/Território” no Parque Eliane - Teresina /Piauí. O Parque Eliane é local de moradia de mais de 750 famílias, grande parte chefiadas por mulheres. O trabalho visa analisar como as práticas educativas em desenvolvimento nesse local vem contribuindo para a construção de um processo de emancipação e empoderamento do grupo “Mulheres Perseverantes”, tendo novo olhar sobre as relações de gênero.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, especificamente pesquisa ação. É realizado o trabalho de oficinas de produção, tendo como exemplo material de limpeza, dentre outras. O espaço das oficinas se torna local da mulher ter maior integração na comunidade, novas relações de amizade, companheirismo e organização, elementos que a fortalecem enquanto mulher. Os trabalhos realizados nas oficinas proporcionam práticas emancipatórias de transformação social e com compromisso na construção de uma sociedade mais justa e solidária, além de que o projeto proporciona a geração de renda para o grupo.

Dentre as contribuições para os estudos de gênero, o trabalho destaca que a participação da mulher em práticas educativas pode valorizar as mesmas, principalmente quando se sentem integrantes de práticas emancipatórias e mudam a perspectiva que possuem enquanto si próprias e dentro da sociedade.

O trabalho intitulado **Percorrendo o Campo das Identidades Sexuais e de Gênero no Espaço Escolar** (TEIXEIRA; HYPOLITO, 2008) pretende fazer uma reflexão acerca da temática da sexualidade nas relações estabelecidas entre educação e adolescência, pois se apresentam como construções identitárias através dos discursos institucionais e artefatos culturais.

Para a pesquisa foram desenvolvidas diferentes atividades com alunos de 13 e 17 anos de idade de duas turmas de oitava série de uma escola municipal, atividades para percepção do corpo e construção de identidades. A análise foi feita através dos Estudos Culturais que aparecem deslocando a centralidade da cultura e as práticas culturais que podem percorrer vários espaços sociais. Para os autores a cultura juvenil também sofre influência da cultura midiática que transmite um padrão corporal e de sexualidade, os temas transversais, no caso orientação sexual, abordam muito mais as questões da saúde/ doença.

O objetivo das atividades desenvolvidas é que na sala de aula se abra espaço para discutir questões vivenciadas da sexualidade e identidades de gênero. Dentre as temáticas desenvolvidas destaca-se namoro X ficar; concepção de sexualidade; trabalhando as identidades; vivências adolescentes. Dentre as considerações pode-se destacar que o espaço escolar é rico de sociabilidade e de diferenças culturais que devem ser problematizadas, além de que a sexualidade deve ser trabalhada não só no aspecto científico, mas também na noção de gênero e que o corpo é muito além do biológico, pois é construção sociocultural.

**Corpos, Gêneros e Sexualidades: analisando narrativas em um ambiente virtual de aprendizagem** (RIBEIRO et al., 2008) traz como objetivo analisar o ambiente virtual de aprendizagem “Sexualidade – Narrativas dos professores da educação da região sul do Estado do Rio Grande do Sul” que participaram do projeto denominado “Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar” sendo Projeto com apoio do MEC/SECAD.

Através do ambiente virtual foram analisadas a modalidade “Fórum de Discussão” a participação da discussão de 150 profissionais. Dentro das constatações foi possível perceber que a sexualidade é vista e interdita; crianças quando manifestam a sexualidade são vistas como anormais, as identidades de gênero e sexuais hegemônicas são valorizadas, muitas vezes a criança é vista como assexuada, desconsiderando as vivências de crianças e

adolescentes. Assim, o Fórum foi agrupado em quatro categorias em relação à temática sexualidade: aprendizagem, prática pedagógica, resistência e entendimento sobre sexualidade.

O curso possibilitou a discussão da sexualidade, mas a modalidade Fórum, aparentemente, não apresentou ser uma metodologia atrativa para os professores que se manifestaram a favor de palestras.

O trabalho intitulado **Gênero e Etnia: um olhar sobre os livros didáticos de ciências** (BORDINI; SOARES, 2008) traz os livros didáticos como artefatos culturais que produzem e reafirmam significados sobre o que é ser homem/mulher. Diante dessa concepção, o objetivo do trabalho é examinar a construção imagética de gênero masculino e feminino e, também, etnia nos livros didáticos de ciências dos anos iniciais.

As autoras analisaram duas coleções de livros didáticos de ciências para os anos iniciais do Ensino Fundamental que fazem parte do Plano Nacional do Livro Didático no ano de 2007.

Dentre as considerações foi possível constatar que há representação polarizada do gênero, falta de diversidade étnica, predominância da identidade masculina e branca, a mulher é vista como o segundo sexo, o homem apresenta a identidade que serve de referência, pois o gênero masculino realiza as tarefas de maior visibilidade, enquanto que o gênero feminino mostra atividades de passividade. Referente às profissões há estereótipos pré-determinados, no conceito de família predomina a organização homem e mulher brancos, filhos um de cada sexo. O livro didático expressa a supremacia do gênero masculino e etnia branca de maneira quase unânime e hegemônica, é preciso que os educadores desconstruam, desestabilizem e contestem o determinismo biológico e hegemônico presentes no livro didático.

O texto **Política Cultural e Gênero: as contribuições dos estudos culturais para o trabalho da coordenação pedagógica** (BRÍCIO, 2008) traz uma pesquisa exploratória através de três eixos de pesquisa: Estudos Culturais/ Gênero/ Coordenação Pedagógica, tendo objetivo de que a coordenação pedagógica assuma uma política cultural de gênero na escola.

A autora faz apontamentos em torno dos Estudos Culturais, pensando o trabalho da coordenação pedagógica como política cultural que postula na escola com os grupos em desvantagens nas relações de poder, como por exemplo, mulheres, homossexuais, negros.

O trabalho intitulado **A Escola e o Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil em Roraima** (LÍRIO, 2008) foi desenvolvido junto aos profissionais da educação e membros da rede de enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil em Roraima (Boa Vista e Paracaima), tendo a participação de vinte e duas escolas públicas. Faz parte de um Projeto

da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC) denominado “Escola que Protege”, coordenado pela Universidade Federal de Roraima com o intuito de promover um diálogo entre a escola e os demais profissionais da educação e membros da sociedade civil organizada que atuam na defesa dos direitos da criança e adolescentes.

A princípio é preciso perceber a criança e o/a adolescente como sujeito de direitos. Os dados mostram a violência sexual como fenômeno feminino – 7 a 14 anos de idade – sendo que a maioria das violências é praticadas pelos pais.

Dentre os resultados preliminares pode-se destacar que os profissionais da educação alegam falta de informação sobre o assunto; o tema se apresenta como difícil de ser trabalhado, tendo uma relação conturbada com alguns setores da rede, por exemplo, Conselho Tutelar, além da fragilidade da rede e medo da denúncia. A vulnerabilidade social é outro fator de destaque; na escola a discriminação social dessa população é evidente, violência psicológica e verbal. Para educadores se sobrepõem o apego moral e religioso, a falta de gestão democrática é um complicador, pois dificulta a tomada de posturas devido mudanças constantes, além da falta de planejamento político e pedagógico.

**Sexualidade: dúvidas e concepções de alunos do Ensino Fundamental de uma escola da cidade de Jataí – GO (OLIVEIRA et al., 2008)** trata da gravidez na adolescência, DST, sexualidade precoce, pois muitos adolescentes não sabem usar essas informações enquanto conhecimento.

Assim, a partir de palestras realizadas com alunos da quinta e sexta série do Ensino Fundamental foram aplicados questionários para perceber o comportamento dos alunos em relação à sexualidade, bem como as dúvidas mais frequentes, sendo elas, namoro, sexo e DST.

A pesquisa também destacou que os amigos são o único ponto de apoio dos adolescentes e que vem ocorrendo uma diminuição da idade para iniciação sexual, que segundo as autoras está associada ao aumento do número de gravidez precoce e pessoas com HIV. O trabalho com os pais é outro indício significativo, pois o mesmo não é realizado, e a atitude fundamental é a mobilização das escolas para a educação sexual no cotidiano escolar.

**O trabalho intitulado Ambientes Virtuais de Aprendizagem: apresentação de experiências com o curso de extensão conversando sobre a sexualidade adolescente no Centro de Educação A Distância da UDESC/SC (FREITAS, 2008)** faz uma comparação de cursos de Educação a Distância totalmente *online* oferecidos pela Universidade Estadual de Santa Catarina em dois ambientes diferentes – POLVO (produzidos por técnicos da

universidade) e *Moodle* (aberto, livre, gratuito). O curso apresentou como tema conversando sobre sexualidade adolescente e foi oferecido a educadores para aprofundar seus conhecimentos sobre sexualidade dos adolescentes, tendo a proposta da educação emancipatória.

Dentre os resultados apresentados foi possível perceber que comparando os dois ambientes virtuais de aprendizagem o curso realizado no ambiente de aprendizagem *Moodle* teve maior aproveitamento. A necessidade de investimentos nessa área, principalmente em relação à sexualidade, proporcionando aprendizagem tanto para professores como para alunos, pois através de cursos em ambientes virtuais de aprendizagem há possibilidades de um trabalho de educação sexual emancipatória.

A maioria dos trabalhos possui relações entre as temáticas abordadas, principalmente no tocante à formação docente e evidenciando a educação sexual no contexto escolar, esses temas são abordados de maneiras diferentes e abrangem a formação via educação a distância, formação continuada e a própria formação no ensino superior através de disciplinas inseridas no currículo. Os trabalhos abordam a complexidade que se insere para os atores escolares trabalharem com situações diferenciadas da norma tida como padrão no tocante à sexualidade, pois a escola prescreve a heteronormatividade. Muitas discussões com temáticas variadas se entrelaçam e essa é uma das grandes relevâncias dos trabalhos que abordam a temática da sexualidade e gênero.

### **5.7.2 Conhecimentos e práticas referentes às temáticas sexualidade e gênero**

Alguns trabalhos não apresentam dados conclusivos, pois no momento do evento estavam em andamento. Portanto, os resultados para análise foram obtidos através dos indícios descritos e indicativos capazes de apontar dados relevantes para discussão.

Um fato a se questionar e que vem persistindo nos ENDIPE analisados é que não ocorre em todos os trabalhos um padrão de elaboração dos textos, dificultando para o/a leitor/a compreender alguns aspectos relevantes dos trabalhos, como por exemplo, metodologia empregada, referencial teórico utilizado e as considerações relevantes que a realização do trabalho propôs.

Realizamos, assim, a análise de conteúdo, modalidade temática, por meio das leituras dos resumos e textos, baseando-nos, para tanto, nas possíveis considerações finais dos trabalhos apresentados, após a leitura insistente dos textos completos. Como apontamos

anteriormente, as categorias estão interligadas e muitos trabalhos têm seus apontamentos em mais de uma categoria ou subcategoria. As categorias apresentadas são: Formação Docente; Educação Sexual/Orientação Sexual/Práticas Educativas; Gênero; Sexualidade/ Sexo.

**Tabela 24– Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XIV ENDIPE**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
<b>Formação Docente</b>	<b>Currículo</b>	<b>33</b>
	<b>Função política/ reflexiva</b>	<b>121</b>
	<b>Homossexualidade</b>	<b>11</b>
<b>Educação Sexual / Orientação Sexual / Práticas Educativas</b>	<b>Emancipatória</b>	<b>31</b>
	<b>Interpretação/relações de gênero /diversidade</b>	<b>6</b>
	<b>Projeto Político Pedagógico</b>	<b>29</b>
	<b>Identidade/Preconceito</b>	<b>21</b>
<b>Gênero</b>	<b>Currículo hegemônico/disciplinador</b>	<b>72</b>
	<b>Romper binarismo</b>	<b>44</b>
	<b>Construção Cultural</b>	<b>39</b>
	<b>Subjetividades</b>	<b>51</b>
<b>Sexualidade/Sexo</b>	<b>Concepção naturalizada/ biológica /corpo/Dúvidas</b>	<b>42</b>
	<b>Questões políticas</b>	<b>3</b>

Fonte: Elaboração da autora.

A análise realizada nos trabalhos do XIV ENDIPE possibilitou a identificação de quatro categorias seguidas de subcategorias de acordo com os temas que foram abordados nas considerações dos trabalhos, sendo que elas não foram elencadas de acordo com a significação, mas conforme foram surgindo nos trabalhos. A categoria gênero se sobrepõe em relação aos trabalhos, pois é bastante expressiva em boa parte dos mesmos, vinculando a formação docente e educação sexual. A sexualidade se apresenta como uma categoria, que muitas vezes é mais específica em alguns textos, mas está bastante relacionada às demais categorias e subcategorias.

A formação docente como ponto fulcral dos textos e, conseqüentemente, da educação sexual no contexto escolar, perpassa o currículo do curso de formação que se sobrepõem em aspectos hegemônicos da sociedade; o/a professor/ra da atualidade é fruto de trabalho por disciplinas compartimentalizadas, e a escola está organizada ainda em um sistema fordista, pois se valoriza resultados e não aprendizagens e paralelamente os/as alunos/as vivenciam e cultivam esse fenômeno, temos como consequência

Essa tradição (*referência a organização da escola*) contribui de forma decisiva para deixar em mãos de outras pessoas (em geral, as editoras de livros didáticos), os conteúdos que devem integrar o currículo [...]. Em muitas ocasiões os conteúdos são contemplados pelo alunado como fórmulas vazias, sem querer a compreensão de seu sentido. Ao mesmo tempo, se criou uma tradição na qual os conteúdos apresentados nos livros didáticos aparecem como os *únicos possíveis*, os *únicos pensáveis*. (SANTOMÉ, 1995, p.161, grifos do autor).

Currículo, saber e poder estão interligados, completam-se, relacionam-se. Nessa vertente, a valorização da diversidade, do ser humano, é fator de conhecimento que deve ser trabalhado na escola, pois uma das funções fundamentais da intervenção do currículo é a formação/preparo do/a cidadão/ã. Cidadania envolve questões de gênero, etnia, raça, diversidade sexual e inevitavelmente acreditar nas transformações da sociedade rumo à democracia e valorização da desigualdade e das próprias diferenças.

A reflexão sobre a sexualidade representada no currículo, em referência aos temas transversais, demorou para ocorrer, apesar de tentativas de longas datas, e pode-se dizer que não tenha ocorrido de maneira significativa, levando-se em conta uma proposta de educação sexual emancipatória, pois somente a promulgação de documentos oficiais não garantem o trabalho e a percepção por parte dos/as atores/ras escolares sobre a necessidade de trabalhar a temática com os/as educandos/as na perspectiva buscada. É preciso compreender que toda ação docente é ato político, tem relação com a forma de concepção de suas práticas, métodos, o currículo em ação e o currículo oculto. Os trabalhos analisados abordaram e muitas vezes denunciam a presença forte do currículo hegemônico, sendo representado por uma escola heterossexual, branca e predominantemente católica, conforme reforça Louro (2010, p. 15-16, grifo do autor),

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão, e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros”

sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência.

Um dos indícios apontados pelos trabalhos do XIV ENDIPE é o de percebermos que a comunidade escolar, na atualidade, não está organizada para romper com questões pré-determinadas, pois a falta de formação crítica em torno da sexualidade implica perceber que as instituições, condições materiais e os/as educadores/ras não estão preparados/ras de modo significativo para trabalhar com tal proposta. Diante desta perspectiva, corre-se o risco de se deparar com banalizações, improvisações e idiossincrasias referentes ao tema.

Os Parâmetros Curriculares justificam e colocam a transversalidade da orientação sexual, mas cabe ressaltar que para isso é necessária fundamentação teórica e conhecimentos amplos sobre o assunto. No tópico que aborda a postura do/a educador/ra há contradições quanto às orientações docentes, “É necessário então que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema” (BRASIL, 2001, p.123).

No decorrer do texto enfatiza que

O professor deve, então, entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto dos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o que deve ocorrer de forma continuada e sistemática constituindo, portanto, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual.(BRASIL, 2001, p.123).

Se o/a professor/ra precisa ter formação específica se infere que tenha tido educação sexual intencional na perspectiva apontada nos PCN para abordar a temática no contexto escolar. Mas, diante dessas afirmações do documento, o que nos suscita são mais dúvidas e questionamentos, pois quem dará essa formação? Como o/a professor/ra deve realizar intervenções práticas com os/as alunos/as? Baseados em quais conhecimentos e fundamentações teórico-metodológicas? Quem proporcionaria o espaço grupal de supervisão da prática? Dentre outras perguntas que nos surgem diante de um texto que parece bastante fragmentado, mas que ao mesmo tempo é a base de leitura para muitos docentes que se dispõem a discussão da sexualidade no universo da escola.

A formação docente deve buscar vir ao encontro de conhecer e reconhecer suas subjetividades e identidades, valorizando os processos constitutivos de ser professor/ra e

compreender a sexualidade enquanto constitutiva do ser humano. O/a educador/ra, no tocante à sexualidade, precisa ser apoiado na compreensão da importância de que a questão da prática deve estar respaldada pela teoria e também o contrário, pois de acordo com o próprio conceito de ação docente, a profissão de educador/ra é uma prática social, envolvendo a dualidade prática e ação. A ação no sentido sociológico e filosófico está sempre relacionada a objetivos, finalidades e meios, implicando a consciência e o saber do sujeito para as respectivas escolhas, pois supõe um certo saber e conhecimento que obviamente se produz e se reproduz através da teoria, pois há um movimento, não é estático.

Acreditemos assim no profissional reflexivo (SCHON, 2000); reflexivo perante o trabalho com a sexualidade no contexto escolar, o profissional além da técnica, o/a professor/ra pensante que considera o seu espaço e sua historicidade ampliando sua formação para o caráter social e coletivo que valorize os saberes da prática docente, propondo a formação baseada na epistemologia, ou seja, na valorização da ação profissional como momento de construção de conhecimento por meio de reflexão, análise e problematização da própria prática. O papel da reflexão para os/as professores/ras é buscar perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais enquanto elementos constitutivos do ato educativo, para que possam intervir de maneira significativa e transformadora tendo como meta a formação do/a cidadão/ã sendo essa a principal razão da escola existir.

Nessa perspectiva compreendemos a educação sexual emancipatória que compreende a inserção da pessoa no mundo a partir de suas vivências sociais, políticas, culturais que ocorrem através das relações sociais, proporcionado por uma educação intencional, no caso do contexto escolar. A educação sexual emancipatória intencionalmente trabalhada considera o/a aluno/a como ser corporificado, sexuado e significativamente que atua na formação do cidadão, portanto, compreendemos que essa abordagem tem um caráter sócio-histórico-político também da sexualidade.

Consequentemente, os binarismos hoje expressos na sociedade, homem/mulher; feminino/masculino; heterossexual/homossexual são constituídos e firmados na instituição escolar, pois concebemos que

Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais têm caráter

fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais.(LOURO, 2010b, p.12).

Ainda, em pleno século XXI, estamos diante de uma escola preconceituosa na presença das diferenças; falamos em inclusão, mas não concebemos esse conceito na íntegra, em sua plenitude, pois inclusão tem relação com valorização das diferenças, em aceitação, em não contestação, pois é preciso romper com preconceitos e estereótipos.

Em pesquisa realizada por Abramovay, Castro e Silva (2004), financiada pela UNESCO, em diferentes localidades brasileiras os dados apontam que aproximadamente 25% dos/as alunos/as entrevistados não gostariam de ter um colega homossexual; entre os pais entrevistados nessa mesma pesquisa, a rejeição gira em torno dos 47,5% e mais preocupante é que em média 16% dos/as professores/ras entrevistados/as ainda achavam que a homossexualidade é uma doença.

Apesar da pesquisa ter sido realizada há nove anos, os indícios do ENDIPE apontam que a maioria de nossas escolas são ainda homofóbicas e é preciso muito trabalho para que esse quadro seja revertido através da formação nos cursos de graduação/licenciatura, e capacitações para os/as docentes que se encontram em atuação; somente assim mudanças podem acontecer.

Em pesquisa realizada por Viana e Unbehaun (2004) apresenta-se que a temática de gênero é pouco abordada pelos documentos oficiais, dentre eles o próprio PCN, que devem ser referências obrigatórias para os cursos de formação docente, e assim

A compreensão das relações de gênero pela escola corre o risco de permanecer velada, uma vez que as políticas públicas não as mencionam e, quando o fazem, não exploram em todos os temas e itens curriculares os antagonismos de gênero presentes na organização do ensino e no cotidiano escolar.(VIANA; UNBEAHAUN, 2004, p.101).

Para o/a docente essa compreensão é fundamental e desafiante, pois vai muito além de compreender o óbvio, cabe refletir e mudar atitudes que estão arraigadas e carecem de mudanças para transformações, ações e posturas que apontem para a educação sexual na perspectiva emancipatória.

Romper ou ao menos desestabilizar o currículo tido como hegemônico, ressignificar a formação docente, inclusive propondo a valorização e reflexão sobre as identidades do/a professor/ra, tornando-o/a protagonista de propostas e ações, perceber e acreditar no caráter político, cultural e histórico da educação são medidas fundamentais para a educação sexual

emancipatória no contexto escolar. Essas não são as únicas medidas, mas se apresentam como um começo para formar alunos/as críticos/as, solidários/as e participativos/as na real sociedade democrática.

### **5.8 A constituição do XV ENDIPE (2010) ao tratar da sexualidade e gênero**

O XV ENDIPE foi realizado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, no ano de 2010. O evento contou com 28 subtemas para incluir os diversos campos de pesquisas, e foi o primeiro ENDIPE que apresentou um subtema específico sobre sexualidade e gênero; provavelmente esse seja o motivo de ter sido o evento com o maior número de trabalhos sobre a temática, um total de sessenta e cinco trabalhos que foram apresentados nas modalidades simpósio, painel e *pôster*<sup>32</sup>.

Um fato diferenciado nesse ENDIPE, que também foi utilizado nos próximos eventos (2012 e 2014), refere-se à forma de chamamento dos painéis no caderno de programação, que apresentou somente o título do painel e não dos demais trabalhos vinculados ao determinado painel. Assim, partimos do título do painel e das palavras-chave determinadas a priori para seleção do trabalho, sendo impossível nos subtemas diferentes do denominado “Educação, Gênero e Sexualidade” verificar cada trabalho em específico de cada painel, ou seja, através da leitura do CD-ROM acessar o trabalho e verificar os três textos pertencentes, pois seriam em torno de 1600 trabalhos para verificação. Esse é um fato a ser questionado na organização dos ENDIPE, pois dificulta a pesquisa e acesso aos trabalhos; o ideal seria que, no caderno de programação, cada painel estivesse organizado com os demais títulos dos trabalhos que o compõem.

O texto de abertura do congresso evidencia a proposta do grupo organizador de realizar um balanço dos consensos e divergências em torno da formação e do trabalho docente, das práticas de ensino e também das políticas educativas (DALBEN; DINIZ; SANTOS, 2010).

---

<sup>32</sup> Devido a apresentar um subtema específico “Educação Gênero e Sexualidade”, todos os trabalhos apresentados foram verificados não somente a partir do título, mas das palavras-chave do resumo que contemplavam a busca nos ENDIPE anteriores. Somente um trabalho foi analisado a partir de palavra diferente “Teoria Queer” por ser específico ao estudo de sexualidade e gênero e o texto não apresentar resumo e fazer parte do subtema citado.

Do subitem “Educação, Gênero e Sexualidade” somente um trabalhos não foi analisado, pois não contemplava os descritores: SIMÕES, R. H. S. Escritos de Alunas do Colégio do Carmo nos anos de 1940 e 1950: publicações estudantis como fontes para a pesquisa em educação. Palavras-chave do resumo – Impressos estudantis.

A pesquisa dos trabalhos para análise partiu da leitura detalhada do caderno de programação geral que contou com conferências, simpósios, painéis<sup>33</sup> e pôsteres, os resumos e trabalhos completos foram posteriormente publicados em *CD-ROM*. Os textos de apresentações dos simpósios resultaram em seis livros, sendo que o capítulo sobre a temática abordada denominado **Educação, Gênero e Sexualidade : convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**, sob apresentação do Professor Anderson Ferrari, contou com três textos que serão posteriormente descritos (SOARES et al.,2010).

A seguir serão apresentados dados referentes ao XV ENDIPE:

**Tabela 25– Dados referente ao XV ENDIPE**

Local / Estado / Cidade	Belo Horizonte – Minas Gerais
Temática	<b>“Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais”.</b>
Data	<b>De 20 a 23 de abril de 2010</b>
Coordenação Geral	<b>Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben – UFMG Júlio Emílio Diniz Pereira – UFMG Lucíola Licínio de Castro P. Santos – UFMG</b>
Instituições Promotoras	<b>Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) Faculdade Pitágoras Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) Universidade Federal de Viçosa (UFV) Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR) Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI – BH) Centro Universitário UNA Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)</b>
Instituições Financiadoras	<b>Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia (CNPq) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)</b>
Números do Evento	<b>Número de trabalhos 2.090aproximadamente, 90 simpósios, 600 painéis, 1400 pôsteres</b>
Formato organizativo	<b>Simpósios, pôsteres, painéis, conferências</b>

<sup>33</sup> A modalidade painel foi organizada com três trabalhos, sendo que muitas vezes não foram analisados nessa pesquisa todos os trabalhos de um mesmo painel por não contar com as palavras-chave referente para a pesquisa, apontamento especificado na tabela dos trabalhos analisados, que foram numerados de forma para melhor compreensão do leitor.

Eixos temáticos	<p style="text-align: center;"> <b>Alfabetização e Letramento</b>  <b>Arte - Educação</b>  <b>Avaliação Educacional</b>  <b>Currículo</b>  <b>Didática</b>  <b>Educação a Distância e Tecnologia da Informação e Comunicação</b>  <b>Educação Ambiental</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>  <b>Educação de Pessoas com Deficiência, Altas Habilidades e Condutas Típicas</b>  <b>Educação do Campo</b>  <b>Educação em Ciências</b>  <b>Educação em Espaços não-escolares</b>  <b>Educação, Gênero e Sexualidade</b>  <b>Educação Indígena</b>  <b>Educação Infantil</b>  <b>Educação Matemática</b>  <b>Educação Profissional e Tecnologia</b>  <b>Ensino de Língua Portuguesa</b>  <b>Ensino de Educação Física</b>  <b>Ensino de Geografia</b>  <b>Ensino de História</b>  <b>Ensino de Língua Estrangeira</b>  <b>Ensino Superior</b>  <b>Escola, Família e Comunidade</b>  <b>Formação Docente</b>  <b>Políticas Educacionais</b>  <b>Relações Raciais e Educação</b>  <b>Trabalho Docente</b> </p>
-----------------	--

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentaremos os trabalhos que serão analisados e discutidos nesse ano, proporcionando na tabela dados relevantes para uma visão inicial e geral.

**Tabela 26 – Trabalhos apresentados no XV ENDIPE sobre as temáticas abordadas**

<b>Título</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Universidade, faculdade</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Tipo de apresentação</b>	<b>Trabalho completo ou resumo</b>	<b>subtema</b>
1.1) Lacunas, silenciosas e sons: o que dizem os discursos sobre gênero e sexualidade no espaço da Escola?	Denise da Silva Braga	UERJ	Teoria Queer, Sexualidade, Gênero	Painel Discursos da diferença, sexualidade(s) e gênero no intramuros da escola: disjunções e (alguns) diálogos	Resumo/ Trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade

				possíveis. Coord. Denise da Silva Braga		
1.2) Pequenas pegadas para pensar uma prática intercultural – gênero e sexualidade no interior da escola.	Raquel Alexandre Pinho dos Santos;  Sandra Regina de Souza Marcelino	UFRJ/ PUC RJ	Diversidade cultural, Gênero, Sexualidade e Prática pedagógica	Painel Discursos da diferença, sexualidade(s) e gênero no intramuros da escola: disjunções e (alguns) diálogos possíveis. Coord. Denise da Silva Braga	Resumo / trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
1.3) “Quem está preparado pra isso?” ...Reflexões sobre o lugar da homossexualidade e na formação	Roney Polato de Castro	UFJF	Homossexualidade, Formação docente, Currículo escolar	Painel Discursos da diferença, sexualidade(s) e gênero no intramuros da escola: disjunções e (alguns) diálogos possíveis. Coord. Denise da Silva Braga	Resumo/ Trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
2.1) A (Re) Articulação do discurso pela diversidade sexual no campo escolar	Anna Luiza Araújo Ramos Martins de Oliveira; Clarissa Martins	UFPE	Diversidade sexual, Discurso pedagógico, Teoria do discurso, Campo escolar	Painel Os discursos sobre diversidade sexual na educação:	Resumo / trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade

	de Araújo,			deslocamentos e novas articulações		
2.2) Representações Sociais da Homossexualidade e produção de subjetividades na organização escolar	Nadia Patrícia Novena	Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco	Homossexualidade, Representações sociais, Subjetividade e Organização escolar	Painel Os discursos sobre diversidade sexual na educação : deslocamentos e novas articulações	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
2.3) A teoria pós-estruturalista do discurso e a pesquisa sobre diversidade sexual e educação : reflexões e metodologias	Gustavo Gilson Sousa de Oliveira	UFPE/FBV/IMIP	Teoria do discurso, Pós-estruturalismo, Pesquisa em educação, Diversidade sexual	Painel Os discursos sobre diversidade sexual na educação : deslocamentos e novas articulações	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
3.1) O Fórum como um espaço colaborativo das discussões de gênero em um ambiente virtual de aprendizagem	Paula Regina Costa Ribeiro	FURG Educação em ciências sociais	Ambiente virtual de aprendizagem, Fórum, Gênero, Profissionais da educação	Painel Problematicando os gêneros em diferentes contextos educativos	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
3.2) O cuidado e as carreiras acadêmicas femininas	Ana Maria Colling	UNISALLE S- Canoas	Relações de gênero, Educação superior feminina, Cuidado, Consentimento	Painel Problematicando os gêneros em diferentes contextos educativos	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
3.3) Cérebro como delineador de destinos? Discutindo a rede de discursos	Joanalira Corpes Magalhães	FURG-PPG Educação em Ciências Sociais	Neurociências, Discurso, Pedagogias culturais, Estudos culturais	Painel Problematicando os gêneros	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade

sobre os gêneros				em diferentes contextos educativos		
4.1) As outras imaginárias: maternidade, educação e cidadania nas relações família - escola.	Silvina Julia Fernández	PPG em Educação-UFF	Gestão escolar, Relações “famílias”- escola, Gênero, Cidadania	Painel Relações de gênero, sexualidade e escolas: questionamentos identidades e lugares em espaços públicos formativos	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
4.2) Como disse Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, as feminilidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares que formam as feminilidades	Marcio Rodrigo Vale Caetano	PPG em Educação-UFF	Currículo, Gêneros, (Auto) Biografias	Painel Relações de gênero, sexualidade e escolas: questionamentos identidades e lugares em espaços públicos formativos	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
4.3) Quando as questões de gênero e sexualidades interrogam as práticas curriculares: reflexões sobre programa de orientação sexual, masculinidades e ( HOMOS) sexualidades na escola	Paulo Melgaço da Silva Junior	UERJ- Faculdade de Educação da Baixada Fluminense	Cotidiano escolar, Sexualidade, Identidade sexual, Programa de orientação sexual	Painel Relações de gênero, sexualidade e escolas: questionamentos identidades e lugares em espaços públicos formativos	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
5.1) Sexualidade, gênero, formação	Maria Amélia Gomes de	Centro de Estudos Interdiscipli	Não consta	Painel Sexualidade,	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade

docente e juventude: implicações sobre a prática educativa escolar	Souza Reis	nar do século XX (CEIS 20) Universidad e de Coimbra/ UNIRIO		gênero e práticas educativas escolares : dilemas e tensões no campo da formação do docente		de
5.2) Educadora Infantil. Requisito : sexo feminino	Virginia Georg Schindhelm	Universidad e Federal Fluminense	Gênero, Cuidar/educar, Educadora infantil	Painel Sexualidade, gênero e práticas educativas escolares : dilemas e tensões no campo da formação do docente	Resumo/trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade
5.3) Políticas de educação sexual em meio escolar elaboradas pelo poder público em Portugal e no Brasil	Rosana de Souza Patané	Departamento de Ciência e da Educação da Universidad e de Aveiro	Não consta	Painel Sexualidade, gênero e práticas educativas escolares : dilemas e tensões no campo da formação do docente	Resumo/trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade.
6.1) Educação sexual: ética, liberdade e autonomia	Carlos José Martins; Helena Altmann	UNESP UNICAMP	Educação sexual, Ética , Escola, Sexualidade, gênero	Painel Educação Sexual: discursos e práticas em debate	Resumo/trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade
6.2) Sexualidade e gêneros: ensaios educacionais contemporâneos	Maria Rita de Assis César	UFPR	Sexualidade, Gênero, Práticas escolares, Diversidade sexual, Teoria <i>Queer</i>	Painel Educação Sexual: discursos e práticas em	Resumo /trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade

				debate		
6.3) Educação sexual na educação infantil: entre o silenciamento e a vigilância	Gabriella Elaine Fagundes de Carvalho; Helena Altmann	Prefeitura de Campinas/ UNICAMP	Sexualidade, Educação infantil, Gênero	Painel Educação Sexual: discursos e práticas em debate	Resumo /trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
7.1) Fracasso Escolar, gênero e pobreza: uma análise da literatura	Carmem Lucia Guimarães de Mattos; Paula Almeida de Castro; Lucia Mello Mourão	UERJ/ UERJ/FAPERJ UERJ/UEM G	Educação, Gênero, pobreza	Painel Gênero, pobreza e educação : as contribuições da pesquisa etnográfica para o enfrentamento do fracasso escolar	Resumo /trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
7.2) Educação e masculinidades: silêncio e diálogo entre as ruas e a escola	Cleonice Puggian; Luis Paulo Cruz Borges	UERJ	Gênero, Masculinidade, Fracasso escolar, Adolescentes em situação de rua	Painel Gênero, pobreza e educação : as contribuições da pesquisa etnográfica para o enfrentamento do fracasso escolar.	Resumo /trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
7.3) Situação educacional dos filhos e filhas de jovens e mulheres presas: um estudo de gênero e exclusão	Sandra M. de Almeida; Carmem L. Guimarães de Mattos; Maria Inês de Matos Coelho	UERJ	Gênero, Educação, Exclusão, Institucionalização, Etnografia e educação.	Painel Gênero, pobr. e ed.: as contrib. da pesquisa etnog. p/ o enfrentamento do fracasso escolar	Resumo / trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
8.1) A homossexualidad	Neil Franco	Universidad e Federal de	Alunos/as homossexuais,	Painel	Resumo/trabalho	Educação, gênero e

e na escola e a influência na descoberta ou escolha da orientação sexual: concepções de docentes do ensino fundamental	Pereira de Almeida; Maria Veranilda Soares Mota	Uberlândia / Universidad e Federal de Viçosa	Docente, Orientação sexual	O <i>bullying</i> homofóbico nas práticas pedagógicas e as normalizações culturais das sexualidades e do gênero	completo	sexualidade
8.2)O brincar na educação infantil : quem brinca com carrinho? Quem brinca com boneca?	Sangelita Miranda Franco Mariano; Myrtes Dias da Cunha	Universidad e Federal de Uberlândia	Educação infantil, Lúdico, Cotidiano escolar, Relações de gênero	Painel O <i>bullying</i> homofóbico nas práticas pedagógicas e as normalizações culturais das sexualidades e do gênero	Resumo,/trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade
8.3) Gênero e sexualidade no cotidiano da escola: a segregação social causada pelo <i>bullying</i> homofóbico	Rafael Adriano de Oliveira Severo	Universidad e Federal de Uberlândia	Gênero, Sexualidade, <i>Bullying</i> , homofobia, Escola.	Painel O <i>bullying</i> homofóbico nas práticas pedagógicas e as normalizações culturais das sexualidades e do gênero	Resumo/trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade
9 ) Brincadeiras de crianças e reflexões sobre a sexualidade no cotidiano da educação infantil	Heloisa Josiele Santos Carreiro; Virginia Georg Schindhelm	Universidad e Federal Fluminense	Brincadeiras Infantis, Sexualidade, Formação docente	Painel Criança midiática , sexualidade infantil e práticas pedagógicas democráticas: desafios da educação	Resumo / Trabalho completo	Educação Infantil

				infantil. (observação somente um trabalho trata da sexualidade)		
10) Expectativas diferenciadas para meninas e meninos na educação infantil	Daniela Finco	USP - Faculdade de Educação	Educação Infantil, Gênero, Corpo, Socialização, Infância	Painel Gênero, idade e geração: relações com a avaliação na educação infantil (observação somente um trabalho trata da sexualidade)	Resumo / Trabalho completo	Educação Infantil
11) Alunas contemporâneas: Mocinhas (mal) comportadas?	Juliana Ribeiro Vargas	UFRGS/PP GEDU	Estudos Culturais, Gênero, Infância	Painel Estudos Culturais e os desafios docentes gênero, deficiência intelectual e raça a produção de um novo aluno? (observação somente um trabalho trata da sexualidade)	Resumo / Trabalho completo	Trabalho Docente
12) Educação de Jovens e Adultos, Sexualidades e Relações de Gênero: avanços	Cristiane Souza de Menezes	UFPE	Educação de Jovens e Adultos, Relações de Gênero, Sexualidades, Educação	Painel Desafios Para a Educação de Jovens e	Resumo /trabalho completo	Educação de Jovens e Adultos

e tenções			Inclusiva	Adultos na Atualidade: educação, trabalho e cidadania, gênero e novas tecnologias de comunicação e informação		
13) Heteronormatividade e educação: algumas questões para (re) pensar o cotidiano escolar	Luís Henrique Sacchi dos Santos	UFRGS/GEERGE	Estudos de gênero e sexualidade; Heteronormatividade; Formação docente	Painel Educação em ciências, saúde e sexualidade: alguns tensionamentos para se (re) pensar a formação do docente (apesar de não ter como palavras-chave no título foi classificado devido a palavra sexualidade estar no título do painel)	Resumo/trabalho completo	Formação Docente
14) Formação Docente e Diversidade Sexual: um olhar sobre os cursos de licenciatura da UFSM	Andréa Forgiaini Cechin	UFSM	Diversidade Sexual, Formação de Professores, Preconceito, Discriminação.	Painel: Temas convergentes para repensar a formação de professores: diálogo interdisci	Resumo/trabalho completo	Formação Docente

				plinar, diversida de sexual e ensino a distância		
15) A Edificação de culturas, políticas e práticas inclusivas no contexto escolar: uma análise sobre o INDEX para a inclusão e o tema da Homossexualidade	José Guilherme de Oliveira Freitas; Mônica Pereira dos Santos	UFRJ	Inclusão/exclusão, Homossexualidade, Escola.	Painel Processo de inclusão/exclusão na educação : a corporeidade, a homossexualidade e o currículo	Resumo /trabalho completo	Políticas Educacionais
16) Eu sou gay. Legal! Né? Tensionando as relações entre as homossexualidades e escolas	Anderson Ferrari	PPGE/UFJF	_____	Simpósio	texto	Educação, gênero e sexualidade: convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente
17) “Gênero: pra que serve esse conceito na prática pedagógica?”	Marília Pinto de Carvalho	Faculdade de Educação da USP	_____	Simpósio	texto	Ed. gênero e sexualidade de [...]
18) Relações de gênero nas trajetórias acadêmicas de mulheres no ensino superior: curso de física	Adla Betsaida Martins Teixeira; Silvana Souza do Nascimento; Priscila Araújo	_____	_____	Simpósio	texto	Educação, Gênero e sexualidade: convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente
19) A Historiografia do silêncio: questões de gênero e práticas pedagógicas intercultural.	Patrícia do Nascimento Campos	PUC/Rio	Questões de gênero, História das mulheres, Sexo, Gênero	Pôster	Resumo /trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
20) Brasil sem homofobia: uma face dos direitos	Rafael Adriano de	UFU	Programa Brasil sem homofobia, Direitos Humanos	Pôster	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade

humanos	Oliveira Severo					de
21) A produção da masculinidade e da feminilidade no espaço escolar: discutindo algumas narrativas de profissionais da educação	Suzana da Conceição de Barros; Paula Regina Costa Ribeiro; Darcia Amaro Ávila ; Roberta de Azevedo Pereira	FURG	Narrativas, Gênero, Profissionais da educação	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade
22) Educação Sexual em uma escola pública: a oficina pedagógica sexualidade	Amanda Coelho Honório ; Raquel Crosara Maia Leite	Universidad e Federal do Paraná	Sexualidade, Educação sexual, Oficina pedagógica	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade
23) Homossexualidade na escola: identidades negadas	Elisete Santana da Cruz França	UNEB	Escola, Cultura, Homoafetividade, Identidades	<i>Pôster</i>	Resumo /trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade
24) Sexualidades performáticas: porque se tratando de gênero, tudo é uma questão de <i>performance</i>	Patrícia do Nascimento Campos ; Luciana Santos	PUC/ Rio	Sexualidade, Identidade de gênero , Normatividade	<i>Pôster</i>	Resumo /trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade
25) Subsídios para um processo de educação sexual e emancipatória intencional na formação de docentes no Brasil e em Portugal	Graziela Raupp Pereira; Sonia Maria Martins de Melo	Universidad e do Estado de Santa Catarina/ Universidad e de Aveiro – Portugal	Formação docente, Práticas educativas, Educação sexual	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade
26) Você faz tudo errado	Marina Aparecida Marques Castanheira; Alessandro Paulino Garcia; Claudia Maria Ribeiro	Universidad e Federal de Lavras	Infância, Diversidade, Sexualidade, Gênero	<i>Pôster</i>	Resumo /trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade
27-A teoria <i>Queer</i> nos espaços –tempos	Maria Cecília de Castro	UERJ	Sem resumo	<i>Pôster</i>	trabalho completo	Educação , gênero e sexualidade

escolares						de
28) Abuso sexual infantil: consequências cognitivas, emocionais, sociais e a importância do professor na identificação do abuso sexual	Janaina Machado	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-Campus Três Lagoas	Abuso sexual infantil, Transtornos biopsicossociais, Professor	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
29) Corpo, gênero e sexualidade: construções em sala	Maria Eulina Pessoa de Carvalho; Sheila Milena Pessoa dos Santos; Anita Leocádia Pereira dos Santos; Anilza de Fátima Medeiros Leite	UFPB	Corpo, Gênero, Sexualidade, Aprendizagens	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
30) Educação sexual na formação inicial: o que pensam os futuros docentes?	João Vitor Serra Nunes; Lívia Lopes da Costa Xavier; Raquel Crosara Maria Leite	UFCE	Educação sexual, Ensino, Formação de professores	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
31) Eu uso roupa rosa e não sou bichona: os marcadores sociais de gênero e a constituição da homossexualidade	Deise Azevedo Longaray; Paula Regina Costa Ribeiro	FURG	Identidades, Homossexualidade, Homofobia, escola	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
32) Formação de professores para educação sexual nas escolas	Anna Cláudia Eutrópio Batista D'Andrea; Júlio Emilio	UFMG	Formação de professores, Educação sexual, Reflexão	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade

	<b>Diniz Pereira</b>					
<b>33) Gênero e sexualidade : discutindo o papel da escola na orientação sexual de jovens e adultos</b>	<b>Valdecy Margarida da Silva</b>	<b>UERJ</b>	<b>Gênero, Sexualidade, Saúde reprodutiva, Promoção de saúde</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Educação , gênero e sexualidade</b>
<b>34) Problematizando a sexualidade com licenciadas/os em ambientes virtuais</b>	<b>Juliana Lapa Rizza; Paula Regina Costa Ribeiro</b>	<b>FURG</b>	<b>Licenciandas/os, Sexualidade, Narrativa</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Educação , gênero e sexualidade</b>
<b>35) Representações da sexualidade na educação das artes visuais: questões para problematizar a normatividade instaurada no contexto escolar</b>	<b>Juzelia de Moraes Silveira</b>	<b>UFSM</b>	<b>Escola, Artes visuais, Sexualidade</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Educação , gênero e sexualidade</b>
<b>36) Relações de gênero na Educação Infantil: uma discussão necessária</b>	<b>Sueli Salva</b>	<b>UFSM</b>	<b>Educação Infantil, Relações de gênero, Formação de professores</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Educação , gênero e sexualidade</b>
<b>37) A Mulher na perspectiva Teórica do gênero e o ordenamento jurídico da Educação de Jovens e Adultos desenhado pela CF/88, LDBN/96 e PNE/2005</b>	<b>Dalva de Oliveira Costa Pereira</b>	<b>UFAL</b>	<b>Educação de Jovens e Adultos, Gênero, Mulher, Ordenamento Jurídico</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Educação , gênero e sexualidade</b>
<b>38) As relações de gênero nas atividades físicas praticadas por alunas e alunos do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental da ESEBA/UFU</b>	<b>Zaida Barros Dias</b>	<b>PUC/SP</b>	<b>Atividades físicas, Gênero, Ensino Fundamental</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Educação , gênero e sexualidade</b>
<b>39) Educando Meninas “Dóceis, cultas e cristas”: impactos da cultura escolar produzida nos 1º</b>	<b>Rita de Cássia Grecco dos Santos</b>	<b>UFPEL, Instituto de Educação da FURG</b>	<b>Gênero, Cultura escolar, Educação confessional, História da Educação</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Educação , gênero e sexualidade</b>

anos do Colégio São José de Pelotas (1910-1920)						
40) O charme das partículas: as monitoras da casa da física	Adriane da Silva Reis; Gabriel Rodrigues do Nascimento; José Pedro Cordeiro	UFAM	Ciência, Gênero, Espaços não-formais, Preconceito	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
41) O programa de Iniciação Científica Junior: meninas na pesquisa	Alessandro Garcia Paulino; Marina Ap. Marques Castanheira; Claudia Maria Ribeiro	UFLA (Lavras)	BIC- Junior, Adolescentes, C&T, Feminismo	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
42) Relações de gênero e experiências educativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis	Maria Celeste Reis Fernandes de Souza; Fernanda Rodrigues Gomes; Joana D'arc Germano Hollerbach; Rosemara Mirtes Pereira da Silva	UNIVALE	Gênero; Práticas Educativas; Movimento social	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação, gênero e sexualidade
43) Sexualidade e infância da criança com deficiência	Sonia Lopes Victor; Suelen da Silva Sales; Vivia Camila Porto Cortes	Universidade Federal do Espírito Santo	Criança, Deficiência, Sexualidade, Infância; Educação Infantil.	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação de Pessoas com Deficiência, Altas Habilidades e Condutas Típicas
44) Representações de Gênero nos livros didáticos de Química	Fabiane Ferreira da Silva; Paula Regina Costa	FURG	Gênero, Ciência, Livros didáticos de química	<i>Pôster</i>	Resumo/trabalho completo	Educação em Ciências

	<b>Ribeiro</b>					
<b>45) Formação do Pedagogo e a Pedagogia Social: discussões preliminares sobre o enfrentamento do abuso sexual</b>	<b>Fernando Guimarães Oliveira da Silva; Janaina Machado</b>	<b>Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campos Três Lagoas</b>	<b>Abuso Sexual, Formação do Pedagogo, Pedagogo não-docente</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Formação do Docente</b>
<b>46) Os sentidos e significados construídos pelos professores de Pacaraima/RR, sobre o abuso e a exploração sexual infanto-juvenil</b>	<b>Khatia Maria Demelo Silva Barbosa</b>	<b>Universidade Federal da Paraíba</b>	<b>Abuso Sexual, Exploração Sexual, Formação Continuada</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Formação do Docente</b>
<b>47) Relações de Gênero e construção da identidade profissional docente para além do determinismo sexual</b>	<b>Elisângela Martins dos Santos; Luciana R. Allain</b>	<b>PUC Minas</b>	<b>Formação de professores; Gênero; Trabalho docente</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Trabalho Docente</b>
<b>48) Matemática é “Coisa” para Homem ? Entre mitos e realidades de mães de camadas populares</b>	<b>Klinger Teodoro Ciríaco ; Neusa Maria Marques de Souza</b>	<b>UFMS</b>	<b>Educação Matemática; Gênero; Mães; Práticas sociais</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Educação Matemática</b>
<b>49) Educação Católica Feminina e Subjetivação : O Colégio Santa Rita como instituição disciplinar</b>	<b>Maria Ivete Martins Correia</b>	<b>UFPB</b>	<b>Educação católica; Dispositivo; Subjetivação</b>	<i>Pôster</i>	<b>Resumo/trabalho completo</b>	<b>Educação , gênero e sexualidade</b>

Fonte: Elaboração da autora.

### 5.8.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas

O número superior de trabalhos apresentados no XV ENDIPE foi capaz de mostrar o aumento significativo da temática sexualidade e gênero abordados no contexto escolar, mesmo que nem sempre de maneira positiva, pois os textos mostram também atitudes

preconceituosas, o quanto a sexualidade é vista como tabu, mistério, tema velado e que, muitas vezes, os docentes acreditam que deve ser assunto restrito à família.

Progressos também aconteceram nesse perpassar de anos do ENDIPE e podemos dizer que a abordagem da temática sexualidade no contexto escolar vem tendo mais adeptos e estudiosos, e um dos motivos, provavelmente, é o reconhecimento do tema transversal orientação sexual proposto pelos PCN (BRASIL, 1997,2001), pois mesmo que o documento tenha seus percalços, torna-se motivo de discussões e temática a ser abordada no contexto das escolas e universidades, principalmente através dos grupos de estudos, suscitando dúvidas e questionamentos, sendo assim, prescreve aumento de pesquisas e estudos.

O trabalho intitulado **Lacunas, Silenciosas e Sons: o que dizem os discursos sobre gênero e sexualidade no espaço da Escola?** (BRAGA, 2010) tem como foco as questões de gênero e sexualidade questionando “o que é ser humano”, pois é conceito sempre em construção.

O texto faz críticas ao discurso normativo da escola fixado no binarismo, na vigilância constante, na ordem valorizada enfaticamente ao tido “bom aluno” e a postura docente. Trata-se de uma pesquisa etnográfica, utilizando como análise a Teoria Queer.

**Pequenas Pegadas para Pensar uma Prática Intercultural: gênero e sexualidade no interior da escola** (SANTOS; MARCELINO, 2010) é um texto que traz as diferenças de gênero e sexo marcadas na escola, afirmando que os professores estão despreparados para falar de sexualidade.

O trabalho destaca que na escola a sexualidade tem dois universos: íntimo, que não pode ser falado ou negada a entrada na vida do aluno sem pedir licença. As autoras utilizam a abordagem intercultural como referencial teórico e destacam que através dessa abordagem é possível superar o preconceito. Reforçam que políticas públicas não mencionam as relações de gênero e sexualidade, mas acreditam que estão em curso propostas que abordem as temáticas.

No texto intitulado **Quem Está Preparado Pra Isso?... Reflexões sobre o lugar da homossexualidade na formação docente** (CASTRO,2010) o autor aborda a homossexualidade vista como desviante fora de regra, pois é construída a partir da referência da sociedade heterossexual. Ainda não se percebe que a identidade sexual é constituída social e culturalmente a partir da relação com o outro, consequentemente no contexto da escola.

O autor afirma que os educadores frente à homossexualidade possuem medo, marginalização, busca o científico ou tolerância, assim problematiza a questão da construção da identidade docente, pois a identidade se constrói também através do outro. Destaca que há

lacunas na formação docente entre gênero e sexualidade, a teoria é dissociada da prática. O texto trata de alguns programas e projetos do governo para formação docente: “Programa de Educação Afetivo Sexual” (Juiz de Fora), Brasil sem Homofobia, Gênero e Diversidade na Escola (Universidade Aberta do Brasil/ SECAD). Faz análise dos documentos através dos estudos Pós-Estruturalista e Estudos Culturais.

**A (Re) Articulação do Discurso pela Diversidade Sexual no Campo Escolar** (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2010 ) tem como fundamentação a perspectiva Pós-Crítica e dialoga como Pós- Estruturalismo, Estudos Culturais e Teoria Queer. Realiza entrevistas com gestores e professores da rede municipal e estadual de Recife. Segundo as autoras, o discurso pedagógico é oposto ao heteronormativo tradicional devido a programas do governo “Brasil sem Homofobia” e o SECAD.

As entrevistas realizadas pelas autoras mostram os problemas da escola em relação à homossexualidade: falta de orientação, reclamações familiares, direção ausente. O professor tem uma visão difusa, pois acredita que pode ser homossexual no espaço público, mas na escola não é local para tal, pois tem a homossexualidade como algo pecaminoso, criminoso, transgressor, sendo que o docente acaba colaborando para o aluno homossexual assumir o papel de vítima ou de “objeto” de piedade. O discurso docente atinge a margem da tolerância e não viabiliza a reflexão política sobre o papel da escola. É necessário que os cursos de formação insiram no currículo atividades e disciplinas para a discussão de temas relacionados a gênero e sexualidade, mostrando os discursos existentes no interior da escola para desconstruir os mesmos.

O trabalho intitulado **Representações Sociais da Homossexualidade e Produção de Subjetividades na Organização Escolar** (NOVENA, 2010), através de entrevistas semiestruturada com alunos na faixa etária entre 13 a 17 anos de ambos os sexos, em uma escola pública e uma escola particular, busca apreender as representações sociais sobre a homossexualidade e como se constitui as referências para a produção das subjetividades.

A pesquisa apresenta quatro eixos para a homossexualidade, que são descritos no texto: anormalidade, anomalia, pecado e imoralidade. Na maioria dos casos os adolescentes acreditam na ideia de que o homossexual pode ser “transformado em um igual”, caráter normatizador.É preciso a discussão em torno das sexualidade alternativas, propiciando mudanças de concepções e a aceitação do outro, produção das subjetividades.

O texto **A Teoria Pós-Estruturalista do Discurso e a Pesquisa sobre Diversidade Sexual e Educação: reflexões e metodologias** (OLIVEIRA, 2010) trata do Pós-

Estruturalismo como referencial teórico de análise das pesquisas sobre diversidade sexual e educação, principalmente dando suporte aos estudos empíricos.

A teoria do discurso tem como pressuposto construir teoricamente o problema a ser investigado através de passos: pesquisa voltado para o problema, ciclos de raciocínio retrodutivo, conceito de lógicas, perspectiva de articulação.

**O Fórum como um Espaço Colaborativo das Discussões de Gênero em um Ambiente Virtual de Aprendizagem** (RIBEIRO, 2010) traz um estudo de um grupo de pesquisa da modalidade Fórum em um ambiente virtual do Programa Gênero e Diversidade na Escola (GDE). O objetivo desse texto é relatar uma experiência de uso do fórum como uma ferramenta de aprendizagem colaborativa que oportunizou discussões sobre violência de gênero na escola no curso GDE, bem como analisar as narrativas dos profissionais que participam do mesmo.

A pesquisa foi realizada com 140 professores que participaram do fórum, 6 do sexo masculino e 134 do sexo feminino, sendo a pergunta básica da pesquisa se o participante já presenciou violência de gênero na escola. A questão foi motivo de grande interação; dentre os indícios se destaca a família como presente na construção de gênero; gênero além da ideia reduzida de mulher e homem; construção de gênero é social tendo grande influência da escola; a formação continuada extremamente importante para o conhecimento de educadores. As análises das discussões no fórum foram através dos Estudos Culturais e o Pós-Estruturalismos, apresentando informações importantes à comunidade científica sobre corpos, gênero e sexualidade.

O trabalho intitulado **O Cuidado e as Carreiras Acadêmicas Femininas** (COLLING, 2010) traz a discussão em torno do tamanho do cérebro entre homens e mulheres que, paralelamente, no decorrer da história, transformou-se em desigualdade. A pesquisa é baseada nos dados do Censo Superior produzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e na polêmica entre cursos femininos e masculinos. Faz um levantamento da mulher no decorrer da história, vista sempre como ser inferior e que no perpassar apresenta as conquistas da obtenção feminina na educação e trabalho.

O texto finaliza destacando que 50% da entrada nos curso universitários são realizados por mulheres, a maioria nas licenciaturas; outro dado é que ocorre naturalização da hierarquia entre os sexos; seria fundamental que essas questões fossem desde o início do processo de escolarização questionadas no contexto escolar.

O texto **Cérebro como Delineador de Destinos? Discutindo a Rede de Discursos sobre os Gêneros** (MAGALHÃES, 2010) trata de parte de uma dissertação de mestrado que

tem como objetivo investigar revistas de divulgação científica e programas de televisão (Globo Repórter e Sexo Oposto - Fantástico) analisando na rede de discursos presentes em suas pedagogias a constituição das feminilidades e masculinidades e destacar questões apontadas pela mídia. Aborda o conceito de pedagogia como qualquer lugar que o conhecimento é produzido, as revistas e a mídia trazem as diferenças de gênero localizadas nos corpos, anatomia do corpo, pois não valorizam as construções culturais.

Tem como referencial teórico os Estudos Culturais, vertente Pós-Estruturalista. Destaca que os meios de comunicação de massa são ricos de significações e o conceito de gênero é valorizado no tocante ao biológico em detrimento ao social.

O trabalho intitulado **As Outras Imaginárias: maternidade, educação e cidadania nas relações família – escola** (FERNÁNDEZ, 2010) trata de uma pesquisa de doutorado, autobiográfica, sobre gestão escolar no processo das relações família-escola, questões de gênero no discurso escolar, pois analisa a reunião de pais e mestres, sendo a mãe tratada como coadjuvante, pois ser cidadão na escola está ancorado no masculino.

A família é culpabilizada pelo fracasso dos filhos, a reunião escolar “serve” para confirmar o lugar submisso da mulher, pois a questão da vida doméstica reforça a divisão sexual do trabalho, tomado como natural pelos agentes escolares, além de colaborar para a mulher permanecer longe do espaço político, pois o modelo androcêntrico e eurocêntrico não deixa as mulheres atuarem como protagonistas.

**Como disse Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, as Feminilidades no Corpo e o Corpo nas Práticas Curriculares que Formam as Feminilidades** (CAETANO, 2010) traz dados de uma pesquisa autobiográfica, tendo análise ancorada nos Estudos Culturais motivado pelo tema “ a trajetória de vida e os atos de currículos de uma professora que transita na inteligibilidade social de gênero”. A pesquisa foi realizada com um transexual que se sentia feminino, um professor que se considera mulher heterossexual e vê o magistério como sacerdócio.

Assim, o ser professora na instituição escolar perpassa as diversas relações, tendo que calcular suas projeções de gênero, pois requer a participação e aceitação da família, da escola e da sociedade.

O trabalho intitulado **Quando as Questões de Gênero e Sexualidades Interrogam as Práticas Curriculares: reflexões sobre programa de orientação sexual, masculinidades e (HOMOS) sexualidades na escola** (SILVA JUNIOR, 2010) traz a descoberta e vivências da sexualidade dos alunos a partir da visão heteronormativa, que é marcante na sociedade e na escola. Sendo assim, tem como objetivo discutir como a escola

pode apresentar possibilidades de discussão sobre sexualidade de modo a considerar a diversidade sexual.

O autor afirma que a escola é um espaço bastante perverso para quem não está nos padrões sexuais hegemônicos e transmite a ideia de natural, afirmando que o sistema educacional é um dos principais responsáveis pela perpetuação da homofobia. Assim, o autor propõe que a escola tenha o projeto de orientação sexual, pois garante que é preciso propostas de reflexão além do biológico e das doenças, enfatizando questões afetivas, informações e responsabilidade, currículo interdisciplinar e multidisciplinar livre de rótulos.

**Sexualidade, Gênero, Formação Docente e Juventude: implicações sobre a prática educativa escolar** (REIS, 2010) traz a comparação entre Brasil e Portugal tendo o objetivo de destacar a construção da sexualidade da jovem professora em formação como sujeito sexual e as implicações desta profissional sobre sua própria prática docente. Parte da constatação que hoje o professor é cada vez mais jovem para trabalhar com adolescentes, partindo da tríade jovem/mulher/professora, a partir da afirmação das recém formadas professoras – “eu não gosto de trabalhar com adolescentes”.

A autora afirma que as professoras desconhecem a adolescência, pois temos várias adolescências ( dos menos favorecidos socialmente, dos adolescentes que precisam trabalhar, dos que tem condições e padrões financeiros que valorizam uma adolescência consumista, dos meninos e meninas que são mães e pais e essa fase é caracterizada pela responsabilidade, dentre outras), os cursos de formação mostram o aluno único, não considerando especificidades; o currículo de formação docente trata de generalidades baseados somente na aprendizagem escolar, sem se preocupar com a realidade. O trabalho sinaliza que a formação docente é permeada por discursos puritanistas e conservadores, com base na sociedade patriarcal e propõe a educação sexual na práxis.

O texto **Educadora Infantil. Requisito: sexo feminino** (SCHINDHELM, 2010) trata do binômio da educação infantil: cuidar e educar, apresentando dados para responder sobre a feminilização na educação infantil.

Dentre as considerações apresentadas foi possível destacar que não é possível cuidar sem educar e educar sem cuidar, pois a questão da educação infantil vai além dessa divisão de tarefas, pois não há articulação entre formação inicial e continuada. A autora sugere a reconstrução da concepção de infância, através da proposta pedagógica de cada instituição.

O trabalho intitulado **Políticas de Educação Sexual em Meio Escolar Elaboradas pelo Poder Público em Portugal e no Brasil** (PATANÉ, 2010) faz um estudo comparativo entre Brasil e Portugal tendo a educação sexual como foco central. Verifica que os programas

públicos não propõem educação sexual emancipatória, mas prescritiva e normativa, criticando assim a postura dos governos, pois a educação sexual prescritiva é voltada somente para as questões da saúde.

O texto não aborda, especificamente, a formação docente, mas destaca que os documentos de formação docente são contraditórios, pois prescrevem necessidade de autonomia, mas tem formação fiscalizadora e moderadora. Assim, dentre as considerações, destaca-se que os governos são a favor de educação sexual emancipatória, mas permanece em modelos de normatização.

**Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia** (MARTINS; ALTMANN, 2010) afirma que a educação sexual está presente na escola e é preciso ética para se trabalhar educação sexual à luz da liberdade e autonomia, pois a sexualidade é permeada de preceitos éticos e morais. O trabalho trata de uma pesquisa de campo com alunos de 5ª a 8ª séries, relacionada com a “Semana de Valorização da Paternidade” (RJ), fundamentada nas diferenças de gênero.

A partir de uma dinâmica de grupo proposta aos alunos foi possível algumas constatações, dentre elas destacamos o questionamento do casamento diante da gravidez; ideias que a menina/mulher é mais responsável pela gravidez que o menino/homem; prescrição de relação heterossexual. As dinâmicas fazem críticas a trabalhos com a educação sexual, pois usam a moral pré-definida e o papel do professor não pode ser o de agente a serviço da moral, cada um atua no seu campo, mas com ligações transversais, pois educar é atuar no campo da ética e da política da verdade.

O texto **Sexualidade e Gêneros: ensaios educacionais contemporâneos**(CÉSAR, 2010) destaca que a sexualidade entra para o contexto escolar a partir das questões da AIDS e gravidez de alunos em idade escolar, que sexualidade e educação é um tema dos primórdios da instituição escolar brasileira, através de muitos projetos e iniciativas, sendo que para a autora, o PCN através do tema transversal orientação sexual consolidou definitivamente a educação do sexo.

A autora discorre críticas sobre o PCN, pois ocorrem confusões conceituais referente a gênero e a questão da heteronormatividade, conseqüentemente, o discurso escolar nega homossexuais e bissexuais, pois a escola não suporta o que é tido como transgressão da norma. Assim, a proposta da autora é dar indícios para a formação docente, livrando das amarras do preconceito homossexual, transexual, buscando a liberdade para o conhecimento.

O trabalho intitulado **Educação Sexual na Educação Infantil: entre o silenciamento e a vigilância** (CARVALHO; ALTMANN, 2010) trata da educação infantil e

as questões em torno da sexualidade tendo como objetivo analisar as manifestações e as intervenções escolares sobre as questões ligadas à sexualidade de crianças em uma escola de educação infantil. Para as autoras, as crianças estão em constante vigilância em relação à sexualidade, apesar da sexualidade se manifestar em diversos espaços escolares. Dentre as considerações é possível apontar que professores e monitores são “vigias” da sexualidade e constroem o silenciamento em relação à temática, mas há transgressões em relação à regra imposta de maneira velada ou explícita, portanto, as autoras propõem que nas licenciaturas seja trabalhada/ discutida a questão da sexualidade.

**Fracasso Escolar, Gênero e Pobreza: uma análise da literatura** (MATTOS; CASTRO; MOURÃO, 2010) parte da ideia de acreditar que meninas têm melhor desempenho escolar que meninos, sendo realizadas duas etapas da pesquisa: levantamento de dados bibliográficos para construção de um estado da arte, banco de dados de documentos e imagens de pesquisas anteriores realizadas pelos pesquisadores do Núcleo de Etnografia em Educação das últimas duas décadas sobre fracasso escolar. A pesquisa tem como eixos temáticos fracasso escolar, gênero e pobreza.

Dentre os indícios da pesquisa as autoras destacam que gênero e educação é um campo ainda pouco explorado, havendo lacunas; professoras nos primeiros anos de escolarização têm certo favorecimento de meninas em detrimento a meninos no processo de aprendizagem; atribuir o baixo rendimento escolar aos meninos somente destacando as questões de gênero deixa-se de questionar as demais condições políticas da escolarização, e a escola pode contribuir para a violência não discutindo a relação intrínseca entre masculino e poder. Assim, gênero não pode ser estudado isoladamente para entender fracasso escolar, é preciso analisar nível socioeconômico, raça, indisciplina, pois exclusão e baixo desempenho na escolarização merecem ser estudados integrados com outras temáticas, tais como sexualidade, masculinidade, feminilidade, homofobia e homossexualidade.

O texto **Educação e Masculinidades: silêncio e diálogo entre as ruas e a escola** (PUGGIAN; BORGES, 2010) aborda a questão da masculinidade de alunos que viveram nas ruas do Rio de Janeiro; trata-se de uma pesquisa com adolescentes entre 12 e 17 anos que tenham algum vínculo as Organizações Não Governamentais (ONG) do Rio de Janeiro e Nova Iguaçu.

Utiliza abordagem metodológica dos princípios da *voice dresearch*, questionando a relação entre fracasso escolar e a construção das masculinidades, assim foi possível verificar que os alunos constroem mais masculinidade e feminilidade em suas interações com as regras e rotinas escolares; se os docentes perceberem esse fato terão relações mais positivas na

escola, além de que os adolescentes acreditam na escola como estratégia para mudar de vida. Mesmo o “ser homem” associado à posição dominante material e social, mas para permanecer na escola os participantes permitiram uma submissão às regras escolares, dentre elas o controle dos corpos, que ocorre devido ao vislumbre que a escolarização possa oferecer algo melhor para a vida. Conclui-se que estudos de gênero e educação podem propor um sistema educacional mais igualitário.

O trabalho intitulado **Situação Educacional dos Filhos e Filhas de Jovens e Mulheres Presas: um estudo de gênero e exclusão** (ALMEIDA; MATTOS; COELHO, 2010) elegeu como focos principais os estudos sobre as temáticas de gênero, pois aborda a educação de filhos e filhas nas escolas públicas do Rio de Janeiro de mulheres jovens em situação de privação de liberdade. Para as autoras, as mulheres presas e seus filhos são invisíveis, só aparecem na mídia no momento da violência.

Através de pesquisas as autoras constataram que não há bibliografia sobre filhos de mulheres presas, pois se sabe que 4% dos encarceramentos são do sexo feminino, sendo essas mulheres de pouca escolarização, a maioria começou a trabalhar antes dos 16 anos de idade e 82% das presas declararam ter ao menos um filho. Por ser uma pesquisa em andamento, poucas são as considerações, mas acredita-se que estudos sobre a situação educacional desses alunos poderá ser um elemento para articulação de políticas públicas que considerem a realidade dos filhos de mulheres internas.

**A Homossexualidade na Escola e a Influência na Descoberta ou Escolha da Orientação Sexual: concepções de docentes do ensino fundamental** (ALMEIDA; MOTA, 2010) trata da percepção de docentes do ensino fundamental acerca da presença de alunos homossexuais. A pesquisa foi realizada através de questionário e entrevista com professores que se intitulam *gays*, *travestis* e *lésbicas*.

Os dados da pesquisa mostram que a escola tem preconceito de homossexuais, estes sendo docentes e discentes, mas não considera ser espaço repleto de diversidades representadas pelas marcas corporais. Os professores atribuem homossexualidades às características biológicas, relacionamentos familiares e curiosidade. Escola espaço de multiplicidade de identidades sociais, trabalha com tensões, pois somente valoriza o modelo aceitável, qual seja, a pessoa branca, heterossexual, cristã e de classe média.

O texto **O Brincar na Educação Infantil: quem brinca com carrinho? Quem brinca com boneca?** (MARIANO; CUNHA, 2010) trata de uma pesquisa de mestrado, na educação infantil, com crianças de quatro anos, em escola da rede pública, tendo relação com

as atividades lúdicas desenvolvidas na escola, pois o brincar é também direcionado para meninos e meninas, pois estabelece papéis sociais pré-determinados.

Foi possível perceber que os professores não aproveitam os momentos para questionar as relações de gênero, mas as reforça e as estigmatiza, pois o docente tem uma postura limitada sobre o que seriam brinquedos para meninos e meninas e assim, desde a infância se estabelecem os papéis de homem e mulher existentes na sociedade.

O trabalho intitulado **Gênero e Sexualidade no Cotidiano da Escola: a segregação social causada pelo bullying homofóbico** (SEVERO, 2010), trata de uma pesquisa de mestrado em andamento, tendo como objetivo geral discutir questões de gênero, sexualidade e homofobia no cotidiano escolar, verificando a atuação do Projeto “Educação sem Homofobia” em Belo Horizonte e Contagem (ambas cidades de Minas Gerais). A pesquisa é desenvolvida através de análise bibliográfica documental e pesquisa de campo.

Para o autor a escola é espaço importante na produção de identidades sociais, afirma que essa instituição trata da sexualidade na questão adulta e da reprodução baseada na legislação e na igreja. A escola não poderá mudar sem ter consciência dos valores que transmite e transgredir as questões de preconceito; sendo assim, a proposta necessária é a formação docente em sexualidade, gênero e homofobia, tendo sempre embasamento teórico.

**Brincadeiras de Crianças e Reflexões sobre a Sexualidade no Cotidiano da Educação Infantil** (CARREIRO; SCHINDHELM, 2010) trata de reflexões sobre a sexualidade infantil observada a partir das brincadeiras das crianças em duas creches comunitárias do Estado do Rio de Janeiro, por meio da observação de como os profissionais lidam com a sexualidade infantil no contexto escolar, pois na educação de crianças a sexualidade ocupa um lugar de saberes e poderes marcado por questões biológicas, de religião e moral burguesa.

O questionamento surgiu a partir da observação das crianças brincarem de “fazer amor”, pois houve dificuldade da educadora da creche em lidar com essa abordagem, além da confusão entre sexo e sexualidade. Há uma tensão existente entre sexualidade infantil e formação docente, os educadores sentem angústias ao falar da sexualidade, pois acreditam que as crianças são assexuadas; não concebem que trabalhar a temática sexualidade com a criança pode modificar atitudes.

O texto **Expectativas Diferenciadas para Meninas e Meninos na Educação Infantil** (FINCO, 2010) reflete o quanto a escola reforça as questões das habilidades de meninas e meninos em relação ao tipo de desempenho intelectual mais adequado; assim, tem como objetivo compreender a educação de meninos e meninas no ambiente coletivo e público

de uma pré-escola paulistana, através de pesquisa etnográfica, observando crianças de 3 a 5 anos de idade e posteriormente entrevista com oito professores. Trata-se de uma pesquisa de doutorado, tendo como base a educação do corpo, pois o corpo é construção social, eixo com o mundo.

Dentre as considerações apresentadas é possível destacar que a escola manipula as questões de gênero, propõe características desejáveis para os sexos, a avaliação na educação infantil é marcada por elogios / punição que reforçam as diferenças entre os gêneros, portanto a escola é dicotômica. Escola, espaço que propõe normatização dos corpos – banheiros, quadras, filas – proporcionando a rivalização, a domesticação do corpo torna-se grave violência pela escola; assim, é preciso repensar a posição da criança na sociedade.

O trabalho intitulado **Alunas contemporâneas : Mocinhas (mal) comportadas?** (VARGAS, 2010) trata da construção sociocultural da feminilidade, através de uma pesquisa etnográfica realizada em escola de periferia de Porto Alegre com meninas de 11 a 13 anos (estudantes de 5ª série). As alunas possuíam comportamentos tidos como inadequados, brigas, xingamentos, dentre outros, posturas discutidas nas escolas.

O referencial teórico utilizado foram os Estudos Culturais e Pós- Estruturalismo. Foi evidenciado que as meninas que usam a violência física e verbal são, muitas vezes, mais valorizadas pelo grupo ao qual pertencem e questionado e repudiado pela escola (professores, gestores); em contrapartida, o menino que briga e é violento nem sempre é visto com “maus olhos” pela instituição escolar, pois é tido como autoafirmação.

**Educação de Jovens e Adultos, Sexualidades e Relações de Gênero : avanços e tensões** (MENEZES, 2010) aborda a Educação de Jovens e Adultos (EJA), destacando que as mulheres são a maioria que frequenta essa modalidade de ensino, aborda que a temática de gênero está inseridas na V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA) deste 1997, pois as mulheres se apresentam como um segmento discriminado da sociedade.

Na EJA os alunos tidos como “problemas” são constituídos pelo sexo masculino, e segundo a pesquisa é comum estarem empenhados na bagunça e conversas, deixando o estudo em segundo plano, fato visto como reforço da masculinidade. Os alunos homossexuais são excluídos e marginalizados pelos colegas, a homofobia é uma constante. Os docentes não mostram preocupação no combate ao preconceito a homossexuais, ou mesmo para abordar as temáticas de gênero e sexualidade. O preconceito se torna algo velado, o trabalho destaca que a formação docente em EJA é silenciada em torno das questões de gênero.

O texto **Heteronormatividade e Educação: algumas questões para (re) pensar o cotidiano escolar** (SANTOS, 2010) é baseado nos Estudos Culturais e Pós-Estruturalismo. O

autor compara a heterossexualidade que está na ordem das coisas e a homossexualidade comparada com o conceito de branquidade.

A proposta do trabalho é que o currículo escolar deve problematizar e não reproduzir as diferenças, dentre elas, gênero, raça, orientação sexual, e paralelamente questionar a realidade, não só porque fazem parte dos temas transversais proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas porque são constitutivas da vida, dos “eus” de cada ser.

O trabalho intitulado **Formação Docente e Diversidade Sexual: um olhar sobre os cursos de licenciatura da UFSM** (CECHIN, 2010) parte da constatação da pesquisa de doutorado da autora em que a maioria dos sujeitos entrevistados manifestou que os primeiros enfrentamentos de preconceito por ser homossexual ocorreram no ensino fundamental. Assim, esse estudo traz resultados de duas pesquisas desenvolvidas nos anos de 2008 e 2009, sendo que o primeiro estudo combinou duas abordagens metodológicas, uma descritiva e outra compreensiva. A segunda investigação apresenta-se complementar, com a entrevista com dezesseis professores da rede pública de ensino, egressos das licenciaturas da UFSM. Ambas as pesquisas visam verificar que sentimentos e percepções docentes, discentes e egressos dos cursos de Licenciatura da UFSM têm sobre identidades sexuais não hegemônicas.

Algumas constatações são possíveis de serem apontadas, dentre elas que os cursos que formam professores na UFSM ainda não incluíram como disciplinas obrigatórias a questão da diversidade sexual em seus currículos, impedindo a problematização do preconceito e a reflexão do papel do futuro educador no combate a atitudes discriminatórias.

**A Edificação de Culturas, Políticas e Práticas Inclusivas no Contexto Escolar: uma análise sobre o Index para a inclusão e o tema da homossexualidade** (FREITAS, 2010) trata da inclusão/ exclusão em educação com foco na homossexualidade a partir do documento intitulado “INDEX para a Inclusão (BOOTH; AINSCOW, 2011)”, pois trata da homossexualidade na escola.

Apresenta, assim, a preocupação de como receber esse aluno, criando culturas inclusivas, tendo a homossexualidade como categoria presente entre os seres humanos e igualmente em assumir valores que colocam o diferente em situação de desvantagem. O INDEX é um material capaz de organizar e dar apoio à diversidade, inclusive o *bullying* homofóbico.

O trabalho intitulado **Eu sou Gay. Legal! Né? Tensionando as Relações entre as Homossexualidades e Escolas** (FERRARI, 2010) faz parte da modalidade simpósio; o autor aborda o campo da sexualidade como local em que os problemas parecem se fixar e se

organizar, ser alvo de vigilância e controle, tendo relação forte entre sexualidade e gênero. O texto traz a dificuldade docente em trabalhar com a homossexualidade, pois o professor não percebe que a escola é local em que se fala sobre sexo, que se trata sobre sexo, são relações além dos conteúdos prescritos pelo currículo.

O desafio para a formação docente é perceber as diferenças sexuais, pois docentes e pessoas do contexto escolar acreditam que os homossexuais sofrem mais do que as pessoas que possuem orientação sexual heterossexual, pois homossexualidade é entendida como segredo, definida pela essência e pela sociedade.

**Gênero: pra que serve esse conceito na prática pedagógica?** (CARVALHO, 2010) o texto, da modalidade simpósio, aborda que as questões de gênero vão muito além da sexualidade e devem ser pensadas não somente no contexto da feminização do magistério, pois o objetivo do trabalho é discutir gênero a partir dos cadernos escolares, realizando pesquisa de campo com professoras, para as quais os cadernos dos alunos são associados a masculinidade ou feminilidade.

A autora destaca que a sexualidade só se torna compreensível a partir do conceito de gênero; as ideias sobre gênero predominantes em um contexto levam às práticas sexuais e a determinada compreensão de corpo. É destacado que as pesquisas de gênero apresentam lacunas, apresenta como proposta a formação de professores para investigar as relações de gênero além da sexualidade e da educação sexual.

O texto, da modalidade simpósio, **Relações de Gênero nas Trajetórias Acadêmicas de Mulheres no Ensino Superior: curso de física** (TEIXEIRA; NASCIMENTO; ARAÚJO, 2010) tem como objetivo explorar como as discriminações de gênero ocorrem, formal e informalmente, nas trajetórias de mulheres cientistas nas instituições de Ensino Superior. Dados do INEP apresentam que aumentou o crescimento de mulheres nas universidades enquanto doutoras, mas ainda é preciso estudos sobre trajetórias acadêmicas de homens e mulheres.

As autoras argumentam que há outras questões nebulosas devido à escassez de mulheres nas ciências, dentre elas, relações no ambiente de trabalho, relações de poder. Assim, foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas com professoras doutoras que atuam em universidades (área da física); os relatos são contraditórios quanto à discriminação, mas afirmam que professores e alunos (colegas de sala) são machistas, pois o referencial que se tem é sempre masculino, excluindo o mundo feminino, se acredita que competência e profissionalismo são habilidades masculinas. Ficou evidente a importância de criar políticas afirmativas para as mulheres, pois os homens, ao entrarem para profissão tidas como

femininas, possuem rápido reconhecimento, ao contrário das mulheres que, para serem respeitadas, precisam adotar padrão masculino. As universidades devem ter grupos de apoio para mulheres e para todos, combatendo preconceitos e discriminações.

**A Historiografia do Silêncio: questões de gênero e práticas pedagógicas intercultural** (CAMPOS, 2010) aborda as questões de discriminação da mulher, pois na sociedade a mulher é vista como passiva, representação do masoquismo, enquanto contrariamente o homem é visto como ser ativo e representação do sadismo. Para a autora a mulher é discriminada nas diversas situações, dentre elas, mítica, religião, legislação, trabalho.

Assim, a autora tem como questionamento principal apontar qual o compromisso da educação com a igualdade de gênero, contribuindo para uma sociedade mais democrática e menos sexista. Dentre as considerações pertinentes aponta a família e a escola como local de mudanças, mas a escola tem papel fundamental, pois pode trabalhar com questões igualitárias.

O trabalho intitulado **Brasil sem Homofobia: uma face dos direitos humanos** (SEVERO, 2010) trata da análise do Projeto “Educação sem Homofobia”, com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos. O autor aborda que o direito avança na medida que passa a fazer parte da cultura de todos os povos.

O Plano Plurianual do governo brasileiro - 2004/2007 - traz o combate à discriminação a homossexuais, lançando o Programa Brasil sem Homofobia, sendo que um dos seus objetivos é combater a violência a gays, lésbicas, transexuais e bissexuais (GLTB). O Programa possui onze eixos temáticos, um dos quais destinado à educação, como espaço privilegiado para o combate à discriminação. O autor faz críticas contundentes, pois ainda hoje a sexualidade entra na escola pelo viés da prevenção as doenças, aspectos biológicos e fisiológicos das disciplinas de ciências e biologia. A mudança de comportamento do educador é algo complexo e precisa de formação nessa área, pois há uma necessidade enorme de informações que precisam de reflexão e mudanças de conceitos e pré-conceitos, sendo um projeto de nação.

**A Produção da Masculinidade e da Feminilidade no Espaço Escolar: discutindo algumas narrativas de profissionais da educação** (BARROS et al.,2010) é um o texto que traz a análise de curso do SECAD, grupo de pesquisa ao qual as autoras fazem parte e desenvolvem um projeto denominado “Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar”. O objetivo do projeto é problematizar as temáticas de corpos, gêneros e sexualidade com 150 profissionais da educação da região sul do país (professores, supervisores, diretores, psicólogos, dentre outros).

O referencial utilizado foram os Estudos Culturais nas diversas vertentes Pós-Estruturalistas. Dentre as considerações em específico o trabalho destacou que a escola produz as questões relacionadas a gênero, inclusive a dominação dos corpos, pois o poder produz nas escolas homens e mulheres de acordo com as significações de representações de masculino e feminino.

O trabalho intitulado **Educação Sexual em uma Escola Pública: a oficina pedagógica sexualidade** (HONÓRIO; LEITE, 2010 ) tem como objetivo principal identificar as opiniões de alunos do 1º ano do ensino médio (15 a 17 anos), através de pesquisa qualitativa com intervenção, sobre diversos assuntos relacionados à sexualidade e proporcionar um espaço de reflexão a respeito desse tema mediante a realização de uma oficina pedagógica.

As autoras abordam que o maior problema em trabalhar a sexualidade no contexto escolar está relacionado à formação docente, pois temos professores inseguros, que se concentram na anatomia, fisiologia e prevenção da gravidez e DSTs. Dentre os resultados apontados através da pesquisa e oficinas realizadas com os alunos podemos destacar: os jovens tem uma visão equivocada sobre sexualidade, há interesse pelo diálogo sobre o sexo, apresentam aversão aos relacionamentos não heterossexuais e as informações sobre sexualidade são procedentes de amigos e internet. Assim, os alunos apresentam uma deficiência nos conhecimentos que possuem e os professores precisam ter objetivos claros para o trabalho com sexualidade, propondo a reflexão também por parte dos educandos/as.

O texto **Homossexualidade na Escola: identidades negadas** (FRANÇA, 2010) traz considerações sobre gênero no contexto escolar, questão binária masculino/feminino; para a autora as questões históricas, políticas, sociais e filosóficas estão respaldando as relações preconceituosas no contexto educacional.

A autora se coloca como professora do curso de pedagogia, supervisora e coordenadora do ensino médio e suas vivências levaram a perceber o preconceito a alunos e professores homossexuais , *bullying* homofóbico. Assim, o objetivo da pesquisa foi fomentar reflexões acerca das relações existentes entre a homoafetividade no contexto escolar e como suas implicações e concepções se apresentam na cultura dessa instituição. Dentre os apontamentos destaca a necessidade de diálogo entre currículo e modos de subjetivação resultante na prática educativa, pois cultura, gênero, currículo e processo de subjetivação necessitam ser investigados.

**Sexualidades Performáticas: porque se tratando de gênero, tudo é uma questão de performance** (CAMPOS; SANTOS, 2010) é um trabalho cujo objetivo é entender os

dispositivos que atuam na formação das identidades de gênero, pois a identidade atua no sentido das expectativas sociais, portanto normativas. A cultura hegemônica pensa gênero a partir de dois pólos, masculino/feminino, e o texto faz uma reflexão do conceito de gênero a partir dos que estão à margem, propondo que tenhamos uma sociedade menos igualitária, menos sexista e heteronormativa.

O trabalho intitulado **Subsídios para um Processo de Educação Sexual e Emancipatória Intencional na Formação de Docentes no Brasil e em Portugal** (PEREIRA; MELO, 2010) tem como objetivo os resultados preliminares de um projeto comparativo entre Brasil e Portugal, que visa inicialmente fornecer informações pesquisadas junto a discentes do ensino médio no Brasil sobre sua compreensão da importância da educação sexual emancipatória intencional, para subsidiar o desenvolvimento de um programa específico intencional de formação para docentes em educação sexual. Em Portugal há Projeto de Lei para educação sexual na escola, enquanto que no Brasil não há lei específica para a educação sexual, mas em contrapartida temos os PCN, através dos temas transversais, que subsidiam o trabalho docente.

Para as autoras a escola se apresenta como local privilegiado para estudar e se ter educação sexual emancipatória, pois possui a troca de conhecimentos, culturas, valores, transformações e desenvolvimento de competências. Além da inclusão de novas disciplinas no currículo, por exemplo, a educação sexual, a própria estrutura curricular precisa ser frequentemente revista, inclusive as mudanças dependem dos docentes, por isso são necessárias formação inicial e continuada. Para os alunos do ensino médio a importância da educação sexual nas escolas é fundamental e se agrupam em quatro categorias: obter conhecimento sobre sexualidade de modo geral; na prevenção a gravidez não planejada; prevenção a DSTs e AIDS e importância do sexo seguro.

O texto **Você Faz Tudo Errado** (CASTANHEIRA; GARCIA; RIBEIRO, 2010) tem como objetivo estudar o comportamento de crianças em relação às questões de gênero; assim, realiza a observação de momentos de crianças entre 3 a 5 anos da educação infantil num contexto educativo desenvolvido pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras, o “Projeto Tenda”. Para os autores temos duas formas de analisar a infância: na perspectiva do adulto e na perspectiva da própria criança.

A proposta de pesquisa surge a partir do questionamento de separar meninos e meninas em fila, divisão social de homens e mulheres, pois a escola se apresenta como espaço de questionamentos sobre comportamentos, local para conhecer e respeitar as crianças, proporcionando construir suas identidades além de modelos. Por ser um trabalho em

andamento, poucos são os resultados apresentados, dentre eles, o medo e insegurança do docente que trabalha com a temática sexualidade, pois há desafios para serem vencidos ao abordar a sexualidade: mídia, normal/patológico/, adequado/inadequado.

**A Teoria Queer nos Espaços –Tempos Escolares** (CASTRO, 2010) tem como objetivo proporcionar um novo olhar sobre as concepções de sexo e gênero, rompendo com a lógica binária, pensando a Teoria Queer no espaço escolar. A Teoria Queer é considerável a partir do impensável, o que é proibido pensar, ir além do permitido. A autora aponta que não “enxergamos” o que não conhecemos, então não vemos o que está entre o masculino e o feminino e a educação precisa questionar essa ideologia hegemônica.

Dentre as implicações apontadas pela autora há críticas aos PCN, especificamente tema transversal orientação sexual, pois há generalizações para aplicar a necessidade de perceber as particularidades, sugere assim o currículo escolar como espaço de enunciação, ou seja, confrontar as realidades e as experiências para trabalhar e estudar as sexualidades.

O trabalho intitulado **Abuso Sexual Infantil: consequências cognitivas, emocionais, sociais e a importância do professor na identificação do abuso sexual** (MACHADO, 2010) aborda a importância do professor conhecer o abuso sexual em crianças, devido a conviver e observar diariamente e ser uma ator privilegiado na identificação e denúncia de casos. Para tanto, o professor precisa de formação profissional, pois abordar o abuso é algo complexo, uma vez que tem conceitos diferentes nas diversas culturas; os dados apontam que a maioria dos abusos sexuais acontecem no ambiente familiar, além de ser difícil de identificar e proporcionar a falta de segurança para denunciar.

O trabalho aborda a legislação no tocante ao tema do abuso sexual infantil, dados estatísticos e também destaca o quanto a formação docente para o reconhecimento e auxílio nas questões do abuso sexual é fundamental.

O texto **Corpo, Gênero e Sexualidade: construções em sala** (CARVALHO, et. al., 2010) faz parte de uma pesquisa feita a partir de uma disciplina oferecida pela Universidade Federal da Paraíba para alunos especiais, grande parte com formação em pedagogia; o trabalho busca intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, pois o corpo é produzido pela cultura, estabelecido nas relações sociais, “categorizado”.

A pesquisa identificou que a princípio os integrantes faziam relatos somente biológicos sobre o corpo, corpo em si neutro de significações; no decorrer dos estudos o conceito de corpo foi se reconstruindo, inclusive percebendo que a escola auxilia na formação da imagem de corpo. Assim, as pesquisadoras concluíram que o corpo resulta da construção social, segunda razão androcêntrica, devido à divisão de gêneros; sendo o corpo matriz da

sexualidade, segundo os próprios PCN, necessita ter lugar importante na escola e na formação docente com vistas ao respeito aos direitos humanos e a promoção da equidade.

**Educação Sexual na Formação Inicial: o que pensam os futuros docentes?** (NUNES; XAVIER; LEITE, 2010) tem como objetivo principal investigar a opinião dos graduandos em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará sobre a necessidade de inclusão da educação sexual no currículo do curso, especificamente avaliando sua familiaridade com a realidade das escolas, das orientações dos PCN e ainda verificar suas opiniões sobre o papel desempenhado pela universidade nesse contexto. Para atingir esse extenso objetivo foi realizada uma pesquisa com sete estudantes de biologia, faixa etária entre 20 a 23 anos, na disciplina de estágio através de entrevistas semiestruturadas e estudo de caso.

A pesquisa foi dividida em três eixos: identificação, percepção e formação inicial. Dentre os resultados da pesquisa os autores apontam que os estudantes possuem receio em tratar da educação sexual na escola, inclusive medo de represálias por parte da família dos alunos. Portanto, deve se discutir na escola gênero, respeito à diversidade, anatomia e programa de saúde, mas também se pode concluir que a educação sexual está longe das escolas em que os alunos de biologia fizeram estágio e da própria formação dos futuros docentes, sendo que possuem formação deficiente em torno da sexualidade na escola.

O trabalho intitulado **Eu Uso Roupas Rosa e Não Sou Bicho na: os marcadores sociais de gênero e a constituição da homossexualidade** (LONGARAY; RIBEIRO, 2010) trata de uma pesquisa com grupo focal de adolescentes, tendo como objetivo problematizar o entrelaçamento entre as identidades de gênero e as identidades sexuais. Concebe que as identidades de gênero e as identidades sexuais são produzidas e reproduzidas nos diferentes espaços, inclusive na escola.

As autoras enfatizam que a sociedade e a escola veem a heterossexualidade como única, pois a homossexualidade tem caráter de anormalidade; assim, a escola é o local em que a homofobia se manifesta, havendo necessidade de problematizar o silenciamento, pois quanto mais silenciamento, mais homofobia.

**Formação de Professores para Educação Sexual nas Escolas** (D' ANDREA; PEREIRA, 2010) aborda sobre como ocorre a formação de docentes capacitadores para atuar em Belo Horizonte ampliando a compreensão de discursos e metodologias através da abordagem do professor reflexivo (SCHÖN, 2000). A pesquisa foi realizada em três fases: análise documental de material didático, entrevistas com gestores e organizadores de cursos em educação sexual, questionamento com os docentes participantes.

Dentre as evidências da pesquisa podemos constatar que antigamente o professor silenciava os quesitos da sexualidade, mas hoje se vê obrigado a falar dela e não tem conhecimento; para trabalhar sexualidade é preciso contemplar tanto o repensar sobre sexualidade quanto as metodologias para abordagem do tema, pois apostilas e cursos sem instrumentalização do docente não resolvem, bem como ampliar a concepção de sexualidade sem capacitação pedagógica também não provoca mudanças no cotidiano.

O texto **Gênero e Sexualidade: discutindo o papel da escola na orientação sexual de jovens e adultos** (SILVA, 2010) tem como objetivo conhecer e analisar as formas como a orientação sexual proposta pelo PCN está sendo implantada na escola; a pesquisa foi realizada através da intervenção com oficinas de educação e saúde com alunos da Educação de Jovens e Adultos (não cita a fase de escolarização).

Dentre os desafios enfrentados pela autora, que lecionava para a turma pesquisada, apontou que a geração que frequenta a escola tem anseios diferentes sobre sexualidade do que a formação recebida pelos docentes, os alunos só se pautam na questão macho/fêmea, desconsiderando as concepções de gênero, permanecendo na heterossexualidade. A pesquisa foi capaz de mostrar que os jovens confiam na escola como espaço de liberdade, longe de mitos e tabus, para tanto, o docente precisa de formação teórico-metodológica ampla e atualizada, muito além das grades curriculares das licenciaturas, proporcionando orientação sexual atrelada à saúde integral não enveredando por comportamentos normativos.

O trabalho intitulado **Problematizando a Sexualidade com Licenciadas/os em Ambientes Virtuais** (RIZZA; RIBEIRO, 2010) traz a discussão sobre o PCN, especificamente do tema transversal orientação sexual, através de narrativas na plataforma *Moodle* em um curso de Educação a Distância com licenciandos (não cita a área), sendo analisada a modalidade fórum. Diante da problematização da sexualidade as narrativas foram expressas através de corpos, gêneros e sexualidade.

Dentre os resultados se pode verificar que os licenciandos acreditam que outros profissionais devem trabalhar a sexualidade, pois é preciso ver a sexualidade além da fisiologia/ biológico, trabalhar propostas da sexualidade na graduação, tendo como proposta que a temática seja incorporada como componente curricular.

**Representações da Sexualidade na Educação das Artes Visuais: questões para problematizar a normatividade instaurada no contexto escolar** (SILVEIRA, 2010) tem como objetivo pensar como se dão os processos de constituição e concepções acerca da sexualidade em nossa sociedade, e para tanto aborda a questão da arte consumida pelos

alunos, citando o artista Pierre et Gilles, apresentando um humor cáustico em torno da esfera *gay*.

Para a autora a imagem da sexualidade é veiculada na arte através da mídia, *alldoor*, dentre outros, assim as imagens de Pierre et Gilles confrontam com a moral tradicional, apresentam-se como uma possibilidade de abordar assuntos e aspectos da sexualidade, referências nos processos educativos, problematizar a origem da reprodução normatizadora. Perceber que os aspectos relativos à sexualidade perpassam diversos âmbitos de nossa sociedade, não se relacionam, apenas as identidades sexuais, mas definem sistemas de poder e dominação.

O trabalho intitulado **Relações de Gênero na Educação Infantil: uma discussão necessária** (SALVA, 2010) tem como objetivo refletir acerca das relações de gênero construídas no interior de algumas instituições de educação infantil. A pesquisa foi realizada com estudantes de pedagogia durante a prática de estágio em educação infantil, pois dentre os questionamentos apontados surgiu a questão de como fazer transposição didática para trabalhar relações de gênero nessa fase de escolarização, pois o estágio possibilita ter um contato direto com as crianças envolvidas no processo pedagógico.

Dentre as considerações apresentadas podemos destacar que nos relatos as crianças expressam a cultura machista, sexista e androcêntrica. O professor tem possibilidade de mudar essa visão nos alunos, proporcionando construções de relações menos hierárquicas; para tanto, é fundamental incluir relações de gênero e sexualidade na grade curricular dos cursos de formação docente.

**A Mulher na Perspectiva Teórica do Gênero e o Ordenamento Jurídico da Educação de Jovens e Adultos Desenhado pela CF/88, LDBN/96 e PNE/2005** (PEREIRA, 2010) tem como objetivo principal analisar o tratamento didático no livro da Educação de Jovens e Adultos conferido à mulher na perspectiva teórica de gênero, bem como as questões de gênero referente à mulher, são tratadas no ordenamento jurídico para a Educação de Jovens e Adultos na Constituição de 1988, LDB9394/96 e o Plano Decenal de Educação (PNE 2001).

Dentre as considerações da autora podemos destacar que a Constituição Federal de 1988 é um avanço para o país nas relações de gênero e da mulher, mas demais documentos normativos não apresentam essa característica. A autora não sistematizou as considerações em torno do livro didático.

O texto **As Relações de Gênero nas Atividades Físicas Praticadas por Alunas e Alunos do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental da ESEBA/UFU** (DIAS, 2010) tem como

objetivo investigar as atividades físicas praticadas por alunos e alunas de 4º ao 9º ano do ensino fundamental da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia matriculados em 2009, sob a ótica de gênero. A autora intitula como pesquisa participativa, feita através da aplicação de questionário em 406 alunos, sendo que 303 realizaram a devolutiva do questionário (ambos os sexos).

Foi possível perceber que as atividades físicas possuem relações estereotipadas, relações em meio às tramas socioculturais, pois a oferta de atividades físicas não é similar para ambos os sexos, procurando camuflar a ideologia machista. A mídia tem papel importante, pois no tocante ao esporte prioriza os homens, comparando *performance* de homens e mulheres na mesma modalidade esportiva.

O trabalho intitulado **“Educando Meninas “Dóceis, Cultas e Cristãs” : impactos da cultura escolar produzida nos 1º anos do Colégio São José de Pelotas (1910-1920)** (SANTOS, 2010) trata de uma pesquisa ampla que analisa o referencial bibliográfico e a interpretação dos dados de documentos dos acervos do Colégio São José do Bispado de Pelotas e da Biblioteca Pública Pelotense, bem como os periódicos locais: Diário Popular, A Opinião Pública e A Reforma, pois através da pesquisa desses documentos a autora pesquisa como era exercido o controle, o disciplinamento e conseqüentemente a produção de identidades de gênero das alunas.

Dentre o projeto educativo do colégio havia o lema “meninas dóceis, cultas e cristãs “em consonância com o modelo familiar católico e higienista acalentado no referido período histórico de uma mulher “bem comportada”. Os colégios possuíam duas clientelas: filhas abastadas que seriam preparadas para serem esposas e mães e meninas órfãs. Os colégios passam o ideal do que é ser uma “boa moça” para a época, regulamentação da vida, tendo o ícone da mulher pura, casta e de fé. Assim, as experiências vividas no interior das instituições confessionais produzem efeito na trajetória individual das pessoas, o que Bourdieu denomina de *Habittus*.

**O Charme das Partículas: as monitoras da casa da física** (REIS; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2010), é uma pesquisa que tem como objetivo principal compreender no Projeto “Casa da Física” a elaboração pelas monitoras das suas percepções sobre a participação da mulher nas ciências, tendo como procedimentos metodológicos a aplicação de questionário com treze monitoras que atuam no projeto em diversos cursos, projeto processo de educação não-formal. Hoje se tem uma visão estereotipada que a mulher é marcada pela família e filhos sendo difícil abraçar a carreira da física.

Os relatos mostram preconceito, incredibilidade da mulher nas ciências e tecnologia. A pesquisa também aponta a identidade das mulheres com o Projeto Casa da Física e a necessidade de debates em torno de questões de gênero e ciência, inclusive em espaços não - formais.

O trabalho intitulado **O Programa de Iniciação Científica Júnior: meninas na pesquisa** (PAULINO; CASTANHEIRA; RIBEIRO, 2010) busca tratar da equidade de gênero nos Programas de Iniciação Científica Júnior (BIC-Junior), caracterizado como incentivo de estudos para alunos da rede pública de ensino fundamental, ensino médio e ensino profissionalizante. Em 2009, na Universidade de Lavras, foram 150 bolsistas dos quais 65% eram mulheres entre 16 e 18 anos. A pesquisa teve como questionamento quem é essa mulher que procura o Programa BIC- Junior.

Dentre os apontamentos levantados destacamos que as alunas pesquisadas ampliaram a visão para o estudo; assim, o Programa é ferramenta indispensável na formação de intelectuais e profissionais.

O texto **Relações de Gênero e Experiências Educativas de Catadoras e Catadores de Materiais Recicláveis** (SOUZA et al., 2010) coloca em discussão as relações de gênero e as experiências educativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis. Apresenta como referencial os estudos de gênero na vertente Pós-Estruturalista.

Trata-se de uma pesquisa em andamento, tendo como registro os episódios e entrevistas com os catadores. As autoras colocam que é precoce realizar apontamentos, mesmo a mulher sendo em maior número no contexto de trabalho sofre discriminações, contudo apontam que se percebe que se as mulheres entrevistadas possuem maior nível de escolarização, possuem empoderamento no momento de discussões ligadas a saúde e trabalho e aparentemente a mulher é mais engajada nas atividades desenvolvidas.

**Sexualidade e Infância da Criança com Deficiência** (SALES; CORTES; VICTOR, 2010) traz um estudo de caso realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil e parte de um estudo maior com uma criança de 4 anos sobre a queixa das professoras sobre a possível “sexualidade aflorada” da criança com deficiência. As autoras apontam que no contexto escolar não se considera a exposição da criança à mídia nas questões em torno da sexualidade, que é veiculada como forma de consumo, poder e prazer.

O grupo que desenvolveu a pesquisa realizou intervenções com os docentes, pois perceberam a necessidade e a insegurança sobre sexualidade infantil. Foi possível destacar que o educador não considera a constituição sociocultural da criança; escola e família não podem julgar os questionamentos das crianças como preconceituosos ou vulgares, é preciso

que nos Projetos Pedagógicos sejam integradas visões críticas e reflexivas sobre corpo e sexualidade.

O trabalho intitulado **Representações de Gênero nos Livros Didáticos de Química** (SILVA; RIBEIRO,2010) parte da análise de três livros didáticos de ensino médio de química que fazem parte do Programa Nacional do Livro Didático em 2008, constatando assim a invisibilidade de mulheres cientistas, tendo conotação negativa sobre as representações de gênero.

Segundo as autoras, o livro didático tem sido a ferramenta pedagógica mais utilizada pelos professores em suas aulas, e dentre os livros analisados poucas imagens de mulheres “fazendo” ciência. As análises permitem dizer que a ciência é uma invenção que é construída em um determinado sistema sociocultural masculino, patriarcal, sexista, heterossexual, branco e elitista. É preciso a valorização das representações de gênero e refletir como homens e mulheres são apresentados nos livros didáticos, propondo uma sociedade mais justa e igualitária no que se refere ao gênero na ciência.

O texto **Formação do Pedagogo e a Pedagogia Social: discussões preliminares sobre o enfrentamento do abuso sexual** (SILVA; MACHADO, 2010) tem como objetivo destacar a importância das práticas de pedagogia social e o novo campo de atuação do pedagogo com ênfase no trato da questão do abuso sexual em crianças, pois o pedagogo pode ser visto como figura de apoio social.

Assim, o trabalho aborda a importância do pedagogo atuar além do espaço escolar, tendo conhecimento sobre o abuso sexual em crianças, pois precisa de conhecimentos científicos para auxiliar a criança e fazer as denúncias cabíveis a órgãos competentes.

**Os Sentidos e Significados Construídos pelos Professores de Pacaraima/RR, sobre o Abuso e a Exploração Sexual Infante – Juvenil** (BARBOSA, 2010) traz os apontamentos construídos pelos professores de Pacaraima (RR) sobre a violência sexual infante-juvenil, a partir do processo de formação continuada realizado pelo Programa do Governo para Enfrentamento da Violência Sexual, pois a partir do programa foi verificado que o professor provocou mudanças na sua práxis pedagógica, e o fenômeno passou a ser tratado cientificamente e não como mera justificativa de identidade cultural.

A pesquisa foi realizada através de entrevistas semiestruturadas e também registro de documentos. A escola precisa ser vista como espaço para trabalhar questões da violência e o professor é o agente desse processo; o docente sente que precisa de formação nessa área, pois não sabe como proceder diante da violência sexual, inclusive por questões políticas. É preciso aguçar o olhar preventivo do professor.

O trabalho intitulado **Relações de Gênero e Construção da Identidade Profissional Docente para Além do Determinismo Sexual** (SANTOS; ALLAIN, 2010) tem como objetivo conhecer como professoras de diferentes gerações percebem a relação entre o componente gênero e os motivos para a escolha da profissão docente ao longo da história. A pesquisa, de caráter qualitativo, contou com entrevistas semiestruturadas com cinco professoras de três gerações diferentes – aposentada, atuante, em formação.

Dentre as considerações da pesquisa se destaca o quanto a vocação se evidenciou por ter características para o exercício da docência, além da entrada da mulher no mercado de trabalho e poder conciliar com os afazeres domésticos. A docência, apesar de todo avanço da sociedade, ainda é vista como um ofício não profissional. Torna-se relevante que os cursos de formação discutam a questão da identidade docente que pode ser construída além do determinismo sexual que cerca o magistério.

**Matemática é “Coisa” para Homem? Entre Mitos e Realidades de Mães de Camadas Populares** (CIRÍACO; SOUZA, 2010) se refere ao gênero feminino e sua posição na sociedade letrada. O trabalho faz uma pesquisa de campo com mães de alunos que não se sentem aptas a orientarem as tarefas escolares dos filhos no que se refere à matemática, pois há a construção cultural que a matemática é domínio masculino, inclusive os autores destacam desde tempos idos as diferenças entre escolas femininas dedicadas a agulha e linha, diferentemente das masculinas.

Contudo, pesquisas bibliográficas realizadas pelos autores abordam que há correlação entre a confiança para aprender matemática e o desempenho na própria disciplina, descartando a questão de gênero como fator decisivo para aprendizagem da matemática.

O texto **Educação Católica Feminina e Subjetivação: O Colégio Santa Rita como Instituição Disciplinar** (CORREIA, 2010) destaca o Colégio Santa Rita, na cidade de Areias, na Paraíba, enquanto uma instituição com mais de 100 anos, um colégio confessional de renome do início do século XX, que educava meninas e moças da região paraibana. A autora destaca a arquitetura panóptica do colégio católico, a disciplina rígida interna e externa (pois ocorre além dos muros), havendo espaço de controle e submissão.

Outro aspecto destacado se refere às confissões, também relacionada a Primeira Eucaristia e todo o caráter de pompa e distintivo de classe social do “evento”; outro aspecto também é a avaliação que se apresenta não somente do intelecto, mas comportamento, civilidade, aplicação da ordem, funcionando como sistema de privilégios e premiação / sistema de classificação. O trabalho contribui para mostrar as resistências e rupturas de uma época da sociedade como modelo educacional em que meninas e jovens foram sujeitadas.

### 5.8.2 Conhecimentos e práticas referentes às temáticas sexualidade e gênero

O ENDIPE 2010 apresentou um número elevado de trabalhos sobre sexualidade e gênero em relação aos eventos estudados anteriormente portanto, as categorias surgidas nas análises dos trabalhos foram praticamente as mesmas dos congressos anteriores, alterando poucas constatações das subcategorias. Muitos trabalhos estão em fase de pesquisa, não havendo considerações definitivas.

A categoria gênero é bastante significativa, constituindo-se com seus desdobramentos, dentre eles a identidade docente e a diversidade sexual. Um fator diferencial, em relação aos ENDIPE anteriores, foi a abordagem da questão da homossexualidade e da diversidade sexual no contexto escolar, pois vários textos enfocaram essa temática em específico apontando diversos desmembramentos, dentre eles a formação docente, a homofobia, as apreensões e tratamentos despendidos no contexto escolar. Esse fato se deve, dentre outras questões, ao maior conhecimento e pesquisas que circulam em torno de dois documentos oficiais: Brasil sem Homofobia (BRASIL, 2004) e Gênero e Diversidade na Escola (GÊNERO, 2009), pois muitos trabalhos partem da análise, discussão e atividades com docentes e discentes tendo os materiais como subsídios.

A formação docente nas licenciaturas ou em forma de capacitações em serviço é destacada em muitos trabalhos como sendo o grande diferencial para que se tenha com sucesso a educação sexual no contexto escolar, proporcionando a formação integral do cidadão. Dentre os trabalhos apresentados, poucos são os que se dispõem a proporcionar um retorno ao contexto escolar para realizar atividades pedagógicas tanto com alunos ou mesmo orientações a docentes, sendo essa uma falha das pesquisas, pois não retornam a prática, não rompem com a dualidade técnica, ou seja, a dicotomia existente entre teoria e prática.

Partimos assim, para a Análise de Conteúdo, modalidade Temática, através das leituras dos resumos e textos, baseando-nos, para tanto, nas possíveis considerações finais dos trabalhos apresentados, após leituras insistentes dos textos completos. Como apontamos anteriormente, as categorias : Educação Sexual; Sexualidade/Sexo; Gênero; Formação Docente, estão interligadas e muitos trabalhos têm seus apontamentos em mais de uma categoria ou subcategoria, justificando o número de ocorrências de modo mais elevado.

**Tabela 27– Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XV ENDIPE**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
<b>Educação Sexual / Orientação Sexual</b>	<b>Pluralidade Cultural</b>	<b>16</b>
	<b>Homossexualidade/ heterossexualidade</b>	<b>71</b>
	<b>Currículo/ (trabalho diversificado) /Práxis</b>	<b>151</b>
<b>Sexualidade/Sexo</b>	<b>Questões Políticas</b>	<b>32</b>
	<b>Formação/Conhecimento</b>	<b>67</b>
	<b>Normatização/Diferentes interpretações</b>	<b>51</b>
<b>Gênero</b>	<b>Construção da identidade pessoal/profissional da mulher</b>	<b>203</b>
	<b>Diversidade sexual</b>	<b>155</b>
	<b>Formação docente/ Formação acadêmica/ escolar</b>	<b>226</b>
	<b>Submissão/modelo androcrático/ controle</b>	<b>146</b>
<b>Formação Docente</b>	<b>Repensar/ reconstruir valores</b>	<b>136</b>
	<b>Falta de conhecimento ( gênero, sexualidade, fases da vida, abuso sexual, outros)</b>	<b>431</b>
	<b>Poder</b>	<b>23</b>

Fonte: Elaboração da autora.

Muitos trabalhos apontam que a sexualidade está presente no espaço escolar tendo como características propulsoras as questões da gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, dentre elas destacando a AIDS, inclusive devido à inserção com maior ênfase do tema transversal orientação sexual proposto pelos PCN (BRASIL, 2001). O documento apresenta a sexualidade como algo que deve ser prescrito e prevenido, sendo alvo de críticas; para tanto é preciso reflexões constantes

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes. (BRASIL, 2001, p.107).

Como o próprio PCN prescreve, os temas transversais são problemas sociais graves e urgentes; assim, as questões em torno da sexualidade são vistas como adversidades, que devem ser discutidas e proporcionar soluções no contexto escolar. Mas o docente não tem formação para compreender a complexidade e cientificidade da temática sexualidade, portanto as questões surgem no cotidiano escolar, ocorrendo um emaranhado de medos, inseguranças, incertezas e preconceitos, tanto por parte dos alunos como dos docentes, entretanto, a dúvida persiste e atitudes equivocadas permanecem nas práticas pedagógicas.

As pesquisas evidenciam que a escola continua proclamando que somente está preparada para trabalhar com padrões pré-determinados, ou seja, com o aluno heterossexual, de classe média, branco e que não afronte padrões pré-estabelecidos. As questões de gênero que perpassam o cotidiano vão de encontro ao preconizado pelos PCN:

Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano; [...] reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas. (BRASIL, 2001, p.133).

Os trabalhos apontam a heteronormatividade, no sentido de se limitar aos desejos, ações, atitudes e as identificações de gênero que apresentam um caráter normal ou aceitável, posturas ajustadas somente aos masculino/feminino. Toda variação da conduta heterossexual é marginalizada e motivo de preconceito, sendo passível de questionamento da ordem social escolar. Sem contar a influência religiosa presente na escola, valores cristãos, com base na família patriarcal e ainda na concepção de trabalhar com o aluno submisso, vindo de uma família nuclear, sem dificuldades de aprendizagem, “o aluno ideal”. Constata-se que o preconceito se faz presente e agrega valores e concepções.

Se uma das funções da escola é formar o cidadão crítico e participativo, livre de preconceitos, a escola precisa trabalhar com valores constitutivos de alteridade, sem pré-julgamentos e atuar como espaço de rupturas com estereótipos e convenções sociais moralistas, precisa ir muito além do disciplinamento dos corpos e consequentemente das mentes (FOUCAULT, 2009).

Tarefa essa não somente do docente, mas de toda comunidade escolar, direção, professores, funcionários e requer o envolvimento da família, através de ações coletivas, pois todos os envolvidos precisam se livrar das amarras do preconceito em relação à diversidade sexual, combatendo os mecanismos de exclusão, buscando a liberdade para o conhecimento em busca da práxis educativa.

A identidade docente é outra característica apresentada em diversos trabalhos, nas abordagens que perpassam a constituição da carreira do magistério que geralmente tem relação com a constituição do ser mulher. Compreendemos que a constituição da identidade profissional e pessoal se interligam e não podem ser concebidas como processos estanques, dissociados, mas que se complementam, interagem. A sexualidade como parte constitutiva do ser humano também complementa o “eu” profissional, pois enquanto docente o constitutivo se permeia por valores culturais, sociais, pessoais que influenciam o modo como as ações pedagógicas serão desenvolvidas ao abordar a temática da sexualidade reinterpretando tabus, medos, sensações diversas que serão concebidas como positivas ou negativas. Moita (1992), ao abordar a formação inicial de professores, destaca o processo pessoal e singular diante do tornar docente, como construção de si próprio e a relação entre a identidade pessoal e profissional. A autora destaca

A profissão é por vezes um meio de afirmação pessoal e social, sobretudo quando o mundo da família e da casa é sentido como demasiado apertado.[...].

Identidade pessoal/identidade profissional: uma grande variedade de relações que se estabelecem. Há nessas relações uma actividade de autocriação e de transformação vividas entre a tensão e a harmonia, a distância e a proximidade, a integração e a desintegração. A pessoa é o elemento central, procurando a unificação possível e sendo atravessada por múltiplas contradições e ambiguidades. (MOITA, 1992, 139).

A identidade pessoal e profissional do educador não é valorizada, nem mesmo percebida como definidora de muitas atitudes ao abordar ou deixar de ser trabalhada a sexualidade no contexto das escolas; é preciso reflexão, pois o docente clama por auxílio, mesmo que seu pedido seja de maneira velada, indiscreta ou que negue a princípio, pois a sexualidade está presente nas escolas como nos afirma Guirado (1997, p. 25) “A sexualidade é como um fantasma que ronda as cercanias e os interiores da escola e da sala de aula. Não é o único, sabemos disso. Mas é, sem dúvida, um daqueles que, quanto mais se busca erradicar, mais assombra a cada esquina. E isso, há séculos, ao que indica a história.”

Diante da questão de como a identidade da mulher é apresentada, o que se percebe é que a sociedade, atualmente, mesmo diante de diversos avanços, dos movimentos feministas e de diversidade sexual, permanece na valorização do sexo masculino, modelo androcêntrico de sociedade, em que as mulheres não conseguem ter acesso a todos os direitos que possuem, devido a diversas razões, dentre as quais destacamos, financeiras, falta de acesso aos serviços públicos de saúde, submissão ao companheiro. Pierre Bourdieu (1999) estuda esse fenômeno

que denominou “dominação masculina”, ou seja, o exercício do poder realizado pelos homens sobre as mulheres. Desse modo, a docência, enquanto profissão, representada pela maioria pelo sexo feminino, torna-se fragilizada, pois as próprias professoras não a concebem como profissão, fator que também precisa ser discutido nos cursos de formação, tanto da Pedagogia como das demais licenciaturas.

É consenso que, ao abordar a sexualidade de maneira emancipatória no contexto escolar, é preciso formação e conhecimentos científicos por parte dos docentes, pois o conhecimento é algo sempre em construção e que pode possibilitar mudanças de atitudes e concepções nos envolvidos.

O viver em uma época de valores opostos, extremos faz com que as pessoas e mais enfaticamente crianças e jovens, tornem-se mais vulneráveis às artimanhas da violência e das desvantagens pessoais e sociais às quais são expostas. Dentre elas, o abuso sexual surge como uma das temáticas que deve ser de conhecimento pelo docente, tanto no papel de percepção quando ocorrida, como de orientação e prevenção, pois a própria legislação prevê a notificação compulsória por parte do educador (BRASIL, 1990).

A violência sexual praticada contra crianças e adolescentes, que envolve a pornografia, pedofilia e a prostituição, não pode ser vista de maneira simples e isolada, pois prescreve uma série de fatores que perpassam não somente conceitos, mas valores econômicos, sociais e culturais. Discutir sexualidade com crianças e adolescentes é fundamental, pois estes precisam estar preparados para lidar com as diversas situações de violência às quais são constantemente expostos, pois devem ser vistos como sujeitos de direitos.

Mesmo que ocorra indagações sobre a possibilidade de se abordar emancipatoriamente a sexualidade e seus temas correlatos nos currículos escolares, hoje esse deveria ser um discurso ultrapassado por diversas razões; dentre elas podemos destacar que temos documentos que referenciam o ensino da sexualidade, enfaticamente o PCN, como temática a ser contemplada na escola.

Outro fator não menos importante é que os meios de comunicação assolam de comentários, anúncios, informações sobre a temática da sexualidade, passando uma imagem com valores ideológicos que precisam ser discutidos e questionados, e hoje a escola é o espaço ideal para essa discussão, por ter alunos de idades próximas que se constituem em grupos também fora desse espaço, sem contar que a família, na maioria das vezes, não se sente preparada para essa abordagem pelo fato da falta de informações científicas e também a diferença geracional.

Compreendendo o currículo muito além do rol de disciplinas e conteúdos, pois envolve ações, preceitos, valores, atitudes e também o pedagógico que acontece no contexto escolar, o que se busca é que os docentes e discentes possam reconhecer a temática da sexualidade como algo inerente ao ser humano e também perceber que a sabedoria no cotidiano das escolas consiste em não apenas em convivermos com nossas semelhanças, mas trabalharmos com nossas diversidades valorizando as diferenças (PETRENAS, 2011).

Conhecimento tem relação direta com poder, e inevitavelmente proporcionar às crianças, adolescentes e jovens a amplitude de saberes sobre sexualidade, oferece condições de ir muito além do senso comum, de saberem fazer suas escolhas, cuidarem de seus corpos e inevitavelmente terem relações de amizade e companheirismo mais saudáveis e felizes.

### 5.9 A Constituição do XVI ENDIPE (2012) ao tratar da sexualidade e gênero

O XVI ENDIPE foi realizado na cidade de Campinas, interior de São Paulo, organizado a partir de três eixos temáticos e quatro subtemas relacionados ao eixo ao qual fazem parte.

A pesquisa dos trabalhos para análise foi realizada a partir da leitura detalhada do caderno de programação geral, que contou com simpósios, mesas-redondas, sessão de painéis e pôsteres. Os resumos e trabalhos completos foram, após alguns meses, enviados via correio eletrônico, sendo organizados em forma de três livros de acordo com o eixo temático proposto, sendo que cada livro possui um grupo de professores organizadores do material.

O ENDIPE 2012 apresentou 19 trabalhos para análise sobre a temática estudada, que são apresentados destacando seus respectivos eixos temáticos, pois em todos houve trabalhos sobre sexualidade e gênero.

**Tabela 28 – Dados referente ao XVI ENDIPE**

Local / Estado / Cidade	Campinas – São Paulo
Temática	“Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade”
Data	De 23 a 26 de julho de 2012
Comissão Organizadora	Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Alda Junqueira Marin (Presidente) - PUC SP Prof <sup>ª</sup> Dr <sup>ª</sup> Selma Garrido Pimenta (Vice-presidente) – USP – SP

Instituições Promotoras	<p>Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  Universidade de São Paulo ( USP)  Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ( PUCSP)  Universidade Estadual Paulista (UNESP)  Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)  Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP)  Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)  Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)  Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)</p>
Apoio	<p>Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)  Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)  Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)</p>
Números do Evento	<p>4 mesas redondas, 30 simpósios, 346 painéis, 457 pôsteres, uma sessão especial e uma sessão de encerramento</p>
Formato organizativo	<p>Sessão Especial, Mesas-Redondas, Simpósios, Painéis, Pôsteres</p>
Eixos temáticos	<p>Subtema 1.1- Currículo Interdisciplinar e Projeto Político-Pedagógico; escola de nove anos, escola em ciclos e a avaliação – desdobramentos para a Didática e para as Práticas de Ensino no cotidiano escolar.  Subtema 1.2. - Didática e Práticas de Ensino: diversidade cultural e desigualdade social e os impactos à Didática e às Práticas de Ensino no cotidiano escolar.  Subtema 1.3. - Didática e Práticas de Ensino e Temas da Contemporaneidade.  Subtema 1.4. – A Didática e as Práticas de Ensino: Diálogo de Saberes.  Eixo Temático2 - POLÍTICAS DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA de PROFESSORES  Subtema 2.1. - A Didática e as Práticas de Ensino como campos disciplinares na formação de professores.  Subtema 2.2. - A Didática e as Práticas de Ensino e as condições de trabalho Docente.  Subtema 2.3. – Programas de Formação de Professores: entre concepções, propostas e experiências.  Subtema 2.4. –Programas de Formação de Professores a Distância: entre concepções, propostas e experiências.  Eixo Temático 3 – DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO NA REALIDADE ESCOLAR CONTEMPORÂNEA: constatações, análises e proposições  Subtema 3.1. – Parceria público/privado nos sistemas de ensino: repercussões na qualidade do ensino e da aprendizagem.  Subtema 3.2. – Didática e Práticas de Ensino e as Tecnologias de Informação e Comunicação e seus impactos no cotidiano das práticas pedagógicas e de ensino.  Subtema 3.3. – Gestão da Escola, do Currículo, do Projeto Político-Pedagógico nos diferentes níveis de ensino: repercussões na qualidade do ensino e da aprendizagem.  Subtema 3.4. – Práticas Pedagógicas: propostas de melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.</p>

Fonte: Elaboração da autora.

Apresentaremos os trabalhos que serão analisados e discutidos nesse ano, proporcionando na tabela dados relevantes para uma visão inicial e geral.

**Tabela 29**–Trabalhos apresentados no XVI ENDIPE sobre as temáticas abordadas

Título	Autor (es)	Universidade, faculdade	Palavras-chave	Tipo de apresentação	Trabalho completo ou resumo	Eixo
1.1) Corpo, Gênero e Sexualidade :das práticas de formação às práticas escolares cotidianas	<b>André Luiz Sena Mariano</b>	<b>Universidade Federal de Alfenas</b>	<b>Formação docente, gênero e sexualidade, corpo, práticas cotidianas</b>	<b>Painel Práticas pedagógicas e qualidade do ensino : articulações entre gênero, raça e inclusão (observação somente um trabalho trata da sexualidade / gênero )</b>	<b>Resumo/ texto completo</b>	Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula
2.1) Relações de Gênero na Prática Pedagógica	<b>Raimunda Nonata da Silva Machado</b>	<b>UFMA</b>	<b>Gênero, Práticas discursivas, práticas pedagógicas</b>	<b>Painel Leitura, gênero e sexualidade : inferências e desafios nas práticas de ensino contemporâneas (observação somente dois trabalhos tratam da sexualidade / gênero )</b>	<b>Resumo/ texto completo</b>	Eixo 3 – Didática e práticas de ensino na realidade escolar contemporânea : constatações, Análises e proposições
2.2) Sexualidade e Educação Sexual nas Práticas Educativas: entre travessões e reticências	<b>Sirlene Mota Pinheiro Silva</b>	<b>UFMA</b>	<b>Prática educativa, Sexualidade, Educação sexual</b>	<b>Painel Leitura, gênero e sexualidade : inferências e desafios nas práticas de ensino contemporâneas (observação somente dois trabalhos tratam da sexualidade / gênero )</b>	<b>Resumo/ texto completo</b>	Eixo 3 – Didática e práticas de ensino na realidade escolar contemporânea : constatações, Análises e proposições
3.1) Dialogando	<b>Virginia</b>	<b>Sem</b>	<b>Educação</b>	<b>Painel</b>	<b>Resumo/</b>	Eixo 2 –

com Educadores da Infância sobre Gênero e Sexualidade	<b>Georg Schindhel</b>	<b>identificação precisa</b>	<b>infantil, Formação continuada, Gênero e Sexualidade</b>	<b>Ambiente, choro e sexualidade dos pequenos na creche: experiências de pesquisas – intervenção na formação continuada (observação somente um trabalhos tratam da sexualidade / gênero )</b>	<b>texto completo</b>	<b>Políticas de formação inicial e continuada de professores</b>
4.1) Orientação Sexual na Prática de Ensino de Biologia : sexualidade e relações de gênero no estágio curricular	<b>Cristiane Souza de Menezes</b>	<b>UFPE/UFPB</b>	<b>Estagio Curricular, Orientação sexual, Gênero, Sexualidade</b>	<b>PainelPráticas de ensino : gênero e sexualidade em debate</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	<b>Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula</b>
4.2)Sexualidade Responsabilidade e nas Tramas Sociais : os desafios da juventude	<b>Isabelle de Luna Alencar Noronha; Maria Isa Pinheiro Cardoso Gonçalves</b>	<b>URCA/ UFPB</b>	<b>Juventude, Sexualidade, Ensino, Planejamento participativo</b>	<b>Painel Práticas de ensino : gênero e sexualidade em debate</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	<b>Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula</b>
4.3) Práticas de Ensino em Projetos de Licenciatura: a favor da equidade de gênero	<b>Rita Cristiana Barbosa</b>	<b>UFPB</b>	<b>Gênero, Educação, Ensino, Equidade</b>	<b>Painel Práticas de ensino : gênero e sexualidade em debate</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	<b>Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula</b>
5.1) Identidades de Gênero e Masculinidade : quando a norma é colocada em questão	<b>Paulo Melgaço da Silva Junior</b>	<b>UFRJ</b>	<b>Masculinidades , Identidades de gênero, Escola</b>	<b>Painel Identidades sexuais, gênero, famílias e masculinidades nos cotidianos escolares</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	<b>Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula</b>
5.2)Diversidade Sexual na	<b>Antonio José</b>	<b>UCP</b>	<b>Multiculturalismo, Currículo ,</b>	<b>Painel Identidades</b>	<b>Resumo/texto</b>	<b>Eixo 1- Políticas</b>

Escola : rumos , possibilidade e desafios	<b>Pereira Morais</b>		<b>Orientação sexual, Sexualidade Humana</b>	<b>sexuais, gênero, famílias e masculinidades nos cotidianos escolares</b>	<b>completo</b>	educacionais e impactos na escola e na sala de aula
5.3) “ Oh Tio, Pra que Tem Essa Regra?” _ Sobre Famílias Brincadeiras de Meninos e de Meninas	<b>Leonardo Ferreira Peixoto</b>	<b>UCP</b>	<b>Famílias, Gênero, Crianças, Brincadeiras Ensino Fundamental</b>	<b>Painel Identidades sexuais, gênero, famílias e masculinidades nos cotidianos escolares</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula
6- Concepções de gênero de futuros/as professores/as de ciências e biologia a partir do vídeo boneca na mochila	<b>Sandro Prado Santos</b>	<b>FACIP/UFU</b>	<b>Relações de Genro, Boneca Mochila, Formação Docente</b>	<b>Pôster</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula
7-Reflexos de políticas de gênero e sexualidade na pratica pedagógica de professores de Ciências	<b>Zilene Moreira Pereira</b>	<b>Instituto Oswaldo Cruz (Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde )</b>	<b>Genro, Sexualidade, Ensino de Ciências, Formação de Professores</b>	<b>Pôster</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula
8- As Questões da Sexualidade e Educação/Orientação Sexual: reflexões a partir dos Encontros Nacionais de Didática e Prática de Ensino (1996-2012)	<b>Rita de Cássia Petrenas,; Sueli Aparecida Itman Monteiro</b>	<b>UNESP _ Araraquara</b>	<b>Sexualidade, Estado da Arte, ENDIPE</b>	<b>Pôster</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula
9- Educação Física Escolar e as Relações Raciais e de Gênero:uma relação possível	<b>Luciano Nascimento Corsino</b>	<b>USP / Prefeitura de São Paulo/ Rede Estadual de São Paulo</b>	<b>Educação Física escolar, Política Educacional, Relações de Gênero, Relações Raciais</b>	<b>Pôster</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula
10- Por entre “Corcundas”, Ciganas, Sinos e a Invenção do Sujeito Homossexual	<b>Marlyson Junio Alvarenga Pereira</b>	<b>Universidad e Federal de Lavras</b>	<b>Homossexualidade, Heteronormatividade, Monstro, Desconstrução,</b>	<b>Pôster</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola

			<b>Escola</b>			e na sala de aula
11- Afetividade e Sexualidade: dois aspectos em discussão	<b>Amanda Costa Camizão;</b> <b>Patrícia Moreira Muniz Rosa;</b> <b>Sonia Lopes Victor</b>	<b>Universidade Federal do Espírito Santo</b>	<b>Infância, Afetividade, Sexualidade</b>	<b>Pôster</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula
12- Gênero e Sexualidade na Pesquisa na Área de Ensino Análise da Produção Acadêmica	<b>Zilene Moreira Pereira</b>	<b>Instituto Oswaldo Cruz (Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde )</b>	<b>Gênero, Sexualidade, Ensino de ciências</b>	<b>Pôster</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	Eixo 3 – Didática e práticas de ensino na realidade escolar contemporânea : constatações, Análises e proposições
13- Relações de Gênero no Cotidiano das Práticas Formativas de Cursos de Engenharia Elétrica e Mecânica	<b>Thatian e Santos Ruas;</b> <b>José Ângelo Gariglio</b>	<b>CEFET - MG/UFMG</b>	-----	<b>Pôster</b>	<b>Texto completo</b>	Eixo 1- Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula
14- O Gênero nas Aulas de Educação Física : uma Análise a partir do Handebol e do Futsal	<b>Fernanda Bianchini Cezar;</b> <b>Lílian Aparecida Ferreira</b>	<b>Rede Estadual de Ensino de Louveira – SP/UNESP Bauru</b>	<b>Genro, Educação Física, Ensino dos esportes, Handebol e Futsal</b>	<b>Pôster</b>	<b>Resumo/texto completo</b>	Eixo 3 – Didática e práticas de ensino na realidade escolar contemporânea : constatações, Análises e proposições

Fonte: Elaboração da autora.

### **5.9.1 As temáticas da sexualidade e gênero enquanto elementos constitutivos das pesquisas**

O número considerável de trabalhos apresentados no XVI ENDIPE, apesar de ter ocorrido um decréscimo em relação aos últimos dois congressos, novamente apresentam a formação docente enquanto elemento constitutivo e capaz de proporcionar mudanças significativas no contexto escolar. As abordagens sinalizam especificidades variadas e atreladas à formação docente, dentre as quais podemos destacar a diversidade sexual no contexto escolar, as relações de gênero, o currículo escolar, sexualidade e cidadania, dentre outras.

Assim, apresentamos a síntese dos trabalhos do XVI ENDIPE, possibilitando o conhecimento mais detalhado das temáticas abordadas.

O trabalho intitulado **Corpo, Gênero e Sexualidade: das práticas de formação às práticas escolares cotidianas** (MARIANO, 2012) tem como objetivo apresentar a ausência / presença das discussões sobre sexualidade, identidade sexual, corpo e gênero na formação docente na contemporaneidade ou Pós-Modernidade. O autor constata que a lógica da formação docente não permite um trabalho que problematize as sexualidades e os corpos inscritos como dispositivos históricos e culturais, pois o modelo de racionalidade moderna dos cursos de formação inicial somente educa a mente, separando-a do corpo, o que conseqüentemente ocorre da mesma forma com os alunos em sala de aula.

Dentre as considerações do autor se destacam o quanto o sexo masculino que escolhe trabalhar na educação infantil é visto como identidade sexual anormal, desviante, homossexual e pedófilo. Assim, a formação docente deve ser revista, tratando das questões em torno do corpo concebido como dispositivo histórico e cultural.

**Relações de Gênero na Prática Pedagógica** (MACHADO, 2012) é resultado da dissertação de mestrado em Ciências Sociais tendo como objetivo principal analisar a construção dos significados de gênero nas práticas pedagógicas das atividades escolares coletivas, engendrando experiências por meio da linguagem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa através de fontes iconográficas, entrevistas abertas e observação de práticas coletivas escolares de uma rede municipal, tendo a abordagem pós-estruturalista como referencial.

A autora aborda gênero e negritude vivenciados na escola através das datas comemorativas, feiras científicas e outros projetos educativos num período de 2004 a 2007,

pois envolvem toda a escola tendo a intenção de dialogar com a comunidade, sendo momentos privilegiados pela equipe pedagógica para positivar coletivamente a história e a cultura negra.

Dentre as considerações do trabalho a autora destaca que a prática pedagógica é essencialista com as diferenças sexuais, baseada na heterossexualidade e no patriarcalismo, considerando os atributos de feminilidade e masculinidade impostos pela sociedade como naturais. Além de que, os professores se preocupam muito mais com questões raciais, uma vez que as questões de discriminação em torno do gênero não estão explícitas no currículo, e inevitavelmente não são propostas no Projeto Político Pedagógico de cada escola.

O texto **Sexualidade e Educação Sexual nas Práticas Educativas: entre travessões e reticências** (SILVA, 2012) apresenta a influência da sexualidade na prática educativa da professora no espaço escolar. Trata-se de uma pesquisa de mestrado em educação, tendo como aporte teórico Michel Foucault e as relações de poder/ disciplinamento, realizando entrevistas com professoras, especialista e coordenadoras de uma escola pública e uma escola confessional privada de São Luís do Maranhão. A pesquisa tem como objetivo analisar questões da sexualidade, especialmente da mulher, com ênfase nas representações de professores sobre a sexualidade, destacando no espaço de trabalho os mecanismos de controle social e os discurso de verdade.

A autora constata que as escolas que abordam a temática da sexualidade, o biológico (genital e higiênica) se sobrepõem ao cultural, além de que há um caráter de controle em relação ao sexo, tendo atitudes de vigilância e puritanismo. Assim, a sexualidade entra no campo dos “interditos”, jogos de poder, além de que nas propostas curriculares não há inserção da temática reforçando a negação. Apesar da orientação sexual, proposta pelos PCN, estar há mais de dez anos instituída, ainda pouco se aborda sobre a temática e quando discutida tem caráter biológico e repressor, portanto, é preciso formação docente.

O trabalho intitulado **Dialogando com Educadores da Infância sobre Gênero e Sexualidade** (SCHINDHELM, 2012) trata de uma pesquisa de doutorado em duas creches institucionais do Estado do Rio de Janeiro, tendo como objetivos o que pensam e sabem os docentes sobre sexualidade e gênero das crianças e como lidam com as experiências vivenciadas sobre temas do dia-a-dia escolar em torno das temáticas sexualidade e gênero. A pesquisa contou com observação participante, registro de informações, livros e narrativas das crianças e educadores, análise bibliográfica sobre infância/sexualidade/gênero, entrevista com os docentes.

Dentre os resultados apontados se destaca o silenciamento docente acerca da temática, com experiências problemáticas diante do ocorrido, incertezas, singularidades e conflitos de valores. Os relatos dos educadores são carregados de angústias e constrangimentos sobre o sexual, apresentando desconhecimento da equipe pedagógica para trabalhar com gênero e sexualidade infantil. O professor apresenta um olhar “panóptico” diante da sexualidade, em que as crianças são vistas como assexuadas. Os educadores precisam ser vistos como seres psicossociais, com identidades pessoais e profissionais, processo social e intersubjetivo; a formação envolve um trabalho contínuo e não somente questões e momentos pontuais e ações afirmativas, pois é preciso envolvimento e melhoria propondo valores e atitudes.

**Orientação Sexual na Prática de Ensino de Biologia: sexualidade e relações de gênero no estágio curricular** (MENEZES, 2012) é um trabalho que tem como objetivo investigar como a orientação sexual tem sido trabalhada no estágio da disciplina prática de ensino de biologia; trata-se de uma pesquisa em andamento, através da análise documental do estudo de treze relatórios de estágios elaborados no ano de 2011 por alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma universidade pública da região nordeste do país.

Dentre os apontamentos destacados pela autora, a sexualidade está relacionada ao aspecto biológico, com ênfase na reprodução e saúde, não considerando a produção social e histórica da sexualidade, pois mesmo com a formação em andamento, os estudantes tendem a conceber gênero e sexualidade não como construção social, mas pelo viés biologizante, higienista e disciplinador.

O texto **Sexualidade Responsabilidade nas Tramas Sociais: os desafios da juventude** (NORONHA; GONÇALVES, 2012) aponta que professores que trabalham com jovens na faixa etária entre 18 e 29 anos são obrigados a abordar a sexualidade e gênero, pois estão expostos no currículo oficial e no currículo vivo das escolas e das salas de aula. A pesquisa investiga alguns jovens que participam do Programa Nacional de Jovens (PROJOVEM) Urbano entre 2009 e 2010, jovens em situações de vulnerabilidade. Para as autoras, a sexualidade e responsabilidade são trazidas para a sala de aula como parte da vida e objeto de estudo.

As autoras apontam que a temática da droga e da sexualidade sempre são levadas a debate, pois fazem parte da vida cotidiana dos alunos, levando-os muitas vezes a deixarem as aulas. Os professores não sabem trabalhar de maneira transdisciplinar, pois a formação ainda é cartesiana. Os temas transversais bem trabalhados no contexto das aulas podem mudar a vida dos jovens de maneira positiva.

O trabalho intitulado **Práticas de Ensino em Projetos de Licenciatura: a favor da equidade de gênero** (BARBOSA, 2012) reflete três projetos de apoio realizados pela licenciatura da Universidade Federal da Paraíba em dois municípios do estado, sendo um projeto com estudantes do ensino superior e ensino médio, outro com alunos dos anos finais do ensino fundamental, tendo abordagem das temáticas diversidade, cultura, gênero, sexualidade, violência sexual, sexismo e *bullying*.

Tem como aporte teórico os Estudos Culturais, pois aborda que a cultura é mediadora dos processos de produção comunicativa e educativa. Dentre as considerações aponta-se a importância dos programas acadêmicos de licenciaturas para melhorar a formação inicial dos estudantes, pois é uma forma do currículo envolver a sociedade. Reestruturar o currículo escolar é fator fundamental, sob o olhar humanístico repensar as disciplinas, pois relações de gênero é terreno conflituoso e de poder, e conseqüentemente, difícil desconstruir valores arraigados.

**Identidades de Gênero e Masculinidade: quando a norma é colocada em questão** (SILVA JUNIOR, 2012) trata de uma pesquisa realizada com alunos, de ambos os sexos, dos 5º anos do ensino fundamental de uma escola da periferia de Duque de Caxias (RJ), investigando como constroem suas identidades de gênero e masculinidades e como essas identidades são vivenciadas no ambiente escolar. Tendo como campo teórico os Estudos Culturais, estudos de gênero e a Teoria Queer, o trabalho partiu da discussão das diferenças e relações de poder: porque homem pode e mulher não pode?

Dentre as considerações se pode perceber que no contexto escolar a masculinidade é hegemônica, há necessidade e até imposições para que ocorra um silenciamento da sexualidade e da homossexualidade no contexto escolar, mas esse fato pode provocar maiores interpretações, pré-conceitos, vendo o outro como anormal ou errado.

O trabalho intitulado **Diversidade Sexual na Escola: rumos, possibilidade e desafios** (MORAIS, 2012) tem como campo de pesquisa a orientação sexual e como referencial teórico os Estudos Culturais, gênero e o multiculturalismo. A pesquisa foi realizada em uma escola pública do Rio de Janeiro de ensino médio, tendo como objetivo principal da pesquisa compreender como uma escola trabalha a orientação sexual no seu cotidiano, bem como identificar possibilidades e limites para esse trabalho.

A pesquisa mostrou que a escola convida pessoas de fora do universo escolar para falar da sexualidade e essa prática é pouco eficaz, pois é preciso trabalhar com orientação sexual não somente em momentos pontuais. Assim, dentre os resultados é possível constatar que as relações escolares apresentam facetas obscurecidas quanto às relações de corpo,

gênero, e sexualidade. O professor possui desconhecimento, e as ações docentes reforçam os estereótipos sexistas, é preciso não culpabilizar os docentes, pois as crenças estão arraigadas na sociedade, questões de gênero e sexualidade fazem parte do currículo oculto.

**“Oh Tio, Pra que Tem Essa Regra? “- Sobre Famílias, Brincadeiras de Meninos e de Meninas** (PEIXOTO, 2012) é uma pesquisa que tem como objetivo compreender possibilidades e limites no desenrolar de práticas que considerem as questões referentes aos gêneros e pluralidade de arranjos familiares com uma turma de série inicial do ensino fundamental de escola pública do Rio de Janeiro (6 e 8 anos de idade).

De início o trabalho aponta com a autobiografia fazendo relações com a homossexualidade. Através da proposta de oficinas tem como objetivo verificar como na escola a possibilidade de ser menino e menina pode ser valorizada, pois no espaço escolar a sexualidade é tratada como algo destinado ao privado. Dentre as contribuições do trabalho se percebe que é possível realizar oficinas com crianças para discutir sexualidade e gênero, não desconsiderando a faixa etária, sendo possível essa inserção no currículo.

O texto **Concepções de Gênero de Futuros/as Professores/as de Ciências e Biologia a partir do Vídeo Boneca na Mochila** (SANTOS, 2012) surgiu a partir de um curso de formação de professores de Ciências e Biologia com o vídeo Boneca na Mochila (Produção do Instituto ECOS Comunicação em Sexualidade), tendo como proposta continuar a história apresentada no vídeo. Assim, o objetivo principal da pesquisa é, por meio de narrativas, identificar concepções de gênero.

Participaram da proposta final da pesquisa treze futuros professores de Ciências e Biologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Dentre as considerações apresentadas destaca-se que os professores temem que meninos assumam a identidade de gênero diferente da norma padrão, demonstrando concepções de homofobia e misoginia. Para o professor, o que sai do “considerado” normal se torna desviante; assim, a masculinidade infantil é o passaporte para a masculinidade adulta, possíveis transgressões devem ser combatidas e vigiadas, havendo nítida necessidade de discussão da temática de gênero na formação docente.

O trabalho intitulado **Reflexos de Políticas de Gênero e Sexualidade na Prática Pedagógica de Professores de Ciências** (PEREIRA, 2012) tem como objetivo analisar a influência do curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) na prática de professores de Ciências do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Trata-se de uma pesquisa em andamento, com trinta professores divididos em três grupos (10 professores que realizaram o curso, 10

professores que realizaram o curso e outra especialização sobre o tema e 10 professores que não realizaram nenhum curso ou capacitação sobre a temática).

Por ser uma pesquisa em andamento poucos são os dados possíveis de serem apontados, mas dentre eles a autora destaca que entre os professores que não realizaram o curso GDE há um desconhecimento do conceito de gênero e dentre os professores que realizaram o curso apresentam compreensão da temática satisfatória. Assim, a formação faz a diferença.

**As Questões da Sexualidade e Educação/Orientação Sexual: reflexões a partir dos Encontros Nacionais de Didática e Prática de Ensino (1996- 2012)** (PETRENAS; MONTEIRO, 2012) faz parte de um projeto de doutorado que tem como objetivo analisar os trabalhos do ENDIPE no período de 1996 a 2012, referente à temática sexualidade, educação/orientação sexual, bem como o impacto do tema no cotidiano escolar e na formação docente. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, através da elaboração do Estado da Arte, tendo o ENDIPE como *locus* de pesquisa, pois se apresenta como movimento de profissionais e pesquisadores que atuam nas diversas áreas de conhecimento educacional, tendo caráter interdisciplinar.

Apesar de ser uma pesquisa em andamento, alguns dados são possíveis de serem verificados, dentre eles que a discussão da temática da sexualidade vem aumentando nos Congressos ENDIPE e, conseqüentemente no contexto escolar, pois as questões pedagógicas, didáticas e curriculares estão pautadas no processo formativo do educador adentrando pela temática da sexualidade.

O texto **Educação Física Escolar e as Relações Raciais e de Gênero: uma relação possível** (CORSINO, 2012) trata de uma pesquisa realizada em escola pública de São Paulo, do tipo etnográfica, tendo como objetivo verificar como são as relações de gênero nas aulas de educação física, verificando as hierarquias nas aulas e como os professores lidam com os alunos, havendo diferenças entre meninos e meninas, pois turmas mistas não garantem o término da hierarquização, tanto de gênero como de raça.

Dentre as constatações apontadas pelo autor, destaca-se que continuam as divisões das turmas nas quadras, muito pouco da proposta oficial curricular é trabalhado, pois a utilização do currículo oficial poderia contribuir para diversificação de conteúdos, a relevância das relações étnico-raciais e gênero, pois o currículo oferece temas como danças regionais, capoeira e outros elementos que se relacionam diretamente com estas categorias sociais.

O trabalho intitulado **Por entre “Corcundas”, Ciganas, Sinos e a Invenção do Sujeito Homossexual** (PEREIRA, 2012) apresenta a problematização do sujeito histórico-homossexual, tendo o estigma de “monstro”, recorrendo aos romances de Victor Hugo e José Saramago, além das experiências do autor enquanto professor. Utilizando o referencial teórico Pós- Estruturalista, o autor coloca em discussão a heteronormatividade e a escola que precisa aprender a se relacionar com as diferenças.

Dentre as contribuições, o texto apresenta a importância da escola desconstruir padrões tidos como “normais”, proclamar uma escola realmente para todos, pois o contexto escolar compreende que a homossexualidade é o limite que estabelece as diferenças.

**Afetividade e Sexualidade: dois aspectos em discussão** (CAMIZÃO; ROSA; VICTOR, 2012) trata da criança com deficiência, abordando integralmente os aspectos da afetividade e sexualidade, tendo como foco olhar para infância e não para seu comprometimento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, tendo como abordagem a concepção histórico-cultural fundamentada em Vygotsky e Wallon. As autoras entendem que é complexo para os docentes tratar da sexualidade com crianças com deficiência, além de que a criança deficiente traz o estigma da “sexualidade aflorada” .

Dentre as contribuições da pesquisa se destaca a criança com deficiência sair da invisibilidade e o professor compreender a sexualidade do aluno deficiente, tendo, para tanto, informações sobre o assunto.

O texto **Gênero e Sexualidade na Pesquisa na Área de Ensino Análise da Produção Acadêmica** (PEREIRA, 2012) aborda que gênero é discutido na área da educação e raras são as pesquisas na área de ensino; assim, a pesquisa trata de uma revisão bibliográfica sobre gênero e sexualidade na área de ensino, analisando quarenta artigos em treze periódicos, entre janeiro de 2006 a dezembro de 2011.

A autora apresentou várias constatações, dentre elas podemos destacar que a maior parte dos trabalhos são da região sudeste e sul, a área de conhecimento é a educação, seguido do ensino de ciências. Os trabalhos podem ser abordados em quatro eixos temáticos: características/ concepções de professores e alunos; práticas educativas; gênero e educação e políticas públicas nas produções acadêmicas. Dos quarenta trabalhos analisados, somente sete tratam de experiências de ensino desenvolvidas em contextos formais e não-formais envolvendo os temas sexualidade e educação sexual, sendo que os participantes da pesquisa tendem a associar a sexualidade à prevenção de DSTs e gravidez indesejada<sup>34</sup>. Ocorre uma

---

<sup>34</sup>A autora do texto utiliza o termo gravidez indesejada, e portanto decidimos manter da mesma forma que no trabalho original, apesar de, na atualidade, o mais correto seja gravidez precoce.

rejeição ao comportamento homossexual e a heterossexualidade prevalece como forma legítima de manifestação sexual, mas a pedagogia e a biologia apresentam tolerância à homossexualidade para não ter o rótulo de preconceito. A formação dos docentes é incompleta, tendo visão ingênua, propondo a inclusão de estudos de gênero e educação sexual nos cursos de formação docente, pois a prática pedagógica ainda carrega um viés biológico.

**Relações de Gênero no Cotidiano das Práticas Formativas de Cursos de Engenharia Elétrica e Mecânica** (RUAS; GARÍLIO, 2012) apresenta uma pesquisa de mestrado em educação tecnológica, tendo como objetivo principal analisar as formas de construção e (re) produção das relações de gênero veiculadas em documentos e práticas experimentadas por alunos, professores e gestores no interior de curso de ensino superior nas engenharias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo três instrumentos diferentes de coleta de dados: entrevistas com alunos, professores e gestores da engenharia elétrica e mecânica, análise documental e observação das aulas.

O autor e a autora destacam que os professores que trabalham disciplinas técnicas desconsideram a possibilidade de tratar a temática de gênero em suas disciplinas, pois para os professores entrevistados questões sociais devem se desvencilhar da formação escolar. Afirmam o universo masculino da instituição pesquisada desde o ensino profissional técnico até o ensino superior, constatando a reprodução de desigualdades entre os gêneros, fruto de contextos sociais e culturais, ocorre, assim, uma reprodução das desigualdades sociais de gênero na engenharia.

O texto **O Gênero nas Aulas de Educação Física: uma análise a partir do handebol e do futsal** (CEZAR; FERREIRA, 2012) apresenta uma pesquisa que tem como objetivo analisar a questão de gênero de uma turma de 5º ano durante as aulas de educação física nas quais foram desenvolvidas os conteúdos de *futsal* e *handebol*. As autoras descrevem o trabalho como pesquisa ação colaborativa, havendo a filmagem diária.

Dentre a análise dos dados observa-se que as questões de gênero surgiram em todas as aulas; dentre as constatações, os meninos se organizam sozinhos, enquanto as meninas esperavam a orientação docente. O número total de ações das meninas no *futsal* ainda é bem pequeno, comparada aos meninos, o espaço da quadra ainda é majoritariamente masculino, assim não há condições iguais para meninos e meninas nas aulas de educação física. Os processos nas aulas de educação física podem ser reconstruídos, as ações na aula precisam se aproximar da igualdade entre os sexos, novas reconfigurações corporais acerca da questão de gênero. O professor precisa dar oportunidades iguais para um cenário nutrido pela exclusão.

### 5.9.2 Conhecimentos e práticas referentes às temáticas sexualidade e gênero

Após as leituras dos trabalhos, para a realização da análise de conteúdo temático nos detivemos com maior intensidade nas considerações finais, para que possamos inferir as categorias: Gênero; Formação Docente; Sexualidade/ Educação Sexual, e suas respectivas subcategorias para posterior comentários e análises.

Destacamos que as categorias e subcategorias, novamente, foram basicamente as mesmas apresentadas nas análises dos ENDIPE anteriores, com poucas diferenças de sistematização, reforçando a integração e as relações do evento, bem como da temática sexualidade e gênero abordada no decorrer dos anos de estudo que nos propusemos a realizar. Apresentaremos a análise de conteúdo, modalidade temática do XVI ENDPE.

**Tabela 30 – Análise temática: assuntos mais significativos nas considerações dos trabalhos do XVI ENDIPE**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
<b>Gênero</b>	<b>Movimento racial/ hierarquias</b>	<b>20</b>
	<b>Construção social/identidade</b>	<b>21</b>
	<b>Currículo / Multiculturalismo</b>	<b>65</b>
	<b>Diversidade sexual</b>	<b>76</b>
<b>Formação Docente</b>	<b>Ressignificação/ desconhecimento</b>	<b>41</b>
	<b>Prática Pedagógica/ Educação Sexual</b>	<b>114</b>
<b>Sexualidade/Educação Sexual</b>	<b>Repressão</b>	<b>14</b>
	<b>Cidadania / gênero/Preconceito</b>	<b>50</b>

Fonte: Elaboração da autora.

Através da análise dos trabalhos foi possível encontrar três categorias e suas subcategorias que estão interligadas, pois destacamos que algumas categorias foram apontadas em mais de uma inferência, enfatizamos que todas as categorias haviam sido apontadas em ENDIPE anteriores.

As questões em torno de gênero, mais uma vez, referenciam os trabalhos, pois aspectos da discriminação, homofobia, misoginia são destacados, apresentando que pouco se

faz para que a temática gênero seja vista enquanto construção social. A escola é concebida enquanto espaço de preconceitos, diante de valores que proclamam a identidade dos profissionais. Consequentemente, o preconceito é verbalizado nos trabalhos apresentados, fato muitas vezes velado nos ENDIPE anteriores, demonstrando que vem ocorrendo modificações nas concepções em torno de assumir propriamente as diferenças, pois os docentes, principais participantes das pesquisas, muitas vezes, expressam a suas inseguranças e temores diante da abordagem da sexualidade no contexto escolar.

A temática de gênero é abordada associada a movimentos raciais e a propostas de ações afirmativas, pois visa o combate a toda forma de discriminação. É dever do Estado garantir, indistintamente, por meio da educação, direitos iguais a todos os cidadãos para seu pleno desenvolvimento enquanto pessoa, cidadão ou profissional. Pois é preciso reconhecer, valorizar e questionar relações baseadas no preconceito e desqualificação.

Em pleno século XXI precisamos propor ações afirmativas, pois se pautam no conceito de que não é suficiente que o Estado não discrimine em função do processo histórico de segregação e exclusão, mas pertence a essa instituição a missão de promover ações específicas nos diferentes setores da sociedade, a fim de reduzir as desigualdades; podemos conceder que as políticas de gênero se instaurem nessa lógica, mas é preciso o conhecimento e conscientização da sociedade.

Hoje, devido ao momento atual de expressão de liberdade e abertura para declaração das diversas formas de orientações sexuais, a diversidade sexual é presente em todos os contextos sociais, sendo que a pessoa clama por afirmar e expressar sua identidade. Poucos trabalhos do XVI ENDIPE abordam especificamente a Teoria Queer, proposta que poderia ser mais explorada, inclusive para maior conhecimento dos participantes do evento, pois, essa Teoria está associada às minorias, *gays*, lésbicas, homossexuais, compreendida enquanto uma proposta de questionamento, de contradição

[...] queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. [...].Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização [...]. (LOURO, 2001, p. 546).

A significação da própria identidade sexual seria a forma de organização do currículo, fundado na vertente pós-estruturalista, a Teoria Queer vai problematizar o considerado hegemônico, questionar os antagonismos, propor a diferença ou não o aceito.

A comunidade escolar não pode ficar alheia à questão da diversidade sexual, pois estamos diante de diferentes arranjos familiares, diversas formas de vestir e de se expressar, mesmo no espaço escolar também os/as docentes e funcionários/as possuem suas singularidades e opções, que podem ou não ser diferentes das formas concebidas como as tradicionais. Esses temas geram inevitavelmente motivo para curiosidades, discussões, dúvidas, pois segundo Altmann (2001), o tema da sexualidade está na “ordem do dia” no contexto escolar,

Presente em diversos espaços escolares, ultrapassa fronteiras disciplinares e de gênero, permeia conversas entre meninos e meninas e é assunto a ser abordado na sala de aula pelos diferentes especialistas da escola; é tema de capítulos de livros didáticos, bem como de músicas, danças e brincadeiras que animam recreios e festas.(ALTMANN, 2001, p.575).

A escola sempre tem fator relevante no papel de educadora sexual, desde a mais tenra idade, pois contribui substancialmente para a construção de valores e hábitos, inclusive propondo que os/as alunos/as disseminem suas ideias e concepções, seja o grupo de crianças, adolescentes ou jovens, torna-se o elo articulador de várias propostas e ações, pois conforme afirma Louro(2010, p.18-19)

[...] possivelmente, as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situação do dia a dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual.

O currículo escolar tem muito a contribuir para as transformações escolares e sociais, currículo esse que precisa ser uma práxis constante na dinâmica das salas de aula, dos pátios dos corredores escolares, pois não pode ser concebido como algo pronto, acabado. Desse modo, pode assegurar espaços para a inserção das temáticas da sexualidade e gênero no contexto escolar, rompendo com concepções arraigadas e que muitas vezes, como nos apresentam os trabalhos, estão envoltas em enfoques biologizantes e práticas sexistas.

Os trabalhos, assim, sinalizam para a defesa do Multiculturalismo, empregado no sentido de muito mais que a tolerância ao outro, mas a valorização e reconhecimento da pessoa enquanto constitutiva da sociedade. Nessa vertente a escola será espaço para a contradição e as contribuições das diferentes culturas, valores, ritos, concepções, credos. Desse modo,

[...] a questão central para as educadoras críticas é desenvolver um currículo e uma pedagogia multicultural que se preocupem com a especificidade (em termos de raça, classe, gênero, orientação sexual, etc.) da diferença [...] mas que ainda, ao mesmo tempo, remetam-se à comunidade dos outros sob uma lei que diga respeito aos referentes que orientem para a liberdade e para a libertação [...]. (MCLAREM, 1997, p.70-71).

Logo, é preciso para gestores/ras e professores/ras formação e informação, que se torne conhecimento difundido em práticas e ações no dia a dia da escola, pois nesse ambiente todos podem educar, e os líderes bem formados fazem a diferença. Os textos apresentados no ENDIPE apontam que hoje temos iniciativas pontuais sobre a educação sexual, dentre elas o curso Gênero e Diversidade na Escola (GÊNERO, 2009), os documentos oficiais “Brasil sem Homofobia” (BRASIL, 2004), o próprio PCN através dos temas transversais (BRASIL, 1998b, 2001) e o Referencial Curricular da Educação Infantil (1998a) dentre outros que subsidiam o trabalho docente.

Em contrapartida, é preciso que tanto documentos oficiais como informações científicas sejam trabalhados desde os anos de formação nas licenciaturas, pois é preciso conscientização e assimilação de que a educação sexual é importante na formação do cidadão. Caso contrário teremos somente momentos estanques de informações sem conhecimento consolidado, além de que haverá reprodução de conteúdos sem questionamento e continuaremos em nossas escolas, nos diversos níveis de ensino, realizando como nos apontam os trabalhos do XVI ENDIPE, uma educação sexual biologizante, preconceituosa e repressora, distante da tão sonhada emancipação do ser humano.

### **5.10 Indícios do XVII ENDIPE (2014) ao tratar da sexualidade e gênero**

Conforme destacamos anteriormente, sobre o XVII ENDIPE serão apresentados dados que foram obtidos no *site* do evento e também através do material entregue no próprio congresso.

Apontaremos os trabalhos que foram possíveis eleger para posterior análise, pois a partir do momento que serão disponibilizados os textos completos pretendemos produzir um artigo e desse modo não descartamos a possibilidade de termos outros trabalhos além dos apresentados na tabela 31. A modalidade painel foi organizada a partir de um resumo geral que contemplasse os três textos de determinado painel, bem como um título<sup>35</sup>. Sugerimos que para próximos eventos ao menos todos os títulos dos trabalhos dos painéis sejam descritos no caderno de programação, pois além de favorecer a pesquisa também se torna mais adequado para os participantes assistirem as apresentações dos trabalhos.

O XVII ENDIPE teve grande participação de pesquisadores, sendo que, na sessão de encerramento, o Diretor do Centro de Educação, Professor José Albio Moreira de Sales, proferiu os agradecimentos pertinentes e também destacou o descontentamento com a falta de apoio financeiro do Banco do Nordeste e do CNPQ, fato relevante pois se trata de um evento de grande valor acadêmico, científico e pedagógico.

Na sessão de encerramento, após deixar aberto para candidatos sediarem o próximo ENDIPE, decidiu-se que em 2016 o evento será realizado em Cuiabá, iniciativa do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia.

A seguir serão apresentados os dados do evento:

**Tabela 31 – Dados referentes ao XVII ENDIPE**

Local / Estado / Cidade	Fortaleza – Ceará
Temática	<b>“ A Didática e a Prática de Ensino nas Relações entre Escola, Formação de Professores e Sociedade”</b>
Data	<b>De 11 a 14 de novembro de 2014</b>
Coordenação Geral	<b>Maria Socorro Lucena Lima Maria Marina Dias Cavalcante José Albio Moreira de Sales Lúcia Helena Fonseca Grangeiro Isabel Maria Sabino de Farias Jacques Therrien Ana Maria Iório Dias</b>
Realização	<b>Programa de Pós- Graduação em educação (PPGE) Centro de Educação (CED) Universidade Estadual do Ceará (UECE)</b>
Apoio Científico	<b>Conselho Nacional de Desenvolvimento e Tecnologia (CNPq) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP)</b>
Números do	<b>Foram submetidos ao todo 1612 trabalhos, dos quais 602 painéis sendo aprovados</b>

<sup>35</sup> O caderno de resumos entregue no evento possuía os autores, o título e o resumo do painel; a partir desse momento fizemos a seleção dos trabalhos através do título, leitura do resumo e palavras-chave do próprio resumo, sendo que pode ter ocorrido de algum trabalho ter nos faltado à pesquisa inicial por não termos os títulos individuais de cada texto.

Evento	324 aprovados ; 1010 pôsteres sendo 788 aprovados. 27 simpósios 02 sessões especiais Trabalhos completos publicados em e-book 1006 trabalhos
Formato organizativo	Sessões especiais, simpósios, painéis, <i>pôsteres</i> , conferências
Eixos temáticos	<p><b>Eixo 1: Didática e Prática de Ensino na Relação com a Escola</b>  <b>Subeixos 1.1 Práticas pedagógicas e saberes docentes</b>  <b>1.2 Currículo, subjetividade e cotidiano escolar</b>  <b>1.3 Tecnologias, educação a distância e inovações pedagógicas</b></p> <p><b>Eixo 2 : Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores</b>  <b>Subeixos 2.1 Escola como espaço de formação docente</b>  <b>2.2 Tendências investigativas no campo da Didática e da Prática de Ensino</b>  <b>2.3 Desenvolvimento profissional e práticas formativas</b></p> <p><b>Eixo 3 :Didática e Prática de Ensino na relação com a Sociedade</b>  <b>Subeixos 3.1 Experiências educacionais, qualidade do ensino e da aprendizagem</b>  <b>3.2 Temas emergentes na relação da Didática e da Prática de Ensino com a Sociedade</b>  <b>3.3 Impactos das políticas públicas na gestão e no trabalho docente</b></p>

Fonte: Elaboração da autora.

Partimos para a realização da tabela dos trabalhos que foram selecionados, explicitando que os espaços em branco refere-se a dados não possíveis de serem encontrados no momento.

**Tabela 32 – Índícios dos trabalhos apresentados no XVII ENDIPE sobre as temáticas abordadas**

Título	Autor (es)	Universidade, faculdade	Palavras-chave	Tipo de apr.	Trabalho completo ou resumo	Eixo temático
Mulheres Professoras : a busca dos seus processos de subjetivação a luz da Teoria de João dos Santos	<b>Patrícia Helena Carvalho Holanda</b>	<b>UFC</b>		<b>Simpósio</b>	No momento resumo do texto	<b>Didática e subjetividade e na construção da identidade do professor</b>
Orientação Sexual na Escola: relato de experiência das oficinas para aluno do Ensino Fundamental	<b>Márcia de Oliveira Menezes</b>		<b>Sexualidade, Alunos, Oficinas</b>	<i>Pôster</i>	No momento resumo do texto	<b>Práticas Pedagógicas e saberes docentes</b>
“Na casa do seu Zé”- Música e Sexualidade no Cotidiano Escolar	<b>José Carlos Teixeira Júnior</b>		<b>Narrativa, Funk, Sexualidade</b>	<i>Pôster</i>	No momento resumo do texto	<b>Currículo, Subjetividade e e Cotidiano Escolar.</b>

				<b>texto</b>	
Corpo e Sexualidade Masculinidade em Devir	<b>Marcelo Valente de Souza</b>		<b>Corpo masculino, Sexualidade masculina, Filosofia da diferença</b>	<i>Pôster</i>	No momento resumido do texto <b>Currículo, Subjetividade e Cotidiano Escolar.</b>
Educação Sexual nas Escolas: as políticas públicas e os obstáculos ao combate da homofobia	<b>Renata Queiroz Maranhão</b>		<b>Formação Docente, Educação sexual, Combate e à homofobia</b>	<i>Pôster</i>	No momento resumido do texto <b>Currículo, Subjetividade e Cotidiano Escolar.</b>
Experiências Escolares, no Âmbito da Sexualidade, de Futuros/As Professores/As de Ciências e Biologia	<b>Sandro Prado Santos</b>		<b>Sexualidade, Formação Inicial, Ensino de Ciências</b>	<i>Pôster</i>	No momento resumido do texto <b>Currículo, Subjetividade e Cotidiano Escolar.</b>
Homens na Educação Infantil : masculino em questão	<b>Valeria Pall Oriani</b>		<b>Educação Infantil, Homens, Relações de gênero .</b>	<i>Pôster</i>	No momento resumido do texto <b>Escola como Espaço de formação docente</b>
A Educação Sexual e a Formação Docente na Contemporaneidade	<b>Rita de Cássia Petrenas; Fatima Aparecida C. Gonini; Valéria Marta N.Mokwa</b>	<b>UNESP – Araraquara</b>	<b>Formação docente, Educação sexual, Temas transversais</b>	<i>Pôster</i>	No momento resumido do texto <b>Desenvolvimento Profissional e Práticas Formativas</b>
			<b>Formação docente, Educação Básica, Prática pedagógica</b>	<b>Painel-Título-Reflexões Ausentes na Formação Docente: práticas formativas para demandas contemporâneas</b>	No momento resumido do painel (abrange os três textos) <b>Desenvolvimento Profissional e Práticas Formativas</b>

	<p><b>Laicidade, Direitos Humanos, Ensino Religioso e Religião</b></p>	<p><b>Painel- Título: Laicidade, Religião e Ensino Religioso influenciando nas práticas dos professores</b></p>	<p><b>No momento resumido do painel I (abrangendo os três textos)</b></p>	<p><b>Temas Emergentes na Relação da Didática e da Prática de Ensino com a Sociedade</b></p>
	<p><b>Interculturalidade Crítica, Políticas diferenciadas, Sujeitos-atores</b></p>	<p><b>Painel- Título: Minorias Culturais, suas Lideranças, seus Discursos e suas Práticas: pesquisas com sujeitos-atores na perspectiva da interculturalidade crítica</b></p>	<p><b>No momento resumido do painel I (abrangendo os três textos)</b></p>	<p><b>Temas Emergentes na Relação da Didática e da Prática de Ensino com a Sociedade</b></p>
	<p><b>Direitos Humanos, Gênero, Educação Profissional</b></p>	<p><b>Os Direitos Humanos e as Políticas Educacionais Brasileiras: o reflexo da prática educacional na sociedade</b></p>	<p><b>No momento resumido do painel I (abrangendo os três textos)</b></p>	<p><b>Temas Emergentes na Relação da Didática e da Prática de Ensino com a Sociedade</b></p>

Fonte: Elaboração da autora.

Com certeza o XVII ENDIPE terá muito a acrescentar para os estudos de sexualidade e gênero, pois previamente percebemos trabalhos significativos que vem ao encontro de nossa proposta de análise e reflexão.

## 6 TRAJETÓRIAS DOS ENDIPE SOBRE AS TEMÁTICAS SEXUALIDADE E GÊNERO: PERCALÇOS E CAMINHOS

*A experiência, e não a verdade, é que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo (LARROSA; KOHAN, 2002, p. 1).*

A partir da análise dos trabalhos apresentados sobre a temática sexualidade e gênero nos ENDIPE no período de 1996 a 2012, totalizando 152 trabalhos, foi possível constatar indicadores através das categorias de análise que se apresentaram como relevantes: Sexualidade/Sexo, Educação Sexual/Educação Escolar/Orientação Sexual, Gênero, e Formação Docente. As categorias, com suas subcategorias, com frequência se entrecruzam, apresentando dados muito próximos, possibilitando perceber a amplitude da temática e mesmo a integração dos assuntos, temas, dúvidas, questionamentos, propostas e iniciativas de mudanças e anseios de transformação da escola, do processo educativo e paralelamente da sociedade.

Para se chegar à tabela que segue, primeiramente foi elaborado um quadro geral somando os dados de cada ENDIPE analisado (apêndice C), pois assim fomos capazes de apresentar de forma mais detalhada as temáticas abordadas, realizando a análise de conteúdo temática do período estudado como um todo, conforme apresenta a tabela 33.

**Tabela 33 – Análise temática a partir das considerações dos VIII ENDIPE ao XVI ENDIPE**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
<b>Gênero</b>	<b>Formação docente / currículo</b>	<b>403</b>
	<b>Diversidade sexual/ identidade pessoal e profissional/ estereótipos/subjetividades</b>	<b>690</b>
	<b>Processo social/ cultural/ romper binarismos</b>	<b>237</b>
<b>Formação docente</b>	<b>Compreender diversidade em sexualidade/ falta conhecimento em sexualidade, gênero, abuso sexual</b>	<b>563</b>
	<b>PCN/ Currículo</b>	<b>192</b>

	<b>Educação Sexual / Educação Sexual Emancipatória</b>	<b>352</b>
<b>Educação Sexual/ Orientação Sexual/ Educação Escolar</b>	<b>Formação do educador/ Tema Transversal/ formação cidadã/ currículo</b>	<b>308</b>
	<b>Crítica a educação sexual biologizante e estigmatizante</b>	<b>160</b>
	<b>Política Pública/ reflexão / discussões/ informação/ emancipatória/diversidade</b>	<b>107</b>
<b>Sexualidade/ Sexo</b>	<b>Questões éticas, políticas, poder</b>	<b>101</b>
	<b>Construção social-histórica e cultural/ superar senso comum</b>	<b>160</b>
	<b>Formação docente na área da sexualidade para atuar no espaço escolar</b>	<b>143</b>

Fonte: Elaboração da autora.

Os trabalhos analisados apresentam a temática gênero como proposta para reflexão, conscientização e abordagem nos diversos espaços das instituições educativas, inclusive destacam a forte concepção de que gênero é construído social e culturalmente, mas que esse enfoque não é valorizado e nem mesmo reconhecido pelos profissionais da educação, dificultando atitudes, instituindo poder e marcando relações por padrões estereotipados.

As questões em torno do gênero deixaram claro a própria relação da sexualidade e gênero e a presença no cotidiano escolar, mesmo que muitas vezes o/ professor/a não perceba a ocorrência de atitudes e atividades que demandam a temática que são desencadeadas na sociedade em que o indivíduo está inserido, sendo um processo contínuo e histórico. Petrenas et. al. 2014, p. 132) destaca

O corpo, as habilidades, os comportamentos e as preferências das crianças são marcadas e direcionadas desde tenra idade com características para a masculinidade e para a feminilidade esses marcadores vão se incorporando e passando a ser considerados naturais, superiores ou inferiores, estabelecendo diferenças nas relações sociais e impreterivelmente escolares.

A escola se torna espaço privilegiado para discussões dessa ordem, sem perder sua própria identidade quanto ao cognitivo, e também, hoje, aos embates sociais, pois assim há o respeito as diferenças e no reconhecimento e valorização da diversidade. Espaço esse que deve se discutir o que é ser homem e ser mulher, sem padrões predeterminados, discutir

através de novos embates e perspectivas capazes de compreender e dar significado ao real papel da escola enquanto formadora de cidadãos capazes de valorizar o processo social e a convivência com a diversidade.

Assim, estamos diante do conceito de tolerância, muito além do iluminismo, ou seja, de suportar o que é considerado como desvio padrão, mas uma proposta ressignificada do termo pois, esta atrelada com a ética da convivência entre as diversidades, abrangendo a solidariedade e respeito mútuo, ética é vista como práxis.

Precisamos compreender que a intolerância também deve ser combatida e refutada nos cotidianos escolares, fazer parte dos currículos formais, através de propostas cotidianas, transdisciplinares e interdisciplinares. Estamos diante de uma sociedade que não consegue lidar, respeitar e valorizar as diferenças, sejam elas devido a questões de raça, religião ou diversidade sexual. O processo de escolarização deve partir dessa proposta, não de doutrinação cega e acabada, mas de alteridade, de princípios solidários, pois, podemos corroborar com Eco (2006),

[...] é sempre tarde demais quando decidem bater-se contra a intolerância doutrinária, pois quando a intolerância faz-se doutrina é muito tarde para vencê-la, e aqueles que deveriam fazê-lo tornam-se suas vítimas. Mas aí está o desafio. Educar para a tolerância adultos que atiram uns nos outros por motivos étnicos e religiosos é tempo perdido. Tarde demais. A intolerância selvagem deve ser, portanto, combatida em suas raízes, através de uma educação constante que tenha início na mais tenra infância, antes que possa ser escrita em um livro, e antes que se torne uma casca comportamental espessa e dura demais. (ECO, 2006, p.118).

Conseqüentemente, a formação docente também é apontada com precariedade no constitutivo em relação aos estudos de gênero, até mesmo no tocante ao reconhecimento da docência no perpassar da profissionalização e em sua marca enquanto basicamente feminina, principalmente nos primeiros anos de escolarização. Os educadores são desafiados a reconhecerem sua identidade enquanto docentes e profissionais e conseqüentemente atuar na escola para romper preconceitos, valorizar as diversidades e propor a ruptura de binarismos, pois os profissionais da escola por si próprios produzem e reproduzem categorias normatizantes de meninos e meninas/feminino e masculino, Moreno (1999, p.37) nos adverte que “o fato do ensino ter se tornado misto leva qualquer observador ingênuo a acreditar que a escola aboliu a discriminação sexista.”

Na análise dos ENDIPE 1996, 1998 e 2000, a formação docente não se destaca como categoria, mas muito timidamente como subcategoria, revelando que o/a docente, no decorrer

dos anos, vem sendo percebido também como elemento articulador de mudanças na própria escola e também na sociedade, contudo, muitas vezes, é acusado de propor estagnação e ter atitudes preconceituosas em relação à sexualidade e gênero.

Essa culpabilização ao docente é um marco que vem desde a década de 1980, pois, os estudos sobre a docência volta-se para a falta de competência profissional do professor, este é visto como o único responsável pelo fracasso do estudante e consequentemente da escola. Para a docência se incorpora, vindo de décadas passadas, o subterfúgio do discurso da afetividade, doação e sacerdócio do trabalho. Para essa superação há necessidade da propriedade da competência técnica e a compreensão das barreiras que a escola impõe para essa própria competência, podendo despertar o/a professor comprometido que passa a ser o sujeito de sua ação, se envolve no contexto político não desconsiderando as questões sociais.

O currículo no cotidiano se torna assim a relação pertinente concreta entre teoria e prática, pois ambas se complementam, ação-reflexão-ação se sucedem, se fortalecem; planejamento, propostas didáticas e processo avaliativo dialogam permanentemente, fazendo da temática da sexualidade algo também construído e a ser debatido no contexto da escola, pois o currículo sendo fonte de significação e legitimação do saber, “[...] O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória [...]”(SILVA, 2011,p. 150).

Mas os envolvidos no processo de escolarização devem buscar compreender que para a mudança de posicionamento, é necessário envolvimento, é preciso formação além da esfera intelectual, é preciso passarmos para esfera política do ato educativo, pois política é poder, é crítica, é democracia.

Como destacamos nesse estudo as políticas educacionais/públicas,na perspectiva contrária do que está posto hegemonicamente, demandam tempo para ser incorporadas no cotidiano das escolas, justificando em parte a não participação docente com ênfase nos trabalhos apresentados na década de 1990, mas é um fato que deve ser reconhecido, pois faz com que compreendemos percursos e mesmo condições atuais de educadores/ras e escolas.

Posteriormente, a esse período temos além da valorização social da educação o destaque no trabalho pedagógico que é permeado por contradições e diferenças devido a origem dos/as docentes e alunos/as, as relações estabelecidas entre eles/as, a idade do/a docente, o gênero, a sua história de vida e especificamente de formação. A não consideração dessas variáveis leva a definições abstratas e genéricas do que significa “ser professor”. Paralelamente, como o/a docente “administra” a temática da sexualidade, mesmo da sua própria sexualidade, são questões relevantes para o contexto escolar, pois a maioria dos/as

docentes são do sexo feminino e as temáticas de gênero, sexualidade, diversidades sexuais não são discutidas nos cursos de licenciatura e mesmo nas especializações. Figueiró, 2006, aborda

[...] acredito que seja fundamental olhar para o professor como pessoa, fazendo com que tanto a formação inicial quanto a continuada estejam alicerçadas em seu crescimento pessoal. Nisso está incluída a atenção ao autoconhecimento e à compreensão da história de vida do professor. Considero importante desenvolver trabalhos do tipo oficina, por exemplo, que permitem aos professores repensar sua própria sexualidade, seus sentimentos, atitudes e valores. O ensino em torno das questões ligadas à sexualidade não deve ter em vista a figura do professor apenas como um instrumento ou um “meio” de levar educação sexual para os alunos. Aprendizado, reflexões sobre o tema e oportunidades de reeducação sexual são também necessidades dos profissionais [...] (FIGUEIRÓ, 2006, p.285-286).

Hoje, devido ao contexto histórico, social e cultural dos movimentos que proclamam a diversidade sexual, os/as envolvidos/as no processo de escolarização também precisam compreender os fatos ocorridos na sociedade, pois os alunos clamam por discussões em torno do tema e inclusive é papel da escola abrir espaços para essas discussões, é maneira de desconstruir visões equivocadas e preconceituosas, dentre elas a própria homofobia e a misoginia.

Estamos em uma sociedade em seu segmento hegemônico que, discrimina, embora queira inculcar a igualdade, e o gênero é uma dessas marcas, pois a subordinação, real ou imaginária das mulheres que faz com que quase tudo que remete ao mundo masculino seja melhor ou superior ao universo feminino. Estatísticas apontam que, de cada 10 pessoas que concluem o ensino superior, seis são mulheres, mas contraditoriamente, mais estudo não lhes garante ocupação em cargos superiores, nem mesmo melhores salários.

E assim, as concepções e valores, no caso referente ao gênero, vão adentrando o contexto escolar, são expressões de livros diversos, de uso da quadra esportiva, de atividades cotidianas como danças e jogos, enfim o universo escolar afirma e reafirma modos de pensar, agir, reagir que se dizem apropriados ora para meninos, ora para meninas. Precisamos assim, segundo Larrosa (2005, p. 57) propor o ‘dispositivo pedagógico’, de gênero que para o autor significa “qualquer lugar no qual se aprende ou se modifica ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo”

Gênero no contexto social é uma marcação forte, com papéis definidos, imbuída de significações e, conseqüentemente o contexto escolar se torna também marcado pelas

questões de gênero, “Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos.”(LOURO,1997,p. 61). Mas não podemos ser somente pessimistas, pois essas relações e formas de concepções podem mudar para melhor, livrar do preconceito e atitudes estereotipadas, pois a sociedade é composta por vários segmentos sociais, com várias maneiras de ver o mundo.

Considerando que a escola faz parte da sociedade, pois não é um nicho isolado, e portanto, precisa abordar assuntos que vão ao encontro da cidadania, propondo ações e não somente propostas, como aponta Louro (2007, p. 46, grifos da autora),

É possível avançar, deste modo, de uma perspectiva de “contemplação, reconhecimento ou aceitação das diferenças” para outra, que permite examinar formas através das quais as diferenças são produzidas e nomeadas. A questão deixa de ser, neste caso, a “identificação” das diferenças de gênero ou de sexualidade, percebidas como marcas que preexistem nos corpos dos sujeitos e que servem para classificá-los, e passa a ser uma questão de outra ordem: a indagação de como (e por que) determinadas características (físicas, psicológicas, sociais,etc) são tomadas como definidoras de diferenças.

A formação docente ainda apresenta muitas lacunas no tocante à sexualidade e gênero, poucos são os cursos de licenciaturas que tratam especificamente dessa abordagem, e inevitavelmente o docente não apresenta condições de abordar e discutir essas temáticas com segurança e cientificidade.

Propostas diferenciadas de formação docente precisam ser a grande marca também para a ruptura com preconceitos, tabus, valores negativos arraigados. Propomos uma formação atrelada à própria pesquisa do cotidiano, o/a docente apresentar-se como a figura central da atividade curricular, pois há a necessidade de uma teoria entre pesquisa e ação que proporcione indagações e estudos nas diversas esferas educativas, as discussões entre professores/ras deveriam influenciar inevitavelmente nas políticas educacionais. Há uma visão equivocada por parte dos órgãos centrais de educação que enfatizam que os/as docentes não possuem condições de realizar pesquisas, que para esses falta um olhar crítico e confiança em si próprios, além de que a sobrecarga de trabalho do/a professor/ra apresenta-se como uma barreira para a pesquisa.

O/a professor/a precisa ser visto como atuante em serviço, pois a falta de interesse e de capacidade de formação continuada, geralmente citada como comportamento característico dos/as professores/ras para empreender uma nova prática educacional, é o argumento usado pelas estratégias de governo para determinar o desempenho de papéis previamente

estabelecidos. A pesquisa faz o/a docente se aproximar da teoria e prática, sendo o/a aluno/a o próprio sujeito do processo pedagógico; o/a professor/a adquire a postura de atuar com ética e política e reconhecer as necessidades e mudanças da comunidade que atua.

Os trabalhos apontam a relevância do PCN para apoiar a reflexão sobre o conhecimento e amplitude da temática, a partir da inserção intencional do tema transversal orientação sexual (BRASIL, 1998b, 2001). Iniciativas pontuais são exercidas em algumas escolas, mas na maioria das vezes abordando a questão biologizante da sexualidade, com referência à anatomia e apresentando as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce com vistas ao produzir medo, o repúdio e a frustração em relação a questão. Assim, a sexualidade adentra o contexto escolar muito distante da conscientização crítica do indivíduo para exercer sua sexualidade de maneira responsável e consentânea, rompendo tabus e preconceitos. Segundo Nunes e Silva (2000), a Educação Sexual Emancipatória compreende a formação plena e integral do ser humano, em um contexto histórico, pois se trata de uma construção ético-social.

O conceito de educação sexual emancipatória contrapõem-se ao sentido de alienação, indo ao encontro de orientação, de se sentir integrante do processo cultural/social, do integrar-se ao mundo, da sensatez, sendo de modo sucinto vinculada ao valor inigualável do ser humano enquanto pensante e capaz de refletir sobre suas atitudes com alteridade.

Compreendemos a educação emancipatória para além do egocentrismo do ser inserido em uma sociedade que não deve ser vista como única, mas plural e coletiva. Em pleno século XXI aliamos-nos a uma sexualidade muito além do consumismo, que vai além de aniquilar o ser, não o torna objeto com ações e reações frustrantes produzindo a escassez de sentido, fluidez insípida, descaracterizando o ser humano enquanto ser valorativo, mas uma educação que o torna pleno em suas ações, o verdadeiro *Liber Homus*.

Fazendo um paralelo com os escritos de Larrosa (2002) podemos apontar a vivência, a real experiência em sexualidade, para muito além do efêmero, pois nossa experiência em sexualidade é cada vez mais pobre por excesso de *doxa* (opinião). O sujeito informado opina sobre tudo, em um modo vulgar de dizer, cuida e refere-se a tudo.

Na realidade, a pessoa que sofre o poder da opinião, é informado pela mídia, ou seja, é um sujeito fabricado e manipulado por opiniões alheias e incapazes de experiência, experiências que são tidas somente no sentido da quantidade em detrimento a qualidade. É o que Walter Benjamin (1994) denomina “cultura de vidro”, ou seja, nada fica, tudo se escorrega com as primeiras gotas de orvalho, não deixa rastro, somos escravos de bens materiais, do possuir, do ter; “Não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso,

no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. As coisas de vidro não tem nenhuma aura. O vidro é em geral o inimigo do mistério. E também o inimigo da propriedade” (BENJAMIN,1994, p. 15). Fazendo uma analogia com a temática da sexualidade e seus desdobramentos, temos que estar muito distantes de “cultura de vidro” se realmente quisermos uma educação sexual emancipatória.

Atualmente, vivemos a era da falta de tempo, em relações profissionais, pessoais, familiares e de amizade; essa é outra razão, colocada pelo professor Larrosa Bondía (2002) à respeito da experiência, qual seja, a falta de tempo. Tudo passa tão rápido que não deixa tempo para a experiência. O sujeito moderno é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de experiências, novidades e eternamente insatisfeito. Tudo lhe passa de maneira fugaz e efêmera. O tempo se tornou mercadoria, tempo se compra e se vende, não dominamos mais o tempo, mas ele nos domina. Também na educação a experiência está cada vez mais pobre, a aprendizagem significativa existe apenas no discurso e para a educação sexual precisamos de aprendizagens expressivas. Nas escolas e universidades os currículos se avolumam, seguem normas e determinações, organizam-se em pacotes, com disciplinas cada vez mais numerosas e cada vez mais curtas, vemos novamente a quantidade versus qualidade.

Não queremos propor receituários, contudo defendemos que a educação sexual intencional no contexto escolar, numa perspectiva emancipatória, também é uma forma de colaborar para minimizar os efeitos de uma sociedade autoritária e hierárquica que classifica as pessoas nas diversas circunstâncias, visando com a crítica diminuir situações de machismo, as violências de gênero, os preconceitos à homossexuais, buscar evitar a gravidez precoce e os casos de DST, enfim um direito à real democracia, à liberdade. Precisamos combater o que Saviani (2013) nos adverte a “exclusão dos incluídos” no processo de escolarização, pois quando não há um sistema educacional de qualidade, não há igualdade de condições e oportunidade de aprendizagem, pois muitos/as alunos/as entram na escola, mas poucos se apropriam das reais condições de atuar e participar da sociedade de maneira igualitária, despontando para a democracia social e a cidadania plena.

Os últimos anos do Congresso ENDIPE sinalizam os valores eminentes na sociedade quanto a sexualidade e gênero destacando a diversidade sexual, podemos dizer assim que o meio acadêmico vai estabelecendo interfaces com o contexto escolar e social. Os trabalhos assinalaram críticas tímidas ao *Documento Brasil sem Homofobia* (BRASIL, 2004), documento esse que não foi distribuído as escolas, e que, apesar dos custos onerosos em seu desenvolvimento acabou sendo engavetado após pressão de setores conservadores da sociedade, como o religioso e do próprio Congresso Nacional.

A diversidade sexual foi uma subcategoria apresentada com bastante relevância no contexto da pesquisa desenvolvida, juntamente com a categoria gênero, provando que este é assunto que deve ser discutido e implementado nas escolas. É interessante, que congressos como o ENDIPE também abordem críticas a propostas governamentais, funcionando não somente como denúncia, mas como anúncio do que pode vir a ser mudado, e a nosso ver os ENDIPE mostraram muitos apontamentos. Entretanto, os trabalhos sinalizam o preconceito e não aceitação dos que fogem a norma tida como hegemônica, homossexuais, travestis, transexuais. Louro (1997) destaca “ A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los a ‘gozações’ e aos ‘insultos’ dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo , jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos” (p.68, *grifos da autora*).

Os trabalhos sinalizam que as transformações no contexto escolar no tocante à abordagem das temáticas sexualidade, gênero e seus desdobramentos necessitam passar por mudanças na organização curricular, desde os anos iniciais de escolarização até a universidade, havendo controvérsias se seria melhor instituir oficialmente disciplinas que abordem as temáticas de maneira emancipatória ou aborde no cotidiano por todos os docentes de modo transdisciplinar para que os conhecimentos sejam realmente consolidados. Contudo, o investimento em políticas públicas e educacionais no sentido de formação docente e demais profissionais que atuam na área educacional é fundamental, mas é preciso compreender que a conscientização da importância da educação sexual é fator imprescindível, além do que tal investimento demanda tempo, pois,

Nenhuma legislação, norma ou política educacional consegue imprimir uma transformação imediata. Contudo, as políticas educacionais são necessárias para o fortalecimento dos/as agentes educacionais, o que só pode ser garantido pela formação [...] e incentivo de uma reflexão permanente sobre o cotidiano da escola. Não só na formação continuada de profissionais da educação, mas também na formação inicial, nos cursos de formação destes profissionais nas universidades. (GRÖZ, 2008, p. 42).

O contexto escolar é espaço profícuo para estudos críticos de sexualidade e gênero, pois as próprias práticas cotidianas, os livros didáticos e o currículo como campo de política e cultura podem se tornar agentes favoráveis de promoção, respeito e valorização das diversas formas de expressão da sexualidade e mesmo da diversidade sexual, se essa for a decisão político pedagógica da comunidade escolar.

Destacamos que as pesquisas apresentadas nos ENDIPE são importantes indicadores de que as temáticas sexualidade e gênero estão sempre presentes no contexto escolar, pois o número de trabalhos analisados no período estudado foi bastante significativo. Entretanto, os trabalhos também se apresentam como denúncia sobre as falhas e retrocessos sobre o tema no contexto escolar, mas apontam também que os atores do contexto escolar não podem ser classificados como algozes de práticas incipientes, mas vítimas de formação profissional fragmentada com modelo curricular cartesiano, que segue reproduzindo saberes e fazeres repressivos na prática do cotidiano escolar. Constatamos que se torna um ciclo vicioso, cujo conhecimento crítico em sexualidade e seus desdobramentos, ficam à margem, fragmentado e distante de atingir seus objetivos na formação do cidadão, para promover a educação em valores e atitudes humanistas em relação às temáticas estudadas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Os educandos são outros, seus mestres são outros, logo as políticas públicas, sociais e educativas não podem ser as mesmas”.*  
(ARROYO, 2004, p.405)

Ao iniciarmos esta pesquisa nos propusemos a abordar a temática da sexualidade, gênero, educação sexual e seus desdobramentos enveredados pelos caminhos da formação docente; para tanto, recorreremos ao ENDIPE como nosso universo de investigação e não tínhamos antecipadamente a noção da quantidade de trabalhos que iríamos encontrar como *corpus* para nossas buscas e inquietudes. Desse modo, apresentamos nesse trabalho a articulação entre a sexualidade, gênero e formação docente através da análise de cento e cinquenta e dois trabalhos pesquisados nos anos de 1996 a 2012 do congresso, destacando levantamentos importantes sobre o XVII ENDIPE.

Nosso trabalho de início abordou os aspectos relevantes em torno da sexualidade, compreendendo que é preciso perceber os pressupostos teóricos e históricos em torno da temática para que realmente se possa realizar uma educação sexual crítica, transformadora e emancipatória na atualidade, pois o homem é fruto de um emaranhado de relações que o humanizam e conseqüentemente perpassam também a sexualidade, dentre elas destacamos as questões afetivas, sociais, amorosas e as emoções, de modo diversos.

Assim, apresentamos o controle da sexualidade, desde as formas mais esdrúxulas, desde o impedimento da masturbação no século XVIII, passando pelos meandros da contemporaneidade, sendo o sexo visto como objeto de consumo e de relações fugazes. Posteriormente, verificamos as principais iniciativas da educação sexual no Brasil, pois é fundamental que compreendamos as conquistas e os entraves para que ocorra a implantação de maneira mais adequada e significativa da educação sexual, não cometendo erros do passado, mas valorizando o que foi realmente produtivo. Destacamos também a atuação de grupos de pesquisa em sexualidade de universidades brasileiras, que buscam fortalecer e fomentar as áreas de ensino, pesquisa e extensão nos diversos espaços.

Adentrando para a contemporaneidade apresentamos os documentos oficiais que buscam orientar sobre a sexualidade no contexto docente, entre eles, especificamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, pois a temática da sexualidade adentra sugerindo oficialmente o contexto escolar e, portanto,

pode ser compreendida nos textos como condição humana complexa que requer a contribuição teórica, além do senso comum, para que seja interpretada à luz da cientificidade. Corroborarmos com o pressuposto que o PCN apresenta intensas características biologizantes, além de ter caráter prescritivo, destacando veementemente as DST e a AIDS, mas mesmo tendo seus entraves torna-se importante para o conhecimento e mesmo o respaldo legal para a implantação intencional da educação sexual nas escolas. Porém, a formação docente é fator primordial e relevante, inclusive para debater concepções errôneas existentes, pois é preciso conhecimento, habilidade e ir muito além dos pontos de improvisação para que a sexualidade e gênero sejam abordadas de forma crítica no interior das escolas, seja enquanto componente curricular por disciplinas ou por temas interdisciplinares.

Ao abordarmos a sexualidade, inevitavelmente caminhamos pela temática de gênero, pois a compreendemos como condição que perpassa, reconstrói, valoriza e altera as questões referente ao sexo. Gênero se relaciona ao modo como nos entendemos como homens e mulheres, orienta e define, em determinado momento por um processo socio-histórico-cultural, nossa própria concepção de sexualidade. Assim, a temática de gênero não pode se dissociar dos estudos de sexualidade, pois estão interligados, constituem-se como elementos para compreensão, pesquisa e estudo.

Desse modo, a pesquisa, partindo para a investigação dos trabalhos dos ENDIPE, sustenta a tese que a sexualidade assume no contexto escolar a concepção inerentemente pedagógica e, para tanto, algumas análises se fizeram necessárias, apontando diretrizes e vertentes capazes de contribuir para a elaboração de propostas em torno da Educação Sexual em uma perspectiva emancipatória e de novos estudos e pesquisas, além de iniciativas que envolvam a díade escola/ educação sexual adjetivadas por sucessos, que são escassas numa abordagem crítica e humanista.

É importante compreendermos que as propostas e estudos sobre sexualidade e gênero apresentados nos ENDIPE, tanto no campo escolar como em outras organizações sociais, são concebidos de maneira determinada dependendo de cada momento, contexto social, histórico, cultural e político.

As análises dos trabalhos destacaram que, em meados de 1996, os estudos em torno da filosofia e história se sobrepunham no campo da sexualidade, mesmo tendo a escola como palco de pesquisas, e o/a docente não fazia parte desse contexto. Posteriormente, já partindo para o início da década do ano de 2000, as pesquisas se sustentam basicamente através da entrada do tema transversal orientação sexual no contexto escolar, pois o PCN e o RCNEI são os documentos que proclamam, ou deveriam proclamar, as orientações aos docentes, e

assim muitos estudos se voltam para mostrar o ocorrido na escola ou mesmo como deveria ser abordado o tema transversal no contexto de escolarização nos diversos níveis de ensino. Contudo, em 2010 e 2012, o tema transversal orientação sexual continua a ser discutido no contexto escolar, mas as questões da diversidade sexual e gênero se destacam, influenciados pelos movimentos de orientações minoritárias e manifestações das identidades de gênero. Assim, a escola também é clamada a discutir essa temática, apesar que ainda apresenta iniciativas tímidas, preconceituosas e marcadas por falta de esclarecimento. Basicamente, nos dezesseis anos pesquisados do ENDIPE, a falta de formação docente vem registrada como impedimento para se concretizar a educação sexual intencional, na perspectiva emancipatória, no contexto escolar, ora pelas políticas públicas, ora pelos formadores de professores/as e também pelos/as próprios/as docentes que, juntamente com as questões citadas, muitas vezes não acreditam no seu próprio potencial de formação e mesmo na necessidade de tal processo/percurso para tratar intencionalmente dessa temática.

As análises temáticas de cada ano do ENDIPE determinaram categorias de significação que se intitulam em torno de gênero, educação/orientação sexual, sexualidade/sexo e formação docente, bem como suas respectivas subcategorias, que muito contribuíram para a compreensão e o entendimento dos dados relevantes do evento, mesmo apresentando estudos com diversidade de temas. A categoria gênero sustenta, na maioria das vezes, as concepções em torno da sexualidade e, paralelamente, a formação docente é clamada a atuar no processo escolar, trabalhando com a temática da sexualidade como um todo, mas não tendo condições, surgem os entraves e as mazelas da formação inicial e continuada.

Em contrapartida, registram que o docente está a margem das políticas que norteiam e proclamam a educação sexual intencional no contexto da escola, tornando-se um ciclo vicioso, um “jogo” de culpa, que na verdade a questão da educação sexual na escola acaba recaindo em desvantagens, pois não encontram caminhos e espaços profícuos para sua concretização efetiva.

O material do congresso, como um todo, mostra-nos marcos e determinantes, mas também o quanto é fundamental que a formação, tanto nas graduações como no formato de capacitações, é fundamental, pois é preciso compreender os momentos diversos que influenciam o contexto escolar, e ter a formação intencional somente no momento do ensino universitário não dará conta de subsidiar todo o ocorrido no contexto escolar e a própria demanda social. Nos anos investigados, como um todo, a temática de gênero é abordada principalmente através da feminização e o caráter proletário do magistério, inclusive pelo fato

da mulher ainda prevalecer na docência de maneira majoritária, desse modo os trabalhos apresentam aspectos relevantes para que se possa compreender a situação da professora na contemporaneidade.

Dos trabalhos apresentados no ENDIPE, um grande número está relacionado à formação docente, seja nos próprios cursos de formação, tendo especial destaque a pedagogia, sejam propostas desenvolvidas no contexto escolar nos diversos níveis da educação básica. Assim, é notório destacar que a sexualidade está sempre presente na escola e esse fato é reconhecido pelos/as docentes, mesmo que de maneira não explícita. Há de se conceber que para a formação, a instituição de decretos e regulamentações que obriguem a implementação da disciplina que aborde educação sexual é um diferencial, mas que as questões culturais em torno do currículo de formação docente são muito mais relevantes e pontuais, pois mudanças não se instituem por decreto, mas é preciso mudar mentes e percepções.

Contudo, é possível perceber que os trabalhos também nos apontaram que a legislação e mesmo os documentos oficiais não significam a efetiva implementação nas escolas de iniciativas, propostas e programas de educação em sexualidade, inclusive os Projetos Político Pedagógicos das escolas podem até abordar a temática, mas a efetivação não acontece na prática e que, para tanto, é preciso valorização e conscientização da importância da abordagem pelos docentes e demais profissionais inseridos no processo de escolarização.

Consequentemente, quando assuntos da sexualidade explicitamente adentram o contexto escolar, a vertente biologizante é favorecida para ser abordada, vista como a que resolve problemas, as mazelas que precisa ser decididas, respondida de imediato e o assunto se encerra e não deve mais ser mencionado. Esses fatores são reforçados pela falta de formação crítica dos envolvidos no cotidiano das escolas, pois quando atuam, agem, quase sempre, somente através de atitudes pontuais. A temática da sexualidade não é vista como parte de um processo, é somente assunto estanque e determinado, também concebida como sendo apenas assunto de especialistas, tais como, médicos/as, assistentes sociais, psicólogos/as, enfermeiros/as, pois o/a docente assume que não tem condições para trabalhar esse tema, sem saber que trabalha mesmo intencionalmente, reforçando a ideia de que a sexualidade deve ser tratada somente em momentos definidos e não no cotidiano e no perpassar das aulas.

Diante das pesquisas apresentadas se percebe que muito se produz e se estuda sobre sexualidade, gênero e seus diversos desdobramentos, mas raros são os casos em que os docentes são vistos como protagonistas de propostas e ações de implementação de projetos e programas, pois são compreendidos somente como realizadores de tarefas e

consequentemente apontadas suas dúvidas e dificuldades tanto na formação como nas práticas diárias. O/a docente por sua vez culpabiliza, e não sem razão, a precária formação na graduação e mesmo a oferecida nas capacitações, mas contraditoriamente, espera receber prescrições e receituários de como possivelmente possa realizar a educação sexual em sala de aula, não percebendo a necessidade de sua formação continuada crítica e a participação de todos os envolvidos no contexto escolar, inclusive da comunidade. Desse modo, quando o docente se propõe a realizar sem uma formação adequada a educação sexual intencional, na maioria das vezes, se envereda por discursos puritanistas, conservadores, com base em uma sociedade patriarcal e acaba por disseminar e perpetuar atitudes preconceituosas, apresentando poucos casos profícuos de mudança.

Podemos dizer que apesar de termos documentos oficiais que orientam a temática da sexualidade na escola, para que a educação sexual numa abordagem emancipatória realmente ocorra é preciso metas e referências seguras, debatidas coletivamente nas escolas, com direções e decisões claras sobre o caminho a seguir e que os equívocos sejam esclarecidos à luz da cientificidade e não do senso comum. A inserção consciente da reflexão sobre as temáticas transversais, dentre elas destacamos a educação sexual, na estrutura curricular das instituições escolares, pode propiciar que os alunos venham a agir através de ações mais reflexivas, dialógicas, e conscientes em torno de suas vivências e da sexualidade, além de que precisamos buscar compreender que a produção do conhecimento também é uma concepção e uma ação política, e nesse sentido é preciso termos espaços de troca de experiências e pesquisas também para além da academia.

As abordagens da sexualidade e gênero precisam ir além dos Congressos e Eventos que demandam somente essas temáticas, pois é preciso adentrar com o próprio tema para áreas diversas, pois são espaços profícuos para discussões, percepções, junção de esforços e valorização da educação sexual no espaço escolar e social.

A educação em sexualidade numa perspectiva emancipatória na escola precisa ocorrer desde a tenra idade, ou seja, da educação infantil, para que a temática seja abordada de maneira gradativa, com naturalidade e também sem preconceitos ou tabus impostos pela sociedade. Sexualidade, gênero, afetividade, aspectos da biologia, das fases da vida, DST, aborto, dentre outras temáticas que envolvem o assunto precisam fazer parte dos conteúdos curriculares de modo interdisciplinar/transdisciplinar contextualizado, mas com a responsabilidade de que seja trabalhada pelos/as docentes, rumo a uma educação sexual emancipatória que prega a formação do/a cidadão/ã íntegro e participativo, conhecedor de seus direitos e deveres. O profissional da educação necessita ter formação embasada para

atuar de maneira reflexiva, que faz parte do desenvolvimento curricular e pode envolver a todos efetivamente na busca da mudança. Ele também pode se tornar consciente da importância do trabalho em equipe. Não podemos vislumbrar apenas como utopia a educação sexual no contexto escolar, pois somos educadores e precisamos acreditar na mudança, independente dos determinantes econômicos, políticos e culturais que se sobrepõem em nosso país. Assim, buscamos em nossa própria sociedade menos preconceituosa, menos violenta e talvez mais solidária.

Esperamos que, com docentes melhores preparados e conscientes de seu papel enquanto participantes de possíveis ações transformadoras, a educação sexual intencional crítica no cotidiano das escolas possa se desvencilhar de formas prescritivas e autoritárias, pois buscamos a formação de sujeitos autônomos e solidários. Para tanto, a educação sexual crítica, numa perspectiva emancipatória, poderia, talvez ocupar o tempo e o espaço escolar que merece, não sendo vista somente como algo pontual e esporádico, passando a ser uma concepção de valores humanistas instituída na rotina de pátios, salas de aula, enfim da escola e seus materiais didáticos como um todo. É preciso mudar, é preciso crer na mudança, mas é preciso também fazer a mudança e, para tanto, chamar os envolvidos diretamente para essa realização.

Precisamos também, enquanto estudiosos das temáticas da sexualidade, participarmos com trabalhos e debates em congressos das diversas áreas de estudo, tais como Currículo, Políticas Educacionais, Filosofia, Psicologia, dentre outros, pois precisamos ir além de nossos espaços de estudo, ampliando discussões e pontos convergentes e divergentes com profissionais de outras áreas de conhecimento.

Após desse processo investigativo, ainda não temos a sensação de dever cumprido, mas acreditamos que uma etapa foi alcançada através da materialidade dos dados do ENDIPE e sua análise em determinado período proposto para estudo, contribuindo para a historiografia da temática. Sabemos que novos questionamentos no campo da sexualidade e gênero surgirão e pesquisas futuras farão parte de nossa jornada em defesa da educação sexual na perspectiva emancipatória. Contudo, nossa caminhada e busca por uma educação sexual emancipatória ainda será longa e comprometida, pois temos a certeza de que precisamos trabalhar educação sexual, gênero e formação docente de maneira plena e dialógica.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G.; SILVA, L.B. **Juventudes e sexualidades**. Brasília: UNESCO BRASDIL, 2004.

ALMEIDA, N. F. P. A.; MOTA, M. V. S. A homossexualidade na escola e a influência na descoberta ou escolha da orientação sexual: concepções de docentes do ensino fundamental. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

ALMEIDA, S. M.; MATTOS, C. L. G.; COELHO, M. I. de. Situação educacional dos filhos e filhas de jovens e mulheres presas: um estudo de gênero e exclusão. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

ALTMANN, H. Sexualidade na Escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Ensinar e Aprender: sujeitos, saberes, espaços e tempos, 10., 2000, Rio de Janeiro, RJ. **Programação e resumos painéis e pôsteres...** Rio de Janeiro, RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000. 1CD-ROM.

ALTMAN, H; MARTINS, C. Problematizando corpo, gênero e sexualidade na escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UNISINOS, 2008. 1CD-ROM.

AMOR PAN, J. R. **Afetividade e sexualidade na pessoa portadora de deficiência mental**. Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2003.

ANDRADE. C. D.de. **O amor natural**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ASSUNÇÃO, M. M. S. Relações de Gênero e suas Ressonâncias na Escolha Profissional, Formação e Prática Docente das Professoras Primárias. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Formação e Profissionalização do Educador, 8., 1996, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. v.1.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, K. M. M. S. Os sentidos e significados construídos pelos professores de Pacaraima/RR, sobre o abuso e a exploração sexual infante – juvenil. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo

da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais,15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

BARBOSA, R. C. Práticas de Ensino em Projetos de Licenciatura: a favor da equidade de gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...**Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, S. C. et al. A produção da masculinidade e da feminilidade no espaço escolar: discutindo algumas narrativas de profissionais da educação. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais,15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Educação sexual**: debate aberto. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

BELOTTI, E. G. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v.1). p.114-9.

BORDINI, S. C.; SOARES, E. G. Gênero e etnia: um olhar sobre os livros didáticos de ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

BORGES, C. B.; CUNHA, S. R. V. Relações entre imaginário e gênero nas representações visuais infantis. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

BOOTH, T; AINSCOW, M. Index para a inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Tradução: Monica Pereira dos Santos. 2. ed. Reino Unido: UNESCO/ CSIE,2011. Disponível em: <<http://www.lapeade.com.br/publicacoes/documentos/index2012-final%20FOTOS%20BRASIL.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2013.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 1999.

BRAGA, D. S. Lacunas, silenciosas e sons: o que dizem os discursos sobre gênero e sexualidade no espaço da Escola? In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais,15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006**. p. 1-11. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Brasil sem homofobia**: programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Vigilância em Saúde Programa Nacional de DST e AIDS. **Manual de rotinas para assistência de adolescentes vivendo com HIV/AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Brasília: MEC, SEB, 2012.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 15 de março de 2013.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 15 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1990/8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1990/8069.htm)>. Acesso em: 15 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural : orientação sexual**. Brasília: A Secretaria, 2001. 146p.

\_\_\_\_\_. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

\_\_\_\_\_. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRÍCIO, V. N. Política cultural e gênero: as contribuições dos estudos culturais para o trabalho da coordenação pedagógica. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira : Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010. p.83-111.

BRUSCHINI, C. ; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.64, p. 4-13, fev.1988.

CABRAL, J. T. A Sexualidade no mundo ocidental. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Formação e Profissionalização do Educador, 8., 1996, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. v.1.

CAETANO, M. R. V. Como disse Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, as feminilidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares que formam as feminilidades. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

CAMARGO, A. M. F. de; RIBEIRO, C. Educação sexual nas séries iniciais do ensino Fundamental. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Igualdade e Diversidade na Educação, 11., 2002, Goiânia. **Programação e Resumos de Painéis e Pôsteres...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2002. 1CD-ROM.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade e infâncias**: a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna; Campinas. Ed. da Unicamp, 1999.

CAMARU, F. S.; MACIEL, M. D. Como a sexualidade e a orientação sexual são trabalhadas nas aulas de ciências e biologia no ensino fundamental e médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Conhecimento Local e Conhecimento, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. 1CD-ROM.

CAMIZÃO, A. C.; ROSA, P. M. M.; VICTOR, S. L. Afetividade e sexualidade: dois aspectos em discussão. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

CAMPOS, P. do N. A historiografia do silêncio: questões de gênero e práticas pedagógicas intercultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

CAMPOS, P.; SANTOS, L. Sexualidades performáticas: porque se tratando de gênero, tudo é uma questão de performance. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

CANDAU, V. M. Apresentação. In: X ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Ensinar e aprender: sujeitos, saberes, espaços e tempos. 10.; 2000. Rio de Janeiro. **Caderno de Programação e resumos: painéis e pôsteres...** Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. A didática hoje: uma agenda de trabalho. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000a. p. 149-160.

CARMO, P. S. **Entre a luxúria e o pudor**: a história do sexo no Brasil. São Paulo: Octavo, 2011.

CARREIRO, H. J. S.; SCHINDHELM, V. G. Brincadeiras de crianças e reflexões sobre a sexualidade no cotidiano da educação infantil. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

CARVALHO, G. E. F.; ALTMANN, H. Educação Sexual na Educação Infantil: entre o silenciamento e a vigilância. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

CARVALHO, M. E. P. et al. Corpo, gênero e sexualidade: construções em sala. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

CARVALHO, M. P. Gênero: pra que serve esse conceito na prática pedagógica? In: SOARES, L. et al. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 512-525. (Didática e prática de ensino).

\_\_\_\_\_. **Avaliação escolar, gênero e raça**. Campinas: Papyrus, 2009.

\_\_\_\_\_. **No coração da sala de aula**: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo : Xamã, 1999.

CASTANHEIRA, M. A. M.; GARCIA, A. P.; RIBEIRO, C. M. Você faz tudo errado. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

CASTRO, M. C. A Teoria Queer nos espaços –tempos escolares. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

CASTRO, R. P.. Quem está preparado pra isso?...” Reflexões sobre o lugar da homossexualidade na formação docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

CATANI, D. B. et al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: CATANI, D. B. et al (Org.). **Docência, memória e gêneros**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997. p.15-48.

CECHIN, A. F. Formação docente e diversidade sexual: um olhar sobre os cursos de licenciatura da UFSM. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE

ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

CECHIN, A. Vivências escolares de discriminação e resistência na infância e a construção das identidades homossexuais. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

CÉSAR, M. R. A. Sexualidade e gêneros: ensaios educacionais contemporâneos. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Sexo se aprende na escola: a sexualidade e a invenção da adolescência. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Ensinar e Aprender: sujeitos, saberes, espaços e tempos, 10., 2000, Rio de Janeiro, RJ. **Programação e resumos painéis e pôsteres...** Rio de Janeiro, RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000. 1CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade na educação: notas para uma reflexão epistemológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

CÉSAR, M. R. de A.; SILVEIRA, V. T. Gênero, sexualidade e currículo: a invenção da ESEF de Pelotas/RS. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira : Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

CEZAR, F. B.; FERREIRA, L. A. O Gênero nas aulas de educação física: uma análise a partir do Handebol e do Futsal. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: essa nossa (dês) conhecida. São Paulo: editora Brasiliense, 1984.

CIRÍACO, K.T.; SOUZA, N.M.M. Matemática é “coisa” para homem? Entre mitos e realidades de mães de camadas populares. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1 CD-ROM.

COLLING, A. M. O cuidado e as carreiras acadêmicas femininas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

CORREIA, M.I.M. Educação Católica Feminina e Subjetivação: o Colégio Santa Rita como instituição disciplinar. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1 CD-ROM.

CORSINO, L. N. Educação física escolar e as relações raciais e de gênero: uma relação possível. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP : Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

COSTA, M. V. Gênero, profissionalismo e formação docente: complexas conexões. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Formação e Profissionalização do Educador, 8., 1996, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. v.2.

COSTA, N. M. Educação e sexualidade: o velado e o aparente. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Formação e Profissionalização do Educador, 8, 1996, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. v.1.

CUNHA JUNIOR, H. Discutindo os Temas transversais sobre etnia e gênero na perspectiva afrodescendente. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Ensinar e Aprender: sujeitos, saberes, espaços e tempos, 10., 2000, Rio de Janeiro, RJ. **Programação e resumos painéis e pôsteres...** Rio de Janeiro, RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000. 1 CD-ROM.

CUNHA, M. de F. Apropriações dos discursos de gênero e sexualidade nos PCNS. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Conhecimento Local e Conhecimento, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. 1CD-ROM.

CUNHA, P.F.L. A longa história da repressão Sexual. **Psicologia em Curso**, São Paulo, v. 2, n.8, p.19-26, out./dez.1981.

CYMBALUK, F. **Mulheres chefes de família não são mais pobres e nem sozinhas, diz pesquisadora**. 22 set. 2012. Disponível em: < <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/09/22/mulheres-chefes-de-familia-nao-sao-mais-pobres-e-nem-sozinhas-diz-pesquisadora.htm> >. Acesso em:

D' ANDREA, A. C. E. B.; PEREIRA, J. E. D. Formação de professores para educação sexual nas escolas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1 CD-ROM.

DALBEN, Â.; DINIZ, J.; SANTOS, L. Caderno de programação. ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais. 15., **Caderno de Programação**. Belo Horizonte – MG, 2010.

DIAS, Z. B. As Relações de gênero nas atividades físicas praticadas por alunas e alunos do 4º ao 9º ano do ensino fundamental da ESEBA/UFU. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1 CD-ROM.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.

ECO. U. **Cinco Escritos Morais**. São Paulo : Editora Record, 2006.

ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO - ENDIPE. Formação e Profissionalização do Educador. 8., 1996. **Anais...** Florianópolis, 1996.v.2

ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO - ENDIPE. Olhando a Qualidade do Ensino a Partir da Sala de Aula. Caderno de Programação Geral. 9., 1998. **Anais...** Águas de Lindóia -SP, 1998. CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPe, 4., 1996, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPe, 1996. Disponível em: <<http://www.propesq.ufpe.br/anais/anais.htm>>. Acesso em: 21 jan. 1997.

ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO - ENDIPE. Caderno de Programação. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO: compromisso com a Escola Pública, laica, Gratuita e de Qualidade. 16., 2012, Campinas- SP: ENDIPE, 2012.

ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO - ENDIPE. **Histórico dos eventos anteriores**. 2012. Disponível em: <<http://www.endipe2012.com.br/arquivos/historico.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2013.

ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO – ENDIPE. A Didática e a Prática de Ensino nas Relações entre escola, Formação de Professores e Sociedade: caderno de resumos: pôsteres e painéis. Fortaleza : EdUECE, 2014.

FAGUNDES, T. C. P. C. **Mulher e pedagogia**: um vínculo re-significado. Salvador: Helvécia, 2005.

FELIPE, J. Educando para a Sexualidade: uma proposta de formação docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira : Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa et al. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.p.31-45.

FERNÁNDEZ, S. J. As Outras imaginárias: maternidade, educação e cidadania nas relações família – escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1 CD-ROM.

FERRARI, A. Eu sou Gay. Legal! Né? In: SOARES, L. et al. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 547-564. (Didática e prática de ensino).

\_\_\_\_\_. Eu sou Gay. Legal! Né? Tensionando as Relações entre as Homossexualidades e Escolas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1 CD-ROM.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, ago. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302002000300013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302002000300013&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em: 5 jul. 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.98, p.50-63, ago.1996a.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmica-científica brasileira. **Semina –Ciências Sociais e Humanas**, São Paulo, v.17, n.3,p.286-293.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 2.ed. Londrina:Ed.da UEL, 2001.

\_\_\_\_\_. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006.

\_\_\_\_\_. Formação de profissionais para atuação no campo da educação sexual: a extensão universitária como possibilidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Repensando a educação sexual enquanto tema transversal. **Cadernos Educacionais**. Pelotas, RS, n.19, p.65-82,jul/dez.2002.

FINCO, D. Expectativas diferenciadas para meninas e meninos na educação infantil. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais,15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal,1988.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 37.ed. Petrópolis, RJ: Vozes,2009.

FRANÇA, E. S. Homossexualidade na escola: identidades negadas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais,15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo:PAZ e Terra, 1996.

FREITAS, D. L. Ambientes virtuais de aprendizagem: apresentação de experiências com o curso de extensão conversando sobre a sexualidade adolescente no Centro de Educação A Distância da UDESC/SC. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

FREITAS, J. G. O. A edificação de culturas, políticas e práticas inclusivas no contexto escolar: uma análise sobre o index para a inclusão e o tema da homossexualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais,15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

FREITAS, M. A. A violência no futebol sob a perspectiva de gênero - um estudo comparado desse esporte nas aulas de educação física e nos treinos para formação de jogadores. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13., 2006, Recife. **Anais...**Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1CD-ROM.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade. In \_\_\_\_\_. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1925-1926. v. XX

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio,1982.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). Situação da População Mundial. Maternidade Precoce: enfrentando o desafio da gravidez na adolescência. Disponível em:<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/SWOP%202013%20-%20Summary%20Portugues.pdf>. Acesso em 18 jul. 2015.

FURLANI, J. Pressupostos teóricos e políticos de uma educação sexual de respeito às diferenças – Argumentando a favor de um currículo pós-crítico. In: FURLANI, J. Educação Sexual na escola: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autentica, 2011. p. 47-64.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas a um começo na educação infantil e no ensino o fundamental. In: FURLANI, J. **Educação Sexual na escola**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autentica, 2011. p.87-129.

\_\_\_\_\_. Mulheres só fazem amor com homens? A educação Sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **Pro-Posições**, Campinas, v.19, n. 2 (56), p.111-131, maio/ago. 2008.

\_\_\_\_\_. Educação sexual: possibilidades didáticas. In LOURO, G. L.; et al (Org.).**Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.p.66-81.

\_\_\_\_\_. Recursos didáticos metodológicos ao trabalho de educação sexual com adolescentes. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Formação e Profissionalização do Educador, 8., 1996, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. v.1.

- GAGLIOTTO, G. M. **A Educação sexual na escola e a pedagogia da infância**: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias. 2009. 245 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- GALLACHO, J. C. **A orientação sexual em um trabalho integrado educação e saúde**: estudo analítico – descritivo e documental de um programa de intervenção. 2000. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)–Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 2000.
- GARTON, S. **História da sexualidade**: da antiguidade à revolução sexual. Trad. Mario J. Félix. Lisboa, Editorial Estampa, 2009.
- GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. (Coord.). **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.
- GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais: livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.
- GENTILI, P. O consenso de Washington e a crise da educação na América Latina. In: **A falsificação do consenso**: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.13-39.
- GOMES, N. L. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 1995.
- \_\_\_\_\_. Raça e Gênero: o desafio de repensar o trabalho docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Formação e Profissionalização do Educador, 8., 1996, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. v.1.
- GRANÚZZIO, P. M. A Prática Docente e a Questão Homossexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13., 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1CD-ROM.
- GRÖSZ, Dirce M. **Representações de gênero no cotidiano de professoras e professores**. 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2008.
- GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- GUIRADO, M. Sexualidade, isto é, intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p. 25-42.
- HARNIK, Simone. **Mulheres são 81,5% do magistério da educação básica no Brasil**. <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/13784/mulheres-sao-815-do-magisterio-da-educacao-basica-no-brasil/>>. Acesso em: 3 jul. 2013.
- HONÓRIO, A. C.; LEITE, R. C. M. Educação sexual em uma escola pública: a oficina pedagógica sexualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas

e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

IACOCCA, L; IACOCCA, M. **O planeta eu: conversando sobre sexo.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

JESUS, A. R.; CASALI, A. Gênero e desvalorização profissional do magistério: o mito e a realidade histórico cultural representado na fala das professoras londrinenses. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

KAVAKAMI, T. H. Projeto sexualidade: entre o viver e o saber, um conhecimento em construção. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

LAKONY, A. M.; BARRETO, M. S. L. A representação social na prática pedagógica : uma questão de gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Conhecimento Local e Conhecimento, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. 1CD-ROM.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Giraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: < [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDI\\_A.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDI_A.pdf) >. Acesso em: 10 jan. 2013.

\_\_\_\_\_. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.p.35-86.

LARROSA BONDÍA, J.; KOHAN, W. Apresentação da Coleção. In: RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A Construção do Saber** : manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Trad. MONTEIRO, H.; SETTINERI, F. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEÃO, A.M.C. Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos. 2009. 343 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Campus Araraquara, 2009.

LEITE, M. **Feminina de menina, masculino de menino.** Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2011.

LIBÂNEO, J.C. **Apresentação 20 anos do ENDIPE.** In: XI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: igualdade e Diversidade na educação, 11, 2002. Goiânia. Programação e Resumos de painéis e pôsteres. Goiânia, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** São Paulo: Cortez Editora, 2010. (Coleção Docência em Formação).

LÍRIO, F. C. A escola e o enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil em Roraima. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

LONGARAY, D. A.; RIBEIRO, P. R. C. Eu uso roupa rosa e não sou bichona: os marcadores sociais de gênero e a constituição da homossexualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais,15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

LOURO, G .L. Currículo, Gênero e Sexualidade, o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G.L (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petropolis:Vozes, 2007. p.41-52.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autentica, 2010a.

\_\_\_\_\_. A escola e a produção das diferenças sexuais e de gênero. In : **Cadernos de educação**: gênero e educação. Brasília: confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, v. 8, n. 10, 1998.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da Sexualidade.In: \_\_\_\_\_. **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010b. p.7-34.

LOURO, G. L. Teoria Queer- uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, Ano 9, n. 2, p.541-553, 2001.

LUNA, S.V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2002.

MACHADO, J. Abuso sexual infantil: consequências cognitivas, emocionais, sociais e a importância do professor na identificação do abuso sexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais,15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

MACHADO, L. M. ; LEMES, S. S. **Orientações para elaboração do trabalho de conclusão de curso**: o projeto de pesquisa. Universidade Estadual Paulista. Pró- Reitoria de Graduação: Universidade Virtual do Estado de São Paulo. São Paulo: Cultura Acadêmica,2011.

MACHADO, R. N. S. Relações de gênero na prática pedagógica. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...**Campinas – SP : Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

MADLENER, F.; DINIS, N. F. Educação sexual: dúvidas e perspectivas nas práticas escolares de educação física. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Conhecimento Local e Conhecimento, 12.,2004, Curitiba. **Anais...**Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. 1CD-ROM.

\_\_\_\_\_. O Discurso da homossexualidade e a formação de professores/as de educação física. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13., 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1CD-ROM.

MAGALHÃES, J. C. Cérebro como delineador de destinos? discutindo a rede de discursos sobre os Gêneros. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

MAIA, A. C. B. Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. **Revista Psicopedagogia OnLine**, São Paulo, p. 1-10, 2010. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1303>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, P.R.M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p.153- 179.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade e deficiências**. São Paulo : Editora UNESP, 2006.

\_\_\_\_\_. A Educação Sexual de Pessoas com Deficiência Mental. In: FIGUEIRÓ, M.N.D.; RIBEIRO, P.R.M.; MELO, S.M.M. **Educação sexual no Brasil: panorama de pesquisas do sul e do sudeste**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p.141-148.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.16, n. 2, p.159-176, 2010.

\_\_\_\_\_. Educação sexual: princípios para ação. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v.14, n.1, p.75-84, 2011.

MAISTRO, V. Y. A. **Projeto de orientação sexual na escola: seus limites e possibilidade**. 2006. 249f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Educação Matemática)–Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

MARIANO, A. L. S. Corpo, gênero e sexualidade: das práticas de formação às práticas escolares cotidianas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

MARIANO, S. M. F.; CUNHA, M. D. O Brincar na educação infantil : quem brinca com carrinho? Quem brinca com boneca? In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

MARTELLI, A. C. Orientação sexual: um relato de experiência da prática de ensino. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

MARTINS, C. J. O dispositivo da sexualidade e a constituição do sujeito na obra de Michel Foucault. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Ensinar e Aprender: sujeitos, saberes, espaços e tempos, 10., 2000, Rio de Janeiro, RJ. **Programação e resumos painéis e pôsteres...** Rio de Janeiro, RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000. 1CD-ROM.

MARTINS, C. J.; ALTMANN, H. Educação sexual: ética, liberdade e autonomia. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

MATOS, M. G. de et. al. Educação Sexual em Portugal e em vários Países da América Latina. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v.10, n.1, p. 149-158, 2009.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A.; MOURÃO, L. de M. Fracasso escolar, gênero e pobreza: uma análise da literatura. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1CD-ROM.

MAUÉS, M. S. ; CORRÊA, P. S. A. Formação docente, memória e gênero: docentes pesquisadoras/es em educação na Universidade Federal do Pará. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13., 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1CD-ROM.

Mc LAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MEAD, M. Sexo e temperamento em três sociedades primitivas. São Paulo: Perspectiva, 1935.

MEIRELES, C. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MELLO, G. N. **Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1981.

MELLO, M. Deficiência mental e sexualidade: visões de múltiplos saberes para a qualidade de vida. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Ensinar e Aprender: sujeitos, saberes, espaços e tempos, 10., 2000, Rio de Janeiro, RJ. **Programação e resumos painéis e pôsteres...** Rio de Janeiro, RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

MELLO, T. A vida verdadeira. In: \_\_\_\_\_. **Poemas preferidos pelo autor e seus leitores**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001. Disponível em: <[www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga\\_tm.htm](http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_tm.htm)>. Acesso em: 7 set. 2013.

MELO NETO, F. G.; CHAVES, G. N. Beirando as margens do gênero: tramas da cultura histórica do MST no assentamento 1º de janeiro – TO. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Conhecimento Local e Conhecimento, 12., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. 1CD-ROM.

MELO, S. M. M. de. Desvendando a sexualidade: as contribuições de um curso de especialização. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO:

Formação e Profissionalização do Educador, 8.,1996,Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. v.1.

MELO,S.M.M. de. **Corpos no espelho:** a percepção da corporeidade em professoras. Campinas : Mercado das Letras, 2004. (Coleção Dimensões da Sexualidade).

\_\_\_\_\_. Novos saberes docentes em educação sexual como contribuição à formação de professores a produção de novas metodologias e materiais pedagógicos com o uso das novas tecnologias de informação e comunicação. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira : Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

MELO, S. M. M.; FREITAS, M. de; BRASIL, C. S. D.. Avaliação da inserção curricular da disciplina educação e sexualidade no curso de pedagogia na modalidade a distância CEAD/UNEDSC como contribuição à formação de educadores. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13., 2006, Recife. **Anais...**Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1CD-ROM.

MELO, S. M. M. et al. Formação de educadores e educação sexual: relato de uma experiência em uma universidade pública como contribuição a novos saberes pedagógicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13., 2006, Recife. **Anais...**Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1CD-ROM.

MENEZES, C. S. de. Orientação sexual na prática de ensino de biologia : sexualidade e relações de gênero no estágio curricular. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

MENEZES, C. S. de. Educação de Jovens e Adultos, Sexualidade e Relações de Gênero : avanços e tensões. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais,15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

MINAYO, M. C. S.**O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo : Hucitec; Rio de Janeiro Abrasco,2000.

MIZUKAMI, M.G. N. et al. **Escola e aprendizagem da docência:** processos de investigação e formação. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MOITA, M. C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores.** Porto Alegre: Porto Editora, 1992.p. 111-140.

MOIZÉS, J. S; BUENO, S. M. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, Ribeirão Preto, v.44, n.1, p.205-212, 2010.

MONTEIRO, O. N.; FREITAS, M. F.; FERREIRA, P. S. Oficinas pedagógicas no ensino de ciências da saúde - uma proposta para orientação sexual e doenças sexualmente

transmissíveis. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13., 2006, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1 CD-ROM.

MORAIS, A. J. P. Diversidade sexual na escola: rumos, possibilidade e desafios. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola: São Paulo: Moderna, 1999.

MOTTA, F. M. **Velha é a vovozinha**: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1998.

MOUKARZEL, M. G. M. A sexualidade da mulher e a condição deficiente: para além do estigma social. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Olhando a Qualidade do Ensino a Partir da Sala de Aula, 9. , 1998, Águas de Lindóia, SP. **Anais e pôsteres...** Águas de Lindóia, SP: Hotel Majestic, 1998.

MOURA, G. F. de M. Relações de gênero no contexto escolar: uma questão didática. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Igualdade e Diversidade na Educação, 11., 2002, Goiânia. **Programação e Resumos de Painéis e Pôsteres...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2002. 1 CD-ROM.

NORONHA, I. de L. Alencar; GONÇALVES, Maria Isa Pinheiro Cardoso. Sexualidade responsabilidade nas tramas sociais : os desafios da juventude. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP : Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

NOVAES, M. E. **Professora primária**: mestre ou tia. São Paulo: Cortez, 1991.

NOVENA, N. P. Representações sociais da homossexualidade e produção de subjetividades na organização escolar. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1 CD-ROM.

NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto Alegre: Porto Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. **Vidas de professores**. Porto Alegre: Porto Editora, 1992.

NUNES, C. A. **Filosofia, sexualidade e educação**: as relações entre os pressupostos éticos - sociais e históricos - culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. 1996. 330 f. Tese (Doutorado em Educação )–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Desvendando a sexualidade**. 7.ed. Campinas:Papirus,1987.

\_\_\_\_\_. Filosofia, sexualidade e educação sexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Formação e Profissionalização do Educador, 8.,

1996, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996b. v.1.

NUNES, César A.; SILVA, E. A. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000. (Coleção polemicas do nosso tempo; 72).

\_\_\_\_\_. **As manifestações da sexualidade da criança**: desafios teóricos e subsídios didáticos para pais e educadores. Campinas, SP: Século XXI, 1997.

NUNES, J. V. S.; XAVIER, L. L. C.; LEITE, R. C. M. Educação sexual na formação inicial: o que pensam os futuros docentes? In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

OLIVEIRA, A. L. A. R. M.; ARAÚJO, C. M. de. A (Re) articulação do discurso pela diversidade sexual no campo escolar. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

OLIVEIRA, D. I. O feminino e o masculino no ensino de matemática: as representações das professoras do ensino fundamental. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Ensinar e Aprender: sujeitos, saberes, espaços e tempos, 10., 2000, Rio de Janeiro, RJ. **Programação e resumos painéis e pôsteres...** Rio de Janeiro, RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

OLIVEIRA, G. G. de. A teoria pós-estruturalista do discurso e a pesquisa sobre diversidade sexual e educação: reflexões e metodologias. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

OLIVEIRA, L. S.; MAZZOTTI, T. B. Educação sexualidade e saber médico: a marcha higienista no período da primeira República. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13., 2006, Recife. **Anais...**Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1CD-ROM.

OLIVEIRA, M.R. N. S. 20 anos de ENDIPE. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 161-176.

OLIVEIRA, V. B. Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: UEL, 2009.p.173-189.

OLIVEIRA, W. et al. Sexualidade: dúvidas e concepções de alunos do Ensino Fundamental de uma escola da cidade de Jataí –GO. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

PACHECO, J. A.; FLORES, M. A. **Formação e avaliação de professores**. Porto Alegre: Porto Editora, 1999.

PATANÉ, R. S. Políticas de educação sexual em meio escolar elaboradas pelo poder público em Portugal e no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

PAULINO, A. G.; CASTANHEIRA, M. A. M.; RIBEIRO, C. M. O Programa de iniciação científica júnior: meninas na pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

PEIXOTO, L. F. “Oh Tio, Pra que Tem Essa Regra?”: Sobre Famílias Brincadeiras de Meninos e de Meninas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

PEREIRA, D. O. C. A mulher na perspectiva teórica do gênero e o ordenamento jurídico da educação de jovens e adultos desenhado pela CF/88,LDBN/96 e PNE/2005. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

PEREIRA, G. R.; MELO, S. M. Subsídios para um processo de educação sexual e emancipatória intencional na formação de docentes no Brasil e em Portugal. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

PEREIRA, M. J. A. Por entre “corcundas”, ciganas, sinos e a invenção do sujeito homossexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

PEREIRA, Z. M. Reflexos de políticas de gênero e sexualidade na pratica pedagógica de professores de Ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade na pesquisa na área de ensino análise da produção Acadêmica. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

PETRENAS, R. C. Sexualidade e formação docente: pesquisas, perspectivas e construções. In: Monteiro, S. A. et al. (Org.). **Educações na contemporaneidade reflexão e pesquisa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.p. 215-228.

PETRENAS, R. C. et.al. Era uma vez um menino e uma menina....Representações de gênero através de livros paradidáticos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v.17, 1, p.129-140, 2014.

PETRENAS, R. C.; MONTEIRO, S. A. I. As questões da sexualidade e educação/orientação sexual: reflexões a partir dos Encontros Nacionais de Didática e Prática de Ensino (1996-2012). In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...**Campinas – SP : Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

PIMENTA, S. G. Sessão de Abertura: Conferência de Abertura- Textos de Mesas – Redondas – Avaliação. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Olhando a Qualidade do Ensino a Partir da Sala de Aula. 9., 1998, Águas de Lindóia – SP. **Anais ...**Águas de Lindóia, SP: Hotel Majestic, 1998. v. 3

PINTO, F. O.; ÁVILA, I. S. Identidades de gênero no cotidiano escolar. A Sexualidade da Mulher e a Condição Deficiente: para além do estigma social. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Olhando a Qualidade do Ensino a Partir da Sala de Aula, 9., 1998, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: Hotel Majestic, 1998. v.1.

PIRES, R. C. C. A. No florescer da idade: estudo sobre a sexualidade feminina na velhice como contribuição à formação de educadores. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Conhecimento Local e Conhecimento, 12.,2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. 1CD-ROM.

PIRES, R. C. A.; MELO, S. M. M. Meu corpo estrangeiro: estudo da percepção da sexualidade feminina na terceira idade como contribuição para a educação sexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Igualdade e Diversidade na Educação, 11., 2002,Goiânia. **Programação e Resumos de Painéis e Pôsteres...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2002.1CD-ROM.

POCAHY, F. Abjetos da Educação: marcas do heterossexismo e corpos indóceis. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

PORTUGAL. Lei nº 3/84. **Educação sexual e planejamento familiar**: Assembleia da República Diário da República, I Série , de 24 de março de 1984 , nº 71, 981-983.

PORTUGAL. Portaria nº 196-A . Diário da República, 1ª série – nº7 69- 9 de abril de 2010.

PUGGIAN, C.; BORGES, L. P. Educação e masculinidades: silêncio e diálogo entre as ruas e a escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

RABELO, A.O.; FERREIRA, A.G. Formação docente em gênero e sexualidade: entre semelhanças e diferenças luso-brasileiras. In: RABELO, A. O.; PEREIRA, G. R. ; REIS, M.A. de S. (Org.) **Formação docente em gênero e sexualidade**: entrelaçando teorias, políticas e práticas. Petrópolis, RJ: FAPERJ, 2003. p.25-73.

REIS, M. A. S. Sexualidade, gênero, formação docente e juventude: implicações sobre a prática educativa escolar. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1 CD-ROM.

REIS, M. A. S; NASCIMENTO , G. R. ; CORDEIRO, J. P. O charme das partículas: as monitoras da casa da física. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

REIS, G.V.; RIBEIRO, Paulo R. M. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P.R.M. (Org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p.27-71.

\_\_\_\_\_. A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: RIBEIRO, P.R.M. (Org.).**Sexualidade e educação sexual**: apontamentos para uma reflexão. Araraquara: Cultura Acadêmica/Editora Laboratório Editorial FCL, 2002. p. 81-96.

RIBEIRO, C. M. Os Desafios teórico metodológicos da extensão universitária nos Processos educativos da educação para a sexualidade e gênero: articulando as redes de proteção no combate as violências sexuais. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

RIBEIRO, M. **Sexo não é Bicho-papão**. Rio de Janeiro: Zit, 2008.

\_\_\_\_\_. **Menino brinca de boneca**. São Paulo: Salamandra, 2001.

RIBEIRO, P. R. M. A Educação Sexual na Formação de Professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos para uma cidadania ativa. In: RABELO, A. O.; PEREIRA, G. R. ; REIS, M. A. de S. (Org.) **Formação docente em gênero e sexualidade**: entrelaçando teorias, políticas e práticas. Petrópolis, RJ: FAPERJ,2003. p.7-15.

\_\_\_\_\_. A Institucionalização dos Saberes Acerca da Sexualidade Humana e da Educação Sexual no Brasil. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.).**Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina :UEL,2009.p. 129 –140.

\_\_\_\_\_. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

\_\_\_\_\_. O Fórum como um Espaço Colaborativo das Discussões de Gênero em um Ambiente Virtual de Aprendizagem. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Os Momentos Históricos da Educação Sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P.R.M.. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p.15-25.

\_\_\_\_\_. Processos e trajetórias na formação de professores para atuação no campo da educação sexual: a experiência do Núcleo de Estudos da Sexualidade na UNESP, em Araraquara. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetória e Processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e cultura. 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2008.

RIBEIRO, P. R. M.; BEDIN, R. C. Notas Preliminares sobre Historiografia da Educação Sexual Brasileira: apontamentos de uma cronologia descritiva.1) Atitudes e Comportamentos Sexuais no Brasil nos Documentos da Inquisição dos Séculos XVI e XVII. **DOXA**, Araraquara, v.17,n.1 e 2, 2013, p.149-168.

RIBEIRO, P. R. C. et al. Corpos, gêneros e sexualidades: analisando narrativas em um ambiente virtual de aprendizagem. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira : Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

RIZZA J. L.; RIBEIRO, P. R. C.. Problematizando a sexualidade com licenciadas/os em ambientes virtuais. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

ROCHA, R. **Mulheres de coragem**. São Paulo : FTD, 1999.

RUAS, T. S.; GARÍLIO, J. Â. Relações de Gênero no cotidiano das práticas formativas de cursos de engenharia elétrica e mecânica. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...**Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

SALES, S. S.; CORTES, V. C. P.; VICTOR, S. L. Sexualidade e Infância da Criança com Deficiência. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SALVA, S. Relações de Gênero na Educação Infantil: uma discussão necessária. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SANTANA, A. S.; MARTINS,S. T. F. O processo grupal na formação continuada de professores: desenvolvimento humano e sexualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Conhecimento Local e Conhecimento, 12.,2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. 1CD-ROM.

SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, T. S.(Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.**Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.p.159-177.

SANTOS, A. C. S. As relações de gênero no contexto das práticas educativas do grupo de mulheres do Parque Eliane – Teresina – PI. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira : Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

SANTOS, A. R. J. Gênero e magistério feminino: uma imagem construída através da imprensa escrita londrinense nos períodos de 1930-1960-1990. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Conhecimento Local e Conhecimento, 12.,2004, Curitiba. **Anais...**Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. 1 CD-ROM.

SANTOS, D. V. Documentos de subjetivação: incursões investigativas em um programa de formação em gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira : Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

SANTOS, E. M.; ALLAIN, L. R. Relações de gênero e construção da identidade profissional docente para além do determinismo sexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SANTOS, L. H. S. Heteronormatividade e educação: algumas questões para (re) pensar o cotidiano escolar. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SANTOS, R. A. P.; MARCELINO, S. R. de S.. Pequenas Pegadas para Pensar uma Prática Intercultural – gênero e sexualidade no interior da escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SANTOS, R. C. G. Educando meninas “dóceis, cultas e cristas”: impactos da cultura escolar produzida nos 1º anos do Colégio São José de Pelotas (1910-1920). In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SANTOS, S. P. F.. Cartografias do Gênero: tempos e espaços escolares como constituidores da identidade docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13., 2006, Recife. **Anais...**Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1CD-ROM.

SANTOS, S. P. Concepções de gênero de futuros/as professores/as de ciências e biologia a partir do vídeo boneca na mochila. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E

PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

SANTOS, V. M. M.; FORSTER, M. M. S. Educação sexual e formação de professor@s : um diálogo luso-brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira : Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Saúde. **Gravidez na adolescência cai 26% em SP.** 4 jan. 2013. Disponível em:< <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=225318> >. Acesso em: 11 fev. 2013.

SARAMAGO,J. **Ensaio sobre a cegueira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAVIANI. D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2013. ( Coleção Memória da Educação).

SAYÃO, R. **A educação sexual nossa de cada dia:**os desafios enfrentados no cotidiano escolar, São Paulo:FDE, 1997. p.269-281. (Série Ideias, n. 28).

SCHINDHELM, V. G. Dialogando com educadores da infância sobre gênero e sexualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Educadora infantil. requisito: sexo feminino. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo:** um novo design para o ensino e a aprendizagem. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed,2000.

SEVERO, R. A. O. Brasil sem homofobia: uma face dos direitos humanos. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_.Gênero e sexualidade no cotidiano da escola: a segregação social causada pelo *bullying* homofóbico. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SHULMAN, L. S. Those who understand: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**, Washington,v. 15, n. 2, p. 4-14, 1986.

SILVA JUNIOR, P. M. Quando as questões de gênero e sexualidades interrogam as práticas curriculares: reflexões sobre programa de orientação sexual, masculinidades e (HOMOS)

sexualidades na escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Identidades de gênero e masculinidade: quando a norma é colocada em questão. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...** Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

SILVA, A.M.M.; MELO, M.M. O.; TEIXEIRA, F. M. Apresentação. In: XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Educação , Questões Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13, 2006. Pernambuco. **Programação oficial...** Recife, 2006.

SILVA, E. A. **Filosofia, educação e educação sexual**: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da Sexualidade Humana.2001.300 tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. Representações de gênero nos livros didáticos de química. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SILVA, F. G. O.; MACHADO, J. Formação do pedagogo e a pedagogia social: discussões preliminares sobre o enfrentamento do abuso sexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SILVA, R. A. Gênero e sexualidade: uma análise dos livros didáticos de ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Conhecimento Local e Conhecimento, 12.,2004, Curitiba. **Anais...**Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. 1CD-ROM.

SILVA, R.C.P.; MEGID NETO, Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência & Educação**, Bauru, v.12, n.2, p.185-197, maio/ago.2006.

SILVA, S. M. P. da. Sexualidade e educação sexual nas práticas educativas: entre travessões e reticências. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas – SP. **Anais...**Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVA, V. M. Gênero e sexualidade : discutindo o papel da escola na orientação sexual de jovens e adultos. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO:

Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SILVEIRA, J. M. Representações da sexualidade na educação das artes visuais: questões para problematizar a normatividade instaurada no contexto escolar. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

SOARES, L. et al. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Didática e prática de ensino).

SOARES, M. G. Educação sexual no ensino de graduação e pós: uma experiência compartilhada. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Formação e Profissionalização do Educador, 8., 1996, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. v.1.

\_\_\_\_\_. Educação sexual na escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Formação e Profissionalização do Educador, 8.,1996,Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996. v.1.

SOARES, M.; MACIEL, F. **Alfabetização**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000.

SOARES, M. 20 anos de ENDIPE: uma tentativa de compreensão do campo. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 177-186.

SOUSA, C.P. O trabalho docente: um estudo em rede de pesquisadores sob a perspectiva psicossocial. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO Trajetória e Processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e cultura.2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2008.

SOUZA, F. C. Práticas Pedagógicas e Relações de Gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Igualdade e Diversidade na Educação, 11., 2002,Goiânia. **Programação e Resumos de Painéis e Pôsteres...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2002.1CD-ROM.

SOUZA, M. C. R. F. et al. Relações de gênero e experiências educativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho do docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. 3. ed.Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, Campinas, n.73, p. 209-244, dez.2000.

TEIXEIRA, A. B. M.; NASCIMENTO, S. S.; ARAÚJO, P. Relações de gênero nas trajetórias acadêmicas de mulheres no ensino superior: curso de física. In: SOARES, L. et al. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.p. 526-546. (Didática e prática de ensino).

TEIXEIRA, F. L.; HYPOLITO, Á. M.. Percorrendo o campo das identidades sexuais e de gênero no espaço escolar. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

TORRES, T. L. M. Gravidez na juventude e subjetividade: experiências e trajetórias de estudantes do ensino médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13., 2006, Recife. **Anais...**Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1CD-ROM.

UNBEHAUM, S. Temas transversais na educação: ainda uma questão mal resolvida nas políticas de educação. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2009.p.1-11. (Difusão de Ideias).

UNESCO. Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade. Uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde.Brasilia,2010. V. I ( Razões em favor da educação em sexualidade).

USSEL, J.V. **Repressão sexual**. Tradução de Sonia Alberti. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VARGAS, J. R. Expectativas diferenciadas para meninas e meninos na educação infantil. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Convergências e tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: políticas e práticas educacionais, 15.,2010,Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.1CD-ROM.

VENTORIM, S. A formação do professor pesquisador na produção científica dos Encontros Nacionais de Didática e Prática de Ensino: 1994 -2000.2005. 346 f. Tese (Doutorado em Educação).Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

VIANA, C. P.; UNBEHAUM, S. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil; 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, v.34, n.121, p.77-104, jan./abr.2004.

VILAÇA, T. **Ação e competência de ação em educação sexual**: uma investigação com professores do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário.2006. Tese (Doutorado em Educação). Portugal, Universidade do Minho,2006.Disponível em:<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6465>repositorium.sdum.uminho.pt>. Acesso em: 22 abr. 2013.

VITIELLO, N. **Sexualidade**: quem educa o educador: um manual para jovens , pais e educadores. São Paulo:Iglu,1997.

XAVIER FILHA, C. Educação para a sexualidade : carregar água na peneira? In: RIBEIRO, P.R.C; SILVA, M.R.S.; GOELLNER,S.V.(Org.). **Corpo, gênero , sexualidades**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, 2009. P.85-103.

\_\_\_\_\_. A Sexualidade feminina na ordem do discurso de mulheres professoras. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Educação, Questões

Pedagógicas e Processos Formativos: compromisso com a inclusão social, 13., 2006, Recife. **Anais...**Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. 1CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Construindo Subjetividades –a sexualidade nos discursos memorialísticos de professoras. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Conhecimento Local e Conhecimento, 12.,2004, Curitiba. **Anais...**Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2004. 1CD-ROM.

\_\_\_\_\_.Gênero e docência: práticas discursivas em histórias de vida de professores. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Trajetórias e Processos de Ensinar e Aprender: lugares, memórias e culturas, 14.,2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Ferreira: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2008. 1CD-ROM.

WACHOWICZ, L. A.; BEHRENS, M. A. Apresentação. In: XII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 12., 2004. Curitiba. **Apresentação...** Curitiba, 2004. CD-ROM.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade .In: LOURO, G. L.(Org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.p. 35-82.

WEREBE, M.J. G. **Sexualidade, políticas e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

ZABALZA, A. M. **Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores**. Portugal: Porto Editora 1994.

## APÊNDICE A: FICHA DESCRITOR

- 1) Trabalho  nacional  internacional
- 2) Nível de escolarização que o trabalho trata :  
 Educação Infantil  Ensino Fundamental ( primeiro anos )  
 Ensino Fundamental ( anos finais )  Ensino Médio  Ensino Superior  
 Formação Docente  Outra formação \_\_\_\_\_
- 3) Pesquisa Instituição :  Pública  Privada
- 4) Pesquisa de :  Graduação  Mestrado  Doutorado  Pós - doutorado  
 Outro \_\_\_\_\_
- 5) Instituição vinculada - \_\_\_\_\_  
 pública  privada
- 6) Região da federação que a instituição (que o pesquisador estuda) esta vinculada -  
 \_\_\_\_\_
- 7) Região da federação que a pesquisa esta vinculada - \_\_\_\_\_
- 8) Vinculação da instituição de origem do trabalho por Estado ( nome do Estado ) \_\_\_\_\_
- 9) Trabalho vinculado a mais de uma instituição  sim  não
- 10) Tipo de autoria  individual  coletiva
- 11) Indicação de abordagem metodológica :  indicação  não indicação
- 12) Tipo de estudo :  
 Pesquisa Participativa  Estudo bibliográfico  
 Pesquisa etnográfica  Pesquisa ação  
 não especificado  pesquisa de campo
-

**APÊNDICE B: PARTICIPANTE DOS ENDIPES -1996-2012**

<b>Participante do ENDIPE (por ordem alfabética)</b>	<b>ENDIPE que participou com apresentação de trabalho (s)</b>
1) Adla Betsaida Martins Teixeira	2010
2) Adriana Regina de Jesus Alípio Casali	2008
3) Adriana Regina de Jesus Santos	2004
4) Adriane da Silva Reis	2010
5) Alessandra dos Santos Santana	2004
6) Alessandro Garcia Paulino	2010
7) Alessandro Paulino Garcia	2010
8) Álvaro Moreira Hipólito	2008
9) Amanda Coelho Honório	2010
10) Amanda Costa Camizão	2012
11) Ana Célia de Souza Santos	2008
12) Ana Luiza Araújo Ramos M. de Oliveira	2010
13) Ana Maria Colling	2010
14) Ana Maria Faccioli de Camargo	2002
15) Ana Maria Lakomy	2004
16) Anderson Ferrari	2010
17) André Luiz Sena Mariano	2012
18) Andréa Forgiarini Cechin	2008 /2010
19) Andréa Cristina Martelli	2008
20) Anilza de Fátima Medeiros Leite	2010
21) Anita Leocádia Pereira dos Santos	2010
22) Anna Cláudia Eutrópio Batista D'Andrea	2010
23) Antonio José Pereira de Moraes	2012
24) Camila Bettim Borges	2008
25) Carla SofiaDias Brasil	2006 (2 trabalhos)
26) Carlos José Martins	2000/2008/ 2010
27) Carmem Lucia Guimarães de Mattos	2010
28) César Aparecido Nunes	1996
29) Clarissa Martins de Araújo	2010
30) Cláudia Maria Ribeiro	2002/2008/2010
31) Cleonice Puggian	2010
32) Constantina Xavier Filha	2004/ 2006/2008
33) Cristiane Souza de Menezes	2010/2012
34) Dalva de Oliveira Costa Pereira	2010
35) Daniela Finco	2010 (2 trabalhos)
36) Daniele Vasco Santos	2008
37) Darcia Amaro Ávila	2010
38) Darcy I. de Oliveira	2000
39) Deise Azevedo Longaray	2010
40) Denise da Silva Braga	2010
41) Dilma Lucy de Freitas	2008
42) Edna Silva	2006
43) Elci Ferreira Mendes Piochon	2008

44)	Elisandra Girardelli Godoi	2010
45)	Elisângela Martins dos Santos	2010
46)	Elisete Santana da Cruz França	2010
47)	Fabiana Cristina de Souza	2002
48)	Fabiane Ferreirada Silva	2008 /2010
49)	Fabiane Lopes Teixeira	2008
50)	Fernanda Oliviero Pinto	1998
51)	Fernanda Bianchini Cezar	2012
52)	Fernanda Rodrigues Gomes	2010
53)	Fernando Guimarães Oliveira da Silva	2010
54)	Fernando Pocahy	2008
55)	Flávio Corsini Lírio	2008
56)	Francine dos Santos Camaru	2004
57)	Francis Madlener	2004/2006
58)	Francisco Gomes de Melo Neto	2004
59)	Gabriel Rodrigues do Nascimento	2010
60)	Gabriella Elaine Fagundes Carvalho	2010
61)	Giovana Ferreira Melo Moura	2002
62)	Gislaine da Nóbrega Chaves	2004
63)	Graziela Raupp Pereira	2010
64)	Gustavo Gilson Souza de Oliveira	2010
65)	Helena Altman	2000/2008/2010 ( 2 trabalhos)
66)	Heloisa Josiele Santos Carreiro	2010
67)	Isabelle de Luna Alencar Noronha	2012
68)	Ivany de Souza Ávila	1998
69)	Janaina Machado	2010 (2 trabalhos)
70)	Jane Felipe	2008
71)	Jimena Furlani	1996
72)	Joana D'Arc Germano Hollerbach	2010
73)	Joanalira Corpes Magalhães	2008/ 2010
74)	João Vitor Serra Nunes	2010
75)	José Ângelo Garíglío	2012
76)	José Guilherme de Oliveira Freitas	2010
77)	José Pedro Cordeiro	2010
78)	Juçara Terezinha Cabral	1996
79)	Juliana Lapa Rizza	2008/2010
80)	Juliana Ribeiro de Vargas	2010
81)	Júlio Emilio Diniz Pereira	2010
82)	Juzelia de Moraes Silveira	2010
83)	Karoline Martins Almeida	2008
84)	Kellen Daiane da Silva Silva	2008
85)	Khatia Maria Demelo e S. Barbosa	2010
86)	Klinger Teodoro Ciríaco	2010
87)	Larissa Assis Vilela	2008
88)	Leandra Sobral Oliviera	2006
89)	Lílian Aparecida Ferreira	2012
90)	Leonardo Ferreira Peixoto	2012
91)	Lívia Lopes da Costa Xavier	2010

92) Lucia Mello Mourão	2010
93) Luciana R. Allain	2010
94) Luciana Santos	2010
95) Luciano Nascimento Corsino	2012
96) Luís Henrique Sacchi dos Santos	2010
97) Luis Paulo Cruz Borges	2010
98) Marcel de Almeida Freitas	2006
99) Márcia de Freitas	2006 (2 trabalhos)
100) Márcia Simão Linhares Barreto	2004
101) Márcio Rodrigo Vale Caetano	2010
102) Mari Margarete dos Santos Forste	2008
103) Maria Amélia Gomes de Souza	2010
104) Maria Cecília de Castro	2010
105) Maria Celeste de Moura Andrade	2006
106) Maria Celeste Reis Fernandes de Souza	2010
107) Maria da Graça Soares	1996
108) Maria das Graças Machado Moukarzel	1998
109) Maria de Fátima Cunha	2004
110) Maria de Fátima Freitas	2006
111) Maria Delourdes Maciel	2004
112) Maria Eulina Pessoa de Carvalho	2010
113) Maria Inês de Mattos Coelho	2010
114) Maria Isa Pinheiro Cardoso Gonçalves	2012
115) Maria Ivete Martins Correia	2010
116) Maria Madalena Silva de Assunção	1996
117) Maria Rita Assis César	2000/2008 (2 trabalhos)/2010
118) Maria Veranilda Soares Mota	2010
119) Marilene Silva Maués	2006
120) Marília Pinto de Carvalho	2010
121) Marina Aparecida Marques Castanheira	2010 (2 trabalhos)
122) MarisaVorraber Costa	1996
123) Marlyson Pereira Junior	2012
124) Mary Neide Damico Figueiró	2008
125) Michele Januário Camara	2006
126) Mônica Mello	2000
127) Monica Pereira dos Santos	2010
128) Myrtes Dias da Cunha	2010
129) Nádia PatríciaNovena	2010
130) Neil Franco Pereira Almeida	2010
131) Neusa Maria Marques de Souza	2010
132) Nilda Lino Gomes	1996
133) Nilda Marinho Costa	1996
134) Nilson Fernandes Dinis	2004/2006
135) Osiléia Neves Monteiro	2006
136) Patrícia Corsino	2010
137) Patrícia de Oliveira e Silva Pereira Mendes	2006
138) Patrícia Magri Granúzzio	2006
139) Patrícia Moreira Muniz Rosa	2012

140) Patrícia Nascimento Campos	2010 (2 trabalhos)
141) Patrícia Silva Ferreira	2006
142) Paula Almeida de Castro	2010
143) Paula Regina Costa Ribeiro	2008/ 2010 (5 trabalhos)
144) Paulo Melgaço da Silva Junior	2010/2012
145) Paulo Rennes Marçal Ribeiro	2008
146) Paulo Sérgio de Almeida Corrêa	2006
147) Priscila Araújo	2010
148) Rafael Adriano de Oliveira Severo	2010 (2 trabalhos)
149) Raimunda Nonato da Silva Machado	2012
150) Raquel Alexandre Pinho dos Santos	2010
151) Raquel Crossara Maia Leite	2010 (2 trabalhos)
152) Raquel de Almeida Silva	2004
153) Raquel Pereira Quadrado	2008
154) Rita Cristiana Barbosa	2012
155) Rita de Cássia Grecco da Silva	2010
156) Rita de Cássia Petrenas	2012
157) Roberta de Azevedo Pereira	2010
158) Roney Polato de Castro	2010
159) Rosa Cristina Cavalcanti de A. Pires	2002/2004
160) Rosana de Souza Patané	2010
161) Rosemara Mirtes Pereira da Silva	2010
162) Sandra Maciel de Almeida	2010
163) Sandra Regina de Souza Marcelino	2010
164) Sandro Prado Santos	2012
165) Sangelita Miranda Franco Mariano	2010
166) Sheila Milena Pessoa dos Santos	2010
167) Shirley Patrícia Fiel dos Santos	2006
168) Silvana Souza do Nascimento	2010
169) Silvina Júlia Fernández	2010
170) Sirlene Mota Pinheiro da Silva	2012
171) Sonia Lopes Victor	2010/2012
172) Sonia Maria Martins de Melo	1996/2002/2006 (2 trabalhos)/ 2008/ 2010
173) Suelen da Silva Salles	2010
174) Sueli Aparecida Itmam Monteiro	2012
175) Sueli Salva	2010
176) Sueli Terezinha Ferreira Martins	2004
177) Suzana da Conceição de Barros	2010
178) Suzana Rangel Vieira da Cunha	2008
179) Taluana L. M. Torres	2006
180) Tarso B. Mazzotti	2006
181) Thatiane Santos Ruas	2012
182) Tomie Helena Kavakami	2008
183) Valdecy Margarida da Silva	2010
184) Vera Márcia Marques Santos	2008
185) Vima Nonato de Brício	2008
186) Virgínia Georg Schindhelm	2010 (2 trabalhos)/2012

187) Vivia Camila Porto Cortes	2010
188) Viviane Teixeira Silveira	2008
189) Walquiria Dutra de Oliveira	2008
190) Zaida Barros Dias	2010
191) Zilene Moreira Pereira	2012 ( 2 trabalhos)

**APÊNDICE C: TEMÁTICAS APRESENTADAS NOS ENDIPIES**

<b>Temáticas</b>	<b>1996</b>	<b>1998</b>	<b>2000</b>	<b>2002</b>	<b>2004</b>	<b>2006</b>	<b>2008</b>	<b>2010</b>	<b>2012</b>	<b>TOTAL</b>
Sexualidade/Sexo	s/49	s/13	s/94	s/40	—	s/13	s/45	s/150	—	404
Educação Sexual/ Educação Escolar/ Orientação Sexual	s/52	s/12	s/42	s/39	s/32	—	s/87	s/238	s/64	566
Gênero	s/18	s/16	s/23	—	s/93	s/62	s/206	s/730	s/182	1330
Formação Docente	—	—	—	s/44	s/74	s/79	s/165	s/590	s/155	1107

Fonte: Elaboração do autor.

Legenda - s- corresponde a soma das ocorrências